

**Flávia Dutra
Karime Colares
Martín Mezza
Organizadores**

ACAN

A REVOLUÇÃO NEGADA



Flávia outra
Karime Colares
Martín Mezza
Organizadores

LACAN

A REVOLUÇÃO NEGADA



Flávia Outra
Karime Colares
Martín Mezza
(Organizadores)

LACAN

A REVOLUÇÃO NEGADA

Editora CRV
Curitiba - Brasil
2021

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Diagramadores e Designers CRV
Revisão: Analista de Escrita e Artes CRV

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

L128

Lacan. A revolução negada / Flávia Gomes Dutra, Karime Colares Araújo, Martín Mezza (organizadores) - Curitiba: CRV, 2021.
228 p.

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-251-1530-6

ISBN Físico 978-65-251-1529-0

DOI 10.24824/978652511529.0

1. Psicologia 2. Psicanálise 3. Freudismo 4. Lacanismo 5. Diferenças entre Freud e Lacan
I. Dutra, Flávia Gomes, org. II. Araújo, Karime Colares, org. III. Mezza, Martín, org. IV. Título
V. Série.

CDU 159.964

CDD 150.1952

Índice para catálogo sistemático
1. Psicanálise - 150.1952

ESTA OBRA TAMBÉM SE ENCONTRA DISPONÍVEL
EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2021

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV
Te!.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br
Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial:

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO- PT)
Carlos Federico Domínguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Telló (Univer. Nacional
Três de Febrero -Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Élseo José Corá (UFFS)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Dualte (PUC-PR)
Gloria Farifias León (Universidade
de La Havana - Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade
de La Havana - Cuba)
Helmuth Krüger (UCP)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Poltela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas - US)
Maria Cristina dos Santos Bezma (UFSCar)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Comitê Científico:

Adilson Xavier da Silva (UFRJ)
Claudia Pereira do Carmo Murta (UFES)
Daniel Omar Perez (UNICAMP)
Élseo José Corá (UFFS)
Francisco Verardi Bocca (PUCPR)
Jorge Augusto da Silva Santos
(Bento Silva Santos) (UFES)
José Euclimar Xavier de Menezes (UCSAL)
José Manuel de Banos Dias
(Universidade de Évora - Portugal)
Josiane Cristina Bocchi (UNESP)
Marcelo Martins Barreira (UFES)
Maria José Moreira (Universidade
NOVA de Lisboa - Pmtugal)
Nilo César Batista da Silva (UFCA)
Patrice Vermeren (UNIVERSITÉ- PARIS 8)
Richard Theisen Simanke (UFJF)
Selvino Antonio Malfatti (UNIFRAN/RS)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

*A Alfredo Eidelsztein, por abrir o caminho.
E à APOLa pela busca de avançar.*

TRADUTORES

Flávia Dutra

Karime Colares

Martín Mezza

Taís Valéria Guerra

Nota sobre a tradução

Algumas citações estão conforme as edições em português; optamos pela nossa tradução nos seguintes casos:

1. Nas citações que apresentam discrepâncias ou erros em relação à versão da Staferla ou a de Ricardo Rodriguez Ponte.
2. Nas citações em que decidimos preservar a fonte consultada pelo autor, mesmo havendo correspondente nas edições brasileiras.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
<i>Flávia Outra</i>	
PRÓLOGO	15
<i>Alfredo Eidelsztein</i>	
UMA NOTA SOBRE O SUJEITO	17
<i>Flávia Outra</i>	
LACAN A REVOLUÇÃO NEGADA	19
<i>Martín Mezza</i>	
INCONSCIENTE FREUDIANO X INCONSCIENTE LACANIANO	33
<i>Flávia Outra</i>	
REPRESENTAÇÃO X SIGNIFICANTE	43
<i>Martín Mezza</i>	
O CONCEITO DE SUPEREU E UMA MUDANÇA DE PARADIGMA: de Freud a Lacan	55
<i>Carina Rodriguez Sciutto</i>	
METÁFORA PATERNA X COMPLEXO DE ÉDIPO	75
<i>Flávia Outra</i>	
NARCISISMO X ESTÁDIO DO ESPELHO	89
<i>Karime Colares</i>	
O TEXTO-CLÍNICO COMO ANALISADOR METODOLÓGICO NA DESAMBIGUAÇÃO ENTRE FREUD E LACAN	103
<i>Haydée Montesano</i>	
ISSO, EU E SUPEREU X RSI	115
<i>Karime Colares</i>	
NEUROSE EM FREUD E EM LACAN	131
<i>Martín Mezza</i>	
RECALQUE X SABER NÃO SABIDO	147
<i>Mariana Latorre</i>	

A NOÇÃO DE TRANSFERÊNCIA NA PSICANÁLISE. DA DESCARGA LIBIDINAL AO PROGRESSO DO SABER	161
<i>Pedro Carrere</i>	
COMPULSÃO À REPETIÇÃO X AUTOMATISMO DE REPETIÇÃO	177
<i>Karime Colares</i>	
PULSÃO E GOZO.....	193
<i>Flávia Outra</i>	
A TOPOLOGIA DE LACAN NÃO É APLICÁVEL À PSICANÁLISE TAL COMO A FORMULOU FREUD.....	209
<i>Alfredo Eidelsztein</i>	
ÍNDICE REMISSIVO	221
SOBRE OS AUTORES	225

APRESENTAÇÃO

Este livro conta a história de vários encontros. Primeiramente, o encontro com o Programa de Investigação Científica da antiga Apertura, hoje APOLa, que nos trouxe uma perspectiva de leitura de Lacan a contrapelo da leitura dominante, revelando-nos um Outro Lacan.

Tal encontro se materializou na realização de um seminário em Brasília, conduzido por Flávia Dutra e Karime Colares desde o ano de 2018 até atualmente, 2021. Desses tantos encontros de trabalho surgiu a ideia de publicarmos os 2 primeiros anos do seminário. Essa ideia encontrou-se com o projeto de Martín Mezza de publicar o trabalho desenvolvido em APOLa Salvador, BA e o seminário realizado em Buenos Aires no ano de 2019, cujo tema foi a desambiguação das teorias de Freud e de Lacan. O tema central do seminário de Brasília em 2019 foi o seminário 11 de Lacan, cuja lógica é a da desambiguação. Ali Lacan trabalha os conceitos fundamentais da psicanálise num modelo confrontativo, que se estabelece como método ao longo de todo o seminário, a saber: o confronto entre a proposta de Freud e o que ele, Lacan, articulava conceitualmente em tomo dos fundamentos.

E assim segue este livro, na mesma via do confronto de modelos teóricos, na certeza de que temos mais a ganhar com a distinção entre as teorias de Freud e Lacan que com a busca de suas semelhanças. Com essa distinção pode-se atenuar os efeitos de apagamento da teoria de Lacan que o emergentismo acarreta.

Boa leitura!

Flávia Dutra

PRÓLOGO

A psicanálise é história e tem uma história. Ela, sendo a de uma disciplina de mais de um século de existência e à luz da posição e exercício da imensa maioria de seus praticantes, possui uma particularidade exclusiva: é negada. A psicanálise, segundo afirmam em geral os próprios psicanalistas, segue sendo idêntica a si mesma desde 1899; e desde 1920, considera-se que se não é, deveria sê-lo. Para alcançar essa identidade deve retornar sempre a suas origens, ou seja, às concepções de Sigmund Freud. É o que está acontecendo em todas as cidades onde existe: seus praticantes pretendem voltar às fontes. Por esse motivo é razoável diagnosticar tal estado da psicanálise como "freudismo", designação que expressa a seguinte ideia: a psicanálise poderia ser comparada à "física" e em tal caso, ao voltar às fontes, seria um "newtonismo" que rechaça a teoria de campos, a física relativista, a quântica etc. Todo progresso é repudiado, toda mudança é motivo de desconfiança e não somente na sua própria teoria, mas também no conjunto dos saberes e práticas da sua época.

Esta posição da psicanálise hegemônica implica, além do mais, que sua própria clínica esteja caracterizada pelas ideias referidas, a saber: retornar à família e às relações tradicionais da classe média educada da Europa central do fim do século XIX, com as figuras associadas do pai, da mulher e do homem ideais. Em consequência: o amor, a sexualidade, as relações interpessoais deveriam estar na mesma direção, caso contrário haveria déficit ou patologia.

Este livro, que tenho a grande satisfação de prologar (e no qual colaborei com um texto), inclui trabalhos nos quais se pretende demonstrar que o ensino de Jacques Lacan foi uma tentativa de revolucionar ou subverter esse estado conservador e retrógrado da psicanálise - tentativa por ora fracassada, ao nosso ver, fora do âmbito da Abertura para Outro Lacan (APOLa).

Alfredo Eidelsztein

UMA NOTA SOBRE O SUJEITO

Flávia Dutra

O ensino de Lacan foi dedicado à chamada reforma do entendimento e tinha como tarefa comprometer os psicanalistas com a mesma empreitada. Tal reforma exigia uma manobra: a subversão do conceito de sujeito vigente. E sua consideração, a partir de então, como efeito do significante.¹ Lacan não duvida da necessidade dessa manobra, chegando à radicalidade de afirmar que não é possível funcionar no campo psicanalítico a não ser atribuindo ao conceito de sujeito um estatuto correto, a saber: considerá-lo, justamente, como efeito do significante.

A ideia de Lacan era a de refazer o questionamento de Freud a partir de uma nova concepção do sujeito.² Sua reforma não se deteve ao conceito de sujeito, estendeu-se a todos os demais conceitos, estabelecendo-se como a proposta geral de seu ensino. Contudo, podemos constatar a prerrogativa na reforma daquele conceito, tendo em vista a mudança que sua subversão impõe a todos os demais conceitos que a ele se articulam. Podemos concluir que esse seria o passo lógico fundamental - da dita reforma - sobre o qual se assentariam as demais articulações conceituais. Haydée Montesano, no artigo incluído nesse livro, nos lembra sua prioridade: "Sem dúvidas, a primeira grande diferença que se estabelece entra a teoria de Freud e a de Lacan é a concepção de sujeito com que se opera em cada um desses dois paradigmas".³

Qual é o conceito de sujeito que caberia subverter? Sobre qual aceção de sujeito recairia tal reforma? Subversão entendida aqui, diga-se, no sentido de revirar de ponta cabeça e não de arruinar. Lacan imputa que seria loucura abandonar o termo sujeito, ele não pretende destruí-lo, mantém-no, apesar de sua carga histórica. Propõe dar uma guinada em seu uso, em vez de abandoná-lo.

Retomemos a pergunta: a que se refere esse conceito que caberia revirar?

A evolução do conceito de sujeito aconteceu no terreno da filosofia secular e da teologia.⁴ Ou seja, é bem anterior a Descartes - não é um conceito cartesiano como costuma-se pensar. Embora, tal como o conhecemos, seja moderno de nascença, foi engendrado bem antes disso; é produto de uma discussão muito longa entre teologia e filosofia, que terá durado da Antiguidade

1 Lacan, J. (2008). *Seminário 16*. Aula 08/01/1969. Jorge Zahar Editor.

2 Lacan, J. (2003). A psicanálise. Razão de um fracasso, In *Outros escritos*. Zahar.

3 Ver o capítulo: "O texto clínico como analisador metodológico na desambiguação entre Freud e Lacan." Montesano, H. (p. 109).

4 Libera, A. de (2013). *Arqueologia do sujeito, Nascimento do sujeito*. Fap-Unifesp.

tardia à idade clássica. O homem enquanto sujeito e agente do pensamento não é obra da modernidade.

Os percalços atravessados por esse termo nos permitem calcular as sequelas que essa longa discussão teria provocado no entendimento dos psicanalistas sobre o conceito lacaniano de Sujeito do Inconsciente. Lacan toma um partido em tal discussão milenar e segue na construção de seu conceito de sujeito, que exige uma nova teoria da linguagem. Daí surge sua *linguisteria* - criada com o apoio de disciplinas como a linguística, a lógica, a topologia, entre outras.

Alain de Libera⁵ faz uma verdadeira arqueologia do termo sujeito, que se estende desde Aristóteles até a *subjetividade sem sujeito* que definiria a condição pós-moderna. Destaco, entre tantas voltas em tomo desse termo, uma que se consolidou na modernidade e que obsta o acesso ao Sujeito do Inconsciente de Lacan. A saber: o estabelecimento da equivalência entre sujeito, agente e Eu, que de Libera nomeia como a equação fundamental do quiasma da agência. Tal equivalência tem como corolário a definição da subjetividade a partir de duas propriedades: a autorreflexão (transparência de si) e a auto fundação ou autonomia (o fato de ditar a si mesma a lei do seu agir). Um sujeito do inconsciente - concebido em imissão de Outridade - deverá sucumbir diante da concepção dominante no Ocidente, em potência e extensão, do quiasma da agência. Tal sujeito fica subsumido ao domínio do protagonismo triunfante do Eu - que, apesar da incredulidade pós-moderna, parece ainda não ter perdido seu posto.

Outra volta importante foi a estreita ligação que se estabeleceu entre subjetividade e atributivismo, repercutindo na interpretação do inconsciente como um atributo do sujeito. O que, por sua vez, faria dele mesmo - o inconsciente - suporte de atribuições.

O périplo que sofreu o termo sujeito, e a sua consagração na modernidade como Eu/agente, teve consequências no modo de entendimento do sujeito de Lacan. A subversão desse conceito e a reforma no seu entendimento exortam os psicanalistas a sacudirem as camadas de poeira que recaem sobre ele. Sem isso, não acedemos ao inconsciente estruturado.

A finalidade do ensino de Lacan é declaradamente: "fazer psicanalistas à altura da função sujeito".⁶ Função esta que se dá a partir da operatória significante. A análise pessoal seria insuficiente para *produzir* esses analistas. Engajar os psicanalistas na sua reforma seria o ato primordial de seu ensino. Quanto a isso, Lacan declarou ter fracassado.⁷

5 Libera, A. de (2013). *Arqueologia do sujeito, Nascimento do sujeito*. Fap-Unifesp.

6 Lacan, J. (2006). Lugar, origem e fim do meu ensino. In *Meu Ensino*. Jorge Zahar editor.

7 Lacan, J. (2003). A psicanálise. Razão de um fracasso. Op. Cit.

LACAN

A REVOLUÇÃO NEGADA

Martín Mezza

A revolução é magnífica. Todo o resto é um disparate
(Rosa Luxemburgo).

Sabemos que Lacan foi rechaçado constantemente pela comunidade psicanalítica. Corno prova disso, ternos inúmeras expressões subjetivas marcadas pelo seu estilo teatral: "tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica";⁸ sua queixa sobre a "má-fê" com a qual os psicanalistas recepcionavam suas elaborações, o que o levou a se perguntar "será que o psicanalista é sede de urna pulsão plutornítica ou servo de um Deus enganador?";⁹ ou ao fazer sua a frase de Abelardo - *odium mundo me fecit lógica* - que utilizou para referir-se à "farsa" com a qual os psicanalistas se vinculavam a seu pensamento.¹⁰

Mas ternos, também, os fatos objetivos dos quais basta mencionar a censura acontecida no congresso de Roma;¹¹ ou aquela sofrida pelo seu texto "Variantes do tratamento padrão" nas mãos dos seus próprios discípulos; a sua proscrição do campo psicanalítico, autodenominada excomunhão;¹² e, finalmente, a dissolução da sua própria instituição (EFP) pelo fato de funcionar "a contramão daquilo pela qual a fundei" e por, como na época de Freud, ter acontecido que "o grupo psicanalítico prevalecesse sobre o discurso psicanalítico, tomando-se igreja".¹³

A popularidade de Lacan nos seus últimos anos de vida e a extensão institucional que alcançou sua obra no campo psicanalítico mundial, impossível de desvincular da política milleriana, parecem dar a impressão de um Lacan finalmente aceito, legítimo e hegemónico. Dessa forma, esquecemos este consuetudinário rechaço, desconhecemos suas razões de base e ignoramos os meios pelos quais se conseguiu, em aparência, revertê-lo. Vamos dizê-lo rápido e, depois, o

8 Lacan, J. (2003). Ato de fundação, In *Outros Escritos* (p. 235). Zahar.

9 Lacan, J. (2003). A psicanálise. Razão de um fracasso, In *Outros Escritos* (p. 345). Zahar.

10 Lacan, J. (1964/1965). *Seminário 12. Problemas cruciais da psicanálise*. Aula 9/12/1964. Versão crítica, Ricardo, E. Rodríguez Ponte. Escuela Freudiana de Buenos Aires - EFBA, 1919. [https://diccionessjustine-elp.net/2019/10/Prob\[...\].](https://diccionessjustine-elp.net/2019/10/Prob[...].) [Circulação interna].

11 Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, In *Escritos* (p. 238). Zahar.

12 Lacan, J. (1964). *Séminaire 11. Fondements*. p. 4. <http://staferla.free.fr/>.

13 Lacan, J. (2003). Carta de dissolução, In *Outros Escritos* (pp. 319-320). Zahar.

formularemos melhor. O fundamento último de tão virulenta rejeição tem por causas a sua epistemologia e a radical descontinuidade com Freud; e a sua aceitação final depende da política articulada por Miller que, muito consciente dos motivos pelos quais Lacan não passava, toma a decisão de travesti-lo com as roupas freudianas. Operação que será chamada a partir daqui de "freudolacanismo".

Esta contraditória realidade pode ser captada a partir do seguinte enunciado: a figura de Lacan e sua obra foram finalmente aceitas, mas seu pensamento não. Situação que tem como índices mais nítidos tanto os limites do alcance da sua obra quanto uma dificuldade adicional para compreender o seu sistema de pensamento. A sua obra é bastante publicada devido ao mercado que garante o exército psicanalítico, fora dele, ninguém lê Lacan. As poucas ideias que os colegas de campos afins se decidem a considerar não vêm da leitura do texto de Lacan, senão do que circula no lacanismo que, em realidade, é freudolacanismo. Aliás, este fenômeno também vai crescendo portas para dentro da comunidade psicanalítica de mão dada com a insistente e já patológica ideia que recai sobre a cabeça dos psicanalistas, aquela que diz: Lacan é incompreensível. Sabemos que boa parte dos psicanalistas em formação procuram comentadores que expliquem Lacan, assim como os universitários de hoje em dia recorrem a Wikipédia para preparar seus trabalhos.

Este estado de situação é gravíssimo para um campo intelectual com ou sem pretensões científicas. Por isso, queremos demonstrar que boa parte das dificuldades para compreender seu pensamento e muitas das limitações para ser acolhido em outros campos se devem à negação do fato de que a obra de Lacan é um novo paradigma em psicanálise. Dizemos um novo paradigma e não uma nova teoria como podem ser entendidas as elaborações de Klein, Winnicott, ou a psicanálise norte-americana.

Dessa forma, não hesitamos em entrar na disputa pela leitura da obra de Lacan. No entanto não o fazemos para acrescentar mais uma posição num relativismo acomodatório em que parece valer tudo, nem para restabelecer uma leitura sagrada capaz de pleitear o mercado da transmissão institucional da psicanálise. Nossa finalidade não é outra que abordar, desde uma perspectiva epistemológica, a gravíssima situação do saber psicanalítico (isolamento, incompreensão e estancamento). Para isso, utilizaremos as referências da filosofia da ciência, especialmente as elaborações de Thomas Kuhn.

Reorganizemos o dito até aqui na formulação de uma tese de partida que permita desenvolver uma argumentação racional e coerente que, por sua vez, não exclua a possibilidade de receber contra-argumentações. Afirmamos que o sistema teórico de Lacan deve ser entendido como uma revolução científica no campo psicanalítico, bem como que seus efeitos presentes (isolamento, incompreensão, estancamento) estão vinculados ao fato de que seus seguidores

têm apagado este caráter revolucionário ao considerá-lo como ciência normal. Dito de outro modo, nossa comunidade entende que a obra de Lacan é uma continuidade da teoria de Freud e, por conseguinte, nega que haja uma profunda descontinuidade entre as duas teorias.

Alguém poderia objetar essa afirmação dizendo que os psicanalistas - e não somente eles - não consideram a sua disciplina uma ciência, e isso invalidaria qualquer discussão sobre sua adjetivação de normal ou revolucionária. É verdade, essa caracterização da evolução do conhecimento foi criada para o campo científico. Nada impede, porém, que utilizemos esse critério como um operador analítico para considerar a evolução e o estado atual do saber psicanalítico. Em todo caso, avaliemos se a utilização que fazemos é adequada e se os resultados obtidos lançam luz sobre o problema diagnosticado.

Quando Thomas Kuhn apresenta seu trabalho sobre a noção de paradigma científico,¹⁴ ele o faz a partir da oposição entre ciência normal e revoluções científicas. Nessa conjuntura, dirá que, a partir do senso comum, surge a ideia de que o desenvolvimento da ciência e o sucesso das pesquisas resultam de uma mudança acumulativa. A imagem que nos fornece é a da construção de uma parede para a qual precisamos colocar um tijolo acima do outro. Dessa forma, a pesquisa científica estaria sempre acrescentando uma parcela de conhecimento ao acervo constituído previamente. Para esse fenômeno é que se acunha o termo de ciência normal, já que responde à maior parte da atividade científica. A sua principal característica consiste em produzir um novo conhecimento que venha a acrescentar ou enriquecer o conhecimento anterior, sem por isso produzir alterações fundamentais.

Sem embargo, existe uma forma menos habitual na qual o conhecimento científico evolui. No lugar de uma continuidade e uma acumulação, o que há é descontinuidade e ruptura. Uma revolução pela qual vem ao mundo um novo paradigma. Esse novo paradigma precisa, para poder existir e se desenvolver, modificar as bases sobre as quais se edificou o conhecimento de uma disciplina específica até esse momento.

Inclusive, esta distinção (ciência normal e revoluções) é utilizada no marco de um debate com Charles Taylor sobre os critérios de demarcação entre ciências sociais ou humanas e ciências naturais.¹⁵ Nessa oportunidade, desenvolveu-se a ideia de que as ciências sociais, em contraste com as naturais, estão determinadas por uma maior instabilidade de seu objeto (mudanças sociais e históricas) e diferenciação da sua substância (significado de processos

14 Kuhn, T. (1978). *A estrutura das revoluções científicas*. Perspectiva.

15 Kuhn, T. (2017). As ciências naturais e as ciências humanas. In *O caminho desde a estrutura* (pp. 265-274). Editora Unesp.

sociais e condutas humanas entre as culturas e os indivíduos). Essa situação faria com que o conhecimento dessas disciplinas tivesse um funcionamento e uma evolução mais próximos das revoluções científicas.

Incluimos esta digressão do argumento central porque queremos conotar que nossa comunidade pode não reconhecer a revolução que implica a obra de Lacan; tanto por se autoexcluir das ciências humanas (conjecturais para Lacan), quanto por se enxergar como uma ciência natural. Assim, seguindo a ideia de Freud, parecem trabalhar com um aparelho psíquico natural e universal que, no máximo, tem de se adequar aos contextos de época e cultura.

Retomemos as revoluções científicas. Para ilustrar e provar esta outra modalidade do desenvolvimento do conhecimento científico, Kuhn recorre a alguns exemplos históricos. Os mais nítidos e acessíveis ao leitor não especializado ou sem intimidade com o conhecimento científico e com a filosofia da ciência são: a passagem da física de Aristóteles para a mecânica de Newton; a descoberta da pilha elétrica por Alessandro Volta no início do século XIX; e a presença da quântica a partir do trabalho realizado por Max Planck. Destarte, comentemos brevemente o exemplo da mecânica de Newton, aquele mais utilizado por nosso epistemólogo de referência.

Na física de Aristóteles o conceito de movimento tem algumas particularidades. Destaquemos as duas mais fundamentais em oposição à mecânica moderna. Em princípio, a mudança de posição de um corpo físico (movimento para Galileu e Newton) é considerada apenas como uma subcategoria entre tantas outras (intensidade, qualidades etc.), as quais se compreendem na categoria maior de mudança. Um segundo aspecto fundamental é a hierarquia ontológica da qualidade sobre a matéria. Para a física de Aristóteles, o corpo, a substância, é uma espécie de substrato neutro impregnado de qualidades como o calor, cor, umidade etc. Nessa perspectiva, a mudança ocorre pela alteração das qualidades e não da matéria.

Na física de Aristóteles, a posição de objeto passa a ser uma qualidade como as outras e, portanto, o movimento local (movimento *tout court* em Newton) se entende como mudança de qualidade ou estado e não como um estado em si. Daqui se conclui o estabelecimento de uma determinada interdependência e uma série de similitudes e diferenças. Há interdependência entre a concepção do movimento, mudança e qualidade; assim como há similitude entre espaço e matéria (impedindo a ideia de vazio). Por isso, o movimento da pedra que sai do repouso e cai representa uma identidade estrutural com a transição da saúde para a doença. São processos similares na física antiga.

Para entender o conceito de força da mecânica de Newton, é necessário, por um lado, se desfazer da intuição pré-newtoniana que considera que um projétil lançado é o exemplo típico de um movimento forçado e uma pedra que cai, o representante de um movimento não forçado. Para Newton, ambos

os movimentos são forçados. O único exemplo de movimento sem força é aquele imaginado em linha reta com velocidade constante no espaço interplanetário. E, por outro lado, além de todos os exemplos práticos e referentes empíricos que possam ser utilizados, é necessário assumir a primeira lei de Newton sobre o movimento: "na ausência de uma força externa a ele aplicada, um corpo move-se continuamente a uma velocidade constante em linha reta".

Em suma, trata-se de perceber que a inter-relação entre as noções de "peso", "força" e "massa" se dá numa nova estrutura léxica que tem por característica principal substituir as qualidades pela quantificação. A designação dos referentes "naturais" é alterada tanto pela nova inter-relação dessas noções quanto pela sua quantificação.

Daqui se desprendem alguns critérios compartilhados por todos os exemplos elevados ao estatuto de revoluções científicas. Eles são: holismo local; mudança de significado; mudança de metáforas (aquilo que é similar e diferente); e incomensurabilidade. Os conceitos de "peso", "força" e "massa" se apreendem em conjunto e inter-relacionados (holismo local); seu significado muda pela inter-relação e pela inclusão nas leis de Newton, ou seja, no contexto da teoria da mecânica newtoniana; organizam similitudes e diferenças distintas das produzidas pela física aristotélica (o exemplo da pedra e do projétil); e, finalmente, não podem ser traduzidos - não há medida comum - na linguagem da física de Aristóteles, nem da física relativista.

Chegados até este ponto, temos a impressão de que este é um bom momento para que nossa tese inicial possa ser reformulada e assim ganhe em precisão. Afirmamos que a teoria de Lacan implica uma mudança holística, de significado, de metáforas, e que é incomensurável com a teoria freudiana. Porém os esforços de nossa comunidade vão em sentido contrário, ou seja, ignorando esta incomensurabilidade, insistem em traduzir a teoria de Lacan no sistema teórico de Freud.

Este é o procedimento pelo qual se produz a negação do avanço - revolucionário - da psicanálise de Lacan, cujos signos, já demarcados, são o isolamento, a dificuldade na compreensão e o estancamento do saber psicanalítico. A esses verdadeiros sintomas, acrescentamos agora dois problemas mais profundos e estruturais para nosso campo: a incapacidade para reconhecer ou formular os problemas que se articulam ao nosso objeto e para escolher entre diferentes teorias que possam vir a abordá-los. Passemos a considerar as quatro características revolucionárias na passagem da teoria de Freud para a de Lacan.

Começemos pelo **holismo local**. O que se quer indicar com esta expressão é uma mudança simultânea e inter-relacionada das noções em alguma parte (local) da rede da linguagem teórica. Isso supõe que, por um lado, se aplicam à natureza (referente) como um todo e, por outro, devem ser apreendidas em conjunto pelo praticante do campo, ou seja, não se pode traduzir uma a uma. Aqui temos dois

obstáculos intuitivos tão grandes como de diferente natureza para contemplar: a leitura evolutiva da obra de Lacan e o famigerado retorno a Freud.

Como poderia ser uma mudança na inter-relação dos conceitos e do referente se o próprio Lacan disse que se trata de um retomo a Freud? Bom, aqui poderíamos introduzir uma ideia muito estendida no campo da filosofia da ciência, perfeitamente assimilável para o psicanalista, e dizer que o próprio cientista pode não saber o que faz ou diz (já que, por vezes, aceita premissas e reproduz métodos ou técnicas de maneira tácita). Assim, muitas revoluções se iniciam tentando resolver problemas preexistentes e acabam produzindo modificações revolucionárias. Embora concordemos com essas ideias, não nos parece que sejam as que melhor se apliquem a nossa realidade. No seu lugar, escolhemos disputar o sentido do "retorno a Freud". Será que nossa comunidade interpreta bem essa fala?

Num recente trabalho nosso,¹⁶ argumentamos largamente a favor do sentido e da extensão que se deve dar a essa sentença. O medular desse argumento tem como virtude determinar o objeto e o contexto em que essa frase alcança seu pleno sentido, assim como ilumina a extrapolação que se faz dela. Por um lado, demonstra-se que o objeto do "retorno a Freud" não é à pessoa de Freud, nem a sua instituição e muito menos a sua teoria, entendida por Lacan como cheia de "preconceitos" e de "atrasos conceituais".¹⁷ O retomo a Freud significa retomo ao descobrimento freudiano apagado pela própria teorização de Freud. Lacan modifica radicalmente a teoria psicanalítica para captar formalmente o descobrimento que Freud captou intuitivamente com a sua sede de verdade e apagou com sua elaboração teórica cheia de preconceitos.

E, por outro lado, o contexto ou "circunstância da comunicação"¹⁸ dessa frase alude à disputa teórica e política com seus pares da Europa, seus próprios discípulos e, fundamentalmente, com a *ego psychology* da escola de New York. Nesse contexto, pode-se inferir que a frase "retorno a Freud" significa: vocês me rejeitam por não ser freudiano (assim o entendia a comunidade psicanalítica da época) e aqui o único freudiano sou eu. Insistimos que "ser o único freudiano", para Lacan, tinha o alcance de não ter rejeitado a descoberta de Freud, seguir as marcas do inconsciente e não se desviar para os caminhos da psicologia geral como o fizeram a *ego psychology*, Anna Freud e o mesmíssimo Freud. "Freud era egocêntrico, superegocêntrico".¹⁹

16 Mezza, M. (2021). El retorno a Freud. Una palabra de orden en un lenguaje neurótico, In Félix Morales Montiel. *E/ estilo de Jacques Lacan*. Editora Arrebol.

17 Lacan, J. (1990). *E/ Seminario. Libro 11*. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis (p. 41). Ed. Paidós.

18 Eco, U. (2012). *A estrutura ausente*. Perspectiva.

19 Lacan, J. (1987). Escisión, excomunión, disolución, In Miller, J.-A. *E/ seminario de Caracas* (p. 264). Manantial. (Tradução nossa).

E como pode ser uma mudança simultânea se existe um primeiro Lacan do imaginário, um segundo Lacan do simbólico e um último Lacan do real? Como qualquer discurso concreto o exige, não há mais remédio que ir colocando uma coisa de cada vez. Ainda assim, uma vez concluída ou desenvolvida suficientemente essa produção, cabe a nós leitores descobrir a estrutura do discurso. Será que a melhor maneira de entender o discurso de Lacan é na chave de leitura evolucionista? Muitas são as evidências que podemos apresentar em oposição. Mas, em nome da brevidade e simplicidade, levantaremos somente duas questões que têm a virtude de fazer um laço com as duas extremidades da obra de Lacan. Referimo-nos ao instante do início, 1953, e ao momento de concluir.

O discurso censurado de Roma e **RSI**, sua conferência inaugural, são dois grandes marcadores da ruptura que estamos apresentando. Quando Lacan retoma o discurso de Roma no texto "Função e campo da fala e da linguagem", não deixa de explicitar os motivos da censura. O intolerável para a comunidade analítica era o projeto de Lacan de "abrir a psicanálise à ciência" mediante uma crítica e atualização dos conceitos freudianos que considerasse seriamente uma ruptura com a sua terminologia²⁰ (acentuamos o termo romper com a terminologia pela sua coincidência com o critério das revoluções científicas e esclarecemos que ciência se refere às ciências do símbolo ou conjecturais). Há que lembrar que o prefácio de "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise" está para esclarecer que os psicanalistas não escolheram o projeto de Lacan e, sim, o de Sacha Nacht, que impulsionava a manutenção da terminologia freudiana e a sua integração com a neurobiologia.

De qualquer forma, no início, no surgimento do ensino de Lacan (1953), está a conferência RSI. No final, no momento de concluir, na dissolução, Lacan dirá: "meus três não são os dele. Meus três são o real, o simbólico e o imaginário",²¹ salientando a radical diferença, a profunda ruptura, com as tópicas freudianas. O que está dizendo é que a teoria freudiana tem como referente o aparelho psíquico (individual, interior e orgânico) e que a sua teoria tem como referência o sujeito do inconsciente como buraco da linguagem articulado nos três registros. Na altura dos Seminários 1 e 2, ele o dizia mediante a frase "há que distinguir o sujeito do eu". Nós, depois de fazer este laço, poderíamos acrescentar: há que distinguir entre o sujeito de Lacan e o eu de Freud.

A topologia de Lacan não é aplicável às tópicas do aparelho psíquico freudiano.²² Não podemos traduzir os elementos da tópica freudiana nos registros de Lacan. O "eu" não corresponde ao imaginário, o "inconsciente" não se assimila ao simbólico e o "isso" (*ça*) não é o real. Definitivamente, o

20 Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (p. 241). Zahar.

21 Lacan, J. (1980). *Séminaire 27. Dissolution*. p. 22, <http://staferla.free.fr/>. (Tradução nossa).

22 Ver o capítulo "A topologia de Lacan não é aplicável à psicanálise tal como a formulou Freud" de Alfredo Eidelsztein.

aparelho psíquico não pode ser traduzido nos registros de Lacan. Com RSI se apresenta uma nova taxonomia,²³ que implica uma mudança simultânea das inter-relações das noções, que têm por efeito alterar o referente ao qual se aplicam. Já não se trata mais do sofrimento individual recalcado nos confins internos do psiquismo, senão aquele que se liga ao sujeito do inconsciente como buraco da linguagem articulada no discurso do Outro.

Enfim, não se trata de uma mudança gradual que vá acompanhando a evolução da obra freudiana. Tampouco parece tratar-se de uma mudança numa parte (holismo local) da linguagem da psicanálise freudiana. Pelo contrário, melhor se assemelha a uma mudança simultânea e de toda a linguagem teórica da psicanálise (holismo geral).

Como vimos acima, **a mudança de significado** é um processo pelo qual as noções de uma determinada teoria modificam tanto seu significado quanto a forma como determinam seu referente. Na ciência normal, também existem mudanças de significado, mas estas não são tão profundas como nas revoluções que chegam a alterar até o conjunto de objetos e situações às quais se ligam os termos, modificando substancialmente a relação com o campo experimental. Aqui, as modificações no conhecimento e as novas descrições e generalizações são intrínsecas à própria mudança da estrutura da linguagem teórica.

Por exemplo, a teoria de Melanie Klein significa, sem sombra de dúvidas, uma alteração na linguagem teórica da doutrina pulsional freudiana. A introdução das posições esquizo-paranoide e depressiva representa um avanço e aprofundamento na teoria da dualidade pulsional, das fases e das fantasias sexuais infantis estabelecidas pela teoria freudiana. É inegável que se tenham produzido, com elas, reformulações nas relações conceituais e, conseqüentemente, alterações no significado das noções e nas descrições e generalizações da teoria psicanalítica. Contudo entendemos que, mesmo assim, não constituem uma descontinuidade.

De fato, o programa de Klein consiste em percorrer o caminho de Freud no sentido contrário. Entenda-se, por isto, que Freud deduz as fases infantis da experiência neurótica adulta, enquanto Klein estuda diretamente a psique infantil. Com isso, pretende trazer mais luz sobre os processos do desenvolvimento da criança e também aportar subsídios para compreender melhor a psicopatologia e os transtornos da personalidade adulta. Como pode deduzir-se facilmente, a noção de psique é o pivô por onde se estabelece a continuidade entre as duas teorias. Tanto em Klein como em Freud, trata-se da construção psíquica do indivíduo a partir de pulsões e fantasias sexuais internas e

23 O termo é utilizado no sentido aportado pela filosofia da ciência. Faz referência a um sistema, a uma sintaxe, a um ordenamento conceitual dentro de uma determinada teoria.

orgânicas que estabelecem, determinam ou condicionam certa relação de objeto e, por extensão, de ligação com o mundo exterior.

Agora bem, a teoria da pulsão em Lacan é produto de uma profunda mudança na hierarquia ontológica. Dessa forma, adquire um significado absolutamente diferente do que tem na teoria freudiana. Na teoria de Lacan, a pulsão não é uma força sexual constante proveniente do interior do organismo e que percorre a borda de uma zona erógena corporal para alcançar sua satisfação autoerótica. Tampouco estrutura um aparelho psíquico a partir da organização do desenvolvimento sexual infantil em fases (oral, anal e fálica), nem em posições (esquizo-paranoide e depressiva). Pelo contrário, define-a como um "eco, no corpo, do fato de que há um dizer",²⁴ ou seja, antes, estão a linguagem, o discurso do Outro, e, depois, os efeitos da pulsão. Esta lógica que diz que o Outro está desde o início, encontra-se magistralmente argumentada por Alfredo Eidelsztein a partir da noção de *Big Bang* da linguagem e do discurso num trabalho de recente publicação em português.²⁵

Dessa forma, como bem demonstra o grafo do desejo, a pulsão passa a integrar a dialética do desejo a partir da sua articulação na cadeia significativa marcada pela falta de um significante [$\$(A)-(\$ \diamond D)$]. E é a partir dessas modificações, que têm por característica principal o abandono do corpo orgânico como fundamento último da teorização, que podemos ver surgir novos objetos e referentes aos quais se liga o conceito de pulsão. Por exemplo, a pulsão invocante e a escópica que vêm a se inscrever numa nova descrição da realidade do circuito pulsional na economia do desejo neurótico e na constituição do sujeito.

Estas novas pulsões ou, melhor dito, esta nova e completamente distinta - extensão do domínio nosológico da pulsão se dá em função de radicais modificações da rede conceitual. Além do já mencionado abandono do corpo biológico como fundamento, também se passa a desvincular o desejo das vivências infantis organizadas nas fases libidinais de Freud e nas posições de Klein, para articulá-lo ao seio da função da fala no campo da linguagem. Outra espacialidade que requer uma nova temporalidade, que nada tem a ver com a sucessão de fases libidinais proposta pelas anteriores teorias.

A escrita($\$ \diamond D$) e a localização da pulsão no grafo acabam por ser, também, um bom indicador do terceiro critério das revoluções científicas: a **metáfora**. Com ela, Kuhn quer redesignar o padrão a partir do qual se reorganizam as similaridades e as diferenças. Aquilo que determina a proximidade e a distância das noções na rede lexical que estrutura a teoria e que, numa revolução científica, obriga a reconfigurar a taxonomia natural ou familiar, produzindo uma redistribuição dos fenômenos (objetos e situações).

24 Lacan, J. (2005). *Le Séminaire. Livre XXIII. Le Sinthome* (p. 17). Seuil. (Tradução nossa).

25 Eidelsztein, A. (2020). *A origem do sujeito em psicanálise*. Toro.

Tanto a escrita da pulsão(\$\diamond\$ D) quanto a sua localização na cadeia significante da falta do Outro \$(A)\$ apresentam, de forma muito clara, a substituição do padrão que organiza similitudes e diferenças no esquema freudiano. Assim, a pulsão e seus fenômenos (impulsos, excessos, angústias, etc.) são arrancados da substância do corpo orgânico e passam a se articular na materialidade da cadeia significante. Desconectam-se da interioridade individual e da filogênese da espécie, para serem considerados no contexto histórico do discurso do Outro. Deixam de percorrer o circuito de alguma mucosa corporal para fazê-lo pela superfície de um buraco que advém como efeito da articulação significante. Em suma, anulam-se todas as metáforas estruturadas a partir da oposição pulsão/representação da teoria freudiana.

Finalmente chegamos ao último critério das revoluções científicas, talvez o mais importante. A noção de **incomensurabilidade** foi tomada como empréstimo da matemática, onde é utilizada para indicar que a hipotenusa de um triângulo retângulo isósceles é incomensurável relativamente a qualquer um dos catetos. Isso quer dizer que não há medida comum entre eles. O uso metafórico dado a essa noção por Feyerabend e Kuhn, no campo da filosofia da ciência, faz com que passe a significar que teorias incomensuráveis são aquelas onde não há linguagem comum ou onde uma linguagem neutra não é capaz de traduzir os termos - conceitos - implicados sem produzir significativas perdas para ambas às teorias.

Quando mencionamos que se trata da característica mais importante é porque, para além de nossa valoração, o próprio Kuhn assim o considerou ao dizer que foi em tomo dessa categoria que concentrou seus esforços nos trinta anos posteriores à *Estrutura das revoluções científicas*.²⁶ No começo, havia-se enfatizado mais a distinção normal/revolucionário. Agora, com a incomensurabilidade, se pretendia acentuar a participação da mudança holística da linguagem, o que supõe um aprofundamento nas questões da determinação da referência e da semântica dos mundos possíveis.

A noção de incomensurabilidade propicia algumas discussões com Putnam, Kitcher, David Lewis e Saul Krippe, entre outros, as quais giram em tomo da tradução completa dos mundos possíveis, da comparabilidade das teorias científicas e de sua escolha racional. Todos esses debates dependem, em última instância, da concepção da linguagem com a qual se opere. Concepção esta que se apresenta a partir da tensão com a linguagem objeto de Quine e se organiza a partir da distinção ou confusão entre tradução e interpretação.

Resumindo muito, para não esgotar o leitor, diremos que a crítica dos adversários teóricos de Kuhn dirigida à incomensurabilidade era que, se

26 Kuhn, I (2017). *Comensurabilidade, comparabilidade, comunicabilidade. O caminho desde a estrutura* (p. 48). Editora Unesp.

linguagens teóricas não podem ser traduzidas, não se poderia compará-las e, assim, se anularia a escolha racional de teorias científicas. Dessa forma, essa objeção acaba por evidenciar que parte do outro extremo: sustenta que todo mundo possível pode ser dito em qualquer linguagem, ou seja, opera com o tradutor universal de Quine.

A resposta de Kuhn a essa objeção é que falta de medida comum, intraduzibilidade, não significa impossibilidade de comparação. O realmente importante para nosso epistemólogo revolucionário, entretanto, é que esta concepção da linguagem não distingue entre tradução e interpretação. Dessa forma, objeta a definição de tradução de Kitcher como determinação da referência. Dirá que o referente não estabelece uma relação biunívoca com o termo, que, frequentemente, se incluem outros termos intraduzíveis e inter-relacionados que devem ser apreendidos numa totalidade, antes que qualquer um deles possa ser aplicado a fenômenos naturais (referente).

Para Kuhn, apenas uma série de palavras ou sequências de palavras de uma língua - ou conceitos de uma teoria - podem ser traduzidas para outra linguagem, respeitando uma equivalência de significado e referência. Existe outro grupo de palavras e conceitos que são intraduzíveis diretamente e que precisam ser apreendidos por um processo interpretativo capaz de descobrir ou inventar o significado que possa tomar esse texto (realidade) inteligível. O exemplo utilizado é o trabalho do historiador e do antropólogo - com efeito, nós sentimos que podemos acrescentar, sem dificuldades, o do psicanalista-, que consiste em aprender uma nova linguagem a partir de reconhecer e interpretar resíduos ou inscrições inteligíveis. Lembra-se que etnocêntrico e *Whigs* são as expressões reservadas para os profissionais que não trabalham dessa maneira e traduzem diretamente a realidade estudada na própria linguagem.

Então, existe um grupo de termos ou conceitos que não são passíveis de tradução direta devido a que não estabelecem uma relação biunívoca com o referente. São conceitos que constituem um nó em uma rede lexical multi-dimensional, que determinam aproximações e distanciamentos com outros termos (peso, massa e força na segunda lei de Newton e RSI em Lacan). Essa taxonomia precisa ser preservada de traduções mecânicas e requer processos de interpretação e aquisição da linguagem. Esta é a característica das revoluções científicas mais destacadas por Kuhn nos últimos anos da sua produção.

O leitor deverá se fazer a pergunta: será que há incomensurabilidade entre a teoria de Freud e a teoria de Lacan? Será que os psicanalistas são bons intérpretes ou tradutores dessas obras? Nós já a formulamos - está desenvolvida em todo o texto - e estamos em condições de afirmar que **a linguagem teórica de Freud é incomensurável com a linguagem teórica de Lacan;**

que os conceitos básicos do sistema teórico freudiano e as sentenças ou enunciados que os acompanham, não podem ser traduzidos na linguagem teórica

que estrutura o sistema de pensamento de Lacan; inclusive, que a linguagem teórica de Lacan habilita descrições fenomênicas e permite explorar diferentes mundos possíveis, os quais não estão disponíveis na linguagem teórica de Freud, pelo menos sem cometer importantes abusos linguísticos e teóricos.

Por isso, a melhor caracterização que podemos fazer do freudolacanismo, corrente dominante em nosso campo, é aquela que o identifica como uma tradução sem interpretação. O freudolacanismo pode definir-se como uma linguagem neutra que leva a desconhecer a diferença radical que existe entre as teorias de Freud e Lacan. Nesse sentido, o analista freudolacaniano se comporta como o antropólogo etnocêntrico ou o historiador *Whigs*, ou seja, é freudocêntrico. Insere forçadamente a estrutura conceitual freudiana na teoria de Lacan, produzindo um apagamento das relações taxonômicas inerentes aos conceitos forjados por ele. Dessa forma, oculta-se e se impede o acesso às mudanças de significado e aos mundos possíveis habilitados por esta nova teoria.

Assim como o tradutor universal de Quine, o freudolacanismo considera que é possível traduzir completamente a teoria freudiana nas referências do sistema teórico de Lacan, porque compartilha, com ele, a estrutura epistemológica de *Word and object*. Partem do pressuposto de que - para eles é uma evidência empírica incontestável - o mundo é prévio e transcendente à linguagem. Por isso, o mundo como objeto independente pode ser captado pelas diferentes linguagens e traduzido entre elas. Nesse sentido, entende-se que o mundo (aparelho) psíquico captado pelo olho clínico de Freud pode ser traduzido nos termos lacanianos.

Não temos necessidade de nos estender em exemplos que possam provar estas sentenças sobre o freudolacanismo como negação da incomensurabilidade entre Freud e Lacan. A argumentação feita demonstra-o suficientemente e, além do mais, cada um dos capítulos que compõem este livro dedica um trabalho minucioso às diferenças - intraduzibilidade - entre os conceitos de Freud e Lacan. Apenas, para não deixar sem nenhum suporte à imaginação do leitor, mencionaremos os grandes traços das diferentes taxonomias - rede de relações entre conceitos - que permitem enunciar uma frase como: o inconsciente freudiano e o nosso (lacanianos).

O inconsciente freudiano faz parte de um aparelho psíquico (interno e individual) que se separa do mundo externo, mas que mantém sua relação com ele a partir dos processos primários e secundários. A realidade pulsional - orgânica e filogenética - é mediada pelas instâncias psíquicas do inconsciente, o eu e o supereu. Já o inconsciente de Lacan não se encontra encarnado num aparelho psíquico e, sim, articulado a um discurso (do Outro), ou seja, não se desenvolve na oposição interior/exterior ou realidade psíquica (suposta como subjetiva) e realidade externa (supostamente objetiva).

O inconsciente freudiano é composto de representações coisas e representações palavras, sendo as primeiras surgidas de marcas psíquicas da realidade exterior (vivências) que se vinculam a energias pulsionais. O inconsciente de Lacan, por outro lado, se constitui a partir da articulação significativa que não se inscreve em nenhum psiquismo, que não é efeito de nenhuma vivência infantil e que tampouco tem uma carga energética que o investe. Ele tem a espacialidade e temporalidade de uma cadeia de "anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis".²⁷

Para finalizar, desejo somente salientar que a linguagem neutra do freudolacanismo não somente apaga os aportes significativos (revolucionários) de Lacan no campo psicanalítico, como também a possibilidade de compreender aquilo que se articula na teoria freudiana. Indiferenciadas, as teorias de Freud e Lacan perdem a sua parte mais significativa. A consequência imediata dessa realidade é a impossibilidade, para o praticante do campo psicanalítico, de fazer uma escolha entre teorias diferentes.

O que está no avesso dessa problemática, entretanto, é o desconhecimento de que a escolha de teorias diferentes implica uma avaliação para se trabalhar nela - desenvolver sua capacidade heurística, em termos de Lakatos²⁸ - em função da sua capacidade para resolver problemas. Dessa maneira, a linguagem freudolacaniana não somente impossibilita escolhas teóricas, como também oculta problemas sobre os quais trabalhar.

Assim, a sua teoria se estanca, se desconecta dos problemas e passa a referenciar-se com o mundo como objeto, ou seja, a se perguntar como se relaciona com as mudanças de época. Esse é o problema mais urgente dos psicanalistas da atualidade (a psicanálise no século XXI). Deslocamento do verdadeiro problema, que se articula na dimensão teórica por nós aqui abordada, que evidencia que a sua linguagem estrutura menos uma teoria que uma visão do mundo que se autoenxerga como inadequada aos tempos que correm.

27 Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos* (p. 505). Zahar.

28 Lakatos, I. (1989). *La metodología de los programas de investigación científica*. Alianza Editorial.

INCONSCIENTE FREUDIANO X INCONSCIENTE LACANIANO

Flávia Dutra

[...] a linguística, cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva - é esta estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente. É ela, em cada caso, que nos garante que há sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetivável. Quando incito os psicanalistas a não mais ignorarem este terreno, que lhes dá um apoio sólido para sua elaboração, quer isto dizer que eu penso manter os conceitos introduzidos historicamente por Freud sob o termo de inconsciente? Muito bem, não!, eu não penso assim. O inconsciente, conceito freudiano, é outra coisa.²⁹

E assim Lacan introduz o tema do inconsciente em seu seminário no ano de 1964: distinguindo seu conceito de inconsciente do de Freud. Mas, antes ainda, esbarramos com uma condição prévia ao tratamento do conceito do inconsciente: a questão do conceito.³⁰ Não podemos evitá-la.³¹ Uma advertência de Lacan que foi suprimida na versão em português o que, para quem se baseasse exclusivamente nesta versão, talvez induzisse a desconsiderar tal precedência.

Assim sendo, antes de abordar a distinção entre o conceito de inconsciente de Freud e o de Lacan, vamos considerar - ainda que em linhas bem gerais - a questão do conceito. Por que essa advertência? Como conceber os conceitos para aceder ao ensino de Lacan?

Retomo os questionamentos de Lacan:

- Existem conceitos analíticos formados de uma vez por todas?
- Freud permaneceria o único a introduzir conceitos?
- Sem os conceitos, onde amarrar nossa prática?
- Trata-se de conceitos, propriamente falando, na psicanálise?
- São conceitos em formação, em evolução, a serem revistos?

Pois bem, para Lacan o inconsciente é um conceito. Um conceito não no sentido de presumir-se uma cópia fiel do mundo, um representante de sua

29 Lacan, J. (1990). *Seminário 11*. Aula 22/01/1964. Jorge Zahar Editor.

30 Op. Cit. Aula 15/01/1964.

31 Assim consta na versão de Staferla do Seminário 11. Esta frase, "não podemos evitar a questão do conceito", é omitida na versão em português da Zahar.

essência ou substância real; não no sentido da descrição de uma coisa ou de um fenômeno, de uma realidade preexistente. Não se trata deste tipo de conceitualização na teoria de Lacan.

É costumeiro pensar que as coisas são o que são e que a teoria as descreve. Confundimos conceitos com coisas. Entretanto, o que acreditamos serem as coisas é apenas um modo de abordá-las, de entendê-las, ou seja: é uma leitura das coisas, possibilitada por uma hipótese, uma teoria. Dizer que há uma teoria que possibilita uma leitura das coisas é bem diferente de afirmar que elas são como são e a teoria as descreve. Ou vocês acreditam mesmo que a lei da gravidade estava contida na maçã que caiu na cabeça de Newton, no sossego de uma sesta à sombra de uma árvore? Para Sema Arango, na medida em que a física avança torna-se evidente que as teorias não aspiram a ser uma fiel cópia do mundo, ou seja: não aspiram a ser verdadeiras e sim úteis para determinados fins.³² E por isso filósofos da ciência, como Feyerabend, afirmam ser impossível uma atividade científica não mediada pelos contextos.

Lacan coincide com esta perspectiva, na medida em que postula não haver realidade pré-discursiva. Tal posicionamento epistemológico promove uma outra ordem em sua abordagem conceitual, distinta da de Freud. Seu inconsciente estruturado não se alcança com aquele modo de conceitualização mencionado mais acima. Lacan declara o fracasso do conceito³³ em abordar o inconsciente estruturado e a necessidade de se recorrer a outra forma para abordá-lo, que não através da apreensão conceitual. Direciona a conceitualização para a formalização. Para ele, os conceitos obedecem à regência do funcionamento signifiante, onde os termos se articulam numa lógica co-variante cada qual se define em relação ao outro. Os conceitos têm uma orientação flexível, articulável, uma vez que estão desvinculados de uma realidade antecedente. Lacan não se dispõe a criar um sentido novo para os termos freudianos, mas procura inseri-los na lógica signifiante onde eles se reanimam e ganham novo alcance.

Isto posto, sigamos com os conceitos de inconsciente de Freud e de Lacan.

Pois bem, Lacan não pretendia manter os conceitos introduzidos por Freud sob o termo de inconsciente.

Se o inconsciente freudiano é outra coisa, em que se diferencia?

Como se define o inconsciente freudiano?

Freud trabalha com a noção de aparelho psíquico, que funciona segundo o modelo do arco reflexo numa articulação entre 3 aspectos: o tópico - lugar onde

32 Sema, A. J. (2007). *Ontologias alternativas*. Anthropos editorial.

33 Lacan, J. (1999). *Seminário 5*. Aula 27/11/1957. Jorge Zahar Editor.

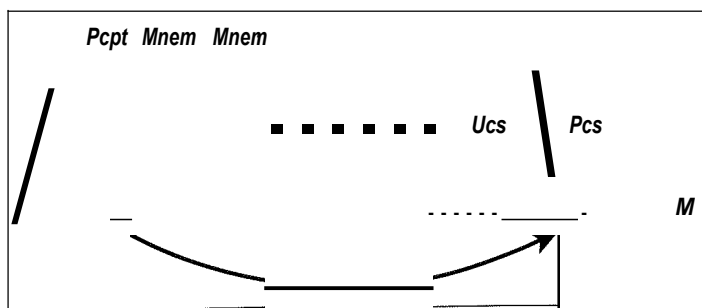
acontecem os fenômenos - o dinâmico - conflito de forças entre os sistemas - e o econômico - investimentos de energia que circulam dentro do aparelho psíquico. A concepção do aparelho psíquico é distinta nas duas tópicas do desenvolvimento teórico de Freud. Definido, na primeira tópica, pelos sistemas do Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, e na segunda pelas instâncias do Isso, Eu e Supereu. O processo do arco reflexo é o modelo de todo o funcionamento psíquico e atravessa as duas tópicas.

O inconsciente designa um dos sistemas do aparelho psíquico no quadro de sua primeira tópica. É composto por conteúdos recalcados, representantes das pulsões - fortemente investidos de energia e que tendem à consciência e à sua descarga ou ação. Também fazem parte do inconsciente os conteúdos herdados filogeneticamente, como o sentimento inconsciente de culpa. Os conteúdos inconscientes são regidos por mecanismos específicos do processo primário, principalmente a condensação e o deslocamento. O inconsciente, na primeira tópica, é assimilado ao recalcado. Localiza-se dentro do aparelho psíquico em suas profundezas e o analista teria que buscar por seus conteúdos como quem vasculha escombros tentando encontrar algo de valor. Corresponde à verdade última do indivíduo.

Na segunda tópica, o inconsciente já não coincide com o recalcado. Deixa de ser uma instância especial, uma vez que qualifica o Isso e, em parte, o Eu e o Supereu. O Eu e o Supereu contêm partes pré-conscientes e partes inconscientes. As características atribuídas ao sistema inconsciente na primeira tópica são, em geral, transpostas para o Isso na segunda tópica.

Dois modelos do aparelho psíquico são bastante sensíveis para a consideração da noção de inconsciente de Freud. São eles:

1) da primeira tópica, o esquema apresentado no capítulo 7 da *Interpretação dos sonhos* de 1900 - conhecido como o esquema do *pente*:



Os traços mnêmicos correspondem ao mais arcaico e originário do psiquismo, são decorrentes das vivências, das experiências de satisfação e insatisfação e ficam registrados no sistema inconsciente. O que se inscreve são as

representações-coisa que mais tarde se vincularão às representações-palavra que lhes correspondem.

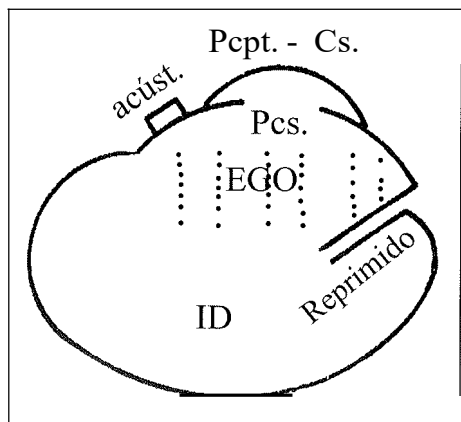
Este esquema é uma reta orientada em uma só direção: da esquerda para à direita. A energia se desloca do polo perceptivo - à esquerda - para o polo motor - à direita. O deslocamento depende das resistências ou facilitações que as representações encontram pelo caminho. O princípio regente é o princípio do prazer, que corresponde à evitação do desprazer.

Neste esquema, Freud localiza os 3 sistemas do aparelho psíquico: Pré-consciente, Inconsciente e Consciente. A consciência não está registrada graficamente, mas Freud a localiza, na descrição que faz do esquema, no polo motor. No modelo do *pente* encontra-se um problema apontado pelo próprio Freud: como explicar o sonho ou as alucinações se a energia vai sempre da esquerda para a direita, do polo perceptivo ao motor? Como acessar os traços mnêmicos? Para acessar os traços seria preciso ir na direção contrária, da direita para a esquerda, mas o esquema não admite a regressão. Encontramos, ainda, um outro problema: a percepção e a consciência estão em polos opostos. Como pode ser? O pré-consciente fica entre o inconsciente e a consciência e estes últimos não se tocam.

O esquema linear e unidirecional do *pente* se assemelha à cadeia significativa de Saussure, que pode ser formulada como segue: **S1-----+S2 +S3**. Desta forma, é impossível explicar a regressão onírica e as alucinações, assim como não se pode explicar a retroação da cadeia significativa com o modelo de Saussure.

2) da segunda tópica, o esquema que figura em seu texto *O Eu e o Isso*, de 1923, Freud assim o apresenta:

Examinaremos agora o indivíduo como um id psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o Eu, desenvolvido a partir de seu núcleo, o sistema Pcpt.³⁴



Aqui o aparelho psíquico é representado como uma esfera - comparada por Freud à anatomia cerebral- chamada por ele de indivíduo (individuum). Como qualquer esfera, possui um lado externo e outro interno bem delimitados. As instâncias psíquicas estão contidas em seu interior e constituem partes distintas entre si. Em seu centro está o *Isso* (Id) que contém as pulsões, consideradas como representantes das manifestações do corpo biológico.

O recalco faz parte do *Isso*, se fundindo com ele. O *Eu* também fazia parte, originalmente, do *Isso*, correspondendo à sua parte modificada pela influência do mundo externo. Ao *Eu* compete o controle da motilidade. Freud o compara a um cavaleiro tentando controlar um cavalo mais forte que ele. Cavaleiro que, muitas vezes, para não se separar de seu cavalo, vê-se obrigado a se deixar levar aonde este quer ir.

O *Isso* corresponde a um continente fechado que abarca uma série de coisas, feito um caldeirão cheio de conteúdos. É o mais profundo do ser, como bem se nota na dimensão espacial da figura duramente criticada por Lacan. Urna crítica contundente encontra-se no seminário de Caracas, onde Lacan declara sua perplexidade diante do esquema desajeitado de Freud, "não é o melhor que Freud fez".³⁵

Qual é o conceito de inconsciente de Lacan?

Antes de tudo reitero que, como vimos, para Lacan trata-se de um conceito:

O Inconsciente é um **conceito** forjado sobre o rastro do que opera para constituir o sujeito.³⁶

E o que opera para se constituir o sujeito é o significante em seu funcionamento desde sempre.

Lacan concebe o inconsciente como estruturado. E ele está estruturado como uma linguagem.³⁷

[..] é toda a estrutura da linguagem o que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente.³⁸

Essa estrutura não tem origem, centro nem finalidade. O Outro já está dado de saída, desde sempre.

35 Revista L'Ane (1982). <http://www.psicoanalisis.org/lacan/caracas.htm>

36 Lacan, J. (1998). Posição do Inconsciente. In *Escritos*. Jorge Zahar Editor.

37 Lacan, J. (1964). *Seminário 11*. Aula 20/04/1964. Op. Cit.

38 Lacan, J. (1998). A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. Jorge Zahar Editor.

[...]de saída a bateria significativa é dada.³⁹

O que quer dizer que essa estrutura não se constitui gradualmente, não se desenvolve, não pode ser considerada em termos evolutivos. Os elementos dessa estrutura são os significantes, que funcionam numa legalidade onde um significativo não representa nada nem significa a si mesmo e se coloca sempre em relação a outros significantes. Levando em conta essa estrutura, é na dimensão de uma sincronia que devemos situar o inconsciente.⁴⁰

Lacan coloca uma condição necessária para aceder ao inconsciente estruturado: a subversão do conceito de sujeito. Qual é o conceito de sujeito que urge subverter? É o conceito de sujeito vigente ainda hoje, inclusive no campo psicanalítico. Aquele construído por uma longa trama entre a teologia e a filosofia e que é consagrado ao status de *Eu* na modernidade. Sua subversão implica em passar a considerá-lo como efeito do significativo.

[...] a psicanálise não é nem uma weltanschauung nem uma filosofia que pretende dar a chave do universo. Ela é comandada por uma visada particular que é historicamente definida pela elaboração da noção de sujeito. Ela coloca essa noção de maneira nova, reconduzindo o sujeito à sua dependência significativa.⁴¹

E Lacan é radical ao afirmar que só é possível funcionar no campo psicanalítico outorgando ao sujeito um *estatuto correto* - que seria, justamente, considerá-lo como efeito do significativo.⁴²

Lacan refere-se ao inconsciente de várias formas: como o discurso do Outro;⁴³ como parte do discurso enquanto transindividual;⁴⁴ concebido em imissão de Outridade - correspondendo ao espaço topológico da banda de Moebius;⁴⁵ como um saber não sabido;⁴⁶ como tendo um estatuto ético e não

39 Lacan, J. *Seminário 11*. Aula 29/01/1964. Op.Cit.

40 Idem. Aula 22/01/1964.

41 Idem. Aula 19/02/1964.

42 Lacan, J. (2008). *Seminário 16*. Aula 08/01/1969. Jorge Zahar Editor.

43 Krutzen, H. (2009). Index référentiel. Ed. Economica, Anthropos. Encontra-se nos: Seminário 1, (24/02/54 e 23/06/54); Seminário 2, (9/01/55); Seminário 5, (25/06/58); Seminário 11, (15/04/64); Seminário 14, (08/02/67, 10/05/67 e 31/05/67).

44 Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In *Escritos*. Jorge Zahar Editor.

45 Lacan, J. (1970). Of structure as an inmixing of an Otherness, pre requisite to any subject whatever. Conferência realizada em Baltimore em Columbus university. 1966. In *The /anguages of Criticism and lthe Sciences of Man*. 1970.

46 Lacan, J. Seminário 6, (4/03/59); Seminário 7, (22/06/60); Seminário 16, (4/12/68); Seminário 17, (17/12/69); Seminário 19, (4/11/71); Seminário 20, (20/03/73); Seminário 24, (21/12/76).

ôntico;⁴⁷ como o evasivo e pulsátil estabelecendo-se em um movimento de abertura e fechamento.⁴⁸

O que se depreende destas acepções é que o conceito de inconsciente, tal como o fórmula Lacan, não pode ser considerado como uma propriedade individual, nem como algo localizado no interior do organismo ou de um psiquismo. Em nenhuma das acepções de inconsciente acima descritas pode-se admitir que o inconsciente seja propriedade de alguém. Contudo, pode ser deduzido a partir de um movimento de abertura e fechamento. Abertura e fechamento do quê? Da cadeia significante. Não se trata da abertura e fechamento de um corpo, feito uma caixa de Pandora que ao se abrir deixa escapar conteúdos que não deveriam vir à luz - para alegria do analista! A abertura e fechamento de que se trata é resultante do ato analítico. Se a superfície topológica que corresponde ao inconsciente é a banda de Moebius, é forçoso concluir que ele só tem um lado e apenas duas dimensões. Se só tem um lado e duas dimensões, não pode corresponder ao que está dentro. O inconsciente de Lacan não remonta a nenhum continente que abarcaria conteúdos, é vazio de conteúdos, não há nenhum conteúdo que lhe corresponda, posto que é pura trama significante. O que chega mais perto de assumir um estatuto ôntico em relação ao inconsciente é o buraco, a fenda.⁴⁹

Lacan combate a ideia do inconsciente como unidade.⁵⁰ O único método para identificar o sujeito do inconsciente é discriminando a rede dos significantes que se entrecruza de maneira lógica e não ao acaso.⁵¹

É fundamental discernir o que entendemos por sujeito do inconsciente, uma vez que a confusão espacial se recoloca nesta expressão: sujeito do inconsciente. Isto quer dizer que o inconsciente possui um sujeito? Ou as pessoas possuem um inconsciente? Lacan critica a condição intrapsíquica do inconsciente. Se o supomos como intrapsíquico, temos que: o inconsciente está dentro do psiquismo, que, por sua vez está dentro das pessoas. Dentro de cada um de nós haveria um inconsciente e o sujeito do inconsciente figuraria como o homúnculo (concepção medieval do homenzinho dentro do homem que governa tudo). Uma versão mais contemporânea do homúnculo é o cérebro. O nome do homúnculo hoje é cérebro. Mudou o nome do governador. *Meu cérebro quer isso, quer aquilo, gosta disso, não gosta daquilo, tá acostumado com aquilo*, etc. Expressões como essas são recorrentes. A ideia de Lacan é a de que o inconsciente tem um sujeito mas não pode ser pensado como o homúnculo. E qual é a natureza desse sujeito? Sua natureza

47 Lacan, J. *Seminário 11*. Aula 29/01/1964. Op.Cit

48 Ibid.

49 Ibid.

50 Lacan, J. (1964). *Seminário 11*. Aula 22/01/1964. Op.Cit

51 Lacan, J. (1964). *Seminário 11*. Aula 05/02/1964. Op.Cit.

e materialidade são as do significante, muito bem expressas no neologismo de Lacan: *moterialism*.⁵²

A rede através da qual o sujeito do inconsciente pode ser localizado implica o número. Encontramos no seminário 1, no lugar dos traços mnêmicos do esquema do *pente*: S1, S2, S3. (No Seminário 9, Lacan retorna a mesma referência ao esquema do *pente*, equivalendo o significante ao traço apagado). Podemos observar que a diferenciação na sequência S1, S2, S3 é o número, posto que a letra é a mesma. O número marca a posição que o significante ocupa na cadeia. Tal numeração aponta para uma lógica posicional. Por exemplo se alguém diz: *meu irmão não é meu irmão* isso não redundaria numa tautologia, uma vez que *irmão* na posição de S1 não é o mesmo que *irmão* na posição S2. Tal diferenciação só é possível a partir do número, que permite distinguir a posição do significante na cadeia. O inconsciente estruturado como linguagem não pode prescindir do número. A distinção entre ato falho e sintoma também considera o número. Por exemplo: se alguém, a caminho do trabalho, toma a direção do trabalho anterior, isso pode ser considerado um ato falho. Se alguém a caminho do trabalho toma por 5 vezes a direção do trabalho anterior, isso pode ser considerado um sintoma. Já é a quinta vez que ocorre o mesmo! Como estabelecer o sintoma sem o número?

Se o conceito de inconsciente de Freud se distinguiu de tudo o que existia anteriormente, o mesmo acontece com o conceito de inconsciente de Lacan. Para Freud, tratava-se de um sistema dentro do aparelho psíquico (na primeira tópica). Na segunda tópica, segue a ideia de aparelho psíquico, mas o inconsciente qualifica as instâncias do *Isso* e em parte o *Eu* e o *Supereu*. Já para Lacan, o inconsciente é uma estrutura.

No seminário 11 ele estabelece a função da causa como ponto de partida para o trabalho com os conceitos de inconsciente o de Freud e o dele. A causa, para Lacan, é negativa. O que consta no domínio da causa é a lei do significante, que surge no lugar de um buraco, de uma hiância. Trocando em miúdos: em se tratando do inconsciente não há causa, há um vazio em seu lugar.

[...] a hiância causal está no núcleo da estrutura ics.⁵³

O que funciona como causa é o buraco gerado pela articulação significativa. Um golpe duro no inconsciente causado pela herança filogenética e pelas experiências vividas; um golpe no aparelho psíquico formado a partir de conteúdos organizados tópica, dinâmica e economicamente. A comparação da

52 Trata-se da condensação das palavras em francês: *mo/* -que significa palavra e materialismo.

53 Lacan, J. (1964). *Seminário 11*. Aula 05/02/1964. Op.Cit.

ontogênese à filogênese, muito utilizada por Freud, é fruto de uma confusão. A confusão ocorre pela localização da ontogênese psicológica nos pretensos estágios de desenvolvimento biológico.

Para Freud a causa, em relação ao inconsciente, não é negativa - uma vez que os conteúdos do inconsciente (na primeira tópica) e do Isso (na segunda tópica) têm sua gênese nos acontecimentos vividos pelo indivíduo e na herança filogenética, como é o caso do sentimento inconsciente de culpa.

Na teorização de Lacan do inconsciente não há nada equivalente a um aparelho psíquico. Os elementos do inconsciente de Lacan são elementos da linguagem - significantes articulados em cadeia - e não estão contidos dentro de nada nem ninguém. O Sujeito do inconsciente e o Outro estão dispostos em imissão de Outridade.⁵⁴

Lacan propõe como núcleo da estrutura um buraco, enquanto Freud coloca no centro de seu aparelho psíquico o Eu.

54 Lacan, J. (1964). *Conferência de Baltimore*. Op. Cit.

REPRESENTAÇÃO X SIGNIFICANTE

Martín Mezza

*E fracassaremos em sustentar sua questão enquanto não nos tivermos livrado da ilusão de que o significante atende à função de representar o significado [...]}. (Lacan)⁵⁵
Todo conteúdo é consideração (Luiz Melodia. Congêrito.).*

Essas epígrafes bem que podem valer para um psicólogo, um publicista, um político, para Freud, Saussure, os psicanalistas contemporâneos ou até para a mesmíssima psicanálise. Parafraseando Lacan, podemos dizer que não deixaremos de fracassar se continuamos confundindo a doutrina do significante com a teoria da representação. Essa confusão/indistinção constitui um dos lugares privilegiados pelos quais se articula uma leitura evolucionista da obra de Lacan. Todos os psicanalistas a conhecemos. É facilmente reconhecível pelo estribilho que diz: o primeiro Lacan é imaginário, o segundo é simbólico e o último Lacan é real. Dessa forma, se faz coincidir o significante com a metapsicologia da representação freudiana e o "real do corpo", o "gozo", com a teoria da pulsão.

A origem do meu ensino é bem simples; está aí desde sempre, dado que o tempo nasceu com o que estava em jogo. Com efeito, meu ensino é simplesmente a linguagem, absolutamente nenhuma outra coisa.⁵⁶

A frase acima, que parece seguir - antecipar - as ideias de Stephen Hawking⁵⁷ sobre o tempo, tem a virtude de varrer, em um movimento só, a interpretação proposta pela leitura evolucionista antes mencionada. O ensino de Lacan é a linguagem e nenhuma outra coisa. O tempo nasceu com o que estava em jogo, a linguagem. Sempre se trata, simplesmente, da linguagem. No início, no meio e no fim; no primeiro, segundo ou ultimíssimo Lacan, não há outra coisa mais que a linguagem. Caso se queira marcar diferenças no decorrer da obra de Lacan, convém pensar nelas como inerentes à indagação significante da estrutura da linguagem: o inconsciente estruturado como uma linguagem, linguística, *lalingua, unbewusste* etc.

Seguindo essa lógica - no ensino de Lacan sempre está a linguagem - vamos objetar a ideia generalizada em nosso campo de que o significante é

55 Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos* (p. 501). Zahar.

56 Lacan, J. (2007). Mi enseñanza. In *Escritos* (p. 40). Paidós. (tradução nossa).

57 Hawking, S. (2015). *Uma breve história do tempo*. Intrínseca.

um retomo à representação de Freud. Se a estrutura significativa da linguagem está desde o início do ensino de Lacan (contemporâneo do desenvolvimento da linguística estrutural) e foi o único de que se tratou, mal poderia ser um retomo à elaboração freudiana da representação, já que esta é anterior aos desenvolvimentos da linguística da qual parte Lacan. Esse simples argumento, temperado com uma modesta lógica, bastaria para entrever que não pode existir uma relação material entre a noção do significativo e a de representação. Mas, devido ao estado de tergiversação e confusão que reina entre nós, estamos forçados a realizar um esforço argumentativo ainda maior.

Para isso, propomos ao leitor partir de um lugar completamente novo e talvez até algo incômodo para algumas inteligências psicanalíticas. E o formulamos do seguinte modo: se for válido dizer que a doutrina do significativo retoma a algum lugar da obra de Freud, é justamente ao ponto onde ele, o pai da psicanálise, se extraviou. A teoria significativa retoma o relâmpago do descobrimento freudiano, rapidamente negado e esquecido pela sua própria elaboração conceitual (aqui destacaremos a noção de representação).

Pois a descoberta de Freud é o campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do remontar do seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização do ser. Desconhecer isso é condenar a descoberta ao esquecimento, a experiência à ruína.⁵⁸

Como a epígrafe sugere e como vamos provar aqui, a doutrina da representação tem um papel destacadíssimo em desconhecer as incidências das relações simbólicas no homem e, conseqüentemente, em levar a descoberta psicanalítica ao esquecimento e a experiência, à ruína, ao fracasso. A teoria da representação, longe de exprimir as incidências da ordem simbólica no homem, não faz mais que ocultá-la no registro imaginário das correspondências biunívocas entre realidade psíquica e realidade exterior ou nas duas caras do símbolo (significante/significado). Dessa forma, a teoria significativa que Lacan elabora tem por finalidade resolver o problema da representação e avançar até as instâncias mais radicais da simbolização do ser (descoberta psicanalítica).

Para Lacan, a descoberta de Freud se insere no processo de simbolização do ser que, desde Sócrates até Hegel, apresenta a suposição - irônica, disse ele - de que tudo o que é real é racional. É aí, nessa tradição, nesse processo dialético da consciência de si, nessa dobra do discurso sobre si mesmo, que o descobrimento freudiano repara no sujeito como descentrado.⁵⁹ Mas que quer dizer isso? Que, no processo dialético do ser, há algo que escapa à totalização da razão, e esse efeito de perda não deve ser localizado por fora da razão,

58 Lacan, J. (1998). Função e campo da linguagem e da fala. In *Escritos* (p. 276). Zahar.

59 Lacan, J. (1998). Função e campo da linguagem e da fala, Op. Cit., p. 293.

na coisa em si, que resiste à simbolização (leitura freudolacanianana do real), nem em qualquer instância metafísica passível de imaginação, mesmo que seja a animalidade biológica, senão no próprio buraco que se produz quando o discurso se fecha sobre si mesmo.

Como ou a partir de que caminhos Freud apagou seu descobrimento? Como voltou a centrar o sujeito? Como acabou por aportar mais um capítulo da dialética da consciência de si? Por um lado, a partir da biologização amarrada através da doutrina das pulsões; por outro, curiosamente, mediante as ideias de uma filosofia oposta à de Hegel, aquelas rubricadas pelo nome de Arthur Schopenhauer. A teoria freudiana da representação pode ser considerada como uma psicologização da verdade mais clara e evidente - que não era aquela do cogito cartesiano - do mundo como vontade e representação: para todo ser cognoscente, o mundo não existe senão como representação (*Vorstellung*). Não há nenhuma terra, nenhum sol, nenhum mundo que exista além da representação dele.⁶⁰

Por meio dessas ideias, Freud entra na tradição filosófica que levava dois séculos se debruçando sobre as consequências epistêmicas e antropológicas de o *cogito* cartesiano ter arrancado o homem do cosmos e instaurado a noção moderna do *self* como sujeito autodefinitório.⁶¹ Essa problemática da subjetividade do sujeito do conhecimento, que se pode resumir como a tentativa e a dificuldade de voltar a fazer coincidir *noûs* e *psyché* ou, dito de outro modo, reunir o sujeito empírico e o sujeito transcendental num único sujeito absoluto (aposta de Hegel, a que se opunha Immanuel Kant), Freud a pega no ápice da sua substancialização: o sujeito psicossomático da psicologia e da psiquiatria do século XIX, ou seja, de Fechner, Weber, Wundt, Charcot etc.

O acontecimento Freud ocorre no lugar onde a impossibilidade de substancializar o sujeito por parte da psicologia racional e a impossibilidade da psicologia empírica em superar a fisiologia e chegar ao sujeito da consciência formavam um nó górdio. Por esse insustentável paralelismo psicofísico, por essa monstruosidade que representa o sujeito psicofisiológico, a teoria de Freud avança até se tomar uma peça fundamental da instauração da subjetividade psicológica de boa parte de Ocidente do século XX. Essa subjetividade, a freudiana, está totalmente entrelaçada com uma teoria da representação que supõe mecanismos muito complexos de articulação entre afetos, pulsões, desejos e a realidade do mundo concreto.

Esta via teórica tem-se afastado tanto do descobrimento psicanalítico, do relâmpago que entreviu o próprio Freud, que fez com que Lacan a criticasse duramente a partir de associá-la com o idealismo/realismo. Assim, através da

60 Schopenhauer, A. (2009). El mundo como voluntad de representación. Trotta Editorial.

61 Taylor, C. (2014). *Hegel: sistema, método e estrutura*. É Realizações.

postura filosófica de Berkeley e das consequências surgidas a partir da "câmera escura", Lacan abordará o problema do dentro e do fora na teorização psicanalítica- em que a representação ocupa um lugar central. Nesse contexto, veremos surgir frases tão contundentes como: "termos projeção e introjeção [...] não há nenhum exagero em dizer que só pode ser imbecilizante"; "na origem da definição do eu, o próprio Freud ousa articular as coisas[...] o psiquismo se separa num dentro e num fora"; "Depois, temos a maravilhosa estupidez da síntese da consciência que existe em algum lugar[...] numa circunvolução".⁶²

Apresentamos novamente nosso ponto de partida. Com a teoria do significante, Lacan tenta capturar esse relâmpago que é o descobrimento psicanalítico e que a teoria de Freud vai apagando e deformando. A doutrina do significante objetiva descortinar aquele raio de luz que a teoria da representação oculta do mesmo modo que o faz uma lembrança encobridora. Por isso, a fórmula do "Retomo a Freud" somente é admissível se é desprovida de reciprocidade, ou seja, que "Lacan é freudiano, mas Freud não é lacaniano". Essa falta de reciprocidade, de correspondência biunívoca, faz com que o significado de ser freudiano se circunscreva a ter retomado ao descobrimento que Freud não soube teorizar, ou seja, fazer equivaler "freudiano" com "descoberta psicanalítica". Dessa forma, essa mesma falta de reciprocidade exclui a possibilidade de pensar que algo da teorização freudiana - da representação - poderia encontrar seu lugar na obra de Lacan. Vejamos como o disse ele numa conferência em Bruxelas quando interrogado por um participante:

Lacan é freudiano, mas Freud não é lacaniano?

Totalmente verdadeiro. Freud não tinha ideia do que Lacan encontrou tagarelando em tomo dessa coisa da qual nós temos a ideia. Eu posso falar sobre mim na terceira pessoa. A ideia de representação inconsciente é uma ideia totalmente vazia. Freud estava batendo bem ao lado do inconsciente. Primeiro, é uma abstração. Somente podemos seguir a ideia de representação removendo do real todo seu peso concreto. A ideia de representação inconsciente é uma coisa maluca; no entanto é assim que Freud o aborda. Há vestígios disso muito tarde em seus escritos [...]. O inconsciente? Proponho dar-lhe outro corpo porque é pensável que pensemos nas coisas sem pensá-las. Aí as palavras são suficientes; as palavras fazem corpo, isso não significa que entendamos nada sobre isso.⁶³

Essa passagem permite que nos aprofundemos nas oposições entre representação e significante. O primeiro a ser salientado é que, para Lacan, a ideia

62 Lacan, J. (2008). *O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro*. Aula 30/04/1969 (pp. 278-281). Zahar.

63 Lacan, J. (1977). *Palabras sobre la histeria*. Intervención de Jacques Lacan en Bruselas, el 26 de Febrero de 1977. (p. 9). Inédito. EFBA. <https://diccionesjustine-elp.net> (Tradução nossa).

de representação inconsciente é "vazia" e "maluca". Será então o significante *umafolie à deux* (loucura a dois)? Por outro lado, diz que as elaborações de Freud não alcançavam o inconsciente, o descobrimento psicanalítico do sujeito descentrado, já que batiam bem ao lado dele, ou seja, no "eu". E isso se deve a que a representação freudiana supõe um vínculo com um real concreto e com uma realidade transcendente à linguagem.

Dessa forma, Lacan apresenta sua oposição à doutrina da representação inconsciente de Freud dizendo que "precisa de remoção", já que o inconsciente não tem nada de real concreto, senão que se trata de uma abstração. Nela, as palavras são suficientes e fazem corpo, ou seja, não precisam de nenhuma associação com as representações coisas do aparelho psíquico freudiano. Isso (*ça*) fala, isso (*ça*) pensa. Há pensamentos, há substância pensante sem um "eu", sem um aparelho psíquico como representação do mundo.

Vemos serem desenhados aqui dois grandes grupos de diferenças a partir dos quais iremos avançar: a) a representação inconsciente carregada de real concreto *versus* o significante vazio ou abstrato; e b) a representação interior ao espaço circunscrito pelo aparelho psíquico individual *versus* o significante localizado no discurso do Outro e os pensamentos sem uma consciência individual.

Os vestígios desse real concreto, que denuncia Lacan na representação freudiana, podem ser achados tanto nos escritos finais quanto no início da sua obra, como o provam o texto de 1891 *Contribuição à concepção das afasias* e o *Projeto para uma psicologia científica* (1895). Já nesses trabalhos se apresenta a ideia de uma marca mnêmica carregada por uma quantidade de excitação, efeito das impressões das investidas de objetos do mundo exterior decorrentes das vivências reais do indivíduo. Marcas mnêmicas que representam, no interior da psique, o real concreto do mundo exterior. O conceito cunhado para este estado de coisas foi representação objeto (*Objektvorstellung*), ou seja, um complexo associativo das mais diversas sensações (visuais, acústicas, táteis, sinestésicas etc.) resultantes da impressão sensorial da coisa (*Ding*) ou dos objetos do mundo.

E, já naquela época, Freud estabelecia a possibilidade de um enlace com o complexo constituído pela representação palavra (*Wortvorstellung*), também formado por distintos elementos sensoriais (imagem sonora, imagem de leitura, imagem motriz e imagem de escrita). Porém resulta mais interessante tomar essa associação a partir da metapsicologia, em que a representação objeto passa a ser representação coisa (*Sachvorstellung*), definida como "a investida, se não da imagem direta da coisa, pelo menos das marcas

mnêmicas mais distantes, derivadas dela".⁶⁴ Como se observa facilmente, a relação com a coisa real do mundo exterior pode ser mais ou menos distante segundo as marcas mnêmicas que se ativem, mas nunca se perde o vínculo com a coisa como real concreto.

É a partir da relação entre representação coisa e representação palavra que Freud vai estabelecer a diferença entre uma representação consciente e outra inconsciente. A representação consciente compreenderá a representação coisa e a sua correspondente, a representação palavra. Já a representação inconsciente será entendida como a representação coisa sem seu enlace com a representação palavra. Dessa forma, no sistema inconsciente, haverá apenas representações coisas regidas pelo processo primário (ausência de contradição, mobilidade das investiduras - condensação e deslocamento -, atemporalidade e substituição da realidade exterior pela realidade psíquica); e o sistema pré-consciente se caracterizará por uma organização maior fornecida pelo processo secundário, marcado pelo ordenamento temporal e o exame de realidade.

Por isso, Freud pôde diferenciar a neurose da esquizofrenia em função da dinâmica da oposição entre representações coisa e palavra. Na neurose de transferência, nega-se a tradução em palavras à representação coisa rejeitada. Essa negação é operada pelo mecanismo de recalque entendido como a subtração de investidura pré-consciente, conservação de investidura inconsciente e substituição de investidura pré-consciente por uma inconsciente. Já na esquizofrenia se perceberá um predomínio da referência à palavra sobre a coisa, contudo uma palavra que, perdendo seu vínculo com a coisa, é tratada como a coisa, ou seja, pelo funcionamento do processo primário.

Consideremos, brevemente, o funcionamento do processo primário, já que, além de representar bastante bem a novidade que traz o aparelho psíquico freudiano, apresenta uma questão de relevância para o assunto que estamos abordando aqui: o conteúdo real concreto da representação. A operatória do processo primário, que se caracteriza pela mobilidade (condensação e deslocamento), se dá sobre as representações coisas, sobre as quantidades (moções pulsionais) entendidas como afetos ou sentimentos inconscientes, bem como sobre o representante da pulsão (*Triebreprasentanz*), constituindo assim a realidade psíquica inconsciente. Aqui se abre uma brecha que habilita pensar numa certa ruptura do caráter representacional do mundo exterior.

64 Freud, S. (1996). Lo inconsciente. Tomo XIV: Contribución a la historia dei movimiento psicoanalítico. *Trabajo sobre metapsicología y otras obras* (1914-1916). (p.198). Amorrtu editores (Tradução nossa).

Acreditamos que é mais necessário chamar essa brecha de rodeio e não de ruptura com o mundo exterior. O processo primário, segundo nosso entendimento, introduz um distanciamento e uma certa desorganização, mas não uma ruptura. No que diz respeito à representação coisa, voltamos a chamar a atenção para a frase de Freud (citada literalmente acima) que indica que a investidura das marcas mnêmicas pode não ser "direta", mas que, mesmo "distantes", são "derivadas dela". Por outro lado, o representante da pulsão, que vem do interior do organismo, na verdade também pode ser entendido como um representante da realidade exterior. Em primeiro lugar, porque Freud entende a pulsão como um estímulo constante que vem do interior do corpo, mas que, para o aparelho psíquico, é exterior. Ainda mais importante é que, para Freud, as pulsões - ou parte delas - são "decantações", "sedimentações" da ação de estímulos externos ou de vivências anteriores que no curso da "filogênese da espécie alteraram a substância viva".⁶⁵

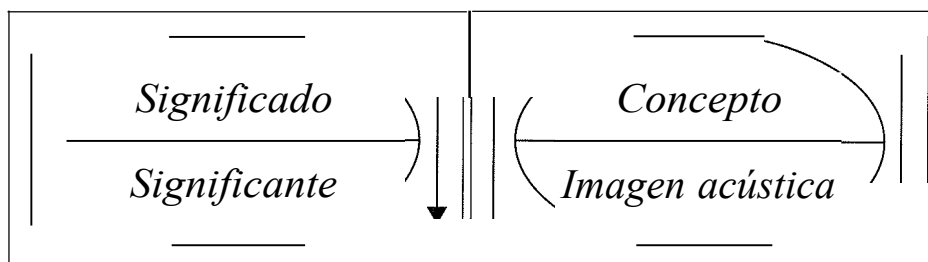
Destarte, a doutrina freudiana da representação estabelece uma dualidade entre coisas e palavras, entre conteúdo (significado da representação) e quantidade (afeto ou pulsão), e está atravessada pelos efeitos do processo primário, que não chegam a romper o caráter representacional do real concreto, senão que o distanciam, o alteram, o modificam, o desorganizam. E essa realidade psíquica "distorcida", singular e pessoal, terá que achar seu caminho de retomo, marcado pelas exigências da realidade exterior, mediante o laço associativo com a representação palavra, própria da organização da instância psíquica pré-consciente.

Como vimos na citação de Bruxelas, para Lacan, o inconsciente é uma abstração e são suficientes as palavras (há que entender significante). O inconsciente se constitui apenas de significantes, aquilo que, para Freud, seria pré-consciente. Por outro lado, não há nenhuma marca da coisa, aquilo que determina e especifica o sistema inconsciente freudiano. O inconsciente de Lacan tampouco representa nenhuma tendência interior e orgânica. É absolutamente errado fazer equivaler os significantes ao representante da pulsão (*Triebreprasentanz*). O significante de Lacan nunca poderia representar nenhum objeto externo nem nenhuma tendência interna, já que por definição apenas representa um sujeito - perda que deriva do laço significante ou do ato do discurso se fechar sobre si mesmo - para outro significante. E tampouco poderia representar nenhuma pulsão, porque, no sistema teórico de Lacan, a pulsão é secundária ao discurso ou imanente a este, assim como o indica a sentença: "A pulsão é, no corpo, o eco do fato de que há um dizer".⁶⁶

Além das frases utilizadas aqui para nossa argumentação, há que dizer que existem muitas, mas muitas sentenças e fórmulas que evidenciam a desconexão do significante com o mundo exterior e interior. Uma delas bastante utilizada foi tomada de Hegel: "a palavra mata a coisa", ou seja, onde há palavra (significante), não há coisa. Essa ideia que assinala para o vazio significante, sua falta de conteúdo e referente concreto, também foi ilustrada a partir de tomar como exemplo uma passagem famosa de Robinson Crusoé. Lacan diz⁶⁷ que o ato de nosso célebre naufrago de apagar a marca na areia da pisada de Sexta-feira é o que se pode entender como significante. O significante não é a marca na areia, isso bem poderia ser a representação freudiana. O significante de Lacan se constitui quando se apaga essa marca.

A teoria do significante nasce em relação de oposição com o signo linguístico e com tudo o que dele poderia ainda sugerir a ideia de representação, mesmo que já não fosse estritamente de uma realidade pré-discursiva e sim de um significado. A formalização do significante, melhor dito, da função significante, se faz a partir de decompor o signo linguístico tal como os discípulos de Saussure o estabeleceram: preeminência do significado sobre o significante, unidos por uma relação imotivada, recíproca e convencional, tal como o indicam o círculo e as flechas.

Gráfico 1 - O Signo Linguístico



Lacan constrói o significante mediante a desconstrução do signo linguístico como entidade psíquica de duas caras cujos elementos heterogêneos - significante e significado - estão unidos reciprocamente e de forma arbitrária. A escrita da função significante supõe uma alteração de lugar entre significante e significado (mudança de hierarquia ontológica), a eliminação de todo círculo e flechas que possam vir a sugerir sua unidade ou reciprocidade, assim como a necessidade de satisfazer a condição mínima de estar articulado a outro significante.

Gráfico 2 - A Tópica do Inconsciente, a função significante, metáfora e metonímia

$$\begin{array}{cc}
 \begin{array}{c} \mathbf{S} \\ \mathbf{s} \end{array} & f(S) \frac{1}{S} \Big| \\
 \\
 f\left(\frac{S'}{S}\right) S \cong S + s \Big| & \mathbf{f(S \dots \underline{S'})s \ s(-)s}
 \end{array}$$

Dessa forma, o significante de Lacan assume as características que Roman Jakobson⁶⁸ estabelece para a unidade mínima da linguagem: os fonemas. Traço mínimo da língua que, carecendo de significado ou referência específica, se organiza de forma negativa (oposição e distinção), e sua combinatória está regida por urna série de regras. Os significantes, assim corno os fonemas, são o que os outros não são. Entretanto, o significante é o fonema? Não, o fonema é da linguística e o significante da teoria de Lacan.

A diferença pode ser rapidamente apreciada se pensarmos não em signifi-
ficante corno a unidade material mínima da linguagem, isso seria o fonema,
senão corno urna função. A função significante pode ser entendida como a
capacidade de sua lógica (diferença e oposição) ser aplicada às diferentes
unidades (palavras, orações, frases, histórias, discursos etc.) da fala do anali-
sante. Se, no signo linguístico, a chave estava no círculo que denotava a união
entre significante e significado, o elemento a salientar na função significante
é a barra que divide significante e significado e, dessa forma, denota a impos-
sibilidade de que o significante represente o significado. O significante, em
lugar de se relacionar com o significado, se articula com outro significante,
também "livre" da sua relação com o significado. Aqui, o significante não
representa a realidade ou o significado, senão que apresenta a questão do seu
lugar na realidade e na produção do sentido.⁶⁹

É a metáfora como aquilo em que se constitui a atribuição primária, aquela
que promulga o "o cachorro faz miau o gato faz au-au" com que a criança,
de um só golpe, desvinculando a coisa de seu grito, eleva o signo à função

68 Jakobson, R., Halle, M. (1973). *Fundamentos dei lenguaje*. Editorial Ayuso.
69 Lacan, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, Op. Cit., p.501-504.

do significante e eleva a realidade à sofística da significação, e, através do desprezo pela verossimilhança, descortina a diversidade das objetivações a serem verificadas de uma mesma coisa.⁷⁰

Nessa citação, fica evidente que, em contraste com a representação, o significante não representa nenhum nível do ser ou da realidade dos objetos do mundo. Pelo contrário, produz uma perda de ambos. A função significante desconecta, rompe os laços entre coisa e palavra, entre significante e significado, tornando a realidade urna sofística da significação. Ambos os efeitos do significante, a perda de objeto e de ser, estão relacionados com as leis da metonímia e da metáfora. Na primeira, evidencia-se como a conexão de significante com significante, indicada pela remissão de significação em significação, instala a falta-em-ser na relação de objeto. E, com a segunda, se alcança o advento do sentido como uma criação dependente da substituição (vertical) dos significantes e de um franqueamento da barra.

O enunciado "o significante faz buraco"⁷¹ exprime bem a ideia de que não há representação de algo concreto da realidade e, portanto, que a doutrina do significante se afasta do entendimento da ordem simbólica como representacional.⁷² "Não há nenhuma realidade pré-discursiva"⁷³ tem correlação direta com a ideia de que não existe metalinguagem. Por isso, manter a "necessidade de falar sobre a realidade última, como se estivesse em algum lugar diferente que no próprio exercício de falar dela, é desconhecer a realidade onde nos movemos".⁷⁴ Isso é o que faz a teoria da representação freudiana. Com ela, não só se desconhecem os limites de nosso campo, como também a estrutura de nosso sujeito e de nosso real.

Para melhor indicar isso, Lacan se viu levado não apenas a construir diferentes formulações- que vão desde "quando nós falamos de homem[...] é a esse torvelino que se faz aí, que nós tocamos"⁷⁵ até "O objeto da psicanálise não é o homem; é aquilo que lhe falta"⁷⁶ - mas também a produzir neologismos como os de *parlêtre* (*falanser/falasser* segundo a tradução proposta por

70 Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano [1960]. In *Escritos* (p. 820). Zahar.

71 Lacan, J. (1974-1975). *Séminaire 22: RSI: Leçon de 15/04/1975*. <http://staferla.free.fr/>. (Tradução nossa).

72 Eidelsztein, A. (2011). Lo simbólico de J. Lacan, o la función del agujero. *E/ Rey está Desnudo: Revista de Psicoanálisis Por Venir*, APOLa, (4), 9-16.

73 Lacan, J. (1972-1973). *E/ Seminario, Libro 20: aún*. (p. 43). Ed. Paidós. (Tradução nossa).

74 Lacan, J. (1956-1957). *Séminaire 4: La relation d'objet*. (p. 16). <http://staferla.free.fr/> (tradução nossa).

75 Lacan, J. (1961-1962). *Séminaire 9: L'identification: Leçon de 23/03/1962*. (p. 160). <http://staferla.free.fr/> (Tradução nossa).

76 Lacan, J. (2003). Respostas a estudantes de filosofia [1966]. In *Outros escritos* (p. 218). Zahar.

Eidelsztein) e *Moterialisme*. Com eles se quer destacar que não há ser nem realidade pensável por fora da materialidade dos termos da linguagem.⁷⁷

Dessa maneira, chegamos a outra oposição destacada oportunamente entre representação e significante: a representação como interior ao espaço circunscrito pelo aparelho psíquico individual *versus* o significante localizado no discurso do Outro. O significante, diferentemente da representação freudiana e do signo saussuriano, não é psíquico, ou seja, não se encontra em nenhuma individualidade, seja esta material (cérebro) ou imaterial (mente). O significante articulado a outro significante tem a sua localização no discurso do Outro.

O discurso do Outro é caracterizado pela introdução do impessoal para salientar que isso (*ça*) fala, isso (*ça*) pensa. Existem pensamentos sem que sejam pensados, existem pensamentos (inconscientes) que fazem corpo por fora da subjetividade do sujeito do conhecimento; o sujeito do conhecimento não é dono nem mestre das "representações", do saber que se articula no inconsciente.

Acreditamos ter argumentado, de forma suficiente, sobre as principais diferenças entre representação e significante. Dessa maneira, entendemos que permitimos ao leitor apreciar como a l itura hegemónica do freudolacacnismo arranca a noção de significante das inter-relações conceituais inerentes no marco teórico de Lacan, para fazê-la corresponder impropriamente - de forma biunívoca - à noção de representação freudiana, que corresponde a outra taxonomia de relações conceituais. Para facilitar esse entendimento e ampliar o grupo de diferenças trabalhadas no texto, criamos um quadro com as oposições mais significativas entre o conceito de representação e o de significante em função da sua organização nas correspondentes estruturas taxonómicas (ver Quadro a seguir).

Quadro taxonômico das oposições entre representação e significante

Taxonomia	Representação	Significante
Topologia	Interior/exterior - Projeção/introjeção - tridimensional.	Lço - circularidade - imissão - bidimensional.
Sujeito	Do conhecimento - indivíduo - aparelho psíquico dividido.	Da ciência - <i>Falanser!fasser</i> - \$.
Materialidade	Psíquica (afetos e representações).	Discursiva - <i>moterialisme</i> .
Representa	Um real concreto (representação coisa; representante da pulsão - vivência ontogênese/filogênese).	Um sujeito (tema, assunto, matéria, perda) para outro significante.
Realidade	Pré-discursiva - concreta/ material - psíquica.	Fantasia - criação <i>ex-nihilo</i> .
Leis	Processo primário e secundário.	Metonímia e metáfora - Lei de Jordan.

77 Eidelszstein, A. (2015). Sobre naturaleza, sustancia y materia en la enseñanza de Lacan. In *Oiro Lacan: estudio crítico sobre el psicoanálisis lacaniano* (p. 47). Ed. Letra Viva.

O CONCEITO DE SUPEREU E UMA MUDANÇA DE PARADIGMA: de Freud a Lacan

Carina Rodriguez Sciutto

Este texto surge a partir da apresentação de Alfredo Eidelsztein sobre o supereu em Lacan, no *Seminário de Desambiguação Freud-Lacan em APOLa* (2019). Este trabalho tenta colocar em prática e continuar na linha deste pensamento do conceito do supereu em Lacan, diferenciando-o da proposta freudiana.

Para poder argumentar nesta nova direção, primeiro, percorreremos o texto de Freud *O Eu e o Isso* (1923), no qual se apresenta pela primeira vez o conceito e os problemas que deram origem a sua criação.

A pesquisa dos textos de Lacan sobre o supereu foi organizada a partir do livro: *Jacques Lacan Seminaire 1952-1980, Index référentiel*, de Henry Krutzen.

Este texto é parte de uma investigação que ainda continua em curso, e propõe pensar as consequências na clínica psicanalítica da escolha de paradigmas entre Freud e Lacan. O recurso teórico utilizado para pensar o processo de mudança de paradigma entre esses autores é o livro de Thomas Kuhn *A estrutura das revoluções científicas*. Uma revolução científica nasce quando começa a crescer, em uma comunidade científica (APOLa), a ideia de que o paradigma existente (o freudiano) deixou de funcionar adequadamente em alguns aspectos nos quais antes era o líder do processo. Este mal funcionamento pode levar a uma crise e posterior revolução. É central, no novo paradigma, estabelecer os novos sentidos dos conceitos já estabelecidos e familiares do paradigma anterior.

A partir dos problemas e limites teóricos da proposta freudiana, proporemos pensar as soluções que contribuem com a novidade do novo paradigma proposto por Lacan.

Supereu em Freud

Para pensar a proposta freudiana, começaremos com uma leitura crítica do texto *O Eu e o Isso*⁷⁸ (1923), em que aparece o conceito pela primeira vez.

Na introdução, James Strachey propõe elementos interessantes para pensar o contexto de produção do texto e o descreve como a última das grandes obras teóricas de Freud.

Os precursores deste texto foram os textos *Projeto para uma psicologia científica* (1895), o capítulo VII, da *Interpretação dos sonhos* (1900) e os trabalhos de metapsicologia do ano de 1915.

Nesse momento de sua obra, apresenta-se a Freud o problema de não poder fazer coincidir o recalcado com o inconsciente, e o *Eu* com o pré-consciente e o consciente. No *Eu*, há algo que se comporta como o inconsciente recalcado: a resistência à análise e o sentimento inconsciente de culpa.

Freud propõe uma nova descrição da psique e sua operação: tripla diferenciação e classificação. Sua concepção anterior nos apresentava a psique dividida em duas partes: uma recalcada, que tratava de abrir caminho à atividade (inconsciente), e a outra repressora. A um *Inconsciente* se opunha um *Eu*. O problema de construção teórica que se apresenta é que havia uma parte do *Eu* que era inconsciente. Ser consciente ou inconsciente não permitiria, então, distinguir o psíquico e o seu funcionamento.

Strachey nos diz que *Eu*, *Supereu* e *Isso* foi esclarecedor, mas não implicava uma mudança fundamental nas suas ideias. Todos esses conceitos tinham uma longa história, dois deles sob outros nomes. (Nota: trata-se de conceitos, não de existências materiais físicas em três dimensões).

ISSO: foi emprestado diretamente de Georg Groddeck, e seu uso remonta a Nietzsche. Substituiu ao inconsciente sistemático (Ics).

EU: antes usava-o como si mesmo, referido a uma pessoa em sua totalidade. Em outros lugares, usava-o como parte psíquica com funções especiais. Sua hipótese do narcisismo de 1909 permitiu um exame detalhado desta instância. No texto *O inconsciente*⁷⁹ (1915), o que antes chamava de eu passou a ser o sistema Csc/Psc. Este é o sistema progenitor do *Eu* e o que designará todas suas funções: censura, exame da realidade, faculdade de autocrítica.

SUPEREU: na seção III, da *Introdução ao narcisismo*⁸⁰, comenta que o narcisismo da infância é substituído, no adulto, pela devoção a um eu ideal que se encontra em seu interior. Essa instância seria encarregada de observar o *Eu* e medi-lo com o eu ideal ou o ideal do eu- utilizava-os de forma indistinta. Em *Luto e melancolia*,⁸¹ responsabilizou o *Supereu* pelos lutos patológicos, e propôs que este se diferenciasse do eu. Em *O Eu e o Isso*, é a primeira vez que o *Supereu* aparece como equivalente ao *Ideal do Eu*. Neste trabalho, aparece como derivação da transformação dos primeiros investimentos de objeto da criança em identificações: ocupa o lugar do Complexo de Édipo.

Vamos ler, no texto de Freud, os elementos que nos permitem pensar sua construção do conceito do *Supereu*.

79 Freud, S. (1992). Lo inconsciente, In *Obras Completas T. XIV. Amorrortu*.

80 Freud, S. (1992). Introducción al narcisismo, In *Obras Completas T. XIV. Amorrortu*.

81 Freud, S. (1992). Duelo y Melancolía. In *Obras Completas T. XIV. Amorrortu*

Capítulo I

Já no primeiro capítulo do texto, Freud introduz o problema, afirmando que a premissa básica da psicanálise é a diferenciação entre o psíquico consciente e o inconsciente. Isso representa *sua tópica*, sua teoria espacial para pensar o psíquico. Esclarece que a consciência não pode ser o essencial do psíquico, mas sim uma qualidade que pode faltar.

Neste primeiro capítulo chamado *Consciência e inconsciente*, apresenta seu conceito do *Eu* como a organização coerente dos processos anímicos em uma pessoa. Do *Eu*, depende a consciência, o acesso à motilidade, a descarga de excitações e o controle de seus processos parciais, e a censura durante o sono. Do *Eu*, partem os recalques a partir dos quais algumas aspirações anímicas ficam excluídas da consciência.

A novidade que propõe neste texto é que parte do *Eu* pode ser inconsciente.

Diante dessa proposta unificadora, Freud encontra um problema: os fenômenos da resistência em análise. Sua interpretação é a de que há uma parte do *Eu* inconsciente, da qual provém essa resistência, e que se comporta como o recalado. Esses fenômenos o forçam a mudar seu conceito de inconsciente. Um problema sério de "representação espacial, tópica, do acontecer anímico"⁸² se apresenta a ele.

Capítulo II

Destaca-se, neste capítulo, a referência à origem da ideia de *Isso*, em Georg Groddeck (que, sem dúvidas, segue Nietzsche):

Refiro-me a Georg Groddeck, que está sempre a enfatizar [...] que somos, como diz, 'vividos' por poderes desconhecidos e incontrolláveis.⁸³

Neste capítulo, Freud propõe um novo esquema do aparelho psíquico. Descreve o *Eu* como a parte do *Isso* alterada pelo mundo exterior com mediação do sistema *Pcs*, que trata de dominá-lo, fazendo valer o influxo do mundo exterior e seus próprios propósitos, substituindo o princípio do prazer pelo princípio de realidade. O *Eu* representa a razão e a prudência sobre as paixões do *Isso*.

Para Freud: *Isso* é inconsciente e interior; *Eu* é alterado pelo mundo exterior. Lacan vai modificar estas ideias ingênuas de interior-exterior com suas propostas radicais topológicas nas quais o interior e o exterior

82 Freud, S. (2011). O Eu e o Id, In *Obras Completas*, 16. Companhia das Letras.

83 Idem.

são comunicáveis. Seu paradigma permite superar estas dificuldades de conceitos espaciais.

No final do capítulo, Freud explica qual foi o problema que produziu a necessidade de introduzir o novo conceito do *Supereu*: a existência de sentimentos inconscientes de culpa.

Capítulo III

Neste capítulo, Freud se dedica a explicar o processo de constituição do *Eu*, *Supereu* e *Isso*.

[...] o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetivos abandonados, de quem contém a história dessas escolhas de objeto.⁸⁴

No começo do indivíduo, é impossível distinguir entre investimento do objeto e identificação. Para a gênese do *Ideal do Eu*, Freud propõe a ideia de uma identificação primeira, direta e imediata ao pai. Para explicar esse processo, relaciona a origem ao **Complexo de Édipo**. Como pensa este complexo em função de processos que ocorrem com indivíduos, com base nos fatores biológicos - desamparo e dependência do ser humano - e não de discurso, depara-se com muitas dificuldades teóricas para poder propor isso conforme se trate de homens e mulheres. Usa a ideia da bissexualidade na origem e o Édipo Duplo chama-o de completo para tentar dar conta dessas diferenças. Sua proposta de Édipo é universal:

Podemos supor, então, que o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo, é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra. Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Supereu.⁸⁵

Descreve uma dupla face do *Ideal do Eu*, motivadas pelo recalçamento do Complexo de Édipo: assim (como o pai), você deve ser; e, assim (como o pai), você não deve ser. Tem um caráter compulsório que se exterioriza como **imperativo categórico**. É a agência representante de nosso vínculo parental:

O ideal do Eu é, portanto, herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Id. Estabelecendo-o o Eu assenhorou-se do complexo de

84 Idem.

85 Idem.

Édipo e, ao mesmo tempo, submeteu-se ao Id. Enquanto o Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Supereu o confronta como advogado do mundo interior, do Id.⁸⁶

Para Freud, todos os mandatos e proibições de autoridade e mestres permanecem vigentes no *Supereu* e exercem a censura moral. A tensão entre a censura moral e o eu aparece como sentimento de culpa. O *Supereu* conservará o caráter do pai, e estabelecerá uma relação proporcional com a intensidade do Complexo de Édipo: quanto mais intenso e mais rapidamente reprimido, mais rigoroso corno consciência moral e culpa sobre o eu.

As vivências do Eu parecem inicialmente perdidas para a herança, mas, quando se repetem com frequência e força suficientes, em muitos indivíduos que se sucedem por gerações, elas como que se transformam em vivências do Id, experiências cujas impressões são mantidas hereditariamente. Assim, o Id hereditário alberga os resíduos de incontáveis existências de Eu, e, quando o Eu cria seu Supereu a partir do Id, talvez apenas faça aparecer de novo anteriores formas de Eu, proporcione-lhes uma ressurreição.⁸⁷

Os conflitos que originalmente ocorriam entre os investimentos do *Isso* e do *Eu* continuarão com o herdeiro, o *Supereu* - que permanece em grande medida inconsciente e inacessível ao *Eu*.

Capítulo IV

Neste capítulo, Freud enfrenta um problema maior: como integrar sua teoria anterior das pulsões com a nova proposta de aparelho psíquico. O *Eu* e o *Isso* estão submetidos igualmente à ação das pulsões: sexuais ou *eras*, e pulsões de morte. Ainda não pode propor como estas pulsões se coordenam em um processo fisiológico particular. Propõe um argumento fraco: a fusão e a separação das pulsões.

Todos os problemas com os quais tropeça neste capítulo se dão em virtude de pensar a pulsão como força biológica. Tenta propor uma solução: uma energia indiferente e deslocável, ativa no *Eu* e no *Isso*, um *eras* dessexualizado. O pensamento seria uma sublimação dessa energia.

86 Idem.

87 Idem.

Capítulo V

Neste último capítulo, define o **supereu**:

O Supereu deve a sua especial posição no Eu ou ante o Eu a um fator que deverá ser estimado a partir de dois lados: é a primeira identificação(...) e é o herdeiro do complexo de Édipo, ou seja, introduziu no Eu os mais imponentes objetos.⁸⁸

Como podemos observar, para Freud, o *Supereu* se contrapõe ao *Eu* e o domina. É o monumento à dependência do passado e continua seu império no *Eu* maduro. Freud apresenta situações clínicas nas quais é possível pensar o funcionamento dessa nova instância:

1. **Reação terapêutica negativa:** explica-a como um sentimento de culpa mudo, que encontra satisfação na doença e não quer renunciar ao castigo de sofrer.
2. **Neurose obsessiva e melancolia:** duas afecções nas quais o *Supereu* é muito severo e ataca o *Eu*, com fúria cruel.⁸⁹

a. Neurose obsessiva: o *Supereu* sabe de processos no *Isso* inconsciente, os processos recalcados provocam culpa.

b. Melancolia: o *Eu* se confessa culpável e se submete a um castigo. O objeto para o qual se dirige a cólera do *Supereu* está no eu por identificação.

3. **Histeria:** outros casos nos quais o sentimento de culpa é inconsciente.

Depois desta classificação, Freud propõe uma nova tese: grande parte do sentimento de culpa é inconsciente, porque a consciência moral provém do Complexo de Édipo, que é inconsciente. Seu conceito implica **um sentimento de culpa universal em todos os indivíduos**.

Por que se apresenta como sentimento de culpa - ou crítica - e é duro e severo com o *Eu*? O motivo argumentado é o de que é um cultivo da pulsão de morte, e volta a propor a separação das pulsões resultante desse sadismo contra o *Eu*. O *Eu* sofre ameaças de três perigos e angústias: mundo exterior, libido do *Isso* e severidade do *Supereu*.

No final, descreve uma função positiva do *Supereu*: protetora e salvadora, que primeiro era do pai.

88 Idem.

89 Provavelmente, a ideia de Lacan do *Supereu* como figura feroz partiu daqui.

A proposta do *Supereu* em Freud e o imperativo categórico de Kant

O conceito de *Supereu* em Freud coincide com a de **imperativo categórico** em Kant, como podemos observar claramente em seu texto:

Assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do seu *Supereu*.⁹⁰

O *Supereu*, a consciência nele atuante pode então ser duro, cruel, inexorável com o Eu que é por ele guardado. O imperativo categórico de Kant é, assim, herdeiro direto do complexo de Édipo.⁹¹

Do paradigma de Freud ao paradigma de Lacan...

Para poder especificar a passagem de um paradigma para outro, propomos dar este passo: do *SUPEREU* como instância psíquica, interior ao indivíduo, herdeiro do Complexo de Édipo, como internalização da voz dos pais, imperativo categórico; ao *Supereu* como uma das fonnas do *ISSO FALA* na teoria de Lacan.

No Seminário 6 de Lacan, encontramos argumentos que justificam essa passagem:

[]a partir do momento em que o inconsciente é descoberto como tal, que Freud, se assim desejam, para esquematizar as coisas, buscou aqui a que nível desse lugar original a partir de onde o **isso fala {ça parle}**, a que nível e em função de que, ou seja, justamente por relação a um olhar que é o do desembocar do processo em I, em que momento se **constituiu o eu {moi}** - ou seja, o eu, na medida em que tem que se localizar por relação à primeira formulação, à primeira captura na demanda do isso. É também aí que Freud descobriu **esse discurso primitivo ainda que puramente imposto**, e ao mesmo tempo enquanto marcado por sua arbitrariedade fundamental, que o **isso continua falando, ou seja, o supereu**.⁹²

90 Idem.

91 Freud, S. (2011). O Eu e o Id, In *Obras Completas*, 16. Companhia das Letras.

92 Lacan, J. (1958-1959). *Seminário 6*. Versión crítica de Rodríguez Ponte (p. 72). (tradução nossa).

Supereu em Lacan

Encontramos, no *Seminário 1* de Lacan, estes fundamentos para pensar um novo conceito de *Supereu* como cisão do sistema simbólico integrado pelo sujeito:

De maneira geral, o inconsciente é, no sujeito, uma cisão do sistema simbólico, uma limitação, uma alienação induzida pelo sistema simbólico. O supereu é uma cisão análoga que se produz no sistema simbólico integrado pelo sujeito. Esse mundo simbólico não se limita ao sujeito, já que se realiza em uma língua, língua compartilhada, sistema simbólico universal, pelo menos na medida em que estabelece um império sobre uma detenninada comunidade, a qual pertence o sujeito. **O supereu é essa cisão na medida em que ela se produz para o sujeito - mas não apenas para ele - em suas relações com o que chamaremos de a *lei*.**⁹³

FREUD: o *Supereu* é algo da estrutura do indivíduo, herdado, não modificável, imperativo categórico de Kant, herdeiro do Complexo de Édipo.

LACAN: o *Supereu* é um imperativo sobre mim, uma cisão do campo simbólico (A) que impera sobre mim. Sua materialidade é significativa. Uma das formas de **ISSO FALA**.

Toda dimensão do ser se produz por algo que está na linha, na corrente do discurso do mestre, daquele que, proferindo o significativo, espera dele o que é um de seus efeitos de laço, que certamente não se deve negligenciar, que é feito disso, que o significativo comanda, o significativo é, de início, e, por sua dimensão, imperativo.⁹⁴

Resumo das características do *Supereu* em Lacan na leitura do *Seminário 1*

- I. Está essencial e radicalmente situado no **registro simbólico** da palavra.
- II. **SUPEREU -t- EU IDEAL**
SUPEREU: é coercitivo EU IDEAL: exalta
- III. É muito difícil localizar, exceto de uma forma mítica e como uma palavra-chave. Requer a leitura do analista para poder identificá-lo.

93 Lacan, J. (1981). *El Seminario Libro 1*. (p. 290). Paidós. (tradução nossa).

94 Lacan, J. (2010) *El seminario libro 20*. (p. 43). Paidós. (tradução nossa).

- IV. É um **imperativo: sobre mim**,⁹⁵ como indica o senso comum e o uso que fazemos dele, é coerente com o registro e a noção de lei, ou seja, com todo o sistema da linguagem, na medida em que define a situação do homem como tal, e não apenas do indivíduo biológico.
- V. Por um lado, tem certa relação com a lei e, por outro lado, tem exatamente a relação oposta: **é uma lei sem sentido**, uma lei reduzida a algo que chega a ignorá-la. O *Supereu* é, ao mesmo tempo, a lei⁹⁶ e sua destruição, sua negação.
- VI. O *Supereu* é essencialmente a palavra mesma, o mandato da lei, reduzido a sua raiz. A lei se reduz a algo que nem sequer pode ser expresso, como o **"tens que"** que é simplesmente uma palavra privada de todos os seus sentidos. O *Supereu* acaba se identificando com o que Lacan chama de: **a.figura feroz**.

Resumo das diferenças propostas em Freud e Lacan para o *Supereu*:

	FREUD	LACAN
Definição	Instância: eu - supereu - isso	Cisão do sistema simbólico (A) em relação à lei Figura obscena e feroz (AE)
Origem	Herdeiro do C. de Édipo	Efeito da maquinada linguagem
Apresentação	Imperativo categórico (Kant)	Imperativo sobre MIM "O sujeito é, antes de tudo, um imperativo" (Seminário 20)
Presença	Universal	Sintoma

Proposta: o *Supereu* como sintoma e as estruturas clínicas

Precisamos elaborar um novo conceito de *Supereu* para a consideração de problemas clínicos a partir do paradigma proposto por J. Lacan.

O conceito do supereu não está desenvolvido. Temos que pensá-lo nos diferentes registros.⁹⁷

Lacan propõe no *Seminário* 1:

[...] o eu está estruturado exatamente como um *sintoma*. Não é mais do que um sintoma privilegiado no interior do sujeito. É o sintoma humano por excelência, a doença mental do homem.⁹⁸

95 Supereu = SOBRE MIM. Super é a forma latina do prefixo sobre.
96 Lei entendida como o conjunto do Sistema da linguagem, não dos códigos.
97 Lacan, J. (1953-1954). *Séminaire* 1. Leçon 8. <http://staferla.free.fr/S1/S1%20Ecrits%20techniques.pdf>
98 Lacan, J. (1981). *Seminario Libro 1*. (p. 31). Paidós. (tradução nossa).

Vocês não podem deixar de se surpreender com o fato de que o eu se constrói, situa-se no conjunto do sujeito, exatamente como um sintoma. Nada o diferencia.⁹⁹

É possível aplicar a mesma ideia para o *Supereu*: pensá-lo como um sintoma, problema a resolver, a ser trabalhado na análise. Se é um sintoma - seguindo a proposta de Lacan -, não é generalizável para todos os casos - para todos os indivíduos como propõe Freud. Lembremo-nos da proposta de Lacan de como pensar um **sintoma**:

É precisamente na medida em que o discurso do mestre reina que o S_2 se divide, e esta divisão é a divisão do símbolo e do sintoma. Contudo, essa divisão do símbolo e do sintoma, ela está, se posso dizer assim, refletida na divisão do sujeito. É porque o sujeito é o que um significante representa junto a outro significante, que precisamos, por sua insistência, mostrar que é no **sintoma** que um desses dois significantes do simbólico tem seu suporte.¹⁰⁰

Neste trabalho, defende-se que, por ser um sintoma, é possível realizar um trabalho que o modifique e solucione:

[...] reestruturar as relações dos elementos em jogo em função do conflito, do desejo e do gozo, da imissão de Outridade e do discurso, finalmente: da causa na Outra cena e o objeto *a* ainda que o padecimento seja registrado ou se padeça de forma particular.¹⁰¹

Supereu em Lacan e direção da cura

Seguindo a proposta de estruturas clínicas de Lacan,¹⁰² propõe-se, em primeiro lugar, um diagnóstico conjectura! para determinar o campo de trabalho em nossos casos. A nova proposta consistirá em identificar os enunciados isolados do conjunto da lei que aparecem na estrutura, produzindo sintomas. Esses enunciados funcionam como **imperativos sobre mim**,¹⁰³ uma lei sem sentido que opera sobre o sujeito.

Processo:

99 Idem, p. 32. (tradução nossa).

100 Lacan, J. (1975-1976). Seminário 23. Versión crítica de Rodríguez Ponte (p. 33). (tradução nossa).

101 Eidelsztein, A. (2015). *Oiro Lacan*. (p.44). Letra Viva (tradução nossa).

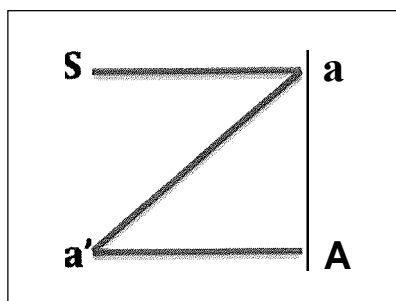
102 Este trabalho se orienta pelas propostas dos livros *Estructuras Clínicas I y II*, de Alfredo Eidelsztein.

103 SUPER = SOBRE: Este prefixo é a forma latina do espanhol *sobre-* e compartilha seus significados. Lacan brinca com este significado duplo da palavra e transforma **super-eu**, em **sobre-mim**.

- Estabelecer primeiro qual é a estrutura do campo (**A**)
- Diagnóstico conjectura!:
- NEUROSE
- PSICOSE
- Identificar o **enunciado isolado** do conjunto da lei que aparece nos sintomas.

No texto *De uma questão particular a todo tratamento possível da psicose*, Lacan propõe uma formulação da relação do sujeito com esse Outro: **oESQUEMAZ**.

É a forma como Lacan corrige o esquema **L**, para depois poder articular os esquemas **R**, **I** e o grafo do desejo.¹⁰⁴ É a proposta de uma substituição da tópica freudiana por uma nova concepção de espaço topológico apropriado ao novo inconsciente de Lacan - cadeia de significantes e articulado como uma linguagem. O Outro não é mais um sujeito, mas sim um lugar necessário.



[...]que o estado do **sujeito S (neurose ou psicose)** depende do que se desenrola no **Outro A**. O que nele se desenrola articula-se como um discurso (o inconsciente é o discurso do Outro)[...] ¹⁰⁵

[... **JA**, lugar de onde lhe pode ser formulada a questão de sua existência [...] como uma pergunta articulada: '**Que sou eu nisso?**', concernente a seu sexo e sua contingência no ser, isto é, a ele ser homem ou mulher, por um lado, e por outro, ao fato que poderia não sê-lo[...]] é sob a forma de elementos do discurso particular que essa questão no **Outro** se articula. Pois é por esses fenômenos se ordenarem nas figuras desse discurso que eles têm fixidez de **sintomas**, que são legíveis, e **se resolvem ao serem decifrados**. ¹⁰⁶

Esse jogo dos significantes, com efeito, não é inerte, já que é animado, em cada partida particular, por toda a história da ascendência dos outros reais que a denominação dos Outros significantes implica na contemporaneidade do sujeito. Mais ainda, **esse jogo**, na medida em que se institui como

104 Eidelsztein, A. (2010). *Modelos, esquemas y grafos en la enseianza de Lacan*. (p. 71). Letra Viva.

105 Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, In *Escritos*. Zahar.

106 Idem.

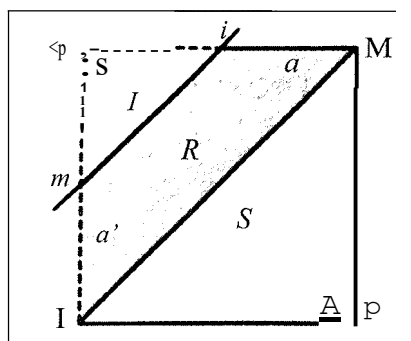
regra para-além de cada parte, já estrutura no sujeito as três instâncias -eu (ideal), realidade e **supereu** [...].¹⁰⁷

Pensar o **supereu** como sintoma implica que está determinado pelo jogo dos significantes no **campo do Outro**. Será necessário determinar os significantes que fazem parte desse campo (A), e a particular cisão desse campo que constitui o Supereu.

Esta investigação está em curso e, a partir desta proposta inovadora de Lacan sobre o conceito de *Supereu*, tentaremos pensar em consequências clínicas do seu uso em dois campos: as neuroses e as psicoses.

I. *Supereu* no campo das neuroses

Para poder pensar o funcionamento do *Supereu* nesse campo, recorreremos ao esquema R, proposto por Lacan para pensar a articulação dos três registros e a constituição da realidade nas neuroses. **Esquema R:**¹⁰⁸



O esquema R é a teorização da função paterna na articulação, no enlçamento peculiar do simbólico, o imaginário e o real que corresponde a neurose.¹⁰⁹ O esquema Ré uma superfície e um duplo temário: imaginário (I) e simbólico (S); linhas de condicionamento do objeto; circunscrevem o campo da realidade. O campo da realidade está fechado nas neuroses e constitui uma banda de Moebius.

Neste campo, temos a foraclusão do sujeito em sua realidade: **S** (acima no esquema, à esquerda) representa...

[...] sujeito em sua realidade, como tal foracluída no sistema e só entrando sob o modo do morto no jogo dos significantes, mas tomando-se o sujeito verdadeiro à medida que esse jogo dos significantes vem dar-lhe significação.¹¹⁰

107 Idem.

108 Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos*. Zahar.

109 Eidelsztein, A. (2018). *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*. Toro editora.

110 Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, In *Escritos*. Zahar.

Que o sujeito esteja foracluído no sistema significa que nada na estrutura pode responder à pergunta: O que sou? Opera aqui o significante do Nome-do-Pai, impedindo que um significante por si só represente o sujeito. Opera a Lei do A: um significante representa um sujeito, para outro significante.

A questão clínica, no seio do campo da neurose, é como o sujeito modula sua resposta perante a inexistência do significante que o representa. A histórica sustentará essa falta e o obsessivo a negará.¹¹¹

Desprende-se dentro do campo (A) esta **figura obscena e feroz**, que consiste em um enunciado isolado do conjunto. Produz sintomas, entre eles: **sentimento inconsciente de culpabilidade**.

A presença do significante no Outro é, geralmente, fechada ao sujeito, apresenta-se em estado reprimido. Isto implica que o *Supereu* só será reconhecido, por efeito da leitura e interpretação do analista, quando se apresentar no discurso do paciente por via dos automatismos de repetição.

Proponho pensar estas ideias com dois casos:

Caso 1

Para pensar o funcionamento no campo das neuroses propomos a leitura de um caso do próprio Lacan em seu *Seminário Livro J*.¹¹² Lacan passa a articular este novo conceito de *Supereu*, a seguir, no texto do caso:

Este sujeito, então, isolou do conjunto da lei, de modo privilegiado, **este enunciado. Depois, apareceu em seus sintomas** [] Para ele, ela está no centro de toda uma série de expressões inconscientes sintomáticas, inadmissíveis, conflituosas, vinculadas a essa experiência fundamental de sua infância. [] Um **enunciado discordante**, ignorado na lei, um enunciado situado no primeiro plano por um acontecimento traumático, que reduz a lei a uma emergência de caráter inadmissível, **não integrável: eis aqui essa instância cega repetitiva, que habitualmente definimos com o termo supereu**.¹¹³

A direção da cura consistirá em identificar esses enunciados privilegiados isolados do conjunto da lei que aparecem na estruturação dos sintomas. A localização no esquema R será: em A.

111 Eidszstein, A. (2017). *O grafo do desejo*. (p. 96). Letra Viva.

112 Lacan, J. *E/ Seminário Livro 1*. (p. 290). Paidós.

113 Idem. (tradução nossa).

Caso2

Este segundo texto para pensar no conceito do *Supereu* não é propriamente um texto clínico. Provém do site *Humans of New York (HONY)*. Podemos pensar que o autor destes textos consegue estabelecer um **sujeito**: consegue selecionar uma série de cadeias discursivas, de tal forma que nos permite articular um problema. Na teoria de Lacan, um sujeito não é uma pessoa de carne e osso; é poder estabelecer um *subject*¹¹⁴, um tema; poder descrever um **problema a ser trabalhado**. De alguma forma, o autor deste site sabe como entrevistar indivíduos, escutar suas histórias, fazer perguntas pertinentes, ajudá-los a historizar um problema. Oferece-nos interessantes tramas textuais:

Talvez tenha sido a cultura chinesa. Talvez, foram apenas suas inseguranças. Mas minha mãe amava quando me elogiavam. Se me saía bem na escola, ela queria saber exatamente o que meus professores disseram sobre mim. Ela me pedia para lembrar as palavras exatas. E quando lhe dizia, ela perguntava: "O que acha que eles queriam dizer com isso?" Ela ficava feliz escutando essas coisas. Ela tinha as melhores intenções, mas ela estava me treinando para me fixar nas opiniões dos demais. Analisar cada palavra. Repassá-las, uma e outra vez, na minha mente. Tinha uma pergunta que ela amava fazer: "Você está incluído?" Soa ainda mais simples em chinês. Literalmente significa: "Te têm?" **Escutei essa pergunta tantas vezes que se tornou cimento. Converteu-se no meu próprio diálogo interno. E ainda a escuto toda hora.** Escuto no trabalho. Escuto quando me levanto às 5 a.m., e não posso voltar a dormir, porque fico preocupado se acidentalmente incomodei meu chefe. **E não só escuto as palavras da minha mãe. É seu tom. É sua voz.**¹¹⁵

Podemos ler neste texto a frase cindida que opera como *Supereu*, imperativo sobre o sujeito: **"Você está incluído?"**. Essa frase faz parte do universo do discurso no qual este sujeito é apenas um efeito do significante, e se submete aos imperativos que recaem sobre ele.

IL Supereu no campo das psicoses

É possível pensar um *Supereu* operando neste campo? Tentaremos argumentar nesta direção. Neste trabalho, vamos nos limitar às ideias apresentadas por Lacan, nos seus *Seminário 3*, *Seminário 6*, e em seus *Escritos*.

Vamos trabalhar o campo das psicoses como oposto ao campo das neuroses. Precisamos compreender como funciona a realidade no campo das neuroses e poder diferenciá-la da sua distorção nas psicoses.¹¹⁶

114 "Assunto" em português

115 *Humans of New York*. July 29, 2019. (tradução nossa).

116 Eidelsztein, A. (2008). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan I.* (p. 185). Letra Viva.

Como trabalhamos na seção anterior, o esquema R determina o campo da realidade nas neuroses como fechado; resultante da articulação entre os três registros:

O enquadre do campo da realidade depende da relação que tem entre si o Simbólico, o Imaginário e o Real, em seu enlaçamento através da legalidade do pai, ou seja, a estrutura da realidade depende da extração ou não do objeto *a*.¹¹⁷

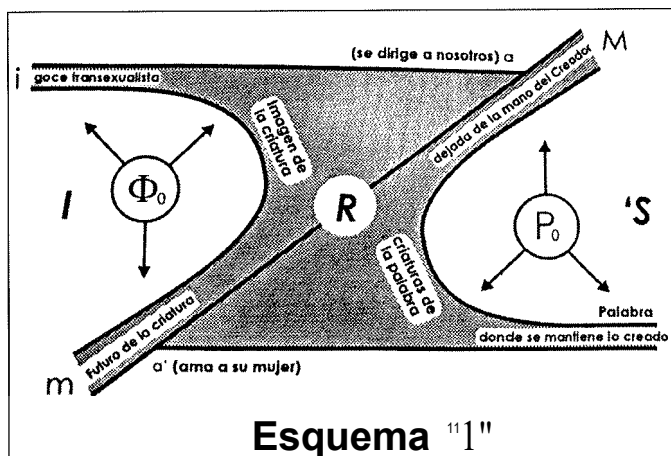
A legalidade do pai significa que opera na estrutura (A) o significante Nome-do-Pai (P) para cada sujeito particular. O pai é um puro significante, Lacan nos diz, e sua operação produz simultaneamente três efeitos:¹¹⁸

- a. A barrado: A.
- a. Sujeito barrado: \$
- a. Extração do objeto *a*

Por não operar este significante fundamental nas psicoses, a estrutura da realidade está infinitizada, como veremos no esquema I, e podem se apresentar formas suplentes para tentar limitá-la. Como consequência desta operação, a estrutura da realidade não se fecha

Nas psicoses nos encontramos com a forclusão do significante:

No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode, pois, responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica.¹¹⁹



117 Idem. p. 187. (tradução nossa).

118 Eidselstein, A. (2020). Apresentado en su Seminario de Casos Clínicos, sei. 2020.

119 Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, In *Escritos*. Zahar.

O que caracteriza esta estrutura?

O próprio fundamento da estrutura paranoica é que o sujeito compreendeu alguma coisa que ele formula, a saber: que alguma coisa tomou forma de palavra falada, que lhe fala. Ninguém, é claro, duvida que seja um ser fantasmático, nem mesmo ele, pois ele está sempre em situação de admitir o caráter perfeitamente ambíguo da fonte das palavras que lhe são endereçadas. É a respeito da estrutura desse ser que fala ao sujeito, que o paranoico lhes traz o seu testemunho. [...]

Qual será essa parte, no sujeito, que fala? A análise diz - é o inconsciente. Naturalmente para que a questão tenha sentido, é preciso que vocês tenham admitido que esse inconsciente é algo que fala no sujeito, além do sujeito, e mesmo quando o sujeito não o sabe, e diz isso mais do que crê. A análise diz que nas psicoses é isso que fala. Será suficiente? Absolutamente que não, pois toda a questão é a de saber como isso fala, e qual é a estrutura do discurso paranoico.¹²⁰

No campo das psicoses, o *Supereu* se apresenta operando como um objeto, como fenômenos de **voz**. Apresenta-se como uma das formas de "**esse ser que fala ao sujeito**".

Certos fenômenos da voz, nomeadamente os da psicose, têm mesmo essa faceta do objeto. E a psicanálise não estava longe, em sua aurora, de referi-los à voz da consciência.¹²¹

Neste campo, o *Supereu* se apresenta como **um objeto-voz**.

Esquema I (psicose):¹²² a figura obscena e feroz se desprende por fora do campo R - realidade. Imperativos, mandatos, lei sem sentido que fala com o sujeito: *algo fala ao sujeito*, diz Lacan, em seu *Seminário 3*. De fora de R, chega **um chamado ao sujeito, um imperativo cai sobre ele**. O que essa voz diz?

Em alguns casos,¹²³ pode se apresentar como: **imperativo a SER**. Aparece um **chamado**, uma resposta à pergunta pelo ser do sujeito. A forclusão do significante do Nome-do-Pai, neste campo, produz funcionamentos anômalos de significantes que podem aparecer como **uma resposta à pergunta pelo ser**.

A: el lugar desde dónde puede plantearse la cuestión de su existencia.

120 Lacan, J. (1992). *Seminário 3*. Aula 3. Zahar.

121 Lacan, J. (1998). Kant com Sade, In *Escritos*. Zahar.

122 Idem.

123 O campo da psicose não permite generalizações que se apliquem a **todos** os casos.

'Que sou eu nisso?', concernente a seu sexo e sua contingência no ser, isto é, a ele ser homem ou mulher, por um lado, e por outro, ao fato de que poderia não sê-lo [...] Que a questão de sua existência inunde o sujeito, suporte-o, invada-o [...].¹²⁴

Nem sempre a questão acerca de sua existência que invade o sujeito é o **empuxo à mulher** como podemos observar no caso Schreber, trabalhado por Freud e comentado por Lacan. Pode se apresentar como um **empuxo ao ser**. Surge um chamado, um imperativo que interpela o sujeito. Um chamado para o qual o sujeito não encontra uma saída: o sujeito deve responder a esse imperativo. Pensar seu lugar fora da realidade (**R**) no **esquema I**. Neste esquema, o lugar de A do esquema **R** foi substituído por I (Ideal do eu).

O conceito de **figura obscena e feroz** de Lacan pode nos orientar nestes problemas clínicos que implica o campo das psicoses. **O supereu é coercitivo** destaca Lacan. Esses casos expressam uma **coerção a ser**. Podemos pensar que o campo da psicose nos permite localizá-lo "a céu aberto"?

É uma cisão do sistema simbólico... como o localizamos?

Fica localizado fora da realidade (R): **no furo**.

[...] o furo cavado no campo do significante pela forclusão do Nome-do-Pai. É em tomo desse buraco em que falta ao sujeito o suporte da cadeia significante, e que não precisa, como se constata, ser inefável para ser pânico, que se trava toda a luta em que o sujeito se reconstrói.¹²⁵

Exemplos clínicos¹²⁶

1. Caso Schreber de Freud: as vozes lhe dizem, *você é uma mulher*; as vozes disseram que *estava morto*; o Deus inferior o interpela e diz: *Luder!* (neologismo: vadia ou puta). Lacan nos diz, nesse texto, que essas impertinências vêm do simbólico, do grande Outro.
2. Caso de Lacan, no Seminário 3: "porca".¹²⁷ Irrupção desde o real sob a forma de cadeia quebrada.
3. Vídeo no programa *Red Tabltyf Talk*: chamado de Deus *você é uma mulher*
4. O vídeo relata a experiência de um homem religioso, líder espiritual de uma Igreja evangélica nos EUA: "*Foi um chamado. Chorei e gritei a Deus. Quem você acha que é para me chamar para isso?*"¹²⁸ *Vou*

124 Lacan, J. (1998). Op. Cit.

125 Idem.

126 Ver ANEXO para exemplos e texto.

127 Lacan, J. (1981). *E/ Seminario Libro 3*. (p. 78). Paidós.

128 Chamado a ser mulher.

perder tudo. Minha família vai sofrer. Mas sabia que tinha recebido um chamado, e se alguém rejeita um chamado está sob sua própria conta e risco.

5. Kanye West: chamado de deus para ser presidente dos Estados Unidos, após escutar sua voz enquanto estava no chuveiro. Deus lhe enviou uma mensagem também através do seu computador. Durante a apresentação da sua candidatura sofreu um surto psicótico.¹²⁹

Supereu: objeto voz nas psicoses

No Seminário 6, na aula 21, Lacan nos diz que, no lugar em que se produz a interrogação do sujeito sobre o que quer de verdade, aparece algo que provém do registro imaginário, uma parte de si mesmo na medida em que está comprometido na relação imaginária com o outro: o **a** enquanto **objeto do desejo**.

No momento em que o sujeito se desvanece perante a carência do significante que responda por seu lugar no Outro aparece esse objeto suporte, parte de um complexo que Lacan chama de **fantasma**. O sujeito substitui a carência do significante no Outro com esse resto, que ele mesmo supre e aporta para seu resgate. O fantasma consiste no \$, enquanto marca de *fading* do sujeito, em que não pode se autenticar no nível do discurso do Outro, e o surgimento como suplência desse elemento **imaginário a**.

Nesse Seminário, Lacan propõe três espécies localizadas de **objeto a** que nos permitem captar como o sujeito opera com significantes que extrai de sua própria substância:

Objeto pré-genital (oral, anal): objeto de corte, manifestam estrutura de corte. O \$ se encontra, ele mesmo, situado como tal no significante: estm-turado pelo corte, ele é o corte.

1. **O falo:** objeto interessado no complexo da castração. Todos os **a** têm a mesma função, neste nível artificial de exposição.
1. **O delírio do sujeito**, espécie de objeto que cumpre exatamente a mesma função perante o fading. Esta terceira espécie do **objeto a** é a apresentada como novidade neste texto, e a que nos interessa para pensar o funcionamento do *Supereu* no campo das psicoses.

Lacan nos convida a pensar a função da **voz no delírio**, que responde às exigências formais desse **objeto a**:

Acredito que é na medida em que tratamos de ver em que **a voz no delírio** responde muito especialmente às exigências formais deste **a**, enquanto pode ser elevado à função significante do corte, do intervalo como tal, que

compreendemos as características fenomenológicas desta voz. O sujeito produz a voz. E direi mais: teremos que fazer intervir esta **função da voz** na medida em que fazendo intervir o peso do sujeito, o peso real do sujeito no discurso. Na formação da **instância do supereu**, há de se fazer entrar no jogo a **grossa voz** como algo que representa a instância de **um Outro manifestando-se como real**.¹³⁰

Aqui, a voz se apresenta como **articulação pura**. Para o sujeito delirante:

[] nada mais firme para ele que a consistência e a existência da voz como tal. E, seguramente, é justamente porque ela está reduzida sob sua forma mais contundente ao ponto puro, onde o sujeito só pode agarrá-la **impondo-se a ele**.¹³¹

E descreve claramente a relação do sujeito com essas vozes no campo das psicoses:

Se o sujeito se sente eminentemente **interessado por essas vozes**, por essas frases sem pé nem cabeça do delírio, é pela mesma razão que em todas as outras formas deste objeto que hoje enumerei, é no nível do corte, é no nível do intervalo que ele se fascina, que ele se fixa para sustentar-se nesse instante onde, propriamente falando, **examina-se e interroga-se como ser, como ser de seu inconsciente**.¹³²

Conclusão

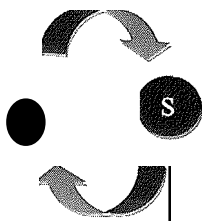
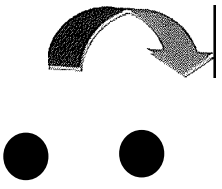
A voz no delírio se apresenta com as características formais do **objeto a** na teoria de Lacan, e é uma das formas possíveis em que o *Supereu* se apresenta nas psicoses. É uma das formas nas quais o Outro (*Isso fala*) se apresenta no real. Esta **voz-objeto** se impõe ao sujeito e o interroga no mais profundo do seu ser, como ser do seu inconsciente.

130 Lacan, J. (1958-1959). *Seminário 6*. Versión crítica de Rodríguez Ponte (p. 132). (tradução nossa).

131 Lacan, J. (1958-1959). Idem. Versión crítica de Rodríguez Ponte (p. 133). (tradução nossa).

132 Idem. (tradução nossa)

Quadro-resumo da proposta do supereu de Lacan nas estruturas clínicas:

Neuroses	Psicoses
• RSI: 3 registros vinculados (N. do Pai) • Enunciado isolado, imperativo -> sintomas • Foraclusão do sujeito: nenhum S_1 responde à pergunta pelo ser do sujeito • Figura obscena e feroz: em A • Sintoma na cadeia significativa (S1-S2) 	• RSI: desenlace dos 3 registros • Imperativo: pode se apresentar como IMPERATIVO A SER • Foraclusão do significante do Nome-do-Pai: pode aparecer um S_1 que responda ao ser do sujeito • Figura obscena e feroz fora do campo da realidade no esquema 1 - no furo • Pode se apresentar: 1. REAL: alucinação (ex. vídeo) 2. IMAGINÁRIO: significação delirante 3. SIMBÓLICO: Neologismo (ex. Luder!)
	

Esta nova proposta do *Supereu* funciona?

A chave é aquilo que abre e que, para abrir, funciona.¹³³

Seu uso clínico, como faca na função de corte e produzindo efeitos na clínica do psicanalista, o dirá.

METÁFORA PATERNA X COMPLEXO DE ÉDIPO

Flávia Dutra

Uma consideração fundamental a fazer de partida é sobre o *pai*. Qual é o pai em questão? A depender do modelo teórico em consideração, o pai pode ser um homem ou um nome.

A ideia de pai em Freud tem como referência o pai da *horda primeva* no mito de seu assassinato. Este mito sustenta que na origem havia um macho - uma espécie de protótipo de *homo sapiens* - que possuía todas as fêmeas do grupo mediante o uso da força. Os machos jovens, irmãos, tendo sido expulsos da horda pelo pai macho alfa, certa ocasião se juntaram, assassinaram e devoraram o pai. E, a fim de não se matarem todos entre si, pactuaram um sistema legal de posse das fêmeas. Para Freud, o pai representa o poder máximo, a onipotência, a partir da qual o homem concebe a ideia de Deus, passando por estádios prévios - totemismo seria o primeiro deles

Aqui nos deparamos com um primeiro problema: o acontecimento do Édipo estaria determinado por um modelo original que operaria como um princípio primário, conduzindo-o (Édipo) à via exclusiva do retomo. O que redundaria na replicação indeterminada da filogênese pela ontogênese, estabelecendo assim seu caráter universal. Tal cadeia explica a universalidade dos sentimentos inconscientes de culpa - originados no assassinato do pai da horda - e das fantasias fundamentais do coito sádico, parto cloacal, premissa universal do pênis -as protofantasias. E, uma vez estabelecida como hermenêutica no trato dos sintomas clínicos, volta-se ao Édipo, sempre, para explicá-los. Além disso, nesta perspectiva não caberiam outros modelos de família que não o do macho com a fêmea e sua prole. Ao olhar contemporâneo, uma contribuição ao preconceito heteronormativo.

O mito da *horda primeva* - considerado por Lacan como uma fantasia neurótica - estabelecia, para Freud, um grande parâmetro das relações com a figura paterna - o pai, no Édipo, é um substituto do pai da horda.

Para Lacan todo acontecimento relativo ao *fallasser*¹³⁴ deve estar prece-dido pela dimensão da lei e do pacto. Trata-se de um problema lógico: seria um contrassenso supor que se poderia pactuar a lei primeira, já que só é possível pactuar qualquer coisa se a lei já estiver operando previamente. Só seria possível, então, pactuar uma modificação. A condição mínima necessária para

o advento do sujeito é a existência prévia da ordem simbólica e de outros sujeitos. É evidente, aqui, o criacionismo de Lacan e o evolucionismo de Freud.

Freud e Lacan partem de princípios distintos: a morte (assassinato) para o primeiro, a ordem simbólica para o segundo. Daí temos que pai, para Lacan, é um significante. Significante da lei e da procriação. Porque chama de Nome-do-Pai a esse significante? Ele toma a designação do significante do Nome-do-Pai da religião cristã, que postula que *no princípio era o verbo*. A relação entre o pai concebido como puro significante e Deus - que também é um significante - se estabelece a partir da noção de criação. O cristianismo sustenta a ideia da criação ex-nihilo como o que caracteriza a obra de Deus. Lacan propõe o mesmo para a linguagem: a criação ex-nihilo do significante. O significante cria e Deus é o nome que se deu ao significante que cria por excelência. A procriação é atribuída ao pai por efeito do deslocamento de uma função do significante, que é a função de criação - o significante está na gênese do significado. O significante do Nome-do-Pai deve necessariamente operar para que se inscreva que a função da criação provém do significante.

Emile Benveniste traz uma contribuição preciosa sobre esses dois registros de pai: o homem e o nome. Seu livro *Vocabulário das instituições indo-européias* (1969) é resultado de uma série de investigações que tem por objeto o vocabulário indo-europeu. Entre as línguas do mundo, as da família indo-europeia são objeto das investigações mais extensas devido à sua existência espalhada no tempo e no espaço - da Ásia Central ao Atlântico, por quase 4 milênios. As línguas desta família estão vinculadas a culturas bem diferentes e muito antigas, e contam com uma vasta e valorosa literatura. O indo-europeu se define por uma família de línguas saídas de uma língua comum - que o linguista holandês Marcus Zuerius chamou de *Cita* - e que foram se diferenciando por uma separação gradual. Decompondo-se ao longo dos séculos em uma série de histórias distintas, cada uma das quais é a história de uma língua em particular.

Benveniste mostra como os vocábulos, a princípio pouco diferenciados, foram assumindo progressivamente valores específicos, constituindo-se em conjuntos que produziram uma mudança profunda das instituições. Instituição refere-se ao conjunto articulado de significantes de uma língua - como uma trama ou rede - que é mais ou menos estável no tempo e forma as noções, os temas, as referências de uma cultura e sociedade. São essas noções que dão sustentação à estrutura social, que regem os costumes, tais como as noções de justiça, de amor, de democracia, de família, de paternidade, de maternidade etc. Assim, aqueles vocábulos primevos, a princípio pouco diferenciados, foram evoluindo e gerando novas concepções e atividades. Este processo, que ocorre no interior duma língua, pode atuar também sobre outras línguas pelo contato entre culturas.

Os termos relativos ao parentesco figuram entre os mais estáveis e melhor assentados do indo-europeu, porque coincidem em quase todas as línguas desta família e são deduzidos por correspondências claras. Segundo Benveniste, eles cumprem todas as condições favoráveis para um estudo detalhado. Os termos para pai, mãe, irmão e irmã, são claros e constantes, já filho é chamado de diversas formas e os nomes que recebe se renovam com frequência.

De todos os termos de parentesco, a forma mais assegurada é a de *pai*. O termo *pater* (pai) aparece em sânscrito, armênio, grego, latim, irlandês antigo, gótico, tocário. Só duas dessas formas se diferem do modelo comum: em irlandês e em armênio, que têm uma alteração no *p* inicial. *Pater* não aparece em hitita, nem em eslavo antigo. Benveniste pergunta-se por quê? Em hitita existe o termo *afta* para pai e em eslavo antigo uma variação de *atta* derivada de *attikos*. Não nos interessa entrar nos detalhes da análise linguística dos termos, mas sim nas questões que o autor coloca a partir disso: a que se deve que *pater* não apareça em hitita nem em eslavo antigo? Dizer que *atta* é uma forma familiar de *pater* não responde a essa questão. Aliás, a obtura.

O verdadeiro problema é muito mais importante: *pater* designa própria e exclusivamente a paternidade física? O termo *pater* se impõe ao emprego mitológico. É a qualificação permanente do deus supremo dos indo-europeus. Figura em vocativo no nome divino Júpiter: a forma latina Júpiter saiu de uma fórmula de invocação: 'dyeu pater',¹³⁵ que abarca exatamente o vocativo grego 'Zéu páter'.¹³⁶

O termo *pater* tem um emprego divino, mitológico e *afta* se refere à paternidade física. Benveniste afirma que o campo desta apelação divina é bastante amplo para que se refira exclusivamente ao período indo-europeu o emprego mitológico desse nome do pai. Nesta figuração - *pater*- a paternidade física está excluída. *Pater* está fora do parentesco estrito e não pode designar ao pai no sentido pessoal. Uma advertência: não se passa tão facilmente de uma acepção à outra - de *pater* a *atta*. Trata-se de duas representações distintas que podem, segundo as línguas, mostrar-se irredutíveis uma à outra. Assim é, também, para Lacan. .

Não se passa tão facilmente de papai (*atta*) a pai (*pater*) nem de pai a papai. É a isso que Lacan se refere quando diz que se o complexo de Édipo se realiza, funciona de forma patogênica, daí a considerá-lo nada normativizante.¹³⁷

Passar de um para o outro (*pater* a *atta*) é um sinal patognomônico, segundo Lacan. Se o papai de alguém é a encarnação da lei, isso é sinal de

135 'Pai do céu'

136 Benveniste, E. (1983). *Vocabulario de las Instituciones Indoeuropeas*. Taurus. (tradução nossa).

137 Lacan, J. (2008). *O mito individual do neurótico*, 4. Jorge Zahar Editor.

problema. Vejam-se as psicoses, onde encontramos a indiferenciação entre A (ordem simbólica) e O (a encarnação da ordem simbólica por alguém).¹³⁸

Para dar visibilidade à diferença entre *pater* e *afta*, Benveniste traz as observações de um missionário (Ivens), que relatou sua experiência no Pacífico ocidental. Ao tentar traduzir os evangelhos para o melanésio, sua maior dificuldade foi traduzir o *Pai Nosso*, porque nenhum termo melanésio correspondia à conotação coletiva de pai. Benveniste o cita:

A paternidade, nessas línguas, não é mais que uma relação pessoal e individual.¹³⁹

Um pai universal é inconcebível entre eles. A divisão indo-europeia entre *pater* e *atta* responde, em linhas gerais, ao princípio do pai individual e pai coletivo. *Pater* era um termo classificatório, enquanto *afta* referia-se ao pai que educa e cuida. Daí se deduz a diferença entre ambos. Os dois puderam coexistir e coexistem amplamente em nossa língua. Se *atta* prevaleceu em certas línguas, é provavelmente consequência de trocas profundas nas concepções religiosas e na estrutura social. Nas sociedades onde só se usa *afta*, não ficaram vestígios da antiga mitologia onde reinava um deus pai. A pesquisa de Benveniste nos permite estabelecer uma distinção claríssima entre o pai físico e o Nome-do-Pai. Distinção também destacada reiteradamente por Lacan. Em uma dessas ocasiões, afirma haver sempre uma discordância muito nítida, percebida pelo indivíduo, entre o plano da realidade (papai/atta) e a função simbólica (Nome-do-Pai).¹⁴⁰

Lacan pergunta sobre o que é um pai no complexo de Édipo¹⁴¹ e responde que o pai é simbólico, é uma metáfora, eliminando assim a coincidência necessária com o pai biológico - *atta*. O pai é real na medida em que as instituições¹⁴² lhe conferem seu nome de pai. Que o pai seja o procriador não é uma verdade da experiência. Melhor dito: o pai não vem da experiência da procriação e sim de uma atribuição das instituições - pai é aquele que é designado como pai pelas instituições. Importante notar que o que Lacan estabelece como pai real - a dimensão real do pai - é determinado pelo nome.

O importante não é as pessoas saberem que uma mulher só pode engravidar quando pratica o coito, mas sancionarem num significante que aquele com quem ela praticou o coito é o pai.¹⁴³

138 Eidselstein, A. (2011). *Las estructuras clinicas a partir de Lacan*, /-li. Letra Viva.

139 Benveniste, E. (1983). Op. cit.

140 Lacan, J. (2008). Op. Cil.

141 Lacan, J. (1999). *Seminário 5*. Aula, 15/01/1958. Jorge Zahar Editor.

142 Tal como Benveniste as concebe. Vide pag. 2

143 Lacan, J. (s.d.) *Seminário 5*. Aula, 22/01/1958. Op.Cit.

O pai não depende da conexão entre coito e parto. É perceptível o esforço de Lacan em transpor a noção freudiana - ou do senso comum - de pai, de modo a estabelecer a sua consideração como um significante. O Nome-do-Pai é uma necessidade da cadeia significante, independe da forma que o pai assume em cada cultura.

Em quê o significante do Nome-do-Pai se distingue dos demais significantes? Distingue-se dos demais na medida em que ele é o representante da lei no Outro. Que lei é essa que este significante representa, já que sua forclusão - no caso das psicoses - não produz necessariamente um criminoso, bandido ou transgressor? Para responder a essa questão é necessário distinguir, como fizemos com o pai, dois registros da lei: *Dike*¹⁴⁴ e *Thémis*.¹⁴⁵

Dike - grego - ou *ius* - latim - refere-se à lei dos homens. Designa o código legal (civil, comercial, penal etc). São as normas que regem os vínculos entre os indivíduos e a vida em sociedade. Em *Thémis* encontramos o fundamento moral e religioso de toda sociedade: corresponde à lei divina - à qual Antígona apela e defende - e funciona como uma espécie de ordenação do mundo. *Thémis* refere-se ao fundamento do cosmos, firmando um mundo fechado regido por uma ordem. Com *Thémis* conta-se com uma espécie de regência suprema de todas as coisas: natureza, sociedade, cultura, religião etc. Uma cosmogonia - a saber: um corpo de doutrinas, princípios, que se ocupa em explicar a origem, o princípio do universo e seu funcionamento.

A lei que o Nome-do-Pai representa é *Thémis*, e não *Dike*.

Complexo de Édipo

Para Freud trata-se de um programa inato, hereditário e universal.¹⁴⁶ Freud descreve o Édipo no menino (desculpando-se diversas vezes por não ter avançado o suficiente em relação às meninas): todo menino sente um impulso libidinal de origem orgânica por sua mãe, retratado por um desejo incestuoso.

[...]os primeiros impulsos libidinais possuem uma intensidade que lhes é própria.

afirma em seu texto sobre a sexualidade feminina (1931). Tais impulsos são orgânicos e desencadeados pelo programa. O menino deseja sua mãe. O pai é seu rival, na medida em que também é desejante e possuidor da mãe. Por ser o detentor daquilo que o menino deseja, o pai se converte em agente

144 Lacan, J. (1991). *Seminário 7*. Aula 01/06/1960. Jorge Zahar Editor.

145 Benveniste, E. (1983). Op. Cit.

146 Freud, S. (1980). A dissolução do complexo de Édipo, In *Obras completas*. Imago Editora.

interditar do incesto, separando o objeto de desejo através da lei. De modo que o desejo está lá de antemão e o pai barra-o - impedindo o acesso erótico do filho à sua mãe colocando-se no meio do caminho. Se o pai é um rival ele - em pessoa, um homem - tem que estar lá entre o menino e sua mãe. É ele o detentor da mãe e da lei! Réplica do pai da horda. A saída desse conflito para o menino se dá pela ameaça de castração.¹⁴⁷ Bem diferente da menina que tem na castração a porta de entrada ao Édipo, de onde jamais sai. '

Como se trata de um programa inato, como ficam as particularidades de cada caso? Estas dependem das vivências, dos acidentes de percurso, das fixações que podem acontecer no decurso do desenvolvimento libidinal. As fixações são determinadas pela quantidade de energia retida em determinada fase, deixando marcas irrevogáveis. A castração em jogo no curso normal do Édipo é a do menino, porque é sobre ele que paira a ameaça, é ele quem perde a mãe e fica marcado pela angústia de castração. Para Lacan, ao contrário, a castração é do Outro, A - e o Outro é o campo da linguagem.

Em relação ao Édipo feminino, Freud o considerava um caso à parte que merecia ser mais estudado. Ainda que seja possível atribuir ao Édipo feminino uma organização fálica e um complexo de castração, o processo não coincide com o dos meninos. Vejamos algumas de suas ideias sobre o tema:

Aqui a exigência feminista de direitos iguais para os sexos não nos leva muito longe, pois **a distinção morfológica está fadada a encontrar expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico.** 'A anatomia é o destino', para variar um dito de Napoleão.¹⁴⁸

Inteiramente diferente são os efeitos do complexo de castração na mulher. Ela **reconhece o fato de sua castração** e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável.¹⁴⁹

Quando a menina descobre a **sua própria deficiência**, por ver um órgão genital masculino, é apenas com hesitação e relutância que aceita esse desagradável conhecimento.¹⁵⁰

Ao constatar sua *deficiência* aferra-se à esperança de um dia ter um órgão assim! O desejo por um pênis é o desejo feminino *par excellence*¹⁵¹ e redunda na inveja do pênis - *penisneid* - que em muitas jamais é superada. A feminilidade é uma condição depreciada, razão pela qual a menina culpa

147 Op. Cit.

148 Ibid.

149 Freud, S. (1980). Sexualidade feminina. In *Obras completas*. Imago Editora.

150 Ibid.

151 Freud, S. (1980). Conferência XXXIII. A feminilidade. *Novas Conferências introdutórias sobre psicanálise*. In *Obras completas*. Imago Editora.

sua mãe -por tê-la feito assim - e a despreza ao mesmo tempo, por ser também assim, deficiente como ela. Por esta razão, Freud situa a vergonha como uma característica essencialmente feminina, tendo como finalidade ocultar sua *deficiência genital*. A *vaidade física* das mulheres corresponderia a uma *compensação tardia por sua inferioridade sexual original*. Assim como seu *pouco senso de justiça* se deve à *predominância da inveja em sua vida mental*. Sua capacidade em sublimar as pulsões é menor que a dos homens, o que as toma mais débeis em seus interesses sociais.¹⁵²

Para Freud, a natureza das mulheres é determinada por sua função sexual. Contudo para a nossa sorte! - e apesar da influência da função sexual em sua natureza se estender por demais, Freud não despreza *o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos*.¹⁵³ Um verdadeiro alívio saber que nos resta o consolo, ao menos, de ainda sermos consideradas criaturas humanas!

Tendo em vista a potência discursiva da psicanálise freudiana, esta é, indubitavelmente, uma tremenda contribuição para o patriarcado e o machismo! Bem se nota, em sua concepção do Édipo feminino, o forte biologicismo freudiano. Flagrante aqui, mas presente ao longo de toda a sua obra.

Da atitude de reconhecimento da castração abrem-se 3 linhas de desenvolvimento para o Édipo feminino:

1ª) o abandono da sexualidade em geral.

2ª) o aferramento ao complexo de masculinidade, resultando na homossexualidade e renitência da inveja do pênis (*penisneid*).

3ª) a assunção da *atitude feminina normal final*, resultando na resignação da sua condição de castrada com a troca do pênis invejado por um bebê - presenteado por quem tem pênis.

Chega a hora da dissolução programada, *tal como os dentes de leite*, do Complexo de Édipo. Seus caminhos:

1. para as meninas: experiência de desapontamentos penosos, a ausência da satisfação esperada de ter o pênis ou um bebê.

Os dois desejos possuir um pênis e um filho - permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para o seu papel posterior.¹⁵⁴

2. para os meninos: ameaça de castração.

152 Ibid.

153 Ibid.

154 Freud, S. (1980). A dissolução do complexo de Édipo. Op. Cit.

O complexo de Édipo não é superado pela mulher, o que deixa um déficit em seu caráter como ser social,¹⁵⁵ uma lassidão ética e uma frouxidão superegoica - dependente de suas origens emocionais. Por esta razão demonstram *menor senso de justiça que os homens e menor aptidão a submeterem-se às grandes exigências da vida*. Bem diferente dos homens, portadores de um superego *inexorável, impessoal*.¹⁵⁶

Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor.¹⁵⁷

Restaria à mulher resignar-se à sua condição de "deficiente moral" por lhe faltar um pênis...

E, por fim, o complexo de Édipo é recalçado pelo Eu, mas pode permanecer em estado inconsciente no Isso, manifestando mais tarde seu efeito patogênico. O Édipo torna-se, para o freudismo, a chave de leitura dos sintomas clínicos.

Metáfora Paterna

O complexo de Édipo, para Lacan, corresponde a um mito. O mito individual do neurótico dá conta da origem do sujeito mediante um fato histórico, transformando a falta estrutural numa contingência histórica. É uma manobra neurótica substituir um efeito da estrutura pela história familiar. Contudo, nenhuma contingência histórica pode explicar a incompletude da estrutura.¹⁵⁸ Isto não quer dizer, em absoluto, que a história deva ser desconsiderada na análise. Não existe estrutura sem história, assim como não há acesso à estrutura de um caso particular que não seja pela via da elaboração histórica; mas a história não dá conta da falta, inerente à estrutura da linguagem, ao conjunto dos significantes, que se escreve S(A) - significante da falta no Outro - e não é realizada por ninguém.

Lacan se refere ao Édipo como uma contingência, o acaso do encontro com uma mãe, um pai, com os acontecimentos familiares e a narrativa novelasca: uma mãe assassinada, avós imigrantes, pai alcoolista, segredos, mentiras etc. Essa história casual a chama de Édipo.

155 Freud, S. (1980). Sexualidade feminina. Op. Cit.

156 Freud, S. (1980). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Obras completas*. Imago Editora.

157 Ibid.

158 Eidszstein, A. (2011). *Las Estructuras clínicas*. Op.Cit.

Lacan afirma que todo o esquema do Édipo deve ser criticado.¹⁵⁹ Para ele, pai é um significante que substitui outro significante, sendo assim não pode ser ninguém em especial. É nesse nível - do funcionamento do significante - que os psicanalistas devem procurar as carências paternas, *não irão encontrá-las em nenhum outro lugar*.¹⁶⁰ Ou seja, a carência paterna que importa para os psicanalistas, a que conta em sua prática, é a carência do significante do Nome-do-Pai.

Aqui chamamos de lei aquilo que se articula propriamente no nível do significante, ou seja, o texto da lei. Não é a mesma coisa dizer que uma pessoa deve estar presente para sustentar a autenticidade da fala e dizer que há alguma coisa que autoriza o texto da lei. Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro.¹⁶¹

O significante do Nome-do-Pai representa a lei no Outro e opera dentro da bateria dos significantes. Portanto, não interdita o desejo incestuoso - esse suposto desejo que figuraria desde as origens. A verdadeira função do Pai é unir e não opor- um desejo à lei.¹⁶² O desejo não é causado ou produzido pelo significante do Nome-do-Pai. O desejo não é *vontade de*, é estar causado por uma falta. O significante do Nome-do-Pai, tampouco é o que barra A. Supor que um significante seja causador da falta no Outro seria supor um Outro do Outro. Um senhor do Outro matemo, como acontece no Édipo. Se alguém priva o Outro onipotente, então este não é onipotente mas sim aquele que o priva! Sendo assim, a onipotência passaria da mãe para o pai, não seria dissolvida. Não há Outro do Outro porque o Outro, enquanto ordem simbólica, carece de outra ordem que o garanta no ponto em que ele mesmo apresenta uma falta- S(A). Este significante indica que o Outro (A) não é um todo, completo e o significante que inscreve essa falta - S(A)- não é um significante como outro qualquer. S(A) é distinto de todos os demais significantes de A e, por isso, não obtura a falta que inscreve.

A metáfora paterna é uma metáfora, ou seja: uma operação de linguagem. Metáfora, por definição, é uma figura de linguagem onde um significante substitui um outro significante, tendo como efeito a produção de uma significação nova.

159 Lacan, J. (2008). *Mito individual do neurótico*. Op.Cit.

160 Lacan, J. *Seminário 5*. Aula 15/01/1958. Op.Cit.

161 Lacan, J. *Seminário 5*. Aula 8/01/1958. Op.Cit.

162 Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos*. Jorge Zaverucha. Rio de Janeiro: Zahar.

A metáfora paterna é uma operação sobre a incompletude da estrutura - trata-se da inscrição da incompletude estrutural para cada um. Esta operação depende da presença do significante do Nome-do-Pai e tem *como* efeito a extração do objeto *a*, promovendo o estabelecimento da realidade. Isto acontece em virtude do fechamento que a metáfora paterna promove na cadeia significante com seu ponto de basta, cuja função é deter o deslizamento da cadeia ao infinito. Esta operação instaura a realidade e um impossível.¹⁶³

A metáfora coloca em relação 4 elementos, que são significantes:

S S,

S1° x

O **S** (significante) entra na cadeia significante em substituição ao **S'** (significante). Esta é a fórmula da metáfora: um significante substitui a outro significante no lugar que este último tem na cadeia significante, provocando sua elisão:¹⁶⁴

S. S2 S (;)

S2x

(S') é eliminado da cadeia significante em virtude da substituição por (S). (x) é uma significação qualquer, desconhecida. O (s) - no produto - é o significado induzido pela metáfora, resultado da substituição, na cadeia significante, de (S') por (S). (I) corresponde ao significante que se articulava ao S' na cadeia - ideal simbólico, no caso da metáfora paterna. A elisão de (S'), representada nessa fórmula, é a condição do sucesso da metáfora. Isso se aplica assim à metáfora paterna:¹⁶⁵

Nome-do-Pai.

Desejo da mãe

Desejo da Mãe

significado para o sujeito

Nome-do-Pai.

Desejo da mãe

Desejo da Mãe

significado para o sujeito

Nome-do-pai.()

falo

163 Para este tema, veja-se: Eidelsztein, A. (1998). estruturas clínicas I e II. Letra Viva.2012 & Lacan. De uma questão preliminar a todo o tratamento possível das psicoses. *Escritos*. Zahar.

164 Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos*. Jorge Zahar Editor.

165 Ibid.

O significante do Nome-do-Pai substitui o significante do desejo da mãe no lugar que este ocupava na cadeia significante. Se o substitui na cadeia, precisamos supor um outro significante - aquele que se articula ao significante do desejo da mãe naquela cadeia. Depois da substituição, o significante que se relacionava ao desejo da mãe passa a se relacionar ao significante do Nome-do-Pai. Este outro termo, que faz par com o significante de desejo da mãe na cadeia significante, é o Ideal simbólico e pode corresponder ao lugar do filho. É bom lembrar que trata-se de um significante e, por isso, não significa a si mesmo, não tem uma relação unívoca com um significado e está sempre relacionado a outro significante. Por isso, pode ser o lugar do filho. O Ideal simbólico é o termo que vai inscrever o filho na cadeia significante, desde a perspectiva da demanda do Outro. Filho, enquanto significante, pode ocupar qualquer lugar. O Ideal simbólico deve ser diferenciado do objeto imaginário, mesmo que esteja articulado a ele. O objeto imaginário pode ser qualquer coisa: riqueza, beleza, inteligência, poder etc. O que quer que seja, corresponde a imaginarização da falta no Outro.

Esta cadeia significante, onde se situa o significante do desejo da mãe, sem a intervenção da metáfora paterna, é equivalente a:

Ideal (I) - Desejo da mãe

S1 S2

Obs: pode ser também ao contrário. A substituição por efeito da metáfora paterna produz:

Ideal (I) - Nome-do-Pai

S1 S2

É na conexão metonímica *Ideal-desejo da mãe* que o Nome-do-Pai vai substituir o desejo da mãe; e, ao se colocar nesse lugar, faz do Ideal materno um termo articulado à lei no Outro - lei do não todo.

[...] a fórmula da metáfora que lhes forneci não quer dizer senão isto: existem duas cadeias, os S do nível superior, que são significantes, ao passo que encontramos abaixo deles tudo o que circula de significados ambulantes, porque eles estão sempre deslizando. A amarração de que falo, o ponto de basta, é tão somente uma história mística, pois ninguém jamais pode alinhar uma significação num significante. Em contrapartida, o que se pode fazer é atar um significante num significante e ver no que dá.¹⁶⁶

O significante do Norne-do-Pai só pode funcionar como terceiro elemento; uma vez que o significante do desejo da mãe está ligado a um outro significante.

Pelo resultado da substituição metafórica:

Nome-do-pai.() falo

podemos ver que todos os significantes no campo do Outro (A) passarão a se articular ao significante do Nome-do-Pai e toda a significação produzida será fálica. Toda metáfora produz uma significação nova. No caso da metáfora paterna, a significação produzida é o falo. O falo é uma espécie de operador lógico que permite ao sujeito lidar com o desejo do A que escapa à determinação.

A significação é fálica quando conota a lei que afirma e sustenta o não-todo. Disso resulta que toda significação fique marcada por uma falta. Assim, todo significante vai significar algo, mas nunca tudo. Esta lei postula um intervalo entre os significantes, o que impede que se juntem corno acontece na holófrase. A inoperância dessa lei se aplica ao significante um ou vanos - mas.não a todos eles. Se a Metáfora Paterna é bem-sucedida, o significante fálico é posto em funcionamento como a modalidade cultural e sexuada da falta no Outro, S(A).¹⁶⁷ Daí, toda significação produzida será fálica porque será não-toda, cada significação vai sempre remeter a outras. Melhor dizendo: cada significação será fálica na medida em que remeta ao conjunto das significações que, como já foi dito, não constitui um universo completo. A partir da metáfora paterna, a máquina significante - logomaquia nos termos de Lacan -¹⁶⁸ passa a funcionar no regime do não todo. Mesmo que haja incompletude em toda estrutura, para a constituição da realidade - corno enlaçamento fechado do simbólico, do imaginário e do real - é requerida a operação particular da metáfora paterna, que pode acontecer ou não. A metáfora paterna é legalizante, ordena as relações fundamentais entre os falantes e a criação do sujeito.

A metáfora paterna tem o efeito de um nó na cadeia significante - chamado por Lacan de ponto de basta - porque detém seu deslizamento que poderia seguir ao infinito sem ele. O estabelecimento da realidade corresponde a esse fechamento, que faz com que nem tudo seja possível. Com isso, toda significação carrega a marca de uma incompletude, toda crença uma dúvida e o impossível se instaura como marco.

E quando essa operação é acidentada? As psicoses são exemplos disso. *Deus vive no céu da minha boca.* Assim justificava um psicótico sua recusa em

167 Eidelsztein, A. (2011). Op.Cil.

168 Lacan, J. (1992). *Seminário 3*. Aula 30/11/1955. Jorge Zahar Editor.

comer. Sabemos que Deus viver no céu da nossa boca é impossível, a menos que isso seja uma figura de linguagem - o que não era o caso, uma vez que a pessoa parou de comer para não mastigar sobre Deus. E sabemos que se trata de uma impossibilidade por quê? Porque fere a ordem do mundo, fere *Thémis*. *Lampião saiu do filme que eu tava assistindo e me chamou pra retomar o cangaço com ele. Eu tenho que ir, senão ele me mata.* A lei alterada na psicose é *Thémis*, não *Dike*. Neste caso, o fracasso da metáfora paterna- em virtude da forclusão do significante do Nome-do-Pai- tende muito mais a provocar a distorção da realidade do que do código legal. O psicótico vive num mundo que tende ao infinito, por conta de uma ordem simbólica não legalizada pela inscrição de um impossível. A logomaquia é aberta.

Costuma-se considerar a Metáfora Paterna como a leitura de Lacan do Édipo freudiano. Mas vale lembrar que o Édipo, para Lacan, corresponde a um mito, enquanto que a metáfora paterna é uma operação significante cuja lógica é a da metáfora, e tem consequências fundamentais para a consideração das neuroses e psicoses.

NARCISISMO X ESTÁDIO DO ESPELHO¹⁶⁹

Karime Colares

Introdução

Lacan fez o primeiro desenvolvimento da teoria do estádio do espelho em formato de leitura preliminar para a reunião da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), ocorrida em 16 de junho de 1936. Segundo Elisabeth Roudinesco,¹⁷⁰ ele não entregou ou publicou qualquer material desta apresentação, como seria esperado, por motivos não revelados ou discutidos.

Dois meses após a reunião na SPP, em agosto de 1936, em Marienbad, Lacan participa pela primeira vez de um congresso organizado pela *International Psychoanalytical Association* (IPA), onde expõe trabalho intitulado "O estádio do espelho; teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade, concebido em relação com a experiência e a doutrina psicanalítica". Apenas dez minutos mais tarde, foi instado por Ernst Jones, presidente da sociedade psicanalítica de Londres, a interromper o seu discurso.

Em 1949, no congresso da IPA, após a Segunda Grande Guerra, Lacan retoma o tema. Trata-se do primeiro trabalho realizado por ele após uma década sem escritos em psicanálise. Neste retomo, ele traz a atenção de seus ouvintes para uma teoria a respeito do estádio do espelho como formador da função do eu a partir da experiência psicanalítica. Diferente do ocorrido em 1936, entrega o material para os anais do congresso, publica na *Revue Française de Psychanalyse* em 1949, e, por fim, inclui o texto em seus *Escritos*.

O estádio do espelho, considerado a partir dessa perspectiva histórica, pode ser tomado como um marco do esforço de Lacan para enfrentar os efeitos gerados à psicanálise pelos pós-freudianos -Anna Freud e seus discípulos, principalmente. Isto implica dizer que a entrada de Lacan na cena histórica da psicanálise se estabeleceu em tomo de um problema vinculado ao conceito do eu, inaugurando o que viria a ser uma construção teórica marcada pela diferença em relação à leitura que se pode fazer do legado de Freud.

Imagino que seja conhecida de vocês a crítica que Lacan fazia aos pós-freudianos. No *Seminário 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, ele denuncia que estes analistas haviam relegado a psicanálise a uma mera "análise do eu" - *ego psychology*- por não terem conseguido captar o sentido do que Freud

169 Apresentado em 10 e 24 de junho de 2019.

170 Roudinesco, E. (1994). *Jacques Lacan, esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Companhia das Letras.

havia descoberto, anulando, assim, o que havia de subversivo em sua proposta. Temos, então, por um lado, o estado da situação da psicanálise como exercício de certa prática; por outro, razões para explicar tal situação.

A que ponto chegamos hoje em dia? A uma cacofonia teórica, a uma surpreendente revolução de posição. E por quê? Antes de mais nada, porque a obra de metapsicologia de Freud, posterior a 1920, foi lida às avessas, interpretada de maneira delirante pela primeira e segunda geração depois de Freud - essa gente insuficiente.¹⁷¹

O ponto de vista de Anna Freud é intelectualista, e a leva a formular que tudo deve ser conduzido, na análise, a partir da posição média, moderada, que seria a do eu. Tudo parte da educação do eu, ou da persuasão do eu, e tudo deve voltar para ali. Vocês vão ver de onde parte, ao contrário, Melanie Klein [...].¹⁷²

Se se admite que toda prática está condicionada pela adesão do praticante à determinada teoria - esteja ele advertido disto ou não - é razoável, então, que Lacan vincule o exercício da "análise do eu", com tudo o que isso pode implicar, a certa posição epistemológica sustentada pelos pós-freudianos. Lacan estabelecia, assim, uma ruptura entre mestre e discípulos, ao mesmo tempo que propunha sua própria leitura ao texto freudiano.

Frequentar o seminário de Kojeve sobre a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel havia levado Lacan a interrogar-se sobre a gênese do eu por intermédio de uma reflexão filosófica acerca da consciência de si. Assim, ele foi conduzido, como Melanie Klein, a uma leitura da segunda tópica que ia em sentido oposto a toda a "psicologia do eu". Duas opções eram, com efeito, possíveis a partir da elaboração freudiana de 1920. Uma consistia em fazer do Eu o produto de uma diferenciação progressiva do Isso, agindo como representante da realidade e tendo a cargo manter as pulsões sob controle - *ego psychology* -; a outra, ao contrário, voltava as costas a toda ideia de autonomização do Eu para estudar sua gênese em termos de identificação. Em outras palavras: na primeira opção buscava-se derivar o Eu do Isso a fim de fazer dele o instrumento de uma adaptação do indivíduo à realidade externa; enquanto na segunda ele era reconduzido de volta ao Isso a fim de mostrar que se estruturava por etapas em função de *imagos* emprestadas do outro. Essa segunda opção foi a de Melanie Klein e também a de Lacan.

Deixando um pouco de lado a crítica aos analistas pós-freudianos, vamos situar o argumento teórico de Lacan àquela situação da psicanálise. O que ele questiona não é somente a análise do eu com suas noções de eu fraco e eu forte

171 Lacan, J. (1995). *O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (p. 18). Jorge Zahar Ed.

172 Lacan, J. (1986). *O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (p. 83). Jorge Zahar Ed.

e a reintrodução deste corno autônomo e central, mas, fundamentalmente, o processo analítico corno constituído pela análise das resistências e seu término corno "reforço do eu" a partir da identificação ao analista.

Esta crítica adquire todo seu alcance quando se conhece o caráter fundamentalmente especular, alienado, do eu. Um eu, seja de que espécie for, presentificado como tal, presentifica uma função imaginária, até mesmo o eu do analista - um eu é sempre um eu, por mais aperfeiçoado que seja.¹⁷³

Não seria possível aspirar a um "reforço do eu", mesmo que fosse pela via da identificação ao semelhante. O que Lacan aponta é que seria justamente essa tentativa de integração que os pós-freudianos tentariam operar.

Neste mesmo seminário, ele sustenta que estas concepções de eu dizem respeito não somente à psicanálise, mas a noções que foram elaboradas durante séculos, não só pela filosofia, mas pelo senso comum. Haveria certa cumplicidade da psicanálise com o que Lacan chama de "ilusão do homem moderno".

[] o homem moderno pensa que tudo que aconteceu no universo, desde a origem, foi feito para convergir para essa coisa que pensa, criação da vida, ser precioso, único, cume das criaturas, que é ele mesmo, no qual existe este ponto privilegiado que se chama consciência.¹⁷⁴

Noções de eu em Freud e Lacan

Bem, para começarmos nossa discussão de hoje, gostaria que não perdêssemos de vista que vamos pensar as noções de eu, tal como formuladas por Freud e Lacan, considerando sempre três aspectos:

a. o conceito de energia: o modelo proposto por Freud para o aparelho psíquico é energético: libido. Em relação a esse conceito de energia, não há algo correspondente na teoria de Lacan, pois, para este autor, "máquina é a estrutura enquanto destacada da atividade do sujeito. O mundo simbólico é o mundo da máquina".¹⁷⁵ Ou seja, a máquina significativa, que é a própria atividade do simbólico, tem autonomia em relação ao biológico.

b. as noções de interior/exterior; dentro/fora: o que Freud propõe é a interioridade do Eu, como fica explícito no clássico modelo do aparelho psíquico

173 Lacan, J. (1995). *O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (p. 313). Jorge Zahar Ed.

174 Ibid., p. 66.

175 Lacan, J. (1995). *O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (p. 66). Jorge Zahar Ed.

apresentado no texto "O Eu e o Isso",¹⁷⁶ em que o Eu aparece no centro do esboço. Para Lacan, "[...] o sujeito está descentrado com relação ao indivíduo. É o que [Eu] é um outro quer dizer".¹⁷⁷ Além de estar descentrado, está fora e no outro.

c. a concepção de um Eu autônomo: para Freud, o Eu é uma instância que toma decisões, comanda a lógica do recalque, sendo capaz de atividades como censura e autocrítica. Em Lacan, temos o sujeito em "imissão de Outridade". Já no *Seminário 2*, aula XIII, propõe que o analista é causa e parte do fenômeno do sonho, e que, paradoxalmente, o inconsciente é aquilo que é do sujeito e não é do sujeito. Logo acrescenta que no sonho em questão, o da injeção de Irma, se produz uma imissão dos sujeitos, o que quer dizer que "um fenômeno inconsciente, que se desenrola num plano simbólico, descentrado, como tal em relação ao eu, ocorre sempre entre dois sujeitos".¹⁷⁸ Uma formação do inconsciente é uma imissão entre o sujeito e o Outro, entre analisante e analista, por exemplo. Não há o si mesmo; não há autonomia, o sujeito está sempre em relação.

Começando pelo conceito de Narcisismo, tal como foi elaborado por Freud, vamos investigar o que esse autor propõe sobre a constituição do Eu. Encontramos duas teorias: a do "Projeto para uma psicologia científica", onde ele é concebido como uma rede de neurônios super investidos; e a do Eu da "Introdução ao Narcisismo", proposto como sendo o primeiro objeto libidinal. Nesta última, a evolução normal do psiquismo humano iria do autoerotismo ao aloerotismo,¹⁷⁹ situando o narcisismo como uma etapa desse desenvolvimento.

Projeto para uma psicologia científica

O estado de desamparo (*Hilflosigkeit*) faz-se presente nos textos de Freud desde muito cedo. Ao longo de um percurso de mais de quarenta anos, ele lançará mão dessa noção quando a condição de prematuridade, de despreparo, ou, simplesmente, de fragilidade, se fizer presente. Essa precariedade inicial do ser humano oferece o alicerce para relacionarmos o estado de desamparo ao momento inicial da constituição do Eu.

Assim, nos diz Freud: "o bebê humano é lançado ao mundo de forma não acabada, portando uma incapacidade inata para lidar com o turbilhão de estímulos que a vida lhe reserva".¹⁸⁰ Ele mantém a ideia de que o indivíduo,

176 Freud, S. (1980). O Eu e o Isso, em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIX (p. 38). Imago.

177 Lacan, J. (1995). O *Seminário*, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (p. 16). Jorge Zahar Ed. (grifo do autor).

178 Ibid., p. 204.

179 Freud, S. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. J.M. Masson (Ed.). Vera Ribeiro (Trad.). (p. 391). Imago.

180 Freud, S. (1980). Inibição, sintoma e angústia, em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XX. Imago.

quando submetido a uma avalanche de excitações, vive - ou revive - uma situação de desamparo. Ou seja, desde o nascimento, lidar com estímulos/excitação é uma das principais tarefas impostas à psique, e assim se manterá ao longo de toda a vida da criatura humana. O estado de desamparo coloca-se, portanto, como situação primitiva, a partir da qual a edificação do psiquismo se efetuará, e com ele o próprio Eu teoria evolucionista.

O pequeno desamparado é um sistema aberto, passível de invasões tanto internas quanto externas. Somente após ter sido amparado por outro humano começa a ficar minimamente capacitado a remover o excesso de excitação. Com isso, conclui Freud, a satisfação das necessidades impreterivelmente passa pela "ajuda alheia". Faz-se necessária a presença do outro.

Mas segundo a lógica freudiana, mais importantes que a própria experiência ou vivência de satisfação são os traços mnêmicos, imagens que se inscrevem no psiquismo do vivente. "Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica - nutrição, por exemplo - cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade".¹⁸¹ São as primeiras inscrições no psiquismo que começam a interferir no livre fluxo da quantidade de energia.

A partir daí, o bebê portador dessas primeiras ligações pode ficar recolhido em si mesmo, com os restos da experiência de satisfação. É a partir dos vestígios ou das sobras da intervenção do outro que o bebê, brincando com os traços mnêmicos, irá apropriar-se desses últimos. É na ausência da experiência em si, mas a partir dos "ecos" de um acontecimento, que um novo movimento começa a tomar o psiquismo. Para além da capacidade de reviver as sensações de prazer (*Lust*), aos poucos, o bebê tentará regular tais sensações. Ele se apropria desses movimentos uma vez que passa a repeti-los, revivê-los alucinatoriamente. Em outras palavras, énsimesmado, ele experimenta sensações prazerosas, advindas das experiências de satisfação, por sua vez, sempre associadas, para Freud, a descargas de tensão.

Se, por um lado, o desamparo não é mais absoluto, pois é minimamente apaziguado pela alucinação, por outro, essa mesma alucinação não soluciona a necessidade. Assim, por mais que o psiquismo vá se armando contra os arroubos da quantidade, o fluxo de excitação ainda precisa de regulação, e esta, cada vez mais complexa, impõe desvios e adiamentos. Freud postula, é preciso que haja uma "instância organizadora", eis então a introdução do Eu.

[..] os processos de atração de desejo e da propensão ao recalçamento indicam que em "psi" se formou uma organização cuja presença interfere nas passagens - de quantidade - que, na primeira vez, ocorreram de

181 Freud, S. (1980). *A Interpretação de sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 5. (p. 516). Imago.

determinada maneira - isto é, acompanhadas de satisfação ou dor. Esta organização se chama ego.¹⁸²

Este, portanto, é efeito de uma exigência econômica. Sua origem está vinculada à contenção do confuso fluxo da quantidade que perpassa o psiquismo desamparado.

As experiências de satisfação/insatisfação tomam-se o primeiro esboço da relação do bebê/outro. Na repetição dessa situação econômica, irão ganhando sentido as primeiras inscrições. Para Freud, é nessa repetição que o Eu se faz, ou seja, é na possibilidade de articular, na ausência do outro, os restos de sua presença devidamente registrados sob a forma de traços mnêmicos. É um outro que vem de fora e que faz marcas dentro; e é com essas marcas internas que a criança vai ter que lidar.

A obra freudiana traz, portanto, em sua base, a lógica espacial do dentro/fora. De fato, esta teoria parte de uma categórica divisão entre a "realidade psíquica" - interna e ficcional - e a "realidade propriamente dita" - exterior e real.

Avançando um pouco...

A concepção de indivíduo em Freud se dá, então, a partir da interiorização de seus conceitos, que podemos observar desde os primórdios, desde o "Projeto", como vimos até agora. O inconsciente, as pulsões, o Eu, o Supereu, se encontram todos, para ele, dentro do indivíduo.

Se procuro classificar os impulsos presentes, em mim, segundo padrões sociais, em bons e maus, tenho de assumir responsabilidade por ambos os tipos; e se, em defesa digo que o desconhecido, inconsciente e recalcado em mim não é meu eu, não estarei baseando na psicanálise minha posição [...]. Aprenderei então que, isto, negado por mim, não apenas está em mim, senão que também age desde mim para fora.¹⁸³

O problema parece começar no momento em que Freud não distingue entre "o que está em mim" e "o que tenho dentro". Por que o que forma parte de mim tem que se localizar em meu interior? Seria possível pensar que aquilo que me constitui não habita dentro de mim? Para Freud parece um fato inquestionável que o que se passa a alguém - falas, atos, pensamentos - vem de seu interior e, portanto, seria uma contradição não assumir a responsabilidade por eles.

182 Freud, S. (1980). Projeto para uma psicologia científica, em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v.1. (p. 340). Imago.

183 Freud, S. (1980). Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo, (B) responsabilidade moral pelo conteúdo dos sonhos, em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v.9. (p. 165). Imago.

As diferenças entre Freud e Lacan, neste ponto, nem sempre são lembradas, embora apareçam tão claramente a partir do desenvolvimento teórico de ambos. Para Freud, que o sonho de uma pessoa pudesse explicar o sintoma de outra é, claramente, uma mostra de superstição, já que o sonho é uma prova do inconsciente daquele que sonha - o que vale também para o lapso, chiste ou esquecimento. Em contrário, para Lacan, o inconsciente não só pode, senão que, de fato se realiza "fora", ou melhor dizendo, no lugar do Outro. Um exemplo paradigmático se encontra no texto "A direção do tratamento e os princípios de seu poder",¹⁸⁴ onde ele relata o caso de um paciente que curou seu sintoma de impotência sexual logo depois de sua amante lhe relatar um sonho próprio. Aqui o inconsciente de um se realiza no sonho do outro. Isto quer dizer, entre outras coisas, que o inconsciente é o discurso do Outro. Segundo o ponto de vista freudiano, "meu inconsciente" unicamente pode manifestar-se a partir de um ato pessoal - discursivo ou não discursivo - e tudo o que pode ocorrer em outra pessoa será um fato casual para mim e, em última instância, um fenômeno inconsciente para ela. Dito de outro modo, para Freud, o inconsciente de alguém só pode sair de sua própria boca, de seu próprio corpo.

E se se considera que o assunto da localização é de mínima importância para a psicanálise, por ser irrelevante para o trabalho de um analista, é porque se ignoram as consequências éticas e clínicas que esta questão suscita.

As consequências clínicas destas hipóteses saltam à vista. A obsessão pela fidelidade da palavra, pelo que "efetivamente disse" o analisante, revela um modo particular de conceber o inconsciente, que também aparece na ficção da neutralidade analítica. Ora, se o analista paga com sua pessoa, com suas palavras e com o cerne de seu ser,¹⁸⁵ significa que participa, tanto quanto o analisante, do sujeito que comparece naquela análise. Se numa análise há um sujeito, este não é o analista nem o analisante, mas o que acontece entre ambos.

Uma das razões pelas quais se produz esta confusão entre "o que está em mim" e "o que tenho dentro" é que Freud precisa de um substrato material onde localizar suas noções. O corpo funcionará como continente do subjetivo e limite da separação do dentro e fora. O limite do sujeito seria o contorno do corpo. Sob esse ponto de vista, podemos pensar que para ele o corpo é uma esfera, que contém outra esfera, que é o aparato psíquico. Este contém, por sua vez, o Eu, o Isso e o Supereu.

A distinção dentro/fora implica também uma dimensão qualitativa; o interior é o não-real, o meramente representado, o subjetivo, o ficcional; e o exterior é o real, o presente, o objetivo. Em "O Eu e o Isso", Freud nos diz:

184 Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder, In *Escritos* (p. 637). Jorge Zahar Ed.

185 Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos* (p. 593). Jorge Zahar Ed.

Enquanto o ego é essencialmente representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id. Agora estamos preparados para descobrir: os conflitos entre o ego e o ideal, em última análise, refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno.¹⁸⁶

A teorização sobre esses dois mundos dá lugar a práticas terapêuticas de orientação adaptativa. Na batalha entre a realidade psíquica e a realidade exterior, a primeira - fonte de erros cognitivos pelo seu caráter ficcional - deve ceder à segunda, para que se tenha acesso a uma "visão mais realista" de si mesmo, dos outros, do mundo. Embora Freud não tenha claramente apontado nessa direção, sua teorização acaba por dar lugar a esse encaminhamento.

Narcisismo

A elaboração do conceito de narcisismo subverteu a primeira teoria freudiana das pulsões na medida em que o Eu, inicialmente proposto como uma instância deslibidinizada, passa a ser objeto de investimento. Até então, a teoria pulsional permitia que o conflito neurótico se situasse entre pulsões sexuais e pulsões do Eu - pulsões de autoconservação. Esse conceito inaugura novas reformulações em tomo da teoria da libido e o início da virada que só se completará na década de 20, com a proposição da segunda tópica e de um novo conflito, entre pulsões de vida e pulsões de morte.

Além disso, nos bastidores, há o encerramento de um dos capítulos da história da psicanálise, já que entre os motivos para a escrita do texto de 1914, "Introdução ao Narcisismo", está a premência de Freud em responder à crítica que lhe fazia Jung sobre a proposição do caráter sexual da libido e sua insistência em manter o fator sexual enquanto agente etiológico para o adoecimento psíquico.

Contudo, é no estudo sobre Schreber que a formulação acerca do narcisismo ganha sua devida proporção na cena da teoria pulsional.

Pesquisas recentes dirigiram nossa atenção para um estágio do desenvolvimento da libido, entre o autoerotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo. Consiste no momento do desenvolvimento do indivíduo em que ele reúne suas pulsões sexuais de atividade autoerótica, a fim de conseguir um objeto amoroso. Toma a si próprio e o seu próprio corpo antes de passar para a escolha de um objeto que seja outra pessoa.¹⁸⁷

186 Freud, S. (1980). O Eu e o Isso. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. 9. (p. 51). Imago.

187 Freud, S. (1980). Sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia, em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. 12 (p. 82). Imago.

A paranoia é descrita como um retomo ao estado do narcisismo, supondo que tivesse havido uma "fixação" nesse estágio; seria o "retrocesso do homossexualismo sublimado".¹⁸⁸

Apesar de seu título, o artigo "Uma introdução ao narcisismo" não introduz propriamente o conceito, mas traz a combinação de duas vertentes que se sobrepõem; uma referente aos percursos da libido, outra centrada na ideia de que o Eu passa por um processo de constituição.

Freud desenvolve essa perspectiva e introduz a formulação que admite a existência simultânea de uma libido do Eu e uma libido do objeto. Entendendo que essa descrição se refere ao destino libidinal, esta poderia ser investida tanto no Eu quanto nos objetos. Foi a forma encontrada por Freud para explicar a "quebra" com a realidade, a megalomania que já havia sido observada nos escritos de Schreber, o desinvestimento no mundo externo que se dava nos quadros de psicose, chamados à época de "parafrenias" - especificamente o grupo paranoia/esquizofrenia. Logo no início do texto, ele se pergunta: "o que acontece à libido que foi afastada dos objetos externos na esquizofrenia?"¹⁸⁹ A resposta vem a seguir: "a libido afastada do mundo externo é dirigida para o Eu e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo".¹⁹⁰ Esse movimento é distinto do que ele propõe como sendo o mecanismo na neurose, onde também haveria uma "desistência" da relação com a realidade; a diferença é que as "relações eróticas" com as pessoas e as coisas ficariam mantidas no nível da fantasia. É a chamada introversão da libido.

Novamente, podemos ver a explicação econômica, energética, na teoria freudiana. As afecções narcísicas, portanto, representariam também um excesso de investimento libidinal.

Em *Totem e Tabu*,¹⁹¹ um novo avanço é realizado na formalização do conceito, quando Freud afirma que o narcisismo não é uma fase evolutiva, um estágio passageiro na história libidinal do sujeito, mas uma estrutura permanente que continua a existir apesar das reestruturações libidinais posteriores. O narcisismo estaria, portanto, envolvido na estruturação do Eu, unificando as pulsões parciais e autoeróticas. O que permitiria essa relativa unificação da fragmentação pulsional seria o investimento libidinal da imagem do indivíduo, como objeto privilegiado.

Mas por que isso nos interessa na discussão de hoje? Afinal, não estamos discutindo a teoria libidinal de Freud. Interessa-nos porque o que Freud propõe é que, considerando o Eu como uma unidade que não pode existir desde

188 Ibid.

189 Freud, S. (1980). Sobre o narcisismo: uma introdução, em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v.14. (p. 91). Imago.

190 Ibid.

191 Freud, S. (1980). Totem e tabu, em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.13. Imago.

o começo da vida e que tem de ser desenvolvido, o narcisismo seja postulado como um dos operadores dessa constituição. Existiria um percurso que iria do autoerotismo ao narcisismo, coincidente com a própria constituição do Eu, este emergindo do despedaçamento, da desorganização pulsional.

Nesse ponto da narrativa sobre o desenvolvimento do Eu, ainda no texto sobre o narcisismo, Freud fala da necessidade de "uma nova ação psíquica", mas não desenvolve a ideia. Como hipótese a ser investigada, considero que é nesse ponto que o pós-lacanismo "encaixa" o estágio do espelho de Lacan como estando em continuidade à etapa do narcisismo freudiano.

Ao lermos Freud falando a respeito de como se dão as escolhas amorosas, temos muitos elementos para pensarmos as diferenças entre sua teoria e a de Lacan.

Tomar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos do que às outras - isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade. [...] uma pessoa amará segundo o tipo narcisista de escolha objetual: amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que ela jamais teve.¹⁹²

Ou seja, ama-se o que se é, o que se foi, o que se gostaria de ser... A partir dessas citações, chegamos ao terceiro ponto que foi levantado como orientador para nossa discussão de hoje, a questão do "Eu autônomo". Para Freud, esse Eu formado a partir do investimento libidinal, tomado como objeto, e não a partir da relação com o outro, continua dirigindo as escolhas objetais que o indivíduo venha a fazer e, mais ainda, situa o psiquismo num movimento de constante tentativa em restabelecer esse primeiro momento de investimento narcísico.

No ensino de Lacan, se propõe exatamente o contrário; o eu se estrutura a partir da imagem do semelhante, sem a qual não haveria possibilidade alguma de constituição. Portanto, a origem é o semelhante e sua imagem. Segundo Eidelsztein, em seu livro *Otro Lacan*:

[...] essa via carrega consigo um duplo engano em sua estrutura fundamental. O primeiro é que a imagem do outro se apresenta ao sujeito como falsamente unificada. O outro engano é designado por Lacan mediante a frase: eu é outro, de Rimbaud; quer dizer, enquanto para Freud "o outro como objeto sempre sou eu", para Lacan se trata de que eu é outro; é a versão contrária.¹⁹³

192 Freud, S. (1980). Sobre o narcisismo: uma introdução, em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v.14 (pp. 117-118). Imago.

193 Eidelsztein, A. (2015). *Oiro Lacan: estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano* (pp. 18 e 19). Letra Viva.

Estádio do espelho

Antes de começarmos a discussão propriamente dita a respeito da teorização de Lacan, acho importante retomarmos dois pontos:

a. os conceitos freudianos foram lidos por Lacan em sua condição de alteridade. O que quer dizer isso? Se para Freud o inconsciente é um conjunto de representações intrapsíquicas, para Lacan será o discurso do Outro; se para o primeiro a pulsão é um conceito limítrofe entre o psíquico e o somático, ou uma força constante que vem desde o interior do corpo, para o segundo será a demanda do Outro etc. A lista não para por aí, o desejo é o desejo do Outro, eu é outro. Isso representa a tentativa de Lacan de perturbar a identidade do sujeito consigo mesmo e a interioridade que a respaldava.

b. mas não se trata de uma mudança de lugar. Quer dizer, não é que se passe a localizar o inconsciente no Outro, mas sim de levar em conta, sempre, que, na relação que estabelece invariavelmente Lacan entre o sujeito e o Outro, o fundamental é o entre, o intervalo. Vou repetir uma citação já usada por mim no último encontro: "um fenômeno inconsciente, que se desenrola num plano simbólico, descentrado, como tal em relação ao eu, ocorre sempre entre dois sujeitos".¹⁹⁴

Na teorização sobre o "estádio do espelho", Lacan renova as teorias do eu (*moi*), recusando qualquer concepção que tenda a fazer deste uma instância de conhecimento do real. Funda a dimensão do imaginário. Mas, embora fundador da noção do imaginário, nesse texto a palavra imaginário aparece somente uma vez, como adjetivo. Já a referência ao simbólico é onipresente, inclusive quando Lacan cita o artigo de C. Lévi-Strauss sobre a eficácia simbólica. A noção de simbólico está presente, mas não articulada e muito menos representada.

O que se manipula no triunfo da assunção da imagem do corpo no espelho é o mais evanescente dos objetos, que só aparece à margem: a troca de olhares, manifesta na medida em que a criança se volta para aquele que de algum modo a assiste, nem que seja apenas por assistir a sua brincadeira.¹⁹⁵ A essas proposições opõe-se toda a nossa experiência, na medida em que ela nos dissuade de conceber o eu como centrado no *sistema percepção-consciência*, como organizado pelo "princípio de realidade", no qual se formula o preconceito cientificista mais contrário à dialética do conhecimento, e nos indica que partamos *dafimção de desconhecimento* que o caracteriza em todas as suas estruturas [...].¹⁹⁶

194 Lacan, J. (1995). *O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (p. 204). Jorge Zahar Ed.

195 Lacan, J. (1998). De nossos antecedentes, In *Escritos* (p. 74). Jorge Zahar Ed.

196 Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu, In *Escritos* (pp. 102-103). Jorge Zahar Ed. (grifo do autor).

Há nessa experiência do estágio do espelho a captação pela imagem, na qual se esboça o primeiro momento das dialéticas das identificações. Ele está ligado a um fenômeno de Gestalt, à percepção muito precoce, na criança, da forma humana; forma esta que, como sabemos, fixa seu interesse desde os primeiros meses. Inclusive, no que tange ao rosto humano, desde o décimo dia de vida. Mas o que demonstra o fenômeno de reconhecimento que implica a subjetividade são os sinais de jubilação triunfante e o reconhecimento lúdico que caracterizam, desde o sexto mês, o encontro, pela criança, com sua imagem no espelho.

Essa conduta contrasta vivamente com a indiferença manifestada pelos animais que percebem essa imagem, como os chimpanzés, por exemplo. E ganha ainda mais destaque por se produzir numa idade em que a criança ainda apresenta, quanto ao nível de sua inteligência instrumental, um atraso em relação ao chimpanzé, com quem só se iguala aos onze meses. É um acontecimento que produz uma identificação primária, isto é, uma transformação das relações do indivíduo a seu semelhante. A imagem antecipa a unidade e o controle da motricidade efetiva do corpo, até então vivido como despedaçado, atribuindo-lhe uma forma, "numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída".¹⁹⁷ A criança antecipa no plano mental a conquista da unidade funcional de seu próprio corpo, ainda inacabado, nesse momento, no plano da motricidade voluntária.

A essa prematuração específica do nascimento no homem, os embriologistas dão o nome de fetalização. É o correspondente ao que Freud denomina *Hilflosigkeit*, o estado de desamparo do lactante. Lacan se contenta em destacar o inacabamento anatômico do sistema piramidal, fator de não coordenação motora, e os remanescentes humorais do organismo materno.

Essa antecipação constitutiva do eu aliena-o a uma imagem mais ou menos fixada, a algo exterior a ele. O sujeito antecipa em uma miragem a maturação de sua potência, o eu se constitui como uma ficção, "uma unidade ideal [eu ideal], uma *imago* salutar".¹⁹⁸

Assim, e esse é o legado original do texto de 1949, o estágio do espelho é uma "matriz simbólica em que o *eu Ue*] se precipita[...], antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito".¹⁹⁹ O primeiro tempo em que o sujeito não se distingue da imagem que o aliena deve ser completado com um tempo de identificação ao outro que vem no lugar da imagem. A identificação com a imagem enganosa do semelhante, enquanto ilusoriamente completa e unificada, vela que esse outro se encontre no mesmo estado de "miséria original". O eu termina de constituir-se no mesmo tempo que o próximo, no drama do

197 Ibid., p. 98.

198 Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise, In *Escritos* (p. 115). Jorge Zahar Ed. (grifo do autor).

199 Ibid., p. 97.

ciúme do objeto do desejo do outro. "O sujeito é ninguém. Ele é decomposto, despedaçado. E ele se bloqueia, é aspirado pela imagem, ao mesmo tempo enganadora e realizada do outro, ou, igualmente, por sua própria imagem especular. Lá, ele encontra sua unidade".²⁰⁰

Essa é a base para o desenvolvimento que Lacan fará acerca da loucura. Teorização desenvolvida por ele no texto "Formulações sobre a causalidade psíquica". Quanto maior a crença, a certeza nesta "*imago* ideal", maior a loucura; se pudéssemos exprimir essa relação em termos matemáticos, elas seriam "diretamente proporcionais"- certeza e loucura. Corno nos diz Lacan nesse texto: "[] se um homem que se acredita rei é louco, não menos o é um rei que se acredita rei".²⁰¹

É essa captação pela *imago* da forma humana que domina, entre os seis meses e os dois anos e meio, toda a dialética do comportamento da criança na presença de seu semelhante. É o tempo do chamado "transitivismo infantil", valorizado pela escola de Charlotte Bühler.

A criança que bate diz que bateram nela, a que vê cair, chora. Do mesmo modo, é numa identificação com o outro que ela vive toda a gama das reações de imponência e ostentação, cuja ambivalência estrutural suas condutas revelam com evidência, escravo identificado com o déspota, ator com o espectador, seduzido com o sedutor.²⁰²

A criança que bateu numa outra pode dizer: o outro me bateu. E não é que ela minta, ela é o outro, literalmente. Aí está o fundamento sobre o qual se diferencia o mundo humano do mundo animal. O objeto humano se distingue por sua neutralidade e sua proliferação indefinida. Ele não é dependente de nenhuma predeterminação instintual. O que faz com que o mundo humano seja um mundo coberto de objetos se acha fundado nisso: o objeto de interesse humano é o objeto do desejo do outro. O sujeito está engajado em uma concorrência agressiva pelo objeto do desejo do outro, por identificação ao outro, e é dela que nasce a tríade do "outro, do eu e do objeto".

A gênese do eu explica que seja esse o princípio daquilo que Lacan denomina "conhecimento paranoico". Ele reagrupa sob esse termo fenômenos diferentes, mas com um parentesco estruturalmente análogo às manifestações paranoicas dos delírios de ciúme, de erotomania, e o da interpretação. O paranoico é fundamentalmente um intérprete, que em tudo vê sinais que se referem a sua pessoa. O acaso que ele contesta, conspira contra ele. Nada acontece por acaso, tudo adquire sentido, e esse sentido se refere a ele.

200 Lacan, J. (1995). O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (p. 74). Jorge Zahar Ed.

201 Lacan, J. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica, In *Escritos* (p. 171). Jorge Zahar Ed.

202 Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise, In *Escritos* (p. 116). Jorge Zahar Ed.

O conhecimento dito paranoico é um conhecimento instaurado na rivalidade do ciúme, no curso dessa identificação primeira que tentei definir a partir do estágio do espelho. Essa base rivalitária e concorrencial no fundamento do objeto é precisamente o que é superado na fala, na medida em que faz intervir o terceiro. A palavra é sempre pacto, acordo, há um entendimento, chega-se a um acordo - isto é para você, isto é para mim isto é isto, isto é aquilo.²⁰³

Mas o caráter agressivo da concorrência primitiva deixa sua marca em qualquer espécie de discurso sobre o pequeno outro, sobre o Outro enquanto terceiro, sobre o objeto. Essa dialética comporta sempre a possibilidade de que eu seja vigorosamente intimado a anular o outro, por uma simples razão. Tomando como ponto de partida a minha alienação ao outro - à imagem do outro pode haver um momento em que eu seja colocado em situação de ser anulado porque o outro não está de acordo.

Para finalizar, como dito antes, a efetividade do simbólico é mais postulada do que realmente articulada nesse artigo. É essa carência que o esquema óptico proposto no *Seminário I* vem remediar a partir de 1954. Ele representa a tentativa de Lacan de apresentar a incidência sincrônica do real, do simbólico e do imaginário. É o que vamos discutir em nosso próximo encontro.

O *TEXTO-CLÍNICO* COMO ANALISADOR METODOLÓGICO NA DESAMBIGUAÇÃO ENTRE FREUD E LACAN²⁰⁴

Haydée Montesano

Para propor uma desambiguação que envolva os termos *Freud* e *Lacan*, o primeiro passo é estabelecer algumas especificações e critérios que organizem o campo sobre o qual esta operação recai.

Desambiguar é intervir sobre aquilo que, ao estar apresentado de forma ambígua, desfaz as delimitações de sua condição particular e específica, permitindo interpretações variadas de um mesmo assunto.

No nosso caso, partimos do diagnóstico sobre o problema suscitado ao propor a continuidade entre a teoria de Freud e a de Lacan. Esta manobra sustenta que a psicanálise é *una* e, portanto, as diferenças entre os autores só obedecem aos matizes introduzidos sobre o mesmo e único corpo teórico.

Esta concepção, geralmente, implica ler o ensino de Lacan com a ambiguidade que possibilita uma interpretação que apaga o caráter subversivo de sua formulação conceitual.

A proposta para pensar este problema e chegar a uma resposta possível será abordar a diferença entre as duas teorias psicanalíticas a partir de uma concepção epistemológica. O procedimento, em primeira instância, é argumentar o desenvolvimento a partir da noção de discurso e, posteriormente, propor a construção do *caso* levando em consideração o termo técnico *texto-clínico* na função de analisador metodológico.

Introdução da diferença a partir do discurso

Reforçamos a ideia de que estamos contrastando dois paradigmas diferentes, cada qual com sua lógica e efeitos consequentes. No entanto, é necessário observar que a construção que Lacan leva a cabo, a qual chamamos de seu paradigma, implica uma operação de caráter epistemológico, que consiste na inclusão do *problema* que ele diagnostica na teoria de Freud. Uma maneira de abordar a questão é considerar, como um exemplo possível, a noção de

204 Este artigo coincide com a apresentação realizada no dia 7 de novembro de 2019, no âmbito da aula de encerramento do *Seminário Central de APOLa*, "Desambiguar Freud de Lacan".

inconsciente, sobre a qual Lacan, explicitamente, apontou no *Seminário JJ - Os quatro conceitos fundamentais* duas lógicas diferentes para cada uma das construções teóricas que correspondem ao conceito, dado que afirma "o inconsciente de Freud e o nosso".

É, portanto, em um aspecto dessa concepção que devemos prestar atenção: por que Lacan conserva o mesmo nome para o termo?

Essa circunstância pode gerar a crença enganosa de que se trata de um mesmo *objeto* lido ou abordado a partir de dois pontos de vista, o que implica considerá-lo como algo em *si mesmo* que admite duas versões.

Contudo, o que acontece se propormos que, em alguns casos, Lacan conserva o termo para construir sua oposição crítica? Desse modo, ele inclui o que diagnostica como problema teórico.

Outra forma de advertir esse procedimento é no uso que faz dos neologismos, segundo a minuciosa análise de Gabriela Mascheroni, que pode ser lida no livro *Los neologismos de Lacan. Una teoria dei acto*.²⁰⁵

Na maior parte dos casos, ao terminar de desenvolver sua posição, Lacan constrói uma denominação que não cumpre a função de definição, mas que sim opera com um deslizamento que não adere a um significado. Entretanto, o dado fundamental é que a construção da maioria dos neologismos inclui o questionamento ou diagnóstico do problema criticado. Como exemplo, citamos o termo neológico *hontologie* no qual o "h" faz da "ontologie" uma *vergonha*, uma vez que, em francês, o termo *honte* significa "vergonha". Tal qual Alfredo Eidelsztein assinala em *Otro Lacan. Estudios críticos sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*,²⁰⁶ nessa concepção, fica estabelecida a crítica de Lacan à ontologia, assim como à pergunta sobre o *ser enquanto ser*.

Por sua vez, como parte dos procedimentos que podem ser analisados nesta posição epistemológica, está a desconstrução de certos termos. É uma manobra complexa, já que demonstra que defender um termo opositivo não é algo linear. Isso faz com que, diante das construções que não necessariamente podem ser consideradas imediatamente opostas, seja necessário *desconstruir* o conceito freudiano que se instalou como antecedente, equivalente ou similar na conceitualização de Lacan. Um dos casos mais chamativos é o da equiparação entre o uso conceitual de Freud de *vorstellung repräsentant* e a teoria do *significante* de Lacan. Em um trabalho minucioso e fundamentado, Leandro Gómez abordou este problema em um dos encontros do *Seminário Central de APOLa*, em 2019. Nessa ocasião, ele localizou como problema teórico a ideia de *representação* na qual Freud se apoia. Essa concepção implica uma teoria

205 Mascheroni, G. (2014). *Los neologismos de Lacan. Una teoria en acto*. Letra Viva.

206 Eidelsztein, A. (2015). *Otro Lacan. Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*. Letra Viva.

da linguagem diferente da teoria à qual Lacan adere para propor o significante. Claramente, a *representação* e o *significante* estão em coerência com a complexidade dos dois paradigmas diferenciáveis que se inscrevem em uma certa relação opositiva.

A representação sempre implica um elemento prévio, da índole que for, porque é uma ação que evoca outra coisa que só pode estar ali em sua representação. Nessa lógica, o pensamento é o responsável por gerá-la, e a linguagem é o instrumento que, a partir da palavra, tenta denominar alguma coisa do representado.

O sistema que implica essa ideia de representação não poderia ser aquele em que se insiste em localizar no corpo teórico de Freud como antecedente do significante.

A noção de significante com a qual Lacan opera não só não encontra correspondência nesse modelo, como também difere da teoria linguística de Saussure, na medida em que decompõe a noção de signo definido como a composição do significante com o significado. Essa unidade do signo sugere que a função do significante é significar, e seu efeito é o significado, mas Lacan decompõe tal unidade do signo e propõe que "um significante enquanto tal não significa nada" e que os significantes se articulam como uma cadeia significante. Nesse sentido, a linguagem é uma estrutura significante.

Uma vez apresentadas estas breves diretrizes, podemos estabelecer, com mais precisão, a lógica que inscreve o dito na condição que introduz a formalização do discurso da psicanálise. Isso faz referência ao momento no qual Lacan propõe passar do uso indeterminado do termo *discurso* ao estabelecimento de seu valor conceitual, a partir da escritura da fórmula do discurso da psicanálise e seus consequentes quatro discursos.

O valor conceitual que destaco participa do que mencionei como um paradigma, o eixo do discurso é uma parte de sua complexidade.

Fundamentaremos, agora, como se relaciona esse eixo discursivo com o que revisamos previamente acerca da condição epistemológica em relação à desambiguação.

Embora a primeira relação entre elementos que vão organizando a escritura do discurso tenha sido formulada por Lacan no *Seminário 16 - De um Outro ao outro* - é no seminário seguinte que são formulados a escritura do discurso da psicanálise e os quatro discursos.

Sobre o ponto que tento ressaltar, no que vincula a formalização do discurso e a desambiguação com a teoria de Freud, que implica demonstrar suas diferenças, está expresso, tanto no próprio título do *Seminário 17 - O avesso da psicanálise* - e na explicitação, na primeira aula, na qual indica que "há que se considerar o projeto freudiano ao contrário", como no Seminário 16,

visto que nele aborda o "retorno a Freud", e o *acontecimento Freud* como acontecimento de discurso.

Vamos trabalhar estes dois aspectos seguindo a mesma ordem de apresentação que lemos em Lacan.

Nome de autor, acontecimento de discurso: de um retorno que não é regresso

Na aula de 26 de fevereiro de 1969, ditada no contexto do Seminário 16 já mencionado, Lacan faz uma menção especial à conferência realizada por Michel Foucault à qual tinha assistido alguns dias antes. A razão de seu interesse parece radicar na possibilidade de estabelecer o método com o qual lê e localiza Sigmund Freud no campo da psicanálise.

Para abarcar, em parte, a ideia em jogo em sua leitura, faz-se necessário trazer uma brevíssima síntese da conferência ; *Qué es un autor?*,²⁰⁷ pronunciada na Sociedade Francesa de Filosofia, no dia 22 de fevereiro de 1960, por Foucault.

Relacionada com os debates de época, a figura do *autor* foi desconstruída e analisada criticamente no campo da linguística e da literatura.²⁰⁸ Foucault retoma o problema a partir de uma proposição inovadora. Pensado como uma categoria teórica, *autor* deixou de funcionar como equivalência a um indivíduo criador e possuidor de uma obra. Se, em figuras como Roland Barthes, *autor* é um efeito de escritura que acontece *na* linguagem, na conferência de Foucault, o tema se toma mais complexo e, em última instância, pertence ao paradigma do *discurso*.²⁰⁹

Pontualmente, o aspecto que nos interessa é o que se refere à condição de dois nomes em particular: Marx e Freud. No contexto da Modernidade, serão estes dois nomes os que põem em jogo novos discursos.

O alcance e magnitude do que isto implica pode ser interpretado pelo lugar que adquire- em nosso caso- o nome de Freud na proposta de Foucault: Freud é um *nome de autor* que, ao operar como função, funda discurso. Portanto, já não é possível pensar na manobra freudiana como o estabelecimento de um conjunto de elaborações conceituais ligadas à sua pessoa, a *função nome de autor* institui uma criação que excede o limite dos textos atribuídos à sua produção, trata-se de uma função instauradora de discursividade.

207 Foucault, M. (1999). "1. Qué es un autor"? In *Entre fi/osofía y literatura*, v.1. Paidós.

208 Fazemos referência à série de artigos escritos por Roland Barthes alguns anos antes, como é o caso do paradigmático "A morte do autor", escrito em 1966.

209 A condição mencionada do termo *discurso* em Foucault corresponde a esse momento de sua produção.

O peso deste pronunciamento fica referendado na citação que Lacan realiza na aula já mencionada. Nessa ocasião, faz referência à dita conferência, na qual esteve presente e, de acordo com o que pode ser lido no texto publicado na conferência, concordou com Foucault em um dos pontos implicados diretamente no seu diagnóstico *função nome de autor*, "o retomo a Freud".

Quando se refere ao tratamento que Foucault dá à originalidade de Freud e ao valor que lhe é atribuído, Lacan, por sua vez, estabelece sua própria denominação: *o acontecimento Freud*.²¹⁰

Embora esta forma de denominar o acontecimento do nascimento da psicanálise ligado à figura de Freud só apareça na aula mencionada e nas *Reseñas de enseñanza*, revela-se oportuno citá-lo para ponderar a posição de Lacan, tal qual ele a explicita no seguinte parágrafo extraído da primeira parte do livro já mencionado *Reseña con interpolaciones del seminario de la ética*:

[...] não há como apreender o acontecimento Freud em nenhum outro lugar que não os escritos traçados pela mão de Freud: suas obras, como se costuma dizer.

Por isso mesmo, fica fora do alcance daqueles que se contentam apenas com folhear essas obras, caso, por demais, confesso e muito recorrente entre os psicanalistas: não há por que dar razão a ele, já que há demonstrações de sobra de sua produção comum. Como esta incapacidade de ler não é um privilégio seu, nos vemos na obrigação de advertir que estes escritos não representam a história do acontecimento. Os escritos são o acontecimento: participam, desde já, da temporalidade inerente ao discurso, mas o acontecimento é um acontecimento de discurso, e com toda a adequação, já que não há acontecimento que não se situe relativamente a um discurso. A prática dos escritos de Freud permite reconhecer que sua relação com o acontecimento é uma relação de resguardo, como se tratasse de um rescaldo, porque é o acontecimento, pode-se dizer que os abrigam.²¹¹

A citação evidencia, junto ao seu diagnóstico sobre os psicanalistas e sua deficitária leitura da obra freudiana, a valorização que Lacan faz da relação intrínseca que existe entre o acontecimento Freud, o discurso como conceito e a temporalidade própria do discurso.

O ponto relevante para compreender a diferença em jogo é a mencionada temporalidade, que não corresponde à ideia de um tempo estendido, porque o desenvolvimento implica ler o acontecimento sancionado como primeiro - acontecimento - e um segundo momento no qual se produz o discurso, que, deste modo, passa a adquirir a condição de relato histórico.

210 Lacan, J. (2006). *E/ seminario libro 16. De un Otro a otro* (p. 174). Paidós.

211 Lacan, J. (1988). *Reseña de enseñanza*. Manantial (pp. 14-15). (tradução nossa).

Esta noção temporal, gera ainda uma falsa divisão que faz do texto escrito - neste caso, o conjunto da escritura freudiana - uma ação acabada que permanece no passado e do discurso um *speech* - emprego o termo em seu uso coloquial - cuja única missão é relatar o acontecido, admitindo versões tão numerosas quanto os leitores que possa existir. Portanto, se o *acontecimento é de discurso*, não se trata do discurso enquanto relato de algo que tenha entidade em si mesmo nem de acontecimento como uma ação prévia e alheia ao discurso.

O projeto freudiano pelo avesso e a oposição: aparelho psíquico/discurso

Uma vez estabelecida a lógica temporal do discurso, na qual reconhecemos, sem maiores esforços, o regime da retroação, o futuro anterior, tantas vezes defendido por Lacan, passamos a *retomar o projeto freudiano pelo avesso*.

Para organizar o que virá a seguir, localizo como referência estas duas perguntas: pré-existia, no projeto freudiano, um avesso ou reverso que só implicasse revirá-lo e descobrir que estava ali? Ou é possível que o avesso ou reverso só se engendre sob certa forma de leitura que promova outra combinação dos termos em jogo e ainda outro estatuto para eles?

O caminho que estas duas indagações nos abrem parte do fato de que Lacan está propondo *o avesso da psicanálise* como título e abertura do seminário no qual apresenta a escritura formal dos quatro discursos: mestre, da histórica, universitário, da psicanálise. Portanto, revisar sua formulação é o passo logicamente necessário.

As fórmulas organizadas na álgebra lacaniana contam com quatro lugares: o agente, o outro, a produção, a verdade. E quatro elementos: o significante mestre, o significante do saber, o sujeito, o objeto *a* mais-de-gozar.

$$\frac{S_1}{S} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

mestre

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{S}$$

universitário

$$\frac{S}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

da histórica

$$a - S$$

da psicanálise

Levando isso em consideração, advertimos que a realização de cada um dos discursos implica um quarto de giro que faz a passagem de um para

o outro. Se cada um dos elementos se desloca para o lugar seguinte - sem perder sua ordem - ocupando os lugares fixos recém enumerados, vemos a construção dos quatro.

Se partimos do primeiro acima à direita, o do *mestre*, ao realizar dois quartos de giro no sentido horário, chegaremos ao da psicanálise. Essa meia volta, pensada na localização dos quatro divididos entre dois acima e dois abaixo - o "quadrípodo" que Lacan menciona-, localiza uma diagonal entre o discurso do mestre e o da psicanálise. Essa diagonal será o recorte que nos indica a espacialidade que vincula esses dois discursos em uma relação de contraponto, o ponto em questão é o que indica a "semi-torção" que constitui esse espaço como uma banda de Moebios.

Ao interpretar a posição desses dois discursos no regime espacial moebiano, advertimos que estes funcionam ao "avesso", tanto do plano direita/esquerda como do plano acima/abaixo.

Segundo o que foi dito até este ponto, podemos ver, de modo fundamentado, que o discurso da psicanálise produz uma torção que engendra ao discurso do mestre. Contudo, se, além disso, considerarmos que Lacan afirma, no mesmo seminário, que o discurso do mestre se corresponde com o inconsciente, cabe nos indagarmos se, por acaso, trata-se do inconsciente formulado a partir da teoria freudiana. Se concordamos que isso pode ser lido nessa direção, a proposta de "retomar o projeto freudiano pelo avesso", como efeito do discurso da psicanálise, passa a fazer sentido.

Como conclusão, só nos resta acrescentar que o "retomo a Freud" é lido e interpretado como essa ação que, sintetizando o que foi dito até aqui, implica um giro, um caminho que o funda como *avesso*, nunca como regresso.

A partir do que argumentamos e, levando em consideração o ponto de inflexão que gera a conceitualização do discurso no ensino de Jacques Lacan, proponho-lhes contrapor a noção de *aparelho psíquico* freudiano ao discurso formalizado em Lacan.

Sem dúvidas, a primeira grande diferença que se estabelece entra a teoria de Freud e a de Lacan é a concepção de *sujeito*, com que se opera em cada um desses dois paradigmas.

O sujeito em questão, para a psicanálise concebida por Freud, coincide com o *indivíduo moderno*, nascido como categoria que define a unidade que, embora pertença à espécie humana, cumprindo com as características *naturais* desta espécie, inclui um aspecto problemático e complexo na tensão que produz sua participação na sociedade organizada.

Sem pretender que esta brevíssima caracterização esgote a complexidade do tema, temos os termos necessários para propor que a problemática que Freud lê no *homem moderno* se intemaliza no indivíduo.

Para fundamentar a condição específica da espécie humana, propõe a existência de um *aparelho psíquico* que, embora possua uma localização ideal no sentido de não situá-la em alguma parte determinada do organismo, funciona no interior do indivíduo.

Nos diferentes escritos, desenvolvidos em um lapso de vários anos, foram apresentadas diferentes elaborações sobre a composição e o funcionamento do psiquismo. É assim que, a partir da elaboração presente no "Projeto para uma psicologia científica", o esquema proposto no capítulo 7 da "Interpretação dos sonhos" ou "O Eu e o Isso", Freud tentou dar conta de sistemas diferenciados de cada uma das instâncias que compõem o aparelho psíquico. Cada uma dessas instâncias cumpre funções específicas, e seu motor é de índole energética.

Para além das diferentes reformulações, há uma ideia constante, sempre presente na relação entre certa "substância" e sua representação, tal qual apresentamos no início deste trabalho, ao apontar a incompatibilidade entre o *vorstellung repräsentant* e a teoria do *significante* em Lacan.

Talvez, um dos escritos em que mais se destaca o lugar da linguagem, com a análise retórica mais aguda, é "O chiste e sua relação com o inconsciente" junto a permanente referência à "Interpretação dos sonhos. Entretanto, novamente encontramos uma referência inevitável a uma teoria econômica que faz da substância energética a razão última do funcionamento psíquico.

Outro dado de interesse surge quando nos atemos ao que se conhece como a "segunda tópica": Eu - Supereu - Isso. Ao apresentar instâncias nomeadas com termos que remetem a pronomes pessoais, poderia aparecer certo esquema enunciativo do qual participa a primeira pessoa gramatical *eu*, e a terceira, *isso*. No entanto, advertimos que as funções relacionadas a cada uma dessas instâncias parecem inverter o esquema clássico enunciativo comunicacional, centralizado no *eu* como lugar de enunciação. Se revisamos suas características, deparamo-nos com a primeira pessoa gramatical - eu - afetada por um desconhecimento radical das razões últimas de sua enunciação. Por outro lado, a configuração do *Supereu* é feita a partir da segunda pessoa gramatical - *tu* - mas, ao invés de ser a quem se dirige o *eu*, esse *tu* conjuga no imperativo o *dever ser* que impacta ao *eu*.

A respeito do *Isso*, convém referenciar brevemente o que Freud explicita, não somente que o toma de Groddeck, mas também aportando um aspecto chave na citação de nota de rodapé, em seu escrito "O Eu e o Isso":

O próprio Groddeck, indubitavelmente, seguiu o exemplo de Nietzsche, que utilizava habitualmente este termo gramatical para tudo que é impessoal em nossa natureza e, por assim dizer, sujeito à lei natural.²¹²

A citação é contundente, além de propor o que pode ser equivalente à terceira pessoa, que valha o paradoxo, é impessoal, remete a uma instância que articula nada menos que "natureza" e "ser".

Com esta última afirmação, completa-se a análise do que decidimos chamar de "um certo esquema enunciativo", já que, à inversão mencionada é somada a condição do *Isso*, que não apenas não está articulado a partir da palavra, como também - como lugar de enunciação - remete ao impronunciável em termos de inefável.

Em síntese, o esquema funciona com o critério do desdobramento temporal que propõe a primazia de algo extralinguístico, apresentado como "real", e, na segunda instância, com as palavras conjugadas representantes de uma representação do real prévio.

Só nos resta acrescentar que, ao *Isso* freudiano, opomos o *Isso fala* de Lacan, posto que implica nitidamente uma terceiridade que não se sustenta em pessoa gramatical, mas que remete à máquina da linguagem, à certa articulação significativa que se pronuncia a partir de um discurso que faz parte do seu dizer, o discurso da psicanálise que diz: "Isso fala".

Texto-Clínico: analisador metodológico

A partir do que foi apresentado, proponho *texto-clínico* como um analisador metodológico para estabelecer as diferenças entre os dois paradigmas, tal como funciona na construção do caso clínico.

Entendo que é uma forma adequada, porque permite delimitar um espaço restrito para apreciar a operatividade das noções distintas que foram abordadas neste trabalho, além de incluir aqueles conceitos que, embora não façam parte deste escrito, podem ser considerados a partir da mesma lógica.

A proposta do termo técnico *texto-clínico*²¹³ fornece, fundamentalmente, a possibilidade de sustentar a noção de texto, uma vez que esta é a que melhor se relaciona - por suas condições - com o dispositivo psicanalítico.

Uma primeira aproximação a esse termo técnico é a possibilidade de defini-lo como: uma operação de leitura que se especifica a partir de elementos estruturais, tais como são formulados no campo da psicanálise produzida no ensino de Lacan e, conseqüentemente, permite a escritura de casos no regime lógico da álgebra lacaniana e da estrutura em termos matemáticos e topológicos.

Junto a sua definição operativa, cabe acrescentar brevemente os elementos que lhe dão sustentação e funcionamento, como o caso do que chamaremos *o plano narrativo*, ligado ao que pareceria coincidir com o dito no espaço

213 Termo desenvolvido e fundamentado na minha tese de doutorado: *La formalización del discurso del psicoanálisis en Lacan: texto-clínico*. Orientada pelo Dr. Alfredo Eidelsztein.

clínico, mas que sabemos ter sofrido interferência da lógica significante. É a partir dessa lógica *significante* que se introduz a diferença com a *palavra*, porque o que está em jogo é o inconsciente, essa existência que instala a não correspondência entre enunciado e enunciação.

Por sua vez, disso deriva um texto que nos permite abordar o outro viés do problema de autor, já não como nome de autor fundador de discursividade, mas sim no sentido mais pleno de "autor proprietário", uma vez que no dispositivo do caso não trabalhamos com a ideia de autoria de um indivíduo, não é o analisante e seu relato nem tampouco o analista com suas intervenções - ainda quando seja ele quem dirija a cura - autor proprietário do texto que ali se cria.

Esta afirmação implica a necessidade teórica de argumentar que, se o dito não é propriedade de indivíduo algum, a ideia de *referência* e *referente* é desconstruída. A *referência* é aquilo de que se fala, mas com a particularidade de se constituir como efeito do dito que teve que ser estabelecido como tal, mas considerando que o *referente* é: "Isso fala".

Portanto, o plano narrativo nos dá a possibilidade de localizar as posições enunciativas e construir a historização, efeito da retroação que ordena a temporalidade como futuro anterior, segundo a lógica do bucle significante.

Será a partir desses dois aspectos que será possível ler o *sujeito* para esse caso, entendendo que não é o indivíduo que se *repete*, mas que o que insiste é uma lógica significante que pode ser reconhecida nas posições enunciativas e no historizado.

Esta enumeração nos dá a possibilidade de estabelecer as diferenças na construção do caso clínico a partir do paradigma de Lacan e o que se pode deduzir como os fundamentos do pensamento de Freud.

Partimos da localização de um *plano narrativo* no dispositivo clínico, esse registro no qual a apresentação fenomenológica parece coincidir com qualquer outro dispositivo de palavra organizado como relato ou narrativa.

Para estabelecer as categorias de análise da construção do caso clínico a partir da teoria de Freud, utilizaremos como apoio a teoria narratológica de Paul Ricouer; conveniente para ordenar "a narração textual" dos históricos, visto que um dos capítulos do seu livro *Tempo e Narrativa*²¹⁴ se ocupa especificamente da psicanálise, e considero que coincide com a linha teórica de Freud.

Em uma breve síntese, podemos afirmar que sua proposta tem como objetivo final pensar a narrativa como um modo de acessar o "ser do eu". As categorias com as que propõe sua análise hermenêutica são: o *tempo* e a *mimesis*.

Pensa o *tempo* no registro da *distentio animi*, proposto por Santo Agostinho. Isso implica um certo abandono à intuição da temporalidade, entendida como "a flecha do tempo": passado-presente-futuro, de estatuto linear.

Com relação ao registro narrativo, parte de um acontecimento prévio, uma ação que - segundo Aristóteles - é definida como ética,²¹⁵ neste caso, derivado do *êthos*, correspondente à designação das ações humanas.

É *a posteriori* de tal ação ética que a *mimesis* - a narração resultante desse acontecimento que funciona como causa pré-narrativa - tem lugar. Para Ricouer, é esse tempo, posto em narração, que opera a possibilidade de construir, nessa ação pré-narrativa, o ser do eu.

Não é arriscado defender que o critério com o qual Freud considerou a sequência biográfica de seus analisantes, coincide com a perspectiva que propõe Ricouer, embora o objetivo final de encontrar o *ser do eu* ficaria invertido em Freud, segundo o que apresentamos previamente em relação ao *Isso*.

Acredito que, a esta altura do desenvolvimento, não cabem muitas dúvidas sobre as diferenças que se colocam no ensino de Lacan - que apresentamos organizadas em seus aspectos básicos com o termo texto-clínico - e a teoria freudiana. Para deixar claro o que desenvolvemos aqui, concluo com um quadro comparativo dos critérios diferenciados de cada paradigma, segundo as categorias com as quais podemos pensar a construção do caso clínico:

Freud:	Lacan:
Real: Extralinguístico; Inefável.	Impossível de estatuto lógico-matemático
Referência: Pré-discursiva	Sancionada pelo dizer: feito de dito
Referente: Indivíduo - aparelho psíquico	Isso fala - articulado ao discurso
Temporalidade: flecha do tempo	Retroação, bucle significante
Narrativa: Mimesis	Texto-clínico
Ética: aplica-se ao acontecimento pré-discursivo	Efeito de leitura e interpretação
Sujeito: Indivíduo afetado pela <i>spaltung</i>	Dividido, efeito do discurso
Escritura do caso: Histórico clínico	Formalização

215 Na Grécia Antiga, havia dois termos diferentes: *êthos* y *éthos*. Embora sua distinção seja complexa e ligada a diferentes estudos, para o nosso caso, é suficiente estabelecer que o *êthos* está associado a uma certa ação a cargo do homem e que o *éthos* se refere aos costumes, mais especificamente, no sentido do que hoje entendemos como "moral".

ISSO, EU E SUPEREU X RSI²¹⁶

Karime Colares

O título do seminário de Brasília desse ano, "Diferenciação conceitual entre Freud e Lacan", é autoexplicativo: estabelecer as diferenças entre essas duas teorias. Mas para quê? Para além de argumentos que envolvem a teoria, há uma ótima razão que sustenta a própria invenção da psicanálise: a clínica. Lidamos com o sofrimento. Pensar sobre as diferenças teóricas, escolher a partir de que sistema teórico vamos escutar nossos analisantes, implica estabelecer qual será a direção do tratamento e como vamos tentar intervir em seus sintomas. É preciso saber de nossa posição teórica, pois isso tem consequências. É o que cria a clínica.

Lembremo-nos também da importância de que existam efeitos terapêuticos e que estejamos, enquanto analistas, atentos e preocupados com isso. A necessidade, por exemplo, da matemática e da topologia, para que possamos acompanhar os matemas propostos por Lacan, só se justifica sob a perspectiva clínica. Citando Eidelsztein em seu livro sobre a Topologia:

O desafio é ver se a topologia contribui. Não a uma teoria mais sofisticada e melhor apresentável nos círculos intelectuais da psicanálise, mas no terapêutico e no clínico; ou seja, se a partir da inclusão da topologia em nossas conceitualizações, as curas são mais exitosas e produzem efeitos mais radicais.²¹⁷

"Meus três"

Em 12 de julho de 1980, em sua última intervenção pública, na apresentação conhecida como "conferência de Caracas", que marca a abertura de várias aulas proferidas por Jacques-Alain Miller pela Escola do Campo Freudiano, Lacan nos diz:

Venho aqui antes de lançar minha Causa Freudiana. Eu, eu sou freudiano... por isso creio ser adequado dizer-lhes algumas palavras do debate que mantenho com Freud, e que não é de hoje. Aqui está: meus três não são

216 Apresentado em 14 e 28 de outubro de 2019. Nota da autora: vamos optar pelas traduções "Isso, Eu e Supereu", e não "Id, Ego e Superego", como figura na *Edição Standard das obras de Freud*.

217 Eidelsztein, A. (2006). *La Topologia En La Clínica Psicoanalítica* (p. 12). Letra Viva. (tradução nossa).

os seus. Meus três são o simbólico, o real e o imaginário. Vi-me levado a situá-los como uma topologia, a do nó chamado borromeano.²¹⁸

Nessa conferência,²¹⁹ sustenta que os "seus três" - real, simbólico e imaginário - "teriam sido dados a nós por ele para que nos orientemos melhor em nossa prática".²²⁰ A seguir, critica os três de Freud- Isso, Eu e Supereu- como sendo uma formulação "sem jeito", um arremedo. Na opinião de Lacan, está longe de ser o melhor de Freud, não favorecendo a pertinência do pensamento que pretende traduzir.

É preciso dizê-lo: o que Freud desenhou com sua tópica, chamada segunda, é malfeito [*n'est pas sans maladresse*]. Imagino que era para ser compreendido dentro dos limites de sua época. Mas não poderíamos aproveitar do que lá é representado, aproximando-o do meu nó? Consideremos o saco flácido que se apresenta como analogia do Isso em seu artigo 'O Eu e o Isso'. Esse saco seria o continente das pulsões. Que ideia absurda esboçar isso assim! O que só se explicaria considerando as pulsões como esferas a serem expulsas pelos orifícios do corpo, após terem sido ingeridas[...]. Isso nos deixa perplexos. Digamos que não é o que Freud fez de melhor.²²¹

Essa aproximação que Lacan faz, entre os seus três e os de Freud, nos permite pensar o quanto se trata de conceitos que são caros a ambos os autores. Eles estão presentes desde suas investigações iniciais e perpassam toda a construção teórica proposta por cada um. Temos o RSI numa conferência dada por Lacan em 1953 e um esboço do que viria a ser o conceito de Eu, proposto por Freud, desde o "Projeto", texto de 1895.

Mas as diferenças nesse campo conceitual! entre Freud e Lacan são radicais. O Eu para Freud é interno e central, amado -uma vez que, como o primeiro objeto de amor, funciona como a base narcisista de todo amor objetal. É a testemunha da realidade, já que consiste nos traços mnêmicos das vivências de satisfação realmente acontecidas no começo da vida, e que fundam o chamado mundo interno. Para Lacan, o Eu é todo o contrário, engano a respeito da confusão ineliminável entre o Eu e o outro - semelhante -, o que produz o paradoxo tão mencionado por Lacan - eu é outro-; base da alienação imaginária e sede das relações de agressividade.

Outra diferença, que acho importante considerarmos em nossa discussão de hoje: o Isso freudiano é o manancial das pulsões que provêm do interior

218 Lacan, J. (s.d.). *Aula de 12 de julho de 1980*. Gravação disponível em: <http://www.valas.fr>. (tradução nossa).

219 Lacan, J. (s.d.). Conferência de Caracas, publicada no *Seminário 27, Disolución*. Versão crítica de Ricardo Rodríguez Ponte, <http://www.efbaires.com.ar>. (tradução nossa).

220 Ibid. (tradução nossa).

221 Ibid. (tradução nossa).

do corpo biológico e incidem no aparato psíquico. Já o Isso de Lacan cumpre a função de escrever que "Isso fala" e "Isso pensa" e estabelece para a psicanálise a lógica do impessoal que indica que o pensamento e a fala não correspondem à lógica individualista.

Algumas dessas proposições já foram mencionadas na apresentação sobre o narcisismo, e podem ser discutidas à luz dos três aspectos: a) conceito de energia; b) interior/exterior e c) Eu central e autônomo.

Isso, Eu e Supereu

No "Projeto para uma psicologia científica" - texto escrito em 1895 e publicado postumamente em 1950 -, Freud concebe o psiquismo como um aparelho capaz de transmitir e de transformar uma energia determinada. O funcionamento desse aparelho psíquico é explicado a partir de duas hipóteses: 1ª)ade que existe uma quantidade de energia (Q) que distingue a atividade do repouso e das partículas materiais; 2ª) a identificação dessas partículas materiais com os neurônios. Essas duas hipóteses supõem um princípio de regulação do aparelho psíquico, que é o Princípio de Inércia Neurônica, segundo o qual os neurônios tendem a descarregar completamente toda a quantidade de energia (Q) que recebem.

O aparelho psíquico freudiano não possui, portanto, realidade ontológica; trata-se de um modelo explicativo que não supõe qualquer sentido denotativo na realidade. Esse modelo é tomado de empréstimo à física, particularmente à termodinâmica. O próprio emprego do termo "modelo" deve ser feito com reservas, já que o emprego de um modelo teórico implica certo rigor formal que Freud está longe de poder cumprir, dada a sua limitação - declarada pelo próprio - quanto à Física de sua época. Assim, o "aparelho psíquico" é concebido segundo um referencial termodinâmico que nem sempre é obedecido com rigor. Da mesma forma, os "neurônios" - as partículas materiais que compõem esse aparelho - não correspondem aos dados da histologia e da neurologia de sua época. Não quero dizer com isso que o modelo oferecido por Freud no texto acima mencionado não seja um modelo neurológico, mas sim que essa neurologia e a anatomia que ele nos apresenta são "fictícias". O "Projeto" não é um trabalho descritivo baseado em observações e experimentos, mas um trabalho teórico de natureza fundamentalmente hipotética. Ou seja, os neurônios aos quais ele se refere como constituintes da base material do aparelho psíquico não correspondem às descobertas da histologia do século XIX. Não é, portanto, uma tentativa de explicação do funcionamento do aparelho psíquico em bases anatômicas, mas, ao contrário, implica uma renúncia à anatomia e a formulação de uma metapsicologia.

Considerando a dor como uma irrupção de Qs - quantidade de energia - excessivamente grandes em "phi" e "psi":

[...] os processos de atração de desejo e da propensão ao recalçamento indicam que em "psi" se formou uma organização cuja presença interfere nas passagens - de quantidade - que, na primeira vez, ocorreram de determinada maneira - isto é, acompanhadas de satisfação ou dor. Esta organização se chama Ego.²²²

O Eu é tratado como uma organização dentro do sistema "psi", e é assim que essa instância surge na doutrina freudiana. É fruto de uma exigência econômica. Sua origem está vinculada à contenção do confuso fluxo da quantidade que perpassa o psiquismo desamparado.

No texto a "Interpretação de sonhos", é formulada o que ficou conhecida como sendo a 1ª tópica freudiana, isto é, a concepção do aparelho psíquico formado por instâncias ou sistemas: o sistema inconsciente, pré-consciente e o consciente. Esse "aparelho" é orientado no sentido progressivo e regressivo e é marcado pelo conflito entre os sistemas, o que toma a concepção tópica inseparável da concepção dinâmica. O termo inconsciente, quando empregado antes de Freud, era feito de uma forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, mas jamais para designar um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria.

Muitas foram as contradições que levaram Freud a repensar sua tópica a partir de 1920, instituindo o que é chamado de 2ªtópica. Posso citar: a reformulação do Eu a partir da teoria do narcisismo, o peso cada vez maior conferido ao conceito de identificação - ação de assemelhar um Eu a outro-, a formalização do conceito de pulsão e a dimensão do conflito pulsão de vida X pulsão de morte. E, finalmente, a formulação de que o inconsciente não mais coincide com o recalçado, ou seja, há uma parte do Eu que passa a ser considerada inconsciente. Assim, ele afirma que as resistências do paciente são indubitavelmente inconscientes. Isto faz com que ele note que a resistência emana do Eu e, deste modo, conclui que partes do próprio Eu e também do Supereu são também inconscientes - no sentido dinâmico.

Deparamo-nos com algo no próprio ego que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o recalçado[...]. Do ponto de vista da prática analítica[...] teremos que substituir a antítese consciente e inconsciente por outra, extraída de nossa compreensão interna das condições estruturais da mente - a antítese entre o ego coerente e o recalçado que é expelido dele.²²³

222 Freud, S. (1980). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v.1 (p. 340). Imago.

223 Freud, S. (1980). O Eu e o Isso. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. 19. Imago.

É um fato que o Eu e o consciente, o recalçado e o inconsciente não coincidem.²²⁴

Muitos anos mais tarde, em 1933, no artigo "A dissecação da personalidade psíquica",²²⁵ Freud apresenta uma detalhada exposição sobre as três instâncias que estamos discutindo e suas relações mútuas. Lembrando que, ainda nesse momento da formulação freudiana, permanece o princípio de que a teoria da psicanálise é construída sobre a percepção da resistência que o paciente oferece quando tentamos tomar-lhe consciente o que estava inconsciente.

O Isso é formulado como sendo "a parte obscura, a parte incessível de nossa personalidade".²²⁶ Freud o descreve como estando aberto, no seu extremo, a influências somáticas, repleto de energias que a ele chegam das pulsões. Não possui organização, não expressa uma vontade coletiva, mas somente uma luta pela consecução da satisfação das necessidades pulsionais, sujeita à observância do princípio do prazer. Além disso, todas aquelas características que, imagino, são muito bem conhecidas por vocês: não há contradição, impulsos contrários existem lado a lado; não existe nada que corresponda à ideia de tempo, não é produzida nenhuma alteração em seus processos mentais pela passagem do tempo; não conhece nenhum julgamento de valores, nem moralidade.

Já o Eu é formulado, nesse momento da teoria, como sendo a parte do Isso que se modificou pela proximidade e influência do mundo externo, está em relação com a parte mais superficial do aparelho mental, o sistema Pcpt-Cs. É receptivo não só às excitações provenientes de fora, mas também àquelas que emergem do interior da mente. O Eu controla os acessos à motilidade, sob as ordens do Isso; mas entre uma necessidade e uma ação, interpõe uma protelação sob forma de atividade do pensamento, durante a qual se utiliza dos resíduos mnêmicos da experiência. Dessa maneira, destronou o princípio de prazer, e o substituiu pelo princípio de realidade.

A relação do ego para com o id poderia ser comparada com a de um cavaleiro para com o seu cavalo. O cavalo provê a energia de locomoção, enquanto o cavaleiro tem o privilégio de decidir o objetivo e de guiar o movimento do poderoso animal. Mas muito frequentemente surge entre o ego e o id a situação, não propriamente ideal, de o cavaleiro só poder guiar o cavalo para onde este quer ir.²²⁷

224 Freud, S. (1980). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. 22 (p. 90). Imago.

225 Ibid.

226 Ibid., p. 94.

227 Ibid., p. 98.

O Supereu assume o poder, a função e até mesmo os métodos da instância parental, constituindo-se não simplesmente como seu sucessor, mas, também, realmente seu legítimo herdeiro. Ele observa, dirige e ameaça o Eu exatamente da mesma forma que os pais faziam com a criança. Da relação entre os dois é que adviriam os sentimentos de culpa expressão da tensão entre eles - e de inferioridade.

Há também uma outra função que Freud atribui ao Supereu, quando o postula como sendo o veículo do "ideal do Eu", em relação ao qual o Eu se avalia, estimulando-o a uma exigência por uma perfeição sempre maior, que ele se esforça por cumprir. Atribuímo-lhe as funções de auto-observação, de consciência e de manter o ideal.²²⁸

Freud nos adverte da dificuldade de servir a dois senhores ao mesmo tempo, e que, o Eu, na verdade, serviria a três tirânicos senhores: o mundo externo, o Supereu e o Isso.

[...] o propósito da psicanálise seria na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id. Onde estava o id, ali estará o ego - *Wo Es war, soll Ich werden*. É uma obra de cultura - não diferente da drenagem do Zuider Zee [golfo formado pelas águas do mar do Norte no centro-oeste dos Países Baixos].²²⁹

Portanto, assim como a civilização ganha do mar terra para cultivar, assim a psicanálise freudiana ganha do Isso, território para o Eu.

RSI

Há uma forma de ler Lacan, que poderíamos chamar "evolutiva", que tenta reduzir seu ensino a uma sequência de fases dispostas em ordem cronológica, sucedendo-se por meio de cortes ou rupturas que indicariam atualizações do paradigma. É importante considerar que não há uma leitura única da teoria de Lacan, como aliás, não há para autor algum. Porém, no que diz respeito a essa divisão do ensino de Lacan, considero que não faz sentido pensá-lo como sendo constituído por etapas nas quais cada um dos registros é colocado em destaque. Primeiro o Imaginário, depois o Simbólico ocupando o lugar central e, finalmente o Real. Teríamos então o ultimíssimo Lacan e a clínica do Real.

Por que essa leitura não se sustenta? Lacan não segue um percurso linear em sua teorização. Essa leitura ignora propositalmente todas as idas e vindas, desvios e retornadas de teses mais antigas, que caracterizam o seu ensino.

228 Ibid., p. 86.

229 Ibid., p. 102.

Não há cortes ou rupturas que indiquem uma substituição do Imaginário pelo Simbólico para depois chegar ao Real. Finalmente, é importante lembrar que a concepção lacaniana do nó borromeano, elaborada nos últimos seminários por ele apresentados, postula que os três registros se enodam de forma que não há preponderância de um determinado registro sobre os outros dois. Mesmo que sua teoria não tenha surgido de uma só vez em estado acabado, a leitura de suas teses como etapas que se sucedem, superando-se, é um reducionismo.

Ele se ocupa em definir teoricamente o papel do imaginário na constituição do Eu em seu texto pioneiro, "O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica".²³⁰ Nessa teorização, Lacan renova as teorias do Eu, recusando qualquer concepção que tenda a fazer deste simplesmente uma instância que permitiria o conhecimento da realidade. Funda a dimensão do Imaginário.

A essas proposições opõe-se toda a nossa experiência, na medida em que ela nos dissuade de conceber o eu como centrado no sistema percepção-consciência, como organizado pelo princípio de realidade, no qual se formula o preconceito cientificista mais contrário à dialética do conhecimento, e nos indica que partamos da função de desconhecimento que o caracteriza em todas as suas estruturas.²³¹

Há nessa experiência do estádio do espelho a captação pela imagem, que antecipa a unidade e o controle da motricidade efetiva do corpo, até então vivido como despedaçado, atribuindo-lhe uma forma, "numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída".²³² Essa antecipação constitutiva do eu aliena-o a uma imagem mais ou menos fixada, a algo exterior a ele.

O primeiro tempo em que o sujeito não se distingue da imagem que o aliena deve ser completado com um tempo de identificação ao outro que vem no lugar da imagem. "É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio".²³³ Esse efeito de alienação fundamental pode ser tomado no duplo sentido da palavra alienação, de "ser outro" e de "estar louco" - alienação mental.

[...] não há meio de apreender o que quer que seja da dialética analítica se não assentarmos que o eu é uma construção imaginária. O fato dele ser imaginário, isto não retira nada a este pobre eu - diria até que é o que ele

230 Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In *Escritos*. Jorge Zahar.

231 Ibid., p. 103.

232 Ibid., p. 98.

233 Lacan, J. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In *Escritos*. Jorge Zahar.

tem de bom. Se ele não fosse imaginário, não seríamos homens, seria 111 os luas. O que não quer dizer que basta que tenhamos este eu imaginário para sermos homens. Podemos ser ainda esta coisa intermediária que se chama louco. Louco é justamente aquele que adere a este imaginário puro e simplesmente.²³⁴

Como dito antes, na apresentação sobre a diferença entre os conceitos de Narcisismo e a teorização de Lacan sobre o Estádio do espelho, a efetividade do simbólico é mais postulada do que realmente articulada nesse artigo. É essa carência que o esquema óptico, proposto no *Seminário I*, vem remediar a partir de 1954. Ele representa a primeira tentativa de Lacan de apresentar a incidência sincrônica do real, do simbólico e do imaginário. Resumidamente, o esquema em questão descreve uma experiência em que uma bancada é posicionada diante de um espelho côncavo, tendo sobre ela um vaso de flores vazio. Sob a bancada, invertido e oculto do observador, há um ramalhete de flores. Para obter o efeito desejado, o observador deve se posicionar corretamente no cone dos raios luminosos que partem dos limites do espelho. Nessa posição, ele verá a imagem real do ramalhete de flores no gargalo do vaso, criando a ilusão de um vaso com flores.

Para evitar equívocos, vale lembrar que a expressão "imagem real" não é de Lacan, mas trata-se de um termo da física para designar a imagem que se forma no espaço exterior ao espelho, e que se comporta como objeto e não como imagem. O que implica uma "ilusão de ótica", já que podemos pensar que a imagem formada, na verdade, é um objeto existente. A imagem real é produzida no mesmo plano em que se encontra o objeto. Ao contrário da imagem virtual, que é aquela que se forma "dentro" do espelho, no espaço virtual "atrás" da superfície especular e, sobre a qual, temos clareza de que se trata de uma imagem.

Deve-se levar em conta, portanto, que o sujeito crê que está vendo um buquê real, que não sabe de onde surgiu, pois, pouco antes, o vaso estava vazio. Mas é importante observar que, nesse modelo, a ilusão se dá a partir da posição do sujeito representada pelo olho no cone de reflexo. Mas como poderemos localizar os três registros - **RSI** - nesse modelo?

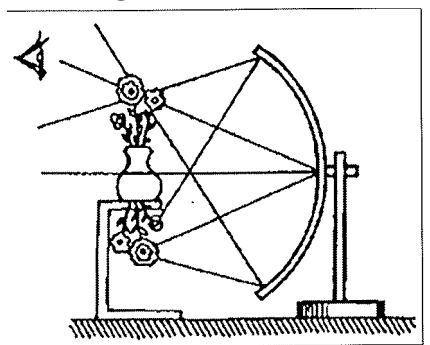
Segundo Eidelsztein, em *Modelos, esquemas e grafos*:

As imagens, e especialmente as imagens enganosas do espelho esférico, representam o imaginário, a estrutura ilusória do eu, enquanto que o aparato óptico, mais os objetos inacessíveis, (as flores reais somente são acessíveis visualmente ao sujeito do experimento através da imagem ilusória), representam o real e as leis de produção de imagens, o simbólico.²³⁵

234 Lacan, J. (1985). *O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (p. 306). Jorge Zahar. Aula de 25 de maio de 1955.

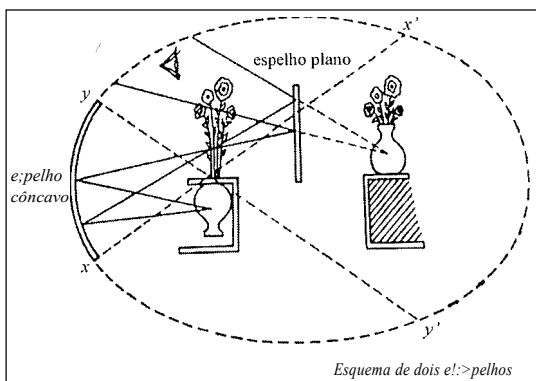
235 Eidelsztein, A. (2018). *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan* (p. 38). Toro Editora.

Figura 1 - Seminário 1



A tentativa de articular os três registros fica mais clara no segundo esquema apresentado por Lacan, o do "vaso invertido", a partir da introdução da função do Outro, que faz a intermediação da relação, sempre relativamente falha, do sujeito com a própria imagem. Nele, podemos encontrar do lado esquerdo: o espelho côncavo e a bancada diante dele, com o vaso de flores oculto. Porém o olho não está na posição correta em relação ao cone dos raios luminosos, portanto, o sujeito não pode enxergar a ilusão da imagem real completa como no experimento anterior - que seria uma aproximação à completude narcísica, Eu ideal. Para que ele possa enxergá-la, é preciso o recurso a um espelho plano, para o qual ele olha. Esse espelho reflete a imagem real do vaso com flores, gerando uma imagem virtual- "dentro" do espelho - dessa imagem real. Esta imagem virtual é a que se enxerga. O espelho plano é, portanto, o elemento novo introduzido no esquema e cumpre a função de Outro.

Figura 2 - Seminário 1



Podemos supor agora que a inclinação do espelho plano é comandada pela voz do Outro. Isso não existe ao nível do estádio do espelho, mas é em seguida realizado pela nossa relação com outrem no seu conjunto_a relação simbólica. Vocês podem apreender então que a regulação do imaginário depende de algo que está situado de modo transcendente, como diria o Sr. Hyppolite- o transcendente no caso não sendo aqui nada mais que a ligação simbólica entre os seres humanos.²³⁶

Em outros termos, é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário. O Outro é o mediador pelo qual o sujeito humano encontra sua "própria imagem", e também o que separa o sujeito de sua imagem.

Essa relação com o Outro, enquanto propriamente humana, é o que Lacan conceberá como o simbólico, o qual determinará a relação recíproca do imaginário e do real.

Convém aqui fazer uma ressalva: o fato do simbólico determinar a relação do imaginário e do real não implica que seja o mais importante. Estamos diante de uma relação interdependente, onde não há um sem o outro, mas não reversível, ou seja, onde as relações de cada um para com o outro não são as mesmas.²³⁷

Em 1º de novembro de 1974, na conferência chamada de "A terceira", proferida em Roma como discurso de abertura do 7º Congresso da Escola Freudiana de Paris, Lacan apresenta as seguintes versões do nó borromeano, articulando os três registros:

Figura 3

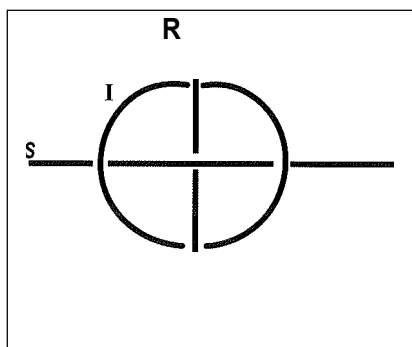
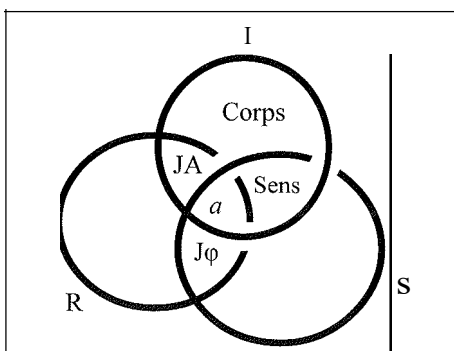


Figura 4



236 Lacan, J. (1986). *O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. (p. 164). Jorge Zahar.

237 Op. Cit., p. 42.

Notem que, como já esboçado no modelo óptico e na teorização proposta no "estádio do espelho", o corpo é localizado no registro imaginário.

É nisso que consiste o pensamento: palavras introduzem no corpo algumas representações imbecis. Pronto, vocês têm o troço, vocês têm aí o imaginário, e que além do mais, bota as tripas para fora [...].²³⁸

E, até o final de seu ensino, essa posição será mantida por Lacan. O corpo em que se pode tocar, cortar, não é da ordem do simbólico nem do real. Há aqui uma enorme diferença, diria até oposição entre o proposto por Lacan e pelo pós-lacanismo. Nas aulas VIII e IX do seminário *R.S.J.*, também há várias referências ao corpo como localizado no registro imaginário.

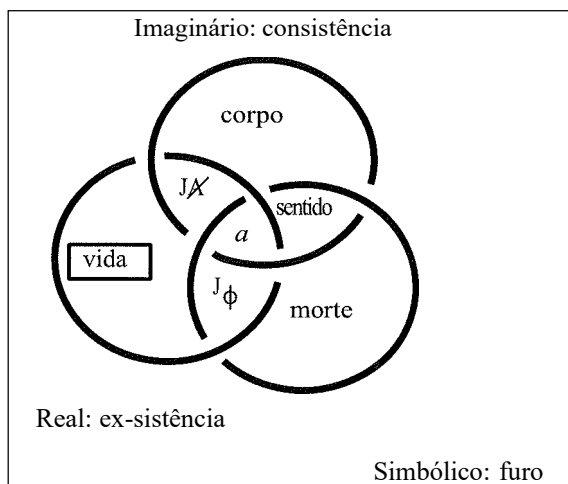
Como efeito, passa-se a considerar que o imaginário é o engano não somente pela alienação especular à imagem do semelhante, senão também pela visibilidade de nosso corpo. Em resumo, acreditamos no que vemos. Se alguém se vê como estando acima do peso desejado no espelho, mesmo que esteja com 20 kg a menos na balança, é provável que continue acreditando naquela imagem, mesmo que muitos digam o contrário. É onde nos enganamos, no ponto em que "acreditamos que somos" o nosso corpo visível. Esta é a segunda perspectiva da lógica do fenômeno de captura imaginária, já que no estágio do espelho o homem está capturado pela imagem aparentemente completa do semelhante. A partir desse ponto de sua teoria, Lacan agrega outra perspectiva ao mesmo problema e diz que o homem está capturado pela imagem de seu próprio corpo, já que o corpo se vê.

Essa teorização de Lacan vai na contramão do que tendemos a pensar. Em nossa sociedade, o que vemos e podemos tocar é absolutamente real. Como assim podemos nos sentir mais pesados ou leves a partir do que imaginamos ou vemos?

Mas, antes de continuarmos, há um ponto importante, de muitas repercussões clínicas. Esse engano, de que estamos falando, é estrutural. Não se trataria, portanto, de "desenganar-se". Lacan não propõe em lugar algum que teríamos que abolir esse engano para "vivermos à luz da verdade". A questão que se coloca é que o analista deve estar advertido de que se trata de um engano, até porque há pessoas que sofrem enormemente a partir da imagem. Alguém pode parar de se alimentar por se ver cada vez mais gordo ou comer demais, por se ver magro além da conta; sofrer de dores para as quais os médicos não encontram causas; fazer inúmeras cirurgias por se achar fora dos padrões de beleza etc.

238 Lacan, J. (1974). *La troisième*. Conferência "A terceira", de 1º de novembro de 1974, em Roma. <http://www.staferla.free.fr> (tradução nossa).

Figura 5 - Seminário 22



Nessa figura temos a concepção do nó borromeano tal como Lacan propõe no seminário *R.S.I.*²³⁹

Nele [no seminário], vemos o simbólico tratado como furo, falha e associado a morte. Lacan nos adverte, "o simbólico não é somente o blá-blá-blá". O uso do simbólico não é evidentemente para ser tomado no sentido corrente de palavra.²⁴⁰

Desde o começo mesmo da elaboração lacaniana do simbólico, este registro será o que faz nó aos outros dois, já que, de fato, traz a função do nó. Mas como? A partir da operatória significante. Partindo do pressuposto de que um significante não significa a si mesmo, precisamos de ao menos dois. De forma ilustrativa, tomemos o clássico bucle. Dois significantes, S1 e S2, que fundam, num tempo reversivo e num espaço combinatório circular, uma relação em forma de bucle ou "linha fechada". Na cadeia significante, o primeiro significante antecipa o segundo e este ressignifica o primeiro.

O buraco [furo] funciona ou opera como turbilhão, redemoinho, que prefiro designar como 'cyclone devorante' que, no universo do falasser, traga e aniquila a substância material, causa o movimento do desejo e por sua vez cria o objeto *a*.²⁴¹

239 Lacan, J. (1974-1975). *Séminaire 22: R.S.I.* Aula de 21 de janeiro de 1975. <http://www.staferla.free.fr>, p. 37. (tradução nossa).

240 Ibid., Aula de 11 de fevereiro de 1975. <http://www.staferla.free.fr>. (tradução nossa).

241 Eidelsztein, A. (2011). Lo Simbólico de J. Lacan, o la función dei agujero. In *E/ Rey está desnudo*, (4)1-9. (tradução nossa).

Vamos agora ao que talvez seja um dos conceitos mais controversos da teoria lacaniana, a noção de real. É muito novo o tratamento que Lacan propõe a esse conceito, o que deu lugar à equiparação do real com o corpo, a carne, o osso, o organismo, o inefável etc. Desta maneira, a manobra produzida por Lacan acaba por ser completamente anulada, uma vez que a novidade de sua articulação é sustentar o conceito do real em íntima articulação à lógica matemática. O real, portanto, é relativo à demonstração lógica ou matemática, não à natureza, não é natural.

No último período de seu ensino, especialmente nos seminários 22 a 25, ele insiste em retomar essa noção, não só nos seminários, mas também em jornadas e conferências. E não foi por considerá-la mais importante que o imaginário e o simbólico, mas penso que representa uma tentativa de esclarecer e consolidar o conceito.

No seminário do RSI, Lacan nos diz que o nó borromeano é uma escritura que suporta um real. Este real é uma construção. A partir do nó e da lógica matemática podemos formular um real.²⁴² Há uma possibilidade de escrever o que não cessa de não se escrever: a partir da escritura dos nós, se faz operável uma escrita da lógica em jogo na estrutura do sujeito, que, no curso de uma análise, o real de que se trata fique circunscrito, seja produzido como escritura. Se a psicanálise tem algum futuro, é porque oferta a possibilidade de produzir essa escritura.

A análise não consiste em sermos liberados dos sintomas a análise consiste em que saibamos por que estamos enredados (embaraçados) neles. Isso se produz do fato de que há o Simbólico.²⁴³

Das várias definições que Lacan nos apresenta do Real, a mais frequente, a que mais se repete é a que o coloca na categoria "do impossível":

Que o pai morto seja o gozo, isto se apresenta a nós como sinal do próprio impossível. E é nisso mesmo que reencontramos aqui os telmos que defini como aqueles que fixam a categoria do real, na medida em que ela se distingue radicalmente, no que articulo, do simbólico e do imaginário - o real é o impossível. Não na qualidade de simples escolho contra o qual quebramos a cara, mas de escolho lógico daquilo que, do simbólico, se enuncia como impossível. É daí que surge o real.²⁴⁴

242 Lacan, J. (1974-1975). *Séminaire 22: R.S.I.* Aula de 17 de dezembro de 1974. <http://www.staferla.free.fr>. (tradução nossa).

243 Lacan, J. (1977-1978). *Séminaire 25: Le moment de conc/ure*. Aula de 10 de jan. de 1978. <http://www.staferla.free.fr>. (tradução nossa).

244 Lacan, J. (1992). *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. (p. 116). Jorge Zahar. Aula de 18 de março de 1970.

Esse real, inventado por Lacan, só pode ser simbólico, visto que não existe impossível fora do simbólico. Mas, para seguirmos, é preciso que diferenciemos impossível de muito improvável. Para isso, vamos fazer uso do conceito de impossível tal como articulado pela Matemática. Impossível portanto, não quer dizer que seja difícilimo ou que ainda não sabemos, mas sim que é logicamente impossível.

Um cientista, quando diz que uma máquina ou projeto é impossível, apenas revela as limitações de sua época. 'É impossível voar até a Lua', não tem sentido, enquanto 'não descobrimos ainda um meio de voar até a Lua' é diferente. Declarações sobre impossibilidades na Matemática são de caráter inteiramente diferente. Um problema de Matemática que não possa ser solucionado nos séculos vindouros não é sempre impossível. 'Impossível', em Matemática, significa teoricamente impossível, e não tem nada a ver com o estado atual do conhecimento humano. Significa uma tentativa de provar que 7 vezes 6 são 43. Pelas regras da Aritmética, 7 vezes 6 são 42, tal como, pelas regras do xadrez, um peão tem de fazer pelo menos 5 movimentos antes de se transformar em rainha. Enquanto não se apresentar uma prova teórica de que um problema não pode ser solucionado, deve-se procurar uma solução, por mais improvável que seja o sucesso. Logo que tais provas sejam apresentadas, continuar a buscar uma solução será o mesmo que procurar um bípede de três pernas ou tentar construir um triângulo de quatro vértices.²⁴⁵

Como se pode observar, é a definição ou regra que determina a impossibilidade. Nada vindo da realidade ou da experiência pode ser qualificado de real, por si mesmo, no sentido lacaniano. O impossível não se define desde o fenômeno e nunca é empírico.

Retomando a citação que usei para definir o real lacaniano: quando Lacan nos diz que "o real é o que do simbólico se enuncia como impossível",²⁴⁶ não significa que ele esteja fora da ordem simbólica, não há real fora da linguagem. Uma das principais ideias de que parte Lacan para construir sua teoria é que não há realidade pré-discursiva, ou seja, que a linguagem e o Outro já estão funcionando desde sempre. O que se dá é "um impasse na formalização".²⁴⁷ Sendo assim, o real é o que não se registra, não se escreve, como insiste Lacan, ou melhor, é o que se registra, no simbólico, como seu limite ou paradoxo.

245 Kasner, E. & Newman, J. (1968). *Matemática e Imaginação*. Zahar editores.

246 Lacan, J. (1992). *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise* (p.116). Jorge Zahar. Aula de 18 de março de 1970.

247 Lacan, J. (1974-1975). *Séminaire 22: R.S.I.* Aula de 11 de fevereiro de 1975. <http://www.staferla.free.fr>. (tradução nossa).

O real lacaniano não é uma substância fora do simbólico, mas um obstáculo inerente ao simbólico. Real seria uma impossibilidade interna à linguagem, que se define nela e por ela. A ordem simbólica o inclui como seu próprio limite interior inscrito. Dizer que "não cessa de não se escrever" - por não ser suscetível a um cálculo que o tornaria necessário - não implica afirmar que seja inefável ou inominável. O próprio sistema simbólico que não pode nomeá-la, indica suas coordenadas do modo mais preciso.²⁴⁸

Para melhor entender, podemos recorrer a toda teorização que é formulada no Seminário da carta roubada, onde, na cadeia "alfa, beta, gama e delta",

há o que Lacan denomina *caput mortuum* (restos) do significante, a saber, as sequências que não podem acontecer nunca, de acordo às regras combinatórias que foram estabelecidas para o sistema e pelo sistema. Lembrando que quando "em funcionamento", a estrutura simbólica gera suas próprias regras.

Então, se mudarmos a configuração de uma estrutura simbólica podemos mudar de real? Sim. E isso tem as maiores consequências clínicas.

A causa para Lacan é simbólica, é o que causa existência. O real, que será "recortado" pelo simbólico, mudará de acordo com a história discursiva operante. Cada discurso e seu real seriam fundados pelo simbólico de maneira sincrônica

Na lógica do nó borromeano, a existência é em função do enlace do conjunto de encadeamentos. O sujeito, em sua condição particular, é o conjunto das relações, inclusive com o analista. Cada caso é um conjunto de relações presentes, passadas e futuras; com o qual, o que disse o analista é material

do caso. É também material o que se disse e o que se silenciou na história do conjunto das relações que participam daquele caso, já que se trata do conjunto dos dizeres em sua articulação lógica. O particular é o sistema ou estrutura de laços de discurso. Vocês nunca se perguntaram por que as análises produzem efeitos? Justamente porque a partir de uma análise é possível que haja mudanças nesse sistema de laços, nós. O que muda é o encadeamento. Lacan propõe que, porque se fala, advém outro modo de ser, mas um ser que carece de identidade, interioridade, substância etc.

O fim de análise é quando já se girou duas vezes em círculo, quer dizer, reencontrado isto do qual se está prisioneiro. Recomeçar duas vezes o giro em círculo, não é certo que seja necessário. Basta que se veja isto de que se está cativo, e o inconsciente é isso: é a cara Real - pode ser que tenham uma ideia, por haverem me escutado numerosas vezes, do que chamo o Real - é a face de Real disso em que estamos enredados.²⁴⁹

248 Goldenberg, R. (2018). *Oes/er Lacan*. Instituto Langage, p. 161.

249 Lacan, J. (1977-1978). *Séminaire 25: Le moment de conclure*. Aula de 10 de jan. de 1978. <http://www.staferla.free.fr>. (tradução nossa).

NEUROSE EM FREUD E EM LACAN

Martín Mezza

"A anatomia é o destino."²⁵⁰ Essa foi a rocha contra a qual Freud colidiu a sua descoberta. A noção de castração²⁵¹ funcionou como a dobradiça que permitiu fechar a porta para aquilo que apontava o umbigo do sonho e abriu-a para os preconceitos articulados ao clima social da Viena patriarcal do século XIX: o protesto masculino e a inveja do pênis. Dessa forma, a análise, terminável ou interminável, passou a girar em torno dessas posições subjetivas decorrentes da biologia: a ferida sempre aberta pelo pênis que a mãe não deu e a passividade intolerável associada ao amor entre homens em função do modelo paterno.

Mas por quê? Como o leitor pode entrever, não se trata de um fenômeno de primeiro grau, se é que algo assim existe. É bem difícil imaginar que as diferentes pessoas que passaram pelo divã do pai da psicanálise disseram: eu fico fazendo esses chilikues, essas crises conversivas e essas dissociações de consciência porque quero o pênis que mamãe não me deu; ou, eu procrastino, duvido e penso ou atuo obsessivamente porque não aceito a passividade implícita no amor ao pai. Trata-se, evidentemente, de uma operatória interpretativa vinculada ao modelo teórico elaborado por Freud.

Antes de passar a descrever, em linhas gerais, esse modelo teórico, queremos formular melhor nossa tese de partida, já que funciona como contexto geral a partir do qual vamos apresentar nossos argumentos sobre as diferenças em torno da noção de neurose na teoria de Freud e na teoria de Lacan. Os elementos de nossa tese a serem destacados estão contidos na afirmação com a qual abrimos este capítulo: "a descoberta psicanalítica" e "a anatomia é o destino". A descoberta psicanalítica é o inconsciente, e o destino anatômico funciona como sinédoque da teoria freudiana da neurose.

Com esses elementos bem identificados, podemos formular nossa tese de partida dizendo que: a elaboração teórica do sofrimento neurótico (totalmente próxima da anatomia biológica) fez com que Freud - e a psicanálise - se afastasse do seu próprio descobrimento, o inconsciente. Logo, a teoria freudiana da neurose não contém ou não consegue articular bem a descoberta do inconsciente. Consequentemente, sustentamos que a elaboração teórica de

250 Freud, S. (2013). Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa [1909-1910]. In *Obras completas*. v. 9. Tradução P. C. de Souza. Companhia das Letras.

251 Se há necessidade de procurar um antecedente freudiano da noção da falta do Outro em Lacan, não é adequado pensar na castração decorrente do complexo de Édipo. A noção de umbigo do sonho responde melhor a essa finalidade.

Lacan, radicalmente diferente da realizada por Freud, pode ser entendida como uma melhor articulação entre o conceito de inconsciente e o padecer neurótico.

Revisitemos o contexto histórico da descoberta psicanalítica. Todo mundo repete que Freud descobriu o inconsciente escutando as histéricas. Não obstante, se queremos alcançar uma maior rigorosidade, temos que incluir esse famigerado talento clínico no fato histórico que coloca a histeria no centro do debate da psicopatologia da época. Isso implica reconhecer - basta ler os textos da obra de Freud que vão desde 1891 até 1905 - que a proposta de Freud para a etiologia da histeria concorria com as desenvolvidas por Charcot, Breuer, Janet e tantos outros. O inconsciente, em princípio como mecanismo de defesa, disputava seu lugar com outras elaborações como as dos estados hipnoides, as histerias traumáticas, de retenção etc.

Após esses primeiros anos, a proposta de Freud avança, e a hipótese do inconsciente se estende até alcançar a capacidade de explicar outros quadros psicopatológicos, agora reunidos sob o mecanismo inconsciente de defesa: as psiconeuroses de defesa.²⁵² O leitor lembra qual era a objeção que tirava o sono do pai da psicanálise por essa época? O inconsciente era objetado por estar demasiado ligado aos processos disfuncionais da mente. A interpretação dos sonhos, ainda passível de impugnação por não corresponder aos processos da vigília, bem como a psicopatologia da vida cotidiana e o chiste e sua relação com o inconsciente constituíram a resposta com a qual Freud defendeu sua descoberta. Dessa forma, a capacidade heurística e os fenômenos explicados se ampliavam ainda mais: sintomas, sonhos, esquecimentos inofensivos, pequenos lapsos, números deixados por conta do acaso e chistes.

Não é curioso que Lacan tenha escolhido essas obras tão afastadas das elaborações sobre o sofrimento neurótico para relançar o descobrimento do inconsciente? Da mesma forma que se pode dizer que o projeto teórico de Melanie Klein parte da pulsão, o de Winnicott das relações de objeto e o da *ego psychology* da noção do eu imaturo, também se pode afirmar que a elaboração teórica de Lacan parte destas obras afastadas da elaboração teórica da neurose.

Assim o manifesta em 1953, quando apresenta seu programa para desenvolver o campo psicanalítico mediante a estrutura e o limite aportados pelo símbolo e pela linguagem.²⁵³ Ali, Lacan dirá, com todas as letras, que, para "resgatar o sentido da experiência psicanalítica, retoma a obra de Freud na *traum-deutung*", porque aí se vê claramente que o sonho tem estrutura de "frase",

252 Perceba-se como a ideia do inconsciente de Freud se impõe e se desenvolve mediante um dos critérios científicos ainda hoje vigentes, ou seja, que uma determinada hipótese ou lei tenha maior capacidade heurística e seja mais simples ou econômica para entender os fenômenos. O mecanismo de defesa inconsciente explicava melhor e mais quadros psicopatológicos que as outras concepções etiológicas em jogo.

253 Esse é o título do ponto número dois do texto de Lacan: Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise 1998[1953]. In Lacan, J. *Escritos* (pp.238-324). Zahar.

de "rebus", de "hieroglíficos do antigo Egito aos quais se liga o desejo"; na "psicopatologia da vida cotidiana", onde o "lapso" e "os números escolhidos ao acaso" revelam o caráter "combinatório do inconsciente"; e, finalmente, no "chiste e sua relação com o inconsciente", "obra mais incontestável", por ser a mais "transparente, em que o efeito do inconsciente nos é demonstrado".²⁵⁴

Temos aqui uma primeira fundamentação para nossa tese central. Os textos freudianos onde se elabora a psicopatologia das neuroses não são o lugar onde os efeitos do inconsciente estão apresentados de forma mais transparentes. Pelo contrário, neles se encontram as pistas de um desvio. Passemos a abordar o fundamental da elaboração do sofrimento neurótico, por onde Freud vai apagando a descoberta do inconsciente. Contando com que o leitor - mesmo que não concorde - aceite provisoriamente nossa tese e aguarde pacientemente o resto das provas com as quais fundamentaremos nossa posição.

A etiologia de todas as perturbações neuróticas é mista; ou se trata de pulsões hiperintensas, isto é, refratárias a sua dominação pelo eu, ou do efeito de uns traumas prematuros, dos que o eu imaturo tampouco pode dominar. Por regra geral, há uma ação combinada de ambos os fatores, o constitucional e o acidental.²⁵⁵

Temos, nessa definição, o fundamental da concepção freudiana do sofrimento neurótico. "Todas as perturbações neuróticas" (histeria, neurose obsessiva, fobia, neuroses de angústia, neurastenia e neuroses traumáticas) são resultado de um conflito entre um "eu imaturo" e "pulsões hiperintensas" ou traumas sexuais precoces. A acentuação do caráter econômico - pulsões hiperintensas - do sofrimento neurótico é o que permite articulá-lo na generalidade do conflito com a instância do eu imaturo.²⁵⁶

Essas definições também nos oferecem os dois critérios que funcionam como uma constante na elaboração freudiana da neurose: o conflito entre instâncias psíquicas como mecanismo tomado na sua generalidade e a sexualidade como causa eficiente. Obviamente, no percorrer da sua extensa obra, Freud teve oscilações na forma como elaborou tanto essa dinâmica do conflito quanto a precisão da etiologia sexual. Revisemos, rapidamente, as principais formulações desses dois critérios.

254 Lacan, J. (1998). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (pp. 268-271). Op. Cit.,

255 Freud, S. (1996). Análisis terminable e interminable [1937], In *Moisés y la religión monoteísta: Esquema del psicoanálisis y otras obras*, v.23. (p. 223). Amorrotu Editores, (tradução nossa).

256 Entende-se por que grande parte da psicanálise evoluiu para a *ego psychology*

O conflito psíquico

O conflito psíquico é o critério a partir do qual se estabelecem as diferenças e semelhanças que permitem distinguir e agrupar as diversas modalidades de sofrimento neurótico. Muito cedo, Freud já tinha organizado o grupo das neuropsicoses de defesa²⁵⁷ (histeria, obsessão e muitas fobias), em função do mecanismo de defesa que fazia com que a representação, inconciliável com as expectativas do sistema consciente, não alcançasse esse estado. Inclusive, no início, a própria gênese da instância psíquica inconsciente estava vinculada intimamente a este mecanismo de defesa.

Dessa forma, o grupo das psiconeuroses se diferenciava das neuroses atuais (neurastenias e neuroses de angústia), em que o mecanismo de defesa inexistia. E também, em função das diferentes formas pelas quais esse mecanismo de defesa impedia o acesso da representação à consciência, é que se organizavam as diferenças e especificidades de cada psiconeurose. Este aporte é bastante conhecido: na histeria, era o mecanismo conversivo, na obsessão, o falso enlace e, mais tarde, a contrainvestimento para a fobia.

É sabido que estas primeiras elaborações serão reformuladas. Posteriormente, Freud abandona a noção genérica de defesa para trabalhar, de forma mais precisa, o recalque; reorganiza a oposição com as neuroses atuais em função da reconceitualização das "neuroses de defesa" como "neuroses de transferência"; e muitas outras alterações sobre as quais não precisamos debruçar-nos. O que nos interessa salientar é que a lógica do conflito psíquico está presente do início ao final da obra freudiana.

Etiologia sexual

Aquilo que tomava inconciliável uma representação para o sistema consciente era seu caráter sexual (a intensa afeição de Elizabeth Von R pelo seu cunhado, por exemplo). Após esta primeira localização da sexualidade como causa eficiente, surgiram outras formas mais elaboradas de cernir o papel etiológico da sexualidade. Talvez as mais importantes que possamos mencionar são: a introdução da sexualidade perversa polimorfa; o amor sensual e erótico nas escolhas de objeto no contexto edípico; o conflito entre pulsões sexuais e do eu, ou de vida e morte; e as diversas oscilações para poder conjugar os fatores constitucionais e acidentais (séries complementárias) na predisposição neurótica.

Em alguns momentos de sua obra, veremos Freud dar mais importância à disposição constitucional (o fator hereditário, a filogênese pulsional) e, em

257 Freud, S. (1994). *Las neuropsicosis de defensa*: ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas y ciertas psicosis alucinatorias, v.3. Amorrortu Editores.

outros, às vivências sexuais infantis (ontogênese). Também observaremos a divisão das vivências traumáticas em ativas ou passivas, com a qual ele visava alcançar as diferenças diagnósticas (vivência sexual passiva e prévia aos quatro anos correspondia à histeria; depois dos quatro anos e ativa, à neurose obsessiva e, após os oito anos, à psicose paranoica).

Muitas dessas oscilações estão relacionadas às fragilidades do próprio modelo teórico (conflito psíquico e etiologia sexual) para sustentar a determinação inconsciente da sintomatologia neurótica. Freud tinha dificuldade para definir, com precisão, a determinação sexual do sintoma, ou seja, em poder conectar a causa sexual com o efeito sintomático. Sempre havia algo que faltava, o elo perdido da etiologia sexual (as vivências sexuais infantis passivas ou ativas, o trauma sexual, a cena primária, o trauma do nascimento, a desmescla pulsional).

A partir desse modelo, Freud tampouco podia explicar bem as reagudizações sintomáticas, tendo que recorrer a ideias pouco satisfatórias para ele mesmo como: mudanças hormonais vinculadas com as crises vitais que acabavam por alterar o equilíbrio pulsional; ou algum nexos associativo da vida presente com um resíduo não analisado no passado que funcionara como estopim.

Em alguma medida, todas essas dificuldades eram neutralizadas mediante a normatividade fraca da dimensão econômica do conflito psíquico (eu imaturo e pulsões hiperintensas). Porém as neuroses traumáticas, narcisistas e de guerra não se deixavam incluir tão facilmente nessa definição. Nelas não se podia "observar" a presença de vivências sexuais infantis suficientemente potentes para desencadear um conflito entre libido (sexualidade) e eu.²⁵⁸

Que fez Freud? Seguiu esse modelo empírico tão preconizado por ele? Esteve à altura dessa honestidade intelectual tão louvada pelos seus seguidores, passando a abandonar a sua teoria do conflito em função dos fatos novos? Nada disso. Utilizou uma ferramenta epistemológica de outro modelo científico, algo mais próximo do convencionalismo.²⁵⁹ Sim, a partir de uma teoria do conflito entre um "eu de paz" e um "eu de guerra", fornecida por Ferenczi e Abraham e que não o convencia muito, Freud passa a construir uma hipótese *ad hoc* a qual lhe permite salvar a hipótese fundamental do conflito entre pulsões hiperintensas e o eu.

Mediante uma nova flexão da hipótese econômica, faz coincidir o efeito da sexualidade nas neuroses de paz (de transferência) com os efeitos do terror ou medo da morte das neuroses traumáticas e de guerra. Através do excesso de estímulo que ameaça o eu, seja proveniente de dentro ou de fora, se reestabelece a unidade das diferentes neuroses. É assim como Freud mantém o conflito

258 Freud, S. (1994). *Introducción al simposio sobre neurosis de guerra*, v. 17., Amorrortu Editores (tradução nossa).

259 Collina, B. (2016). *Lakatos e Feyerabend: A ciência entre método e anarquia* (pp. 43-44). Salvat.

psíquico, mesmo que a dualidade pulsional e o lugar central da sexualidade se vejam ameaçados por uma concepção unitária da libido e uma centralidade do eu. Toda esta manobra e disposição dos termos objetivou facilitar a compreensão geral do padecer neurótico como um eu imaturo, diminuído ameaçado por fatores externos e internos que lhe impossibilitam responder; satisfatoriamente às exigências culturais - os ideais da classe burguesa da Viena de Freud - de amar e trabalhar.

Finalmente, estamos em condições de passar a considerar as elaborações de Lacan sobre a neurose como incomensuráveis²⁶⁰ com as de Freud. Aportemos, então, o argumento que faltava para fundamentar a tese central a partir da qual exploramos as diferenças entre a neurose em Freud e em Lacan.

O traço diferencial da histérica é precisamente este - é no movimento mesmo de falar que a histérica constitui seu desejo[...] por esta porta Freud entrou no que eram, na realidade, as relações do desejo com a linguagem, e que tenha descoberto os mecanismos inconscientes [...], mas isto não quer dizer que ela tenha sido plenamente elucidada.²⁶¹

Aqui Lacan realiza uma manobra sutil, mas contundente. Redefine a descoberta psicanalítica como "as relações do desejo com a linguagem" e diz que não foi "plenamente elucidada", ou seja, que Freud não terminou de descobrir plenamente o inconsciente. Dito de outra maneira: a experiência da histeria facilitou o acesso de Freud aos mecanismos inconscientes - não ao inconsciente-, mas não chegou a entrever o que "são na realidade", "as relações do desejo com a linguagem". Realidade esta que, como já demonstramos, aparece, segundo o entendimento de Lacan, de forma mais transparente na psicopatologia da vida cotidiana que na psicopatologia das neuroses de transferência.

Por muito tempo, o que se situava nesse campo pareceu marcado pelas características de sua descoberta de origem - o desejo da histérica. Mas logo se impôs coisa completamente diversa que - à medida que ele era anteriormente descoberto [seria melhor traduzir: à medida que avançava a descoberta] - era sempre formulada com retardo, de arrastão. É que a teoria só tinha sido forjada para as descobertas precedentes. De modo que tudo está por refazer, inclusive o que concerne ao desejo da histérica. Isto nos impõe uma espécie de salto retroativo e queremos marcar aqui o essencial da posição de Freud no que toca ao que se passa no campo do inconsciente.²⁶²

260 Ver o capítulo "Lacan. a revolução negada."

261 Lacan, J. (1988). *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1963-1964]. (p. 19). Zahar.

262 Lacan, J. (1988). *O Seminário, Livro 11, Op. Cit.*, p. 37.

Uma verdadeira pérola. Freud não descobre o inconsciente, senão o desejo da histérica; contudo, nesse movimento, exprime algo da relação entre fala e desejo. Freud teoriza mal o inconsciente por estar demasiado próximo da experiência histérica, ainda por cima, mal compreendida. Assim, na medida em que avançava a descoberta psicanalítica, que se impunha o inconsciente como algo completamente diverso do que estava na origem dos fenômenos históricos (interpretação dos sonhos, psicopatologia da vida cotidiana, o chiste), Freud o formulava com "retardo" de "arrastão". Por quê? Porque na verdade a teoria estava "forjada" para as descobertas precedentes, para os fenômenos históricos. Aqui está o argumento prometido para terminar de fundamentar nossa tese de partida: a elaboração freudiana da neurose vai apagando a descoberta do inconsciente.

Mas se assinala também o fato de que, ao perder a experiência do inconsciente, não se compreendeu bem a experiência da histeria. Freud "deixou de formular corretamente", "não soube ver[...] que o desejo da histérica[] é sustentar o desejo do pai".²⁶³ E ao contrário do que se passa pela matraca da comunidade psicanalítica, Freud não escutou bem as históricas, já que, com esse "mito inserível do complexo de Édipo", "[] substitui o saber" que lhe forneciam "todos esses picos de ouro, Anna, Emmy e Dora".²⁶⁴ Assim, passamos de um Freud que, de forma semelhante a Pinel, rompe os grilhões do desejo da histérica a outro que mascara a denúncia articulada no discurso da histeria e faz com que a interpretação analítica se desloque da dialética do desejo para a demanda.

Consequentemente, a elaboração que Lacan faz das neuroses somente pode ser entendida de maneira coerente no contexto onde "tudo está por refazer" e onde o "salto retroativo", longe de ser um retorno a Freud, implica uma reformulação do inconsciente (a descoberta psicanalítica). "Tudo está por refazer" tanto alcança o inconsciente quanto "concerne ao desejo da histérica", que para nós deve ser tomado na generalidade do desejo neurótico.

Como o leitor bem sabe, Lacan não deixou as coisas arrumadas como para facilitar nossa apresentação da reorganização que faz desse malogro teórico de Freud. Encontram-se fragmentos espalhados pela sua extensa obra e inseridos em lógicas e contextos discursivos diversos. Dificuldade ainda mais severa se levarmos em consideração as poucas páginas que contamos para realizar semelhante tarefa. A escolha metodológica com a qual tentaremos enfrentar esse obstáculo é a de selecionar uma série de elaborações em função da sua proximidade e capacidade em se opor aos dois critérios mais fundamentais da teoria da neurose freudiana: conflito psíquico e etiologia sexual. Assim, utilizaremos principalmente ideias desenvolvidas nos Seminários 6, 8, 11 e 12.

263 Id., *ibid.*, p. 40-41.

264 Lacan, J. (1999). *Seminário, Livro 17: e/ reverso da psicanálise* (p. 104). Ed. Paidós.

Tentaremos demonstrar que onde em Freud havia conflito entre instâncias psíquicas, em Lacan se trata de um conflito entre sujeito e Outro; e onde Freud colocava o inconsciente sexual (pulsão) como causa ou determinante último do sintoma neurótico, Lacan coloca o tropeço, a perda, a falta, a descontinuidade, o buraco. Começemos pelo conflito.

[...] articular a teoria analítica nesses termos e satisfazer-se com a adaptação ontológica do sujeito à experiência do mundo, isso significaria que abandonaram qualquer contato com sua prática de analista.²⁶⁵

Embora essa frase esteja inserida no contexto da ideia proposta por Edward Glover (*The relation of perversion. formation to the development of reality-sense*, 1933), que consistia em considerar a perversão como uma defesa perante a psicose, como se aprecia, atinge toda a fenomenologia do sujeito com o mundo. Fenomenologia esta que não é outra coisa senão o desenvolvimento da ideia freudiana das fixações das vivências traumáticas no estabelecimento da neurose (antes dos quatro anos para a histeria, depois desses anos, temos a neurose obsessiva e, após os oito, a psicose).

Por intermédio de Glover se alcança Freud. Através da perversão como defesa se atinge o lugar da ontogênese, ou seja, o valor das vivências sexuais infantis como predisposição neurótica. Tanto é assim que, nas páginas posteriores, Lacan se vê obrigado a tentar "salvar" o pai da psicanálise mediante um argumento que não podemos chamar de outro modo senão maternal, já que dirá que essas ideias foram colocadas na cabeça de Freud pela má companhia de Abraham e Ferenczi. Mas a finalidade de Lacan não era tanto "salvar Freud"²⁶⁶⁻²⁶⁷, senão tirar essas ideias das cabeças dos analistas para colocar outra, aquela da dialética do desejo.

Pouco importa, aliás, pois isso se destina a gerar toda a gama de experiências reais do sujeito, que vão se inscrever num certo número de respostas, gratificantes ou frustrantes. Embora sejam evidentemente bastante essenciais na medida em que nelas se inscreve certa modulação da história do sujeito, não interessam à análise formal, sincrônica, a que damos prosseguimento agora.²⁶⁸

Aqui, três são as palavras chaves: gerar, inscrever e modulação. Lacan não desestima completamente aquilo que os psicanalistas chamavam relações

265 Lacan, J. (2016). O Seminário, Livro 6: o desejo e sua interpretação [1958-1959]. (p. 387). Zahar.

266 Eidelsztein, A. (2019). No hay que salvar a Freud. *Imago-Agenda*. Letra Viva, (205)42-43.

267 Mezza, M. (2020, sei.). No hay que salvar a Freud: hay que ofrecerle una sepultura decente. *El Rey está Desnudo: Revista del Psicoanálisis Por Venir*, APOLa, 12(15),123-134.

268 Lacan, J. (2016). O Seminário, Livro 6, Op. Cit., p. 402.

de objeto, ou seja, as experiências "reais" do sujeito com o mundo, sejam elas gratificantes ou frustrantes. Porém, produz uma mudança na hierarquia ontológica.²⁶⁹ As experiências frustrantes e/ou gratificantes são muito essenciais na medida em que se encontram "geridas" pela relação mais primordial entre o sujeito e o Outro enquanto lugar da palavra e da demanda. Essa relação entre sujeito e demanda do Outro (na citação está indicada como análise formal e sincrônica) "inscreve", nas experiências "reais" (incluindo as vivências sexuais infantis), certa "modulação" da história do sujeito. Modulação que vem do outro lado, que não está na crua realidade, senão que é aportada pela relação entre sujeito e demanda, ou seja, pela dialética do desejo.

A relação não será com o objeto, senão entre sujeito e Outro (\$/Outro). O objeto não será aquele que está esperando no mundo, senão o resíduo da divisão entre o Outro e o sujeito identificado na demanda ($A/D = a$). Essa concepção do objeto está inserida no contexto de uma crítica direta à "perspectiva genética que promove o objeto primitivo como uma impressão primordial".²⁷⁰ O objeto da dialética do desejo não tem nenhuma relação com as fases libidinais do desenvolvimento da criança (oral, anal, fálica), senão que depende da estrutura do corte significante e da sua forma imaginária em função de serem objetos passíveis de separação ou corte.²⁷¹ Dito isso, voltemos à estrada principal de nosso caminho.

[] Não há nada mais concreto que isso. Não há nenhuma etapa da meditação filosófica, é esse algo primitivo que se estabelece na relação de confiança. Em que medida e até que ponto posso contar com o Outro? O que há de confiável nos comportamentos do Outro? Que consequências posso esperar do que ele já prometeu.

É justamente esta a interrogação em torno da qual gira um dos conflitos mais primitivos, sem dúvida, do ponto de vista que nos interessa. Aí está a base e não numa pura e simples frustração ou gratificação, em que se instauram os princípios de sua história; aí está o motor do que se repete no nível mais profundo de seu destino; aí está o que rege a modulação inconsciente de seus comportamentos. A análise ou mesmo a experiência mais cotidiana da análise, nos ensina isto: a questão de saber se o sujeito pode ou não contar com algum Outro é o que determina o que encontramos de mais radical na modulação inconsciente do paciente, neurótico ou não.²⁷²

269 Ver capítulo, "Lacan. A revolução negada."

270 Lacan, J. (2016). *O Seminário, Livro 6*, Op. Cit., p. 413.

271 Id., *ibid.*, p. 427.

272 Lacan, J. *O Seminário, Livro 6*, Op. Cit., p. 403.

Se não há primazia da experiência infantil individual (traumas sexuais :fixação, fase libidinal, relação de objeto etc.), tampouco pode haver conflito entre a libido e um eu imaturo. Para Lacan, o conflito mais primitivo, aquele que está na base do sofrimento neurótico, se dá na relação entre sujeito e Outro. Conflito este que não é entre instâncias psíquicas, nem gira em torno de quantidades excessivas, senão sobre uma interrogação de confiança/desconfiança sobre os comportamentos ou promessas (fala/discurso) do Outro: Em que medida e até que ponto posso contar com o Outro? O que há de confiável nos comportamentos do Outro? Que consequências posso esperar do que ele já prometeu?

Perceba-se que a interrogação de confiança/desconfiança sobre o Outro é uma formulação mais abstrata da pergunta que já tinha sido colocada como pivô da dialética do desejo: isso é o que dizes que queres, mas o que desejas? A comunidade analítica sempre destacou aqui a diferença entre demanda e desejo. Nossa humilde contribuição é reconhecer que, sobre essa diferença, se instaura o conflito mais primordial do sofrimento neurótico: um conflito entre demanda e desejo, onde a verdade tem um papel relevante.

Por isso, é admissível definir a neurose como um tipo privilegiado de "paradoxo entre fala e linguagem"²⁷³, com particulares consequências no reconhecimento do desejo. Definição mais ajustada ao avanço da descoberta psicanalítica, ou seja, o inconsciente redefinido como: "as relações do desejo com a linguagem"²⁷⁴ ou como "um saber não sabido" ou "o lugar de uma verdade que não se sabe".²⁷⁵

Para extrair todas as consequências dessa elaboração, há que fazer uma correção à letra de Lacan. Esse conflito, se é verdade que está na base do sofrimento, não pode ser formulado como sendo entre criança e Outro. Essa formulação não corresponde a seu argumento de que não se trata de experiências ontológicas do sujeito (indivíduo) com o mundo, nem se ajusta à :finalidade manifesta de perseguir a lógica sincrônica da dialética do desejo e, menos ainda, a sua própria formalização do conflito como aquele que se dá entre sujeito e Outro (A/D).

Alterar a hierarquia ontológica entre vivências precoces e cadeia significativa ou entre análise evolutiva e sincrônica exige uma reconceitualização da infância. O sofrimento neurótico não pode seguir restrito às estreitas margens de uma pequena parcela da vida do *parlêtre*. Devemos admitir que, se este sofrimento está ligado a uma interrogação, esta possa acontecer ou acontecer novamente na infância, na adolescência ou na vida adulta.

273 Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *Escritos*, Op. Cit., p. 281-282.

274 Lacan, J. (1998). *O Seminário, Livro 11*, Op. Cit., p. 19.

275 Lacan, J. (2008). *O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro* [1968-1969]. (p. 195). Zahar.

Caso queiramos manter o termo infância no esquema teórico que estamos apresentando, se o consideramos necessário, temos que fazer com que abandone todas as relações com a psicologia do desenvolvimento e com as noções freudianas associadas com as fases libidinais. Entretanto devemos produzir, ainda, as pontes necessárias para que possam advir, com clareza, as relações entre infância e linguagem. Um passo firme nessa direção foi dado por Giorgio Agamben ao lembrar-nos que a raiz latina de infância é *infantia*. Esta palavra fazia referência ao período que ia até os sete anos, quando o indivíduo, ao cuidado da mãe, estava privado de expressão pública. Não se trata de incapacidade para falar (*!aqui*), o recalque de uma palavra ou um real resistente à simbolização, senão algo mais associado ao verbo *fari*, que é utilizado em contextos de terceira pessoa para marcar a importância da relação com o receptor da mensagem. Aquilo que não se pode dizer, que está na *infantia*, é em função de uma certa relação discursiva.

E, por acaso, não é esta via a que abre Lacan ao redefinir a sentença freudiana "*Wo Es war, soll! Ich werden*" mediante a substituição do "*Ich*" por "*sujet*" e o isso pulsional pelo "*ça parle*" ou "*ça pense*"? Nesse "*ça*" não há nada que possa conter pulsões ou vivências sexuais infantis. Nesse "*sujet*" que deve advir não se pode entrever nenhum amadurecimento. Ao se tratar de uma divisão entre sujeito e Outro, de um conflito em tomo de uma experiência de fala caracterizada como *irifantia*, ou seja, onde isso fala ou pensa sem sujeito, temos que admitir que a predisposição para a neurose possa surgir aos 5, 15, 30, 50 ou 100 anos. Em qualquer momento temporal da experiência do *parlêtre*, pode acontecer uma interrogação que motive um conflito entre sujeito e Outro, um paradoxo entre linguagem e fala, onde o sujeito se veja "suspendido", "se perde", "desconhece" ou simplesmente "não se localiza", nem possa "ser nomeado" (o que vai mais longe que uma privação de consciência).²⁷⁶

Evidentemente, mesmo que a experiência clínica mostre todo o contrário e que o modelo teórico que sustenta a etiologia das vivências sexuais infantis evidencie uma chamativa impotência perante as neuroses traumáticas uma marcada imprecisão para explicar o desenvolvimento e reagudização das neuroses de transferência, o leitor, e ainda mais se for psicanalista, terá dificuldades de aceitar nosso argumento. A doxa analítica forma parte - e estimula - do senso comum que diz: uma infância feliz, uma vida adulta sadia. Todos os históricos clínicos da obra freudiana estão aí para indicar o avesso dessa sentença.

Não temos como lutar contra isso aqui, apenas podemos dar prosseguimento a nossa argumentação de que o modelo de Lacan prescinde da etiologia infantil e sexual da neurose. Inclusive, parece coerente pensar que se compõe e se organiza a partir dos problemas da elaboração freudiana para estabelecer a causa da neurose. Aí onde Freud não conseguia achar o determinante último da neurose e passava a oscilar entre a ontogênese (ameaça de castração, a cena do coito parental, trauma do nascimento etc.) e a filogênese (pulsões hiperintensas), justamente aí, no elo perdido da etiologia sexual, Lacan enxerga esse buraco por onde o inconsciente se liga ao sofrimento neurótico.

Em suma, só existe causa para o que manca [...]. Ele [se refere ao inconsciente] se situa nesse ponto em que entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação. O importante não é que o inconsciente determine a neurose[...]. Pois o inconsciente nos mostra a hiância por onde a neurose se conforma a um real - real que bem pode, ele sim, não ser determinado. Nessa hiância, alguma coisa acontece.²⁷⁷

Em Lacan, o inconsciente não é uma localidade capaz de conter quantidades ou conteúdos (representações) sexuais. Não se trata de uma existência imatura, recalcada; nem de um não ser que precise passar a ser para que cessem seus efeitos danosos. O inconsciente de Lacan se localiza na descontinuidade, no buraco, no intervalo entre a causa e aquilo que afeta. E é por essa falta que o sofrimento neurótico se articula a um real que pode ser determinado ou indeterminado, mas também cabe a possibilidade de que venha a ocupar o lugar dessa falta, a se transformar em cicatriz do inconsciente. No lugar da etiologia sexual, da substância pulsional e das vivências sexuais infantis inadmissíveis para a imaturidade do eu, Lacan vai colocar a fenda que testemunha os efeitos do "não-realizado".

Dessa forma, tenta-se cernir uma estrutura temporal absolutamente diferente daquela que articulava o processo primário. O não realizado não é nem o irreal, nem o real. A estrutura do inconsciente se "manifesta como algo que fica em espera", no círculo do "não-nascido". A metáfora adequada para se referir ao inconsciente de Lacan não é a de Virgílio (*acheronta movebo*), utilizada por Freud e repetida até o cansaço pelo lacanismo. O inconsciente de Lacan não se achará ao movimentar os infernos, senão entre o céu e a terra, ali no intervalo, "na relação da fazedora de anjos com os limbos".²⁷⁸ E o inferno pulsional? E a sexualidade polimorfa?

277 Lacan, J. (1988). O *Seminário, Livro 11*, Op. Cit., p. 27.

278 Lacan, J. (1988). O *Seminário, Livro 11* (p. 28). Op. Cit.

Essa pulsão, esse grito, esse impulso, só vale para nós, só existe, só se define, só é articulado por Freud na medida em que está tomado numa sequência temporal de uma natureza especial, que chamamos de cadeia de significantes.²⁷⁹

A pulsão fica articulada a essa sequência temporal estabelecida na cadeia significativa e, por isso, se escreve ($\$D$). Relação à demanda que é a primeira posição subjetiva, aquilo que indica que o sujeito entrou no significativo. Mas essa escrita também indica, principalmente, a posição subjetiva do neurótico como determinada pela sua relação com a demanda do Outro, em oposição à perversão e à psicose que serão organizadas em relação à angústia e ao gozo do Outro.²⁸⁰

Dessa forma, o sofrimento neurótico é teorizado por Lacan como decorrente de uma particular relação ao Outro - à demanda do Outro -, entorno da qual se organizaram os problemas do desejo. Problemas que podem ser exprimidos, em sua generalidade, como uma dificuldade no reconhecimento do desejo. Dificuldade que, por sua vez, pode ser formulada como uma falha na dialética entre demanda e desejo, que se resolve numa indistinção ou substituição entre objeto do desejo e demanda($\$ - \D). O verdadeiro objeto do desejo neurótico passa a ser a demanda do Outro.

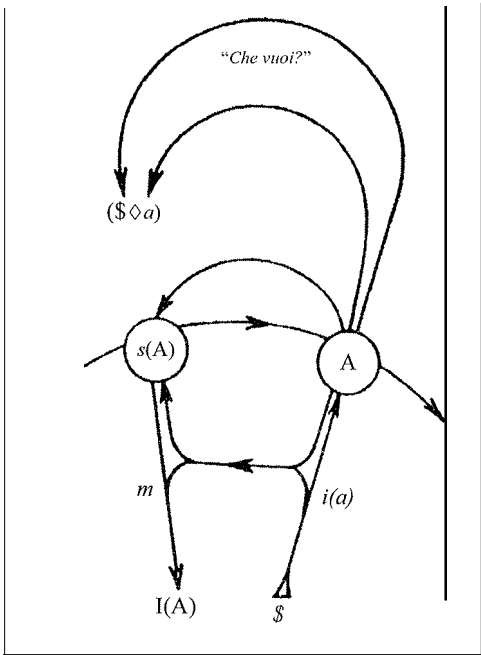
Então, na base dessa problemática de desejo não há um conflito entre libido e eu, nem um excesso da pulsão sexual. A posição subjetiva do neurótico tampouco depende da dualidade anatômica castrado/não castrado. Ao contrário, as ambiguidades dos sofridos comportamentos neuróticos são explicadas por Lacan mediante a introdução de uma peculiar dialética sobre a falta, que pode ser resumida na sentença: o desejo é o desejo do Outro.

Nessa dialética pode ocorrer uma detenção, um nó de sentido, um paradoxo entre linguagem e fala cuja base esteja constituída pela invariante materialidade de uma interrogação sobre a garantia (confiança) da sequência significativa: isso é o que dizes (demandas), mas que é o que verdadeiramente desejas? Por que me diz que vai para Lemberg para que eu pense que você vai a Cracóvia quando de fato você vai a Lemberg? O que você quer? {*Che vuoi?*}.

279 Lacan, J. (2016). O Seminário, Livro 6 (p. 508). Op. Cit.

280 Lacan, J. (2006). Seminário 12: Problemas cruciais para a psicanálise (1964-1965). Lição 16/06/1965, inédito. Centro de Estudos Freudianos (pp. 430-431). Publicação para circulação interna.

Gráfico 1 - Grafo do desejo



A interrogação (*Che vuoi?* - em que medida posso confiar no que diz) sobre a boa fé da sequência significativa do Outro (A) suspende o retorno direto da significação s(A), digamos assim, a suspensão de Deus, como gostava de chamá-la Lacan. Então, a suspensão da significação de Deus (garantia mítica) no seu caminho de retorno encontra o objeto do desejo com o qual o sujeito resolve a vertigem de um mundo sem a garantia de Deus.²⁸¹ No entanto, no neurótico, o significado do Outro s(A), lugar do sintoma, não está mediado pela fantasia(\$ $\diamond$ a). O conflito que se dá entre sujeito e Outro, ou seja, na dialética do desejo como desejo do Outro, acaba por dificultar um certo reconhecimento do objeto onde o sujeito possa ser resgatado do *fading*. Qual é o desejo neurótico que funciona como alicerce do sintoma? Qual o desejo neurótico que intermêdia o s(A)?

Gráfico 2 - Fantasia Histérica e obsessiva

$$\begin{matrix} a \\ -<p \end{matrix} \diamond A \ A \diamond <p \ (a., a., a'', a''', ...)$$

281 Lacan, J. (s.d.). O Seminário, Livro 6, (p. 491). Op. Cit.

Na histeria, temos o Outro absoluto (A). O falo negativizado e recalado ou, em realidade, embaixo da barra, indicando o caráter metafórico da fórmula. E o objeto *a* marcando a posição da histérica, identificada com o objeto castrado. Já na obsessão, temos a depreciação do grande Outro (A), que, mediante o falo positivado, realiza a metonímia e equivalência dos objetos.

De qualquer forma, aqui o necessário de ser destacado é a introdução maciça do falo, o "falicismo da fantasia neurótica", pela qual se marca o conflito entre desejo e demanda, entre objeto e Outro, significando um desejo impossível ou insatisfeito.²⁸² Diferentemente da fantasia não neurótica (\$◊ a), aqui não aparece o sujeito, e é o falo quem opera a "mediação" entre objeto e Outro (A), "fiador supremo", onde o neurótico "suspende o desejo".

Enfim, após percorrer as elaborações de Lacan, achamos pouco coerente compreender o sofrimento neurótico como uma dificuldade para amar e/ou trabalhar em função de conflitos psíquicos. Parece-nos mais preciso entendê-lo como uma dificuldade para reconhecer o desejo em função de uma particular relação com uma demanda, com um conflito entre sujeito e Outro, com um nó de sentido indicado pela homofonia de *tu es le désirtuer le désir*.

282 Lacan, J. (1999). *Seminário, Livro 8: La transferencia en su disparidad subjetiva, su pretendida situación, sus excursiones técnicas* [1960-1961]. EFBA. Versión crítica de Ricardo E. Rodríguez Ponte. http://www.efbares.com.ar/files/texts/Textoonline_458.pdf. (tradução nossa).

RECALQUE X SABER NÃO SABIDO

Mariana Latorre

Proponho a leitura deste escrito como um percurso pela **banda de Möbius/Listing**²⁸³. Partimos de uma indicação dada por Alfredo Eidelsztein, em seu livro *La Topología en la clínica psicoanalítica*: "Para dar toda a volta (para percorrer toda a banda), é o analista quem deve conduzir o tratamento".²⁸⁴

Em seguida, afirma: "[...] não se trata de um problema de forças, mas sim de um problema de lógica (Lacan define o analista como "dialético puro", corno se fosse discutir urna partida de xadrez, ao estilo de: por que é que moveu essa peça se, ao mover esta outra, comeria o cavalo?)".²⁸⁵

Com essas indicações, de Eidelsztein e Lacan, proponho dar início. A princípio, veremos o que foi possível encontrar sobre "recalque" em alguns textos de Freud e, depois, vamos passar a Lacan, como este autor lê esse conceito de "recalque" em Freud, e o que ele propõe como novo. Contudo, de início, por se tratar de urna banda de Möbius/Listing, ternos que saber que teremos **uma ou duas voltas e uma semitorção**. A proposta é que esta articulação que vou apresentar seja um argumento para confirmar o trabalho de desconstrução que Lacan realizou com a obra de Freud. Desconstrução no sentido de Derrida, que propõe a *différance*²⁸⁶ como uma operação de falha ortográfica na escritura, que, ao mudar a vogal "e" pela vogal "a", corno um "feixe" indica:

[...] a intenção de marcar que o agrupamento proposto tem a estrutura de uma trama, de um tecido, de um cruzamento que deixará que os diferentes fios e as diferentes linhas de sentido - ou de forças - rompam-se novamente, assim como estará preparado para enodar outros novos".²⁸⁷

Para Eidelsztein, o psicanalista deve trabalhar como um investigador, deve fazer, ao texto, as perguntas que possam ser respondidas pela sua lógica.

283 A banda de Möbius é uma superfície topológica descoberta simultaneamente por dois matemáticos alemães: August Ferdinand Möbius e Johann Benedict Listing. Recuperado de: https://es.wikipedia.org/wiki/Banda_de_M%C3%B6bius

284 Eidelsztein, A. (2018). La banda de Moebius y una nueva concepción dei sujeto. In *La topologia en la clínica psicoanalítica* (pp. 118-119). Letra Viva. (tradução nossa).

285 Ibid., p. 119. (tradução nossa).

286 Derrida, J. La Différance, Conferência proferida na sociedade francesa de filosofia em 27 de janeiro de 1968. (tradução nossa). https://redaprenderycambiar.com.ar/derrida/textos/la_differance.htm

287 Ibid.

A banda de Moebius é a superfície da estrutura do sujeito, mas também como Eidelsztein propõe, junto a Lacan, é o percurso que se pretende per correr em uma análise e em cada sessão, se é que se busca a cura como fim.

Bom, vamos começar com Freud: "Recalque".

Procuramos o termo na Wikipédia em espanhol e este requer desambiguação.²⁸⁸ É a ação e efeito de recalcar, ou seja, o que se retém e se contém. No dicionário de língua espanhola, aparece como: *contener, refrenar, templar* ou *moderar*.²⁸⁹ Tanto na Wikipédia como no dicionário da Real Academia Espanhola, aparecem dois tipos de recalque, que podem ser lidos como os dois níveis de análise propostos por Ramiro Fernández em seu curso "El discurso del psicoanálisis, otra vez: un nivel político y uno clínico".²⁹⁰ Por um lado, a repressão política, por outro, o recalque, a contenção dos impulsos pulsionais, que, na teoria de Freud, faz referência ao sexual.

Na nota introdutória do texto "O recalque", James Strachey afirma que Freud havia declarado, na sua "Contribuição à história do movimento psicanalítico", que a doutrina do recalque era o pilar fundamental sobre o qual descansa o edifício da psicanálise.²⁹¹ Trata-se, então, de um conceito fundamental, que está na base de toda a teoria psicanalítica de Freud, sobre o qual se fundamenta, sobre o qual a psicanálise se sustenta.

A primeira vez que Freud utiliza o termo, segundo Strachey, é no texto "Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar", de Breuer e Freud, no ano de 1896. Nesse texto, ele propõe que um acontecimento ocasionaria um trauma psíquico pela relação que este teria com um afeto inconciliável para o eu. O recalque atuaria separando a representação, do afeto. Então, quando se conseguisse despertar a recordação do processo causador, convocando, ao mesmo tempo, o afeto que lhe fosse correspondente, os sintomas histéricos desapareceriam.²⁹²

Na página seguinte, aparece uma nota de rodapé muito interessante. No final do segundo parágrafo, afirma: "[...] o histérico sofre, em maior parte, de reminiscências".²⁹³

A nota de rodapé afirma:

Não nos parece possível distinguir, no conteúdo desta comunicação preliminar, qual parte é nova e qual parte pode ser encontrada em outros

288 <https://es.wikipedia.org/wiki/Represi%C3%B3n>

289 "conter, refrear, ponderar ou moderar". (tradução nossa).

290 Fernández, R. A. *El discurso del psicoanálisis otra vez*. Curso proferido por Ramiro Ariel Fernández, em Apertura Para Oiro Lacan (APOLa) nos dias 11/4, 25/4, 2/5 e 9/5 de 2019.

291 Freud, S. (1915). La represión. Nota do tradutor. In *Obras Completas, Tomo XIV* (p. 137). Amorrotu.

292 Freud, S. (1896). Sobre el mecanismo psíquico de los fenómenos histéricos. In *Obras Completas, Tomo li* (p. 32). Amorrotu.

293 *Ibid.*, p. 33. (tradução nossa).

autores, como Moebius e Strümpell, que têm sustentado pontos de vistas semelhantes em relação à histeria.²⁹⁴

O que nos diz esta nota de rodapé? Por um lado, há uma indistinção de autores. Com Lacan, poderíamos dizer que se trata de uma "imissão de Outridade", não lhes é possível distinguir o que é deles e o que já estava nos outros autores. Contudo, um desses outros é Moebius, o autor que nos remete à banda, à superfície topológica que Lacan utiliza para abordar a estrutura do sujeito em imissão de Outridade.

A minha hipótese é a de que Lacan tenha lido o texto de Freud como se lesse um material clínico, um texto clínico, como propôs Haydée Montesano na sua tese de doutorado. Eidelsztein afirma que Lacan se propõe interpretá-lo, pesquisá-lo. Parece ser isso que Lacan fez com o texto de Freud, uma análise de discurso do texto. Porque Lacan propõe, em sua conferência em Baltimore, que a **imissão de Outridade** é o mais característico da estrutura da linguagem para a psicanálise que concebemos. E Freud se pergunta: "Quem diz isso? Nós [Breuer e ele, Freud], ou Moebius e Strümpell já o disseram antes?". Ele não está falando do mesmo Moebius que Lacan. Quando pesquisamos na Wikipédia em espanhol, aparecem vários autores com esse sobrenome.²⁹⁵

Freud e Breuer se referem a Paul Julius Moebius,²⁹⁶ um médico psiquiatra alemão nascido em Leipzig, em 1853. Prestem atenção à referência, porque dela decorre um livro célebre chamado *La deficiencia mental fisiológica de la mujer*. Breuer e Freud concordavam com o pensamento desse senhor, que acreditava que as mulheres tinham uma deficiência mental fisiológica, e as apreciações que esses autores faziam sobre a histeria eram muito difíceis de distinguir.

No entanto, o primeiro Moebius que aparece na lista é August Moebius.²⁹⁷ August Moebius, o matemático e astrônomo alemão que já havia nascido em 1790, antes de Paul Julius Moebius. Podemos suspeitar que Lacan leu esse texto, a nota de rodapé, e como faz um investigador, procurou as referências que apareciam no texto -há diversas resenhas que indicam que Lacan foi um grande leitor, que tinha lido muito sobre muitos temas-, pesquisou Moebius e encontrou o matemático, encontrou, na banda, a estrutura do discurso sustentada por Freud nessa nota.

A banda de Moebius é uma superfície de uma só face. Portanto, não se trata de nenhuma profundidade, não se trata do que caiu no fundo. Dando continuidade, na página 36, o verbo "**recalcar**" aparece pela primeira vez: "[...] se tratava de coisas que o doente queria esquecer e, por isso,

294 Ibid., nota de rodapé n. 290. (tradução nossa).

295 <https://es.wikipedia.org/wiki/Moebius>

296 https://es.wikipedia.org/wiki/Paul_Moebius

297 https://es.wikipedia.org/wiki/August_M%C3%B6bius

deliberadamente as recalcou (expulsou-as) de seu pensamento consciente inibiu-as e sufocou-as".²⁹⁸

Continuando com o texto "O recalque" e a nota introdutória de Strachey, temos que: "O termo 'Verdrangung' já tinha sido utilizado por Herbart, um psicólogo alemão do começo do século XIX, e provavelmente chegou ao conhecimento de Freud por meio do seu professor, Meynert, que era um admirador de Herbart".²⁹⁹

Johann Friedrich Herbart foi um filósofo idealista, psicólogo e pedagogo alemão. O dicionário EcuRed afirma que "as suas ideias político-sociais eram reacionárias".³⁰⁰ Theodor Hermann Meynert, o professor de Freud, era um médico, psiquiatra, neuroanatomista e neurologista alemão. Foi professor de Paul Flechsig, o psiquiatra de Schreber. Defendia uma visão do cérebro organizado em diferentes áreas funcionais, conectadas umas às outras por feixes de matéria branca. A partir de 1867, publicou também uma classificação das doenças mentais, baseada nos seus corolários anatomopatológicos.³⁰¹

Assim, Freud foi introduzido ao termo "recalque" com Herbart, através de Meynert, que foi seu professor. E, ao que parece, Herbart era um reacionário. Seguindo o proposto por Alfredo Eidelsztein em sua recente apresentação de pesquisa na Abertura Para Outro Lacan (APOLa), sobre o conceito de supereu, poderíamos justificar, com estas citações, que Freud implantou o supereu dentro do ovo do indivíduo psíquico para justificar o recalque, que era produto de uma sociedade, de uma cultura, de uma época.

O que se passava na época de Freud? Em 1896, foi instaurado o Código Civil na Alemanha. Começou a ser redigido em 1881 e entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 1900. Na França, havia sido implementado um Código, em 1804, e isto - diz o dicionário mais popular - produziu o desejo, na Alemanha, de ter um Código Civil que sistematizasse e unificasse as diferentes e heterogêneas leis vigentes no território alemão. Foi o principal corpo normativo do direito civil na Alemanha desde então.³⁰²

Parece que Freud implantou a consciência moral, o supereu, dentro do ovo do indivíduo psíquico para, desse modo, transformar uma coerção que era produto de uma época, numa instância psíquica, que respondesse a uma suposta natureza da vida na cultura.

Strachey, mais adiante, afirma que:

298 Freud, S. (1896). Sobre el mecanismo psíquico de los fenómenos histéricos. In *Obras Completas Tomo li* (p. 36). Amorrotu. (tradução nossa).

299 Freud, S. (1915). La represión. In *Obras Completas*, TomoXIV(p. 138). Amorrotu. (tradução nossa).

300 https://www.ecured.cu/Johann_Friedrich_Herbart

301 https://es.wikipedia.org/wiki/Theodor_Meynert

302 https://es.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo_Civil_de_Alemania

A índole da força impulsionadora que dá início ao recalque constituiu um problema permanente para Freud. Perguntava-se, particularmente, acerca do vínculo entre o recalque e a vida sexual. Mais tarde rejeitou veementemente toda tentativa de sexualizar o recalque.³⁰³

A força, afirma Strachey, sempre constituiu um problema para Freud. O recalque é uma força que se exerce, é uma pressão sobre algo para deixá-lo no fundo, para que se mantenha sem efeito. Na teorização de Lacan, não se trata de nenhuma força, de nenhuma quantidade, como veremos mais adiante.

Agora, vamos ao texto ao qual nos referimos, "O recalque". Efetivamente, ele começa propondo a questão da força do impulso pulsional que colide com as resistências. "Pode ser o destino de um impulso pulsional colidir com resistências que queiram fazê-la inoperante. Entra, então, em estado de recalque".³⁰⁴

Trata-se de uma representação que seria inconciliável com o eu por seu conteúdo sexual, portanto, era recalcada, entrando dessa forma no estado de recalque.

Contudo, o que Lacan lê? No texto "A ciência e a verdade", ele nos diz:

Essa falta do verdadeiro sobre o verdadeiro, que exige todos os fracassos que a metalinguagem constitui, no que ela tem de enganoso e de lógico, é propriamente o lugar do *Urverdrnung*, do recalque originário que atrai para si todos os outros, sem contar outros efeitos de retórica, para o reconhecimento dos quais dispomos somente do sujeito da ciência.³⁰⁵

A ideia é desenvolver, até o final do escrito, um argumento que articule um entendimento desta citação.

Daremos continuidade com "Posição do inconsciente", onde Lacan nos diz que "o inconsciente é o que dizemos".³⁰⁶

Eidelsztein, em um curso sobre o escrito, aponta que:

Como o inconsciente é o que dizemos, essa é a posição do inconsciente. Já implica o problema da causa, da constituição subjetiva em relação direta com o que dizemos. O sujeito é causado pela linguagem, ou seja, **não podemos evitar, ao dizer, que seja causado um sujeito.** Ao dizer, causando-se um sujeito, é inevitável, é produzido sobre esse rastro de causação, algo que chamaremos de inconsciente.³⁰⁷

303 Freud, S. (1915). La represión. In *Obras Completas*, Tomo XIV (p. 141). Amorrortu. (tradução nossa).
304 Ibid. (tradução nossa).

305 Lacan, J. (1987). La ciencia y la verdade. In *Escritos 2* (p. 846). Siglo Veintiuno. (tradução nossa).

306 Lacan, J. (1987). Posición dei inconsciente. In *Escritos 2* (p. 809). Siglo Ventiuno.

307 Eidelsztein, A. (1996). *Posición dei inconsciente*. Curso proferido em na Universidade de Buenos Aires (UBA). (tradução nossa).

Então, trata-se do dizer, em um discurso, que inevitavelmente causa um sujeito. Esse rastro de causação de um sujeito será chamado de "inconsciente". Este último autor, no capítulo VI de seu livro *La Topología en la clínica psicoanalítica*, articula a questão do genitivo de "o sujeito do inconsciente". Pode ser entendido como o sujeito que tem um inconsciente ou, diz: "O que estou propondo é que o inconsciente possui um sujeito, não que as pessoas têm um inconsciente".³⁰⁸

Ele trabalha nesse ponto, em relação a uma citação de Alain Badiou, na qual propõe a primeira teoria do sujeito no sentido do inconsciente que se tem, que possuiria uma pessoa. A segunda teoria do sujeito seria a do sujeito do inconsciente, do sujeito efeito da combinatória pré-subjetiva.

Nos nossos dias, neste momento histórico da formação de uma ciência [...] nomeadamente a linguística, cujo modelo é o jogo combinatório que opera espontaneamente, por si só, de maneira pré-subjetiva, esta estrutura dá o seu estatuto ao inconsciente. De qualquer forma, assegura-nos que o termo inconsciente abarca algo qualificável, acessível e objetivável.³⁰⁹

Trata-se de um jogo combinatório que opera por si só, ninguém o faz funcionar, não há lá ninguém. Mas este operar produz um sujeito como rastro de causação.

Continua com a citação de Lacan: "Atente-se ao ponto de partida - da Etiologia das neuroses - e o que encontra no furo, na fenda, na hiância característica da causa? Algo que pertence à ordem do não realizado".³¹⁰

Está fazendo referência a Freud, é ele quem parte da "Etiologia das neuroses". E, o que encontra? Algo da ordem do não-nascido. Eidelsztein, no mesmo capítulo, afirma que: "Habitualmente, fala-se em "recalque": o sujeito recusa, reprime, renega, desmente, forclui... Assim, sim, faz falta uma pessoa, senão: quem é que recalca?".³¹¹

O recalque é um mecanismo do eu, poderíamos dizer que é do supereu, e o inconsciente seria isso recalcado, aquilo que o eu recusa por seu conteúdo sexual. E prossegue a citação de Lacan:

Fala-se de recusa. É uma precipitação e, além disso, há algum tempo, quando se fala de recusa, já nem se sabe mais do que se está a falar. O inconsciente se manifesta primeiro como algo que está à espera, no círculo, eu diria, do

308 Eidelsztein, A. (2018). La banda de moebius y una nueva concepción de sujeto. In *La Topología en la clínica psicoanalítica* (p. 109). Letra Viva. (tradução nossa).

309 Lacan, J. (1999). *E/ Seminario, Libro 11* (p. 28). Paidós. (tradução nossa).

310 Ibid., p. 30. (tradução nossa).

311 Eidelsztein, A. (2018). La banda de Moebius y una nueva concepción del sujeto. In *La Topología en la clínica psicoanalítica* (p. 107). Letra Viva. (tradução nossa).

não nascido. Não é de se estranhar que o recalque lance coisas ali [no círculo do não nascido]. É a relação com o limbo da parteira que faz abortos.³¹²

A forma como o diz é maravilhosa: o inconsciente se manifesta como algo que está à espera, no círculo, diria eu, do não-nascido. Trata-se do que está no limbo, esperando nascer. A referência ao "círculo" pode estar nos indicando a interseção dos círculos do Sujeito e do Outro e, portanto, do objeto a. E por que não seria estranho que o recalque lançasse coisas ali? Porque o recalque é justamente um mecanismo que impede que surja, que apareça, que nasça. Então, Eidelsztein afirma que: "A essência do inconsciente não é a do recalcado, mas sim a da combinatória pura e pré-subjetiva que pode chegar a produzir um efeito sujeito, a engendrará-lo".³¹³

Não se trata do recalcado, mas sim da pura combinação pré-subjetiva que pode produzir um efeito sujeito, que pode engendrará-lo, fazê-lo nascer. No *Seminário II*, Lacan afirma que ele aparece como fenômeno na descontinuidade, na vacilação. Como se essa vacilação, esse "entre", esse sim e não, fosse o que aparecesse fenomenologicamente, mas que se produz por efeito da combinação pura do significante. Em uma citação anterior falava do nascimento de uma ciência, da linguística, cujo modelo teórico é o jogo combinatório que opera sozinho, e de que este modelo apresenta uma estrutura, a estrutura da linguagem, que deu status ao inconsciente. Este se manifesta quando aparece essa vacilação, a descontinuidade, como se colocasse em evidência a operatória em si da combinação. Lacan diz isso no seguinte trecho: "A descontinuidade é, pois, a forma essencial na qual aparece, em primeiro lugar, o inconsciente como fenômeno - a descontinuidade na qual algo se manifesta como vacilação".³¹⁴

Então, trata-se de uma descontinuidade no discurso. A pessoa, o paciente, esqueceu e: o que Lacan lê nesse esquecimento? Eidelsztein afirma que: "Bom, como poderão ver, trata-se aparentemente de um esquecimento; de um esquecimento que não é produto de nenhum recalque, nem sequer de um ato voluntário ou involuntário de ninguém, senão da estrutura da linguagem".³¹⁵

Mais à frente, na página 110, trabalha uma citação complexa de Lacan:

Mas de antítese, isto é, em um mesmo plano, em um segundo tempo, denuncia seu semblante; ao afamá-lo pelo fato de que seu sujeito é modal, e provando, uma vez que este se modula gramaticalmente como: que se diga. Coisa que ela convoca não tanto à memória, mas sim, como se diz: à existência.³¹⁶

312 Lacan, J. (1999). *E/ Seminário, Livro 11* (p. 30). Paidós. (tradução nossa).

313 Eidelsztein, A. (2018). Op. Cit. (p. 108). Letra Viva. (tradução nossa).

314 Lacan, J. (1999). *E/ Seminário, Livro 1* (p. 33). (tradução nossa).

315 Eidelsztein, A. (2018). Op. cit. (p. 109). Letra Viva. (tradução nossa).

316 Lacan, J. (1984). El Atolondrado, el Atolondradicho o las vueltas dichas. In *Escansión 1* (p. 18). Paidós. (tradução nossa).

Poderíamos ler esse "de antítese, isto é, em um mesmo plano, em um segundo tempo" como o outro lado da banda de Moebius. No lugar onde Freud colocaria o esquecimento, Lacan localiza o não realizado que, pelo "que se diga", convoca a existência. Eidelsztein afirma que: "O levantamento do recalque já não se verifica no fato de que alguém se recorde, mas sim em que algo advém à existência é outra forma de conceber o efeito da prática psicanalítica".³¹⁷

Deve haver um dizer (que se diga), um efeito particular de verdade e, a partir das perguntas que despertam esse efeito de verdade, estabelece-se retroativamente a estrutura que o determina.

Lacan propõe que, a partir de um efeito sujeito entendido como uma dimensão histórica particular da verdade, articulada a certa modalidade de gozo, estabelece-se retroativamente uma estrutura que é a que lhe corresponde. Produzido o ato e um novo sujeito -não por acaso não há noção de "ato" nem de "novo sujeito" em Freud, a história se inscreve retroativamente a partir desse efeito sujeito.³¹⁸

E, a história muda, é "outra", como defende Gabriela Mascheroni em seu trabalho *El pasado es impredecible*,³¹⁹ muda o mundo circundante e advém um novo sujeito.

Em algum sentido, poderíamos dizer, seguindo a proposta de Eidelsztein de que "não há supereu": "não há inconsciente", no sentido proposto na página seguinte: "O inconsciente fica esvaziado de conteúdo, de lembranças, de pegadas, de marcas".³²⁰

Para que exista inconsciente, deve haver um dizer a outro, no lugar de A, que esteja dirigindo o tratamento para que esse efeito advenha. Mais à frente, ele trabalha outra citação de "L'Étourdit": "Porque, deve ser dito [deve ser dito], o inconsciente é um fato [um fato] desde que [acrescenta Eidelsztein, "desde que e na medida em que"] encontre sua base em um discurso".³²¹

Caso contrário não é, não há, não existe. É um fato quando encontra seu suporte em um discurso, quando é dito a Outro. Então, temos a banda de Möbius/Listing, uma superfície aberta - Eidelsztein afirma que se pode ler como a exigência de que seja um fato discursivo-, limitada, o que indica a "condição particular" de cada analisante, e é unilateral, não se trata de

317 Eidelsztein, A. (2018). Op. cil. (p. 110). Letras Viva. (tradução nossa).

318 Ibid. (tradução nossa).

319 Mascheroni, G. (2019). El pasado es impredecible. In *Revista E/ rey está desnudo*, n. 14. Apresentado nas últimas Jornadas anuales de Apertura 2018.

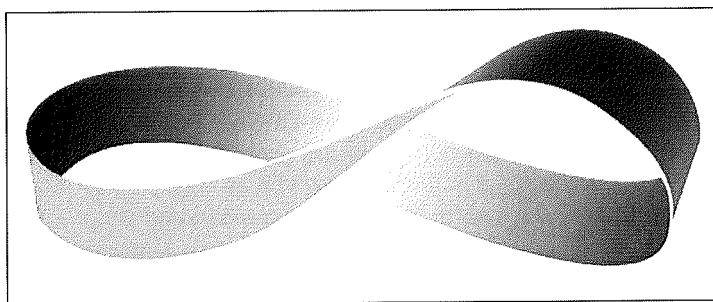
320 Eidelsztein, A. (2018). Op. Cit. (p. 111). Letra Viva. (tradução nossa).

321 Lacan, J. (1984). El Atolondrado, el Atolondradicho o las vueltas dichas. In *Escansión 1*. (p. 50). Paidós. (tradução nossa).

nenhuma profundidade. E, para que a estrutura seja revelada e esse efeito sujeito surja é necessário o corte pela linha mediana, ao que chamamos oito interior, realizado pelo analista em sua função, na direção do tratamento. Em seguida, temos outro corte habilitado pela estrutura da banda de Moebius entre o oito interior e o duplo bucle. Não vamos trabalhar nisso, apenas trago a referência que está indicada no texto de Eidelsztein, é o corte que revela a estrutura do Simbólico, do Imaginário e do Real, como sendo dois em um.

Mas o que agora me parece importante ressaltar é que, para quem escreve este texto, Lacan produz uma semitorção em sua leitura de Freud que só pode ser lida a partir do trabalho de investigação de Alfredo Eidelsztein. Antes, o que Lacan havia dito era uma continuidade do que Freud dissera, mas graças ao seu desejo de saber, graças as perguntas às quais deu lugar, graças às perguntas que fez a si mesmo sobre a lógica, pudemos reconhecer a diferença. E, é possível ler a manobra de subversão com a qual Lacan opera, porque ele mesmo a concebeu operando na estrutura da combinação significativa. Isso foi uma surpresa, tem a estrutura da surpresa.

Freud Eidelsztein Lacan



Eidelsztein afirma que:

Aquilo que se denominou levantamento de um recalque sempre se tratou de algo que implicava a dimensão da surpresa. A surpresa é a melhor testemunha de que se efetivou algo que considero muito mais conveniente chamar de *mudança da posição do sujeito*.³²²

A surpresa do novo, mas que surpreende justamente porque já se sabia, isso é o que surpreende, que já era conhecido. Como quando um paciente lhe diz: "é verdade porque tal e tal coisa", porque se faz uma interpretação. Para que advenha essa surpresa, é necessário dirigir o tratamento, considerando que a manobra do neurótico é a detenção do percurso, que Freud chamou de

recalque ou mudança de via.³²³ Poderia se pensar que a mudança de via pode ter sido lida por Lacan como a torção da banda de Möbius/Listing, como a antítese que chama, que convoca, não tanto à memória - não é que se tenha esquecido-, mas sim a que seja dito, e ao dizer o faz existir, engendra-o. Os psicanalistas, em geral, fazem silêncio, ao silêncio do paciente soma-se o silêncio do psicanalista. No entanto, desse modo, a detenção é reforçada. Não se trata do recalcado, o referido autor insiste, não se trata de nenhuma profundidade, e sim da lógica dos argumentos, por meio da qual propõe perguntar: por quê? Por que disse o que disse? Por que moveu o cavalo se podia mover outra peça?

Minha hipótese é a de que - não sei se Lacan ou Eidelsztein também o afirmam em algum lugar - a semitorção da banda de Möbius/Listing implica esse movimento, que, ao pretender uma mudança de via - descontinuidade, vacilação -, quer ir por outro lado, quer mudar de tema. Se o psicanalista dirige o percurso, leva-o a se surpreender por esse saber não sabido. Para isso, afirma Eidelsztein, há que se perguntar pela lógica dos argumentos e, dessa forma, a verdade particular pode advir à existência.

Levar o argumento até o final obriga a introduzir o estatuto ético, isto é, o "porquê" e o desejo de saber. A questão é concluir o argumento. E o argumento tem estrutura de uma banda de Moebius, portanto, vai aparecer a detenção do percurso, a mudança de via, a antítese, como disse Lacan. E, atentem a que não se trata de um problema de forças, mas sim de um problema de lógica [...].³²⁴

Avanço um pouco mais. Lacan, em "Subversão do sujeito e dialética do desejo" refere-se à divisão entre o saber e a verdade na banda de Moebius e chama de "junção entre verdade e saber" o movimento das revoluções. Quando se produz essa junção, ocorre um movimento revolucionário, o que faz mover os discursos, os outros três: "[...] que o desejo se entrelaça nela [a mobilidade das revoluções] ao desejo do Outro, mas que nesse laço se aloja o desejo de saber".³²⁵

Agora, como nasceu nossa ciência, a psicanálise? Lacan poderia responder:

Pois é esse o sentido, no qual não se insiste, do distanciamento com que Freud procede com relação aos estados hipnoides, quando se trata de explicar até mesmo os fenômenos da histeria. Este é o fato assombroso:

323 Ibid., p. 117.

324 Ibid., pp. 118 e 119. (tradução nossa).

325 Lacan, J. (1987). Subversión dei sujeto y dialéctica dei deseo. In *Escritos 2* (p. 782). Siglo Veintiuno. (tradução nossa).

ele prefere o discurso da histérica. O que chamamos de 'momentos fecundos' em nosso posicionamento do conhecimento paranoico não é uma referência freudiana.³²⁶

Trata-se do nascimento de uma ciência. Nesse escrito de Lacan, trata-se do nascimento da psicanálise, da questão do saber e do não saber, da epistemologia. Há um vídeo no canal de Eidelsztejn, que se chama "Comentario a la primera página del escrito 'Subversión del sujeto' ". Por favor, escutem, deem-se ao trabalho de tomar notas. Para mim, foi emocionante.

Como nasceu a psicanálise? Não como a explicação de que a histeria sofria de estados hipnoides, mas sim com o discurso histérico. No seu curso sobre os dois níveis de análise dos quatro discursos, Ramiro Fernández argumentou que, o nível político colocou o discurso científico no lugar do discurso histérico.³²⁷ É que o discurso histérico é o científico, porque é aquele que faz perguntas, o que procura ligar-se a uma verdade. Nesse curso, comentei que foi a histérica quem pediu que a deixassem falar, porque tinha um saber atado a uma verdade particular. A citação de Lacan continua assim:

Deparamo-nos com algumas dificuldades de tornar inteligível, num meio que se envaidece do mais inacreditável ilogismo, o que comporta interrogar o inconsciente tal como o fazemos, isto é, até que ele dê uma resposta que não seja da ordem do êxtase nem do abatimento, mas, antes, que 'diga por quê'.

Se conduzimos o sujeito a algum lugar, é a uma decifração que já pressupõe, no inconsciente, essa espécie de lógica na qual se reconhece, por exemplo, uma voz interrogativa, e até mesmo o encaminhamento de uma argumentação.³²⁸

Essa é a subversão, o discurso histérico engendrou a psicanálise. Lacan afirma que o fato de perguntar ao inconsciente como o fazemos implica a busca de uma resposta que "diga porque", não se trata de fazer algo da ordem do êxtase (presentear com um quadro?) ou do abatimento (interromper a sessão?). Não se trata de nenhum esforço. Se levamos o sujeito a alguma parte, é a um deciframento, onde se reconhece essa voz interrogativa que pergunta "por quê?" ou, inclusive, afirma Lacan, onde se escuta o andamento de uma argumentação, o nascimento mesmo de um novo paradigma. E, afirma que o maior fato é que preferem o discurso da histérica, então a pergunta seria: o que ou quem prefere? Os momentos fecundos, os momentos de surgimento, não

326 Ibid., p. 775. (tradução nossa).

327 Fernández, R. A. *E/ discurso dei psicoanálisis otra vez*. Curso proferido por Ramiro Ariel Fernández, em Apertura Para Oiro Lacan (APOLa) nos dias 11/4, 25/4, 2/5 e 9/5 de 2019.

328 Lacan, J. (1987). Op. cit. (pp. 775 e 776). Sigla Veintiuno. (tradução nossa).

são uma referência freudiana. Freud não descobriu nada. Em todo caso, talvez deveríamos agradecer-lhe por tê-la deixado falar. Contudo, ela já não falava; Em 1918, as mulheres da Alemanha começaram a votar e Freud era contra voto das mulheres, porque elas não teriam supereu suficiente para isso.

Contudo, vamos resumir o que foi apresentado até o momento. Estamos afirmando que o inconsciente está estruturado como uma linguagem. Lacan propõe que não se trata do recalcado, de nenhum conteúdo, mas de um jogo combinatório que se produz sozinho, sem um sujeito que o faça operar. O modelo teórico postulado pela linguística³²⁹ é o que dá estatuto à estrutura do inconsciente, e afirma que essa operatória, em seu rastro de causação, engendra um sujeito, um assunto, um tema, uma argumentação. E, afirmávamos que o escrito de Lacan, "Subversão do sujeito e dialética do desejo" trata do nascimento de nossa ciência, a psicanálise. Mas, além disso, como aclara Eidelsztein em seu vídeo já citado, Lacan articula o surgimento da ciência moderna com o surgimento do sujeito do inconsciente, porque a operatória do conhecimento científico implica a pergunta "por quê?" em descontinuidade, em vacilação.

Vamos retomar, de fato, por essa vertente, o serviço que esperamos da fenomenologia de Hegel. É o de marcar uma solução ideal, a de, por assim dizer, um revisionismo permanente, no qual a verdade está em constante reabsorção naquilo que tem de perturbador, não sendo, em si mesma, o que falta para a realização do saber.³³⁰

A verdade é o que falta para a realização do saber, constantemente se reabsorve seu efeito de verdade, porque o que se produz é um revisionismo constante. É o que propõe Eidelsztein na última parte da primeira entrevista que fizemos com Tomás Pal.³³¹ A operação constante sobre o não sabido do saber. Como o horizonte que vai se afastando, e, nesse sentido, podemos articulá-lo com o objeto *a* como esse ponto que é acrescentado a um plano projetivo. Lacan continua: "A verdade não é outra coisa senão aquilo que o saber só pode aprender que sabe ao acionar sua ignorância".³³²

Ou, a verdade é que não há garantia de verdade e voltamos à frase com que começamos com Lacan, esta falta do verdadeiro sobre o verdadeiro é que não há garantia de verdade, não há Outro do Outro.

Em "Radiofonia", Lacan afirma que:

329 Depois propõe a linguística como o campo no qual exige-se o discurso significante para a psicanálise e o considera um aporte feito à linguística.

330 Lacan, J. (1987). Op. Cit. (p. 777). Sigla Veintiuno. (tradução nossa).

331 <https://www.youtube.com/watch?v=qTKQ6gL3ZAU&t=3s>.

332 Lacan, J. (1987). Op. Cit. (p. 782). Sigla Veintiuno. (tradução nossa).

Por mais paradoxal que seja a asserção, a ciência ganha impulso a partir do discurso histérico.

Seria preciso penetrar, por essa vertente, nos correlatos de uma subversão sexual de escala social, com os momentos incipientes na história da ciência.

O que equivaleria a impor uma dura prova a um pensamento arrojado.

Este é concebido a partir de que a histérica é o sujeito dividido, ou, dito de outra maneira, é o inconsciente em exercício, que põe o mestre contra a parede de produzir um saber.³³³

Então, o inconsciente em exercício aparece no discurso histérico, porque é o que coloca em evidência a divisão entre saber e verdade e, dessa forma, exorta o mestre a produzir um saber que seja verdadeiro.

333 <http://www.bibliopsi.org/docs/lacan/Lacan-Jacques-Psicoanalisis-Radiofonia-Television.pdf>. (tradução nossa).

A NOÇÃO DE TRANSFERÊNCIA NA PSICANÁLISE. DA DESCARGA LIBIDINAL AO PROGRESSO DO SABER

Pedro Carrere

Não há dúvida de que a transferência tem sido, até o momento, um dos conceitos mais comentados na história da psicanálise. Sabe-se, inclusive, que, fora do âmbito da disciplina, a noção de transferência faz referência ao vínculo entre o paciente e seu psicanalista, mais especificamente, a determinadas tendências do primeiro que, por alguma razão, são dirigidas ao segundo. No entanto, aqui, vamos defender que esse entendimento ampliado da transferência está em concordância com a proposta de Freud, mas não com a de Lacan. Lamentavelmente, e apesar da inovação indicada por este último, a noção de transferência se manteve praticamente inalterada, até a atualidade, no corpus teórico da psicanálise hegemônica.³³⁴ Proponho resgatar, aqui, a diferença radical que a psicanálise de Lacan apresenta com relação à noção freudiana de transferência.

Freud: neutralidade e resistência

Para abordar a teoria freudiana de transferência, terei como base, principalmente, dois conceitos que aparecem estreitamente vinculados a essa noção na obra de Freud: a neutralidade e a resistência. Ambos indicam as posições respectivas a serem assumidas por um e por outro dos dois participantes da situação analítica: um analista/observador neutro e um paciente que, habitado por uma tendência a conservar a satisfação paradoxal que encontra em seu padecimento, resiste ao progresso do tratamento.

Cabe destacar o quão adequado é o uso do termo "transferência" para nomear o vínculo entre paciente e analista no marco da teoria de Freud, já que ele mesmo faz referência ao deslocamento de uma quantidade de um lugar a outro, tal como acontece, por exemplo, em uma transferência bancária. Para Freud, como veremos, trata-se justamente disso: de uma carga energética no corpo do paciente que busca descarregar-se na relação com o psicanalista.

334 Certamente, pode-se dizer o mesmo de todas as ideias de Freud, o que coincide com o espírito não científico e a consequente rejeição da possibilidade de um progresso teórico que reina na psicanálise contemporânea.

A noção freudiana de transferência coloca a ênfase na particular relação entre duas instâncias: o paciente e o psicanalista.³³⁵ Ainda que pareça óbvio, vale a pena destacar, já que, como veremos, em Lacan, trata-se de outra coisa.

O modelo freudiano importa as ideias de matéria e energia da física de Newton, no sentido em que ambas são consideradas como entidades plenamente diferenciáveis. A energia provém do interior do corpo e catexiza as representações do aparelho psíquico. O trabalho do aparelho perseguirá o objetivo de dominar simbolicamente essas quantidades. Vejamos uma aproximação ao conceito no texto freudiano:

[...] todo ser humano, pela ação conjunta de suas disposições inatas e das influências que recebe em sua infância, adquire uma determinada especificidade para o exercício de sua vida amorosa, ou seja, para as condições que irá estabelecer para o amor e as pulsões que irá satisfazer, assim como para os objetivos que se coloca. Isso resulta, podemos dizer, em um clichê (ou mesmo vários) que se repete, - é reimpresso - de maneira regular na trajetória da vida [...] somente uma parte desses impulsos que determinam a vida amorosa passou por todo o desenvolvimento psíquico; essa parte está dirigida para a realidade objetiva, disponível para a personalidade consciente, e constitui uma porção desta. Outra parte desses impulsos libidinais foi detida em seu desenvolvimento, está separada tanto da personalidade consciente como da realidade objetiva, e só obteve permissão para expandir-se em fantasia ou permaneceu inteiramente no inconsciente [...] Aquele cuja necessidade de amor não é completamente satisfeita pela realidade, se voltará para cada nova pessoa que apareça com representações- expectativa libidinais, e é muito provável que as duas porções de sua libido, a suscetível de consciência e a inconsciente, tenham participação nessa atitude. É, então, bastante normal e compreensível que o investimento libidinal na expectativa de alguém que está parcialmente insatisfeito se volte ao médico.³³⁶

É claro como, para Freud, a questão da transferência tem sua origem na libido insatisfeita do neurótico. A libido circula pelo aparelho catexizando, ou carregando, determinadas representações: pode estar viscosamente aderida

335 Ainda que pareça uma obviedade, vale a pena fazer aclarar para poder estabelecer as diferenças com Lacan, cuja proposta inclui sempre um lugar terceiro que rompe com qualquer concepção dualista, não só na relação transferencial, mas também quanto à própria existência do inconsciente. Esse lugar é o da linguagem (A). Lacan, inclusive, inclui um quarto termo, que é o sujeito tal como o apresenta, por exemplo, no esquema R do escrito "De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses". Essa inclusão de um terceiro elemento anula a possibilidade de reduzir a psicanálise a uma relação entre dois, assim como também modifica radicalmente a materialidade e a temporalidade em jogo na situação analítica.

336 Freud, S. (1991). Sobre la dinámica de la transferencia. In *Obras completas, Tomo XII* (p. 97). Amorrotu editores. (tradução nossa).

aos objetos históricos de amor no inconsciente e desprender-se na fantasia, ou também pode estar disponível na "personalidade consciente" para investir novos objetos. Quando se produz uma frustração da satisfação libidinal na realidade do paciente, como afirma Freud, é de se esperar que, caso se estabeleça o encontro com um psicanalista, o fenômeno da transferência seja produzido.

Na realidade, em Freud, parece haver duas versões sobre a origem da transferência. A primeira está relacionada com o esse surgimento espontâneo: o psicanalista, assim como "cada nova pessoa que apareça", é também tomado como objeto nos termos do clichê amoroso do paciente. A outra versão é a da transferência como um produto artificial da psicanálise, no sentido em que ela mesma será produzida como uma das manifestações da resistência, cada vez que o analista, em seu combate contra as forças da repressão esbarre na "libido oculta em seus esconderijos".³³⁷

Trata-se, na realidade, da diferença entre a transferência positiva e a negativa. As duas estão relacionadas com o amor. A primeira é produto dos impulsos temos ligados às *imagos* parentais e, por isso, é a portadora do êxito terapêutico, posto que assegura a "docilidade" do paciente, "seu acolhimento favorável às explicações da análise",³³⁸ diz Freud. A transferência negativa, por outro lado, é a que se produz quando a resistência se serve do amor, convertendo-o em um obstáculo para o tratamento. Aqui, o paciente, em vez de lembrar, atua, repete, atualizando sua problemática amorosa sobre a pessoa do psicanalista.

A consideração da transferência como um efeito da resistência é dec01Tente da ideia de que o padecimento neurótico tem sua origem na satisfação paradoxal de uma tendência energética que provém do interior do corpo do paciente.

Trata-se, nem mais nem menos, que da noção freudolacaniana de gozo, a qual está na base teórica de uma psicanálise na qual a pergunta pelas razões da repetição se encontra enclausurada desde o início. O analista já sabe por que se repete. Repete-se, atua-se e padece-se como modalidades alternativas de descarga de uma energia que o aparelho não conseguiu dominar pela via da representação.

A transferência estará sempre referida ao fato de que o psicanalista é convocado a fazer parte daquela realidade sobre a qual propõe intervir. A proposta de Freud é claramente ir contra isso: o analista deverá não somente se abster de responder do lugar ao qual é convocado pela transferência, como também, por sua vez, deverá ser capaz de objetivar, do lugar de observador neutro, aquelas tendências pulsionais que são a própria causa do fenômeno.

Há algo que deve ser dito: a psicanálise de Freud tem uma forte marca pedagógica. Assim como o aluno deverá chegar às luzes do conhecimento sob a orientação de seu professor, o paciente freudiano:

337 Ibid., p. 100. (tradução nossa).

338 Freud, S. (1991). Puntualizaciones sobre el amor de transferencia. In *Obras Completas, Tomo XII*. (p. 166). Amorrortu editores. (tradução nossa).

[...]tem que aprender com ele [o psicanalista] a superar o princípio do prazer, renunciar a uma satisfação imediata, mas não instituída socialmente, em favor de outra mais distante, talvez muito mais incerta, mas irrepreensível tanto no psicológico quanto no social.³³⁹

Não é coincidência que Freud compare o psicanalisar com o educar e o governar, quando agrupa essas tarefas como as três "profissões impossíveis". Sua psicanálise, definitivamente, tem a marca de subjugar uma força, de governar o impulso à descarga do princípio do prazer, mediante a formulação de explicações que visam a convencer o paciente da veracidade dos postulados de sua teoria psicanalítica.

A posição neutra do analista é o fundamento epistemológico que corresponde ao objetivo pedagógico-terapêutico. Responde, em última instância, ao positivismo de Freud, sustentado pela ideia do inconsciente como uma realidade efetiva e prévia à intervenção analítica, embora ocultada pelas forças da repressão.

Uma vez que a realidade do inconsciente tem, para Freud, a sua sede no interior psíquico do indivíduo, o trabalho de desvelamento em psicanálise requer a mesma reserva com que o arqueólogo desenterra os restos que indicam a existência efetiva de um fragmento do passado. No modelo da neutralidade, a realidade que o analista pretende revelar é inerente ao próprio objeto de estudo. Por isso é que Freud, na sua lista de conselhos sobre o exercício da técnica psicanalítica dá tanta ênfase ao que o analista **não deve fazer**, como estratégia preventiva para conservar o objeto em seu estado original. Para garantir seu estado neutro, o analista, deverá obviamente se submeter, primeiro, a uma "purificação psicanalítica".^{340,341}

O correlato teórico da neutralidade será logicamente o conceito de resistência. E digo logicamente pelo seguinte motivo: posto que a psicanálise é, para Freud, uma ciência que faz da observação neutra um de seus pilares epistemológicos, na hora de explicar os obstáculos que surjam no processo de "desvelamento", não restará outra alternativa senão fazer uso dos mesmos "complexos patogênicos"³⁴² que o método pretende desvelar.

Se a realidade do inconsciente é objetivada nos termos do Édipo e da castração, e por isso sua existência será prévia e independente da intervenção

339 Ibid., p. 173. (tradução nossa).

340 Freud, S. (1991). Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. In *Obras completas, Tomo XII*. (p. 115). Amorrotu editores. (tradução nossa).

341 Para Lacan, pelo contrário, a questão da transferência se desenvolve inteiramente em torno do desejo do analista, o qual, como ele sustenta, "não é um desejo puro". Lacan, J. (2007). *El Seminario. Libro 11*. Aula de 24 de junho de 1964.

342 Freud, S. (1991). Cinco conferencias sobre psicoanálisis. In *Obras Completas, Tomo XI* (p. 36). Amorrotu editores.

terapêutica, o analista será capaz de acessá-la do lugar purificado do observador neutro. Assim, tudo que atente contra o desenvolvimento do processo requererá uma explicação tão substancialista quanto os fundamentos do mesmo.

A resistência será, no final das contas, trunfo conceitual de uma teoria que se esforça por dar mostras irrefutáveis de sua própria validade. A situação transferencial ficará configurada como uma verdadeira confrontação entre o psicanalista neutro e seu paciente. No texto freudiano, com efeito, abundam as metáforas bélicas como modo de explicar o desenvolvimento do tratamento:

Esta **luta** entre médico e paciente, entre intelecto e vida pulsional, entre discernir e querer 'atuar', desenvolve-se quase exclusivamente ao redor dos fenômenos transferenciais. É neste campo onde **se deve obter a vitória** cuja expressão será a cura definitiva da neurose.³⁴³

A transferência é, para Freud, um campo de batalha, uma luta contra as forças que resistem à cura, buscando conservar a satisfação paradoxal proporcionada pelo estado de doença. A noção freudiana de resistência é, do meu ponto de vista, muito problemática tanto técnica como eticamente. É a pedra angular de uma teoria que pretende ser imune a qualquer questionamento que possa receber por seu modo particular de referir o padecimento neurótico ao universal edipiano. Em qualquer caso, o paciente resiste a admitir uma verdade que o psicanalista já sabe.

É essa, talvez, a grande contradição de Freud: o psicanalista purificado, imparcial e neutro é, ao mesmo tempo, aquele que luta contra seu paciente para que este reconheça e aceite a teoria universal do complexo de Édipo como base explicativa de seu padecimento.

Assim, a regra de associação livre será um pouco mais do que um ardil do analista. A psicanálise, tal como Freud a concebeu, tem lugar a partir de um convite para que o analisando fale com a maior liberdade possível, ignorando qualquer ocorrência que possa interromper a cadeia associativa. Entretanto, esse convite parece ser a isca que permitirá que o psicanalista finque o anzol de Édipo uma vez que o neurótico tenha consentido em abrir a boca. A regra fundamental acaba ficando mais próxima de ser a desculpa para a interpretação premeditada do psicanalista, do que o corolário dessa ponderação da palavra do paciente associada historicamente às origens da *talking cure*.

343 Freud, S. (1991). Sobre la dinámica de la transferencia. In *Obras completas, Tomo XII* (p. 105). Amorrortu editores. (grifo nosso).

O significante de Lacan: não se transfere nada

A teoria do significante de Lacan perturba radicalmente os fundamentos da proposta freudiana. O significante instaura uma nova materialidade que substitui a cena de confronto entre o analista e seu paciente como eixo da transferência. Já não se trata de identificar aquelas tendências inconscientes do paciente que são transferidas ao psicanalista, mas sim de um trabalho conjunto que fará da situação analítica a instância para o progresso do saber do caso.

A energia, que em Freud ocupa o lugar de uma força somática pré-existente e que, por isso mesmo, exige para sua tramitação normal o trabalho simbólico do aparelho, será, por outro lado, considerada por Lacan somente a partir dos efeitos de determinação da máquina simbólica. Como exemplo dessa abstração, Lacan recorre à imagem da usina hidrelétrica para demonstrar o fato de que, na realidade, não é correto supor que a energia provém da água, da substância material pré-existente, mas que a sua própria existência é, antes, o produto da fórmula matemática que torna possível o funcionamento da usina:

[...] entre a energia e a realidade natural, há um mundo. A energia só começa a contar no momento em que a medimos. E nem sequer podemos pensar em medi-la antes de haver usinas em funcionamento.³⁴⁴

No modelo de Lacan, então, não há nada que possa ser chamada de "energia" antes do funcionamento da máquina simbólica. A transferência, que, em Freud, como vimos, apareceria como uma das possíveis derivações das tendências energéticas do paciente, será levada, por Lacan, ao terreno do saber, enquanto articulação significante impessoal.

O significante de Lacan e a energética freudiana constituem dois modelos diferentes de conceber e abordar o caso. A própria essência do significante instaura uma modalidade de leitura que articula os elementos a partir de seu valor diferencial no âmbito de uma estrutura que, a priori, desconhecemos. Deixa-nos, então, numa posição de não saber, que é a única posição propícia para que possa acontecer o progresso do saber. Para Lacan, o saber inconsciente será o saber não sabido, e terá, portanto, o seu lugar nos confins da pergunta e da investigação, em um processo análogo ao que está na base do desenvolvimento da ciência:

a questão de introduzir um discurso científico que diz respeito ao saber é interrogá-lo lá onde ele está, este saber; e este saber, lá onde ele está, isto quer dizer o inconsciente [...].³⁴⁵

A leitura freudiana do caso, por outro lado, parece ser dirigida pela procura daqueles signos que confirmem, repetidamente, as reviravoltas do Édipo e da castração. Exemplos dessa leitura de signos são as equivalências simbólicas que Freud estabelece entre o falo e o filho, para explicar a saída do Édipo para a mulher, ou aquela outra entre os excrementos e o dinheiro. À diferença do que acontece com o significante, aqui o significado é absolutamente convencional. O desejo de um filho será sempre, para a mulher, o substituto do desejo do falo paterno, e o traço de caráter de ser parcimonioso com o dinheiro será inevitavelmente o signo do prazer anal que, durante a primeira infância, o avarento terá encontrado na defecação.

Se, a esta última equivalência, acrescentamos a ideia freudiana de que o erotismo anal é resultado de um fator depreciável do ponto de vista da sexualidade genital normal, a intervenção analítica deverá, necessariamente, ir contra essa tendência. Uma derivação clínica desses postulados pode ser observada, por exemplo, na maneira particular de Freud abordar a questão dos honorários do tratamento:

Muitas das resistências do neurótico são consideravelmente aumentadas pelo tratamento gratuito.³⁴⁶

Uma vez que a retenção de dinheiro será o signo da fixação ao erotismo anal, e este último deve ser abandonado para que a sexualidade complete sua evolução normal à genitalidade, a cobrança de honorários será uma condição para a cura da neurose. Esta questão explica por que uma das intervenções preferidas dos psicanalistas tem sido historicamente o aumento do valor da sessão como meio para enfrentar as resistências do paciente.³⁴⁷

Sob meu ponto de vista, esta e outras penosas situações inerentes à concepção bélica da transferência são evitadas pela modalidade de leitura do caso que se deriva da noção de significante de Lacan. São evitadas porque o significante habilita a função da pergunta. E só haverá progresso do saber a

345 Lacan, J. (1973). *E/ Seminario 20*. Aula de 26 de junho de 1973. Versão crítica de Ricardo Rodríguez Ponte. Para circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires. p. 9. (tradução nossa).

346 Freud, S. (2005). Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, 1). In *Obras Completas, Tomo XII*. (p. 133). Amorrotu editores. (tradução nossa).

347 Isso também explica o fato de alguns colegas que exercem a psicanálise no hospital público, muitas vezes, ficarem se gabando de fazer seus pacientes pagarem através do uso de meios alternativos à cobrança de dinheiro. Por exemplo, fazendo-os esperar sem necessidade ou, inclusive, mediante modalidades mais sutis de destrato.

partir da pergunta. Para continuar com o exemplo, e num caso em que consideremos pertinente destacar o termo "dinheiro" como significante, poderíamos nos perguntar: com que outros significantes, além do cocô, convém articulá-los para saber algo mais sobre o seu significado particular nesse caso?

Para que uma pergunta assim possa ser formulada, é necessário que o psicanalista abandone os signos estabelecidos na obra de Freud e admita que, a priori, não há saber sobre o significado. E se o psicanalista é capaz de admitir que não sabe, não lhe será necessário responsabilizar ninguém pelos obstáculos que o tratamento possa encontrar como progresso de saber. Por isso é que, para Lacan, a resistência não será um obstáculo proveniente do psiquismo do analisante:

Existe apenas uma resistência: é a resistência do analista. O analista resiste quando não compreende o que está à sua frente. Não compreende o que está à sua frente quando acredita que interpretar é mostrar ao sujeito que o que ele deseja é tal objeto sexual.³⁴⁸

Lacan é bastante claro quanto a este ponto. A resistência é do analista, e convenhamos que, se há alguém que acredita que interpretar é indicar ao sujeito qual é seu objeto de desejo, esse alguém não é outro senão Freud. Basta ler qualquer um dos seus famosos relatos de casos para perceber isso.

O analista resiste quando é incapaz de admitir que não sabe. No entanto, esse não saber, "não é uma questão de modéstia",³⁴⁹ diz Lacan, mas é uma condição necessária para que se habilite a pergunta sobre o desejo, que será sempre desejo do Outro, e que, por isso mesmo, somente poderá ser lido a partir da estrutura do significante em sua sincronia. É esta a alternativa proposta por Lacan à decodificação freudiana dos signos do desejo mediante o dicionário do Édipo.

Portanto, vemos que onde Freud propõe a observação neutra como a posição esperada a partir da qual o psicanalista interpreta a transferência, Lacan propõe o desejo do analista como "a mola verdadeira e última do que constitui a transferência".³⁵⁰ A todo momento, Lacan faz este tipo de afirmações que visam colocar no lugar do psicanalista, aquilo que, para Freud, é um fenômeno interno ao analisante: "a resistência é do analista", "o inconsciente fala pela boca do analista", "a neurose de transferência é uma neurose do analista", o desejo que está no eixo da transferência³⁵¹ é "o desejo do analista" etc.

348 Lacan, J. (2014). *E/ Seminario. Libro 2*. Aula de 19 de maio de 1955 (pp. 341-342). Paidós. (tradução nossa).

349 Lacan, J. (2012). Primera versión de la "Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela". In *Otros Escritos* (p. 611). Paidós. (tradução nossa).

350 Lacan, J. (2009). Posición del inconsciente. In *Escritos 2* (p. 803). Sigla XXI: Siglo XXI. (tradução nossa).

351 Ainda conservo o termo "transferência" para me referir à proposta de Lacan por duas razões: primeiro, porque ele mesmo o manteve, e depois para poder sustentar a tensão e as diferenças em relação à teoria de Freud.

Lacan e o progresso do saber na psicanálise

Estritamente falando, e com os elementos que temos demonstrado, podemos dizer que, para Lacan, na realidade, não se transfere nada. O saber não sabido do inconsciente é, mais que um saber a ser descoberto, um saber a ser produzido. E as possibilidades dessa produção de saber dependerão, em grande medida, das decisões do psicanalista na hora de formular as perguntas pertinentes ao caso. Por isso, o sujeito do inconsciente, como fenômeno da linguagem, não tem sua sede no paciente nem no psicanalista, mas sim em um espaço "inter".

A proposta de Lacan, neste ponto, encontra-se intimamente ligada ao princípio da incerteza de Heisenberg para a física subatômica. Esse princípio propõe que há um limite ao saber, no sentido de que, nesse campo, conhecer uma magnitude (a velocidade de uma partícula) implica desconhecer outra (sua localização no espaço). Desse modo, o acesso ao saber baseia-se na decisão do investigador na hora de estabelecer as condições específicas para **interagir** com o objeto de estudo. Aqui, a observação, diferente do modelo freudiano da neutralidade, será ela própria essa interação, e não mais o registro das propriedades objetivas do objeto em uma tábula rasa.

É seguindo esse modelo da física que Lacan define a transferência como "co-vibração semiótica".³⁵² A ideia da co-vibração implica uma vibração que se produz em dois lugares ao mesmo tempo, e não uma que espalha os seus efeitos de um lugar para outro, como acontece, por exemplo, no fenômeno da audição, no qual as ondas sonoras são as que fazem vibrar o tímpano. A co-vibração remete à ideia física de entrelaçamento quântico. Para compreender melhor, vejamos uma descrição do fenômeno no seu campo correspondente:

Se dois elétrons vibram inicialmente em uníssono (um estado chamado de coerência), podem permanecer em sincronização ondulatória, inclusive se estiverem separados por uma grande distância. Embora os dois elétrons possam estar separados por anos luz, continua produzindo uma onda [] invisível que os conecta, como um cordão umbilical. Se algo acontece a um elétron, então, parte desta informação é transmitida imediatamente ao outro. Isso se denomina 'entrelaçamento quântico', o conceito de que partículas que vibram em coerência tem algum tipo de conexão profunda que as vincula.³⁵³

No entanto, insisto que o termo não seria o mais conveniente para explicar o que está verdadeiramente em jogo na situação analítica a partir da novidade proposta por Lacan.

352 Lacan, J. (1974). *E/ Seminário. Livro 21*. Aula de 11 de junho de 1974. Versão completa da Escuela Freudiana de Buenos Aires. www.bibliopsi.org. (tradução nossa).

353 Kaku, M. (2016). *La física de lo imposible*. (p.74). Debolsillo. (tradução nossa).

Consiste em um fenômeno no qual Ψ dois elétrons estão vinculados e vibram ao mesmo tempo desde o início. É uma ideia muito interessante para nosso percurso porque rompe com o determinismo causalista defendido na noção de transferência, no sentido de que, para Freud, esta seria um efeito derivado das tendências afetivas preexistentes no paciente.

A lógica da co-vibração, sustentada por Lacan em sua abordagem da noção de transferência, reforça a ideia de um modelo no qual não se transfere nada, e sim que, uma vez que este consiste em gerar as condições para o progresso do saber, o mesmo não poderá ter sua sede em nenhum dos dois participantes, mas em um espaço inter, ou em ambos os lugares (analista e analisante, Outro e sujeito) ao mesmo tempo.

Além disso, considerando que o termo "semiótica", que acompanha a ideia de "co-vibração", faz referência ao estudo das diferentes modalidades da comunicação humana, pode-se dizer que Lacan está propondo que a psicanálise é um processo particular de comunicação entre analisante e analista que subverte a noção de transferência como deslocamento das cargas do primeiro para o segundo. A ideia freudiana da psicanálise como uma comunicação a partir do inconsciente do paciente até o inconsciente purificado do psicanalista é substituída por um processo no qual o inconsciente é apenas um, e sua existência depende da co-vibração das duas instâncias: analisante e analista, como respectivas encarnações do sujeito e do Outro.

Por isso, considero conveniente reservar o termo "transferência" apenas para o modelo freudiano, resgatando, para o modelo de Lacan, sua proposta inovadora em tomo da ideia de co-vibração.

Enfatizando essa diferença, Lacan defende que "o conceito de repetição nada tem a ver com o de transferência".³⁵⁴ Em seu modelo, a repetição é sempre falha,³⁵⁵ o que indica que o saber não sabido do inconsciente não existe antes da intervenção do psicanalista, que se realizará apenas a partir da co-vibração, como uma produção inovadora e não mais como a repetição do passado esquecido.

[...] a transferência não é, por sua natureza, a sombra de algo que tenha sido antes vivido [...]

354 Lacan, J. (2007). *El Seminario. Libro 11*. Aula de 29 de janeiro de 1964. (p. 41). Paidós. (tradução nossa).

355 "Se o inconsciente é o que se fecha de novo uma vez que isso se abre, segundo uma pulsação temporal, se a repetição, por outro lado, não é simplesmente estereotipia da conduta, senão *repetição em relação a algo sempre faltoso*, vocês podem ver desde já que a transferência- tal como a representamos, como modo de acesso ao que se oculta no inconsciente- só poderia ser, por si mesma, uma via precária". Lacan, J. (2007). *El Seminario 11. Libro 11*. Aula de 22 de abril de 1964 (p. 149). Paidós. (tradução nossa).

Não é repetição de tal coisa que ocorreu, exceto por ser da mesma forma. Não é ectopia. Não é sombra das antigas tapeações do amor. É isolamento, no atual, de seu puro funcionamento de tapeação.³⁵⁶

Lacan rompe com o modelo da transferência como repetição de um fragmento do passado esquecido, ou como uma tendência afetiva deslocada que teria que ser reconduzida a seus objetos originais. Por isso não é ectópica,³⁵⁷ não é um fora de lugar relativo a um suposto lugar correto. A teoria psicanalítica de Lacan prescinde da transferência, do deslocamento e da repetição do igual como modos de referenciar o padecimento e, em seu lugar, orienta-se pela via do significante à produção atual de um saber inovador.

Obviamente, não se trata de não haver repetição. Em uma psicanálise, não deixa de ser valioso o fato de poder estabelecer que há algo que se repete. Contudo, diante disso, pode-se supor que a repetição está relacionada com uma satisfação individual das mesmas tendências pulsionais de sempre que habitam o analisante, ou pôr em prática a hipótese de que há um saber não sabido, que não é propriedade de ninguém e que nem sequer existe enquanto tal ou, ao menos, não tem existência antes da nossa intervenção, mas que, entretanto, apenas a partir desse saber poderemos encontrar a chave para o que comanda o automático da repetição.³⁵⁸ A hipótese incluirá a ideia de que, por se tratar justamente de um saber, e não mais de uma carga energética proveniente do corpo, o que se repete pode não comportar nenhum tipo de ganho para o analisante, inclusive muito pelo contrário.

Vale a pena nos perguntar se nós, os psicanalistas, vamos continuar a sustentar que tudo o que as pessoas fazem é em busca de algum tipo de ganho individual. Acredito que até mesmo pode ser o contrário, e que o sofrimento de muitos daqueles que nos consultam está relacionado com o fato de que, por algum motivo, ficaram na posição de sustentar situações verdadeiramente indesejáveis, e que isso, diferentemente do que Freud sustenta, é feito com prejuízo, sem nenhum tipo de satisfação ou de benefício individual. Convém, neste ponto, revisar, com Lacan, a ideia de satisfação:

356 Lacan, J. *E/ Seminário. Livro 11*. Aula de 17 de junho de 1964. Versão comparada de Jorge Tarela para a Escola Freudiana da Argentina. www.bibliopsi.org. (tradução nossa).

357 Ectopia significa "fora do lugar". Na medicina, o termo é utilizado para descrever, por exemplo, a anomalia consistente no mau posicionamento de um órgão no corpo.

358 Lacan se pergunta, em vários lugares, onde estava o saber antes de ter tido acesso à existência a partir do desejo do investigador, por exemplo, em relação aos números transfinitos de Cantor: "Onde podemos dizer que o número transfinito, como 'nada além de saber', esperava por aquele que viria a ser seu descobridor? Se não foi em sujeito nenhum, em que se *[on]* do ser terá sido? Lacan, J. (2012). La equivocación del sujeto supuesto al saber. In *Otros escritos* (p. 357). Paidós.

[...] os pacientes, não se satisfazem, como se diz, com o que são e, portanto, sabemos que tudo o que eles são, tudo o que vivem, mesmo seus sintomas, dependem da satisfação. Satisfazem algo que, sem dúvida, vai contra aquilo com o que poderiam se satisfazer, ou talvez melhor, satisfazem a algo. Não se contentam com seu estado, mas, apesar disso, estando neste estado tão pouco contentador, se contentam assim mesmo. Toda a questão é justamente saber o que é isso que está aí contentado.³⁵⁹

A clínica que decorre destas ideias não busca as causas do sofrimento em nenhuma satisfação localizável no nível do corpo do analisante, mas sim direciona as perguntas a uma espacialidade absolutamente impessoal. "O que é isso que está aí contentado?" é uma pergunta fundamental porque muda o estatuto freudiano da repetição, ao mesmo tempo que orienta a nossa intervenção para o que se poderia chamar de uma clínica do saber.

E é justamente em relação ao saber - não ao psicanalista - onde se deveria buscar a essência do fenômeno da transferência. Tanto é assim que Lacan produz a noção de Sujeito suposto Saber (S.s.S.) a qual considera "o pivô a partir do qual se articula tudo o que tem a ver com a transferência".³⁶⁰

O S.s.S é uma espécie de ponte que necessariamente o psicanalista deve encarnar como via de acesso à pergunta pelo saber. Deixem-me explicar. A noção de S.s.S. condensa, em certo sentido, a forma como a ciência que surge com a modernidade se configura como a principal via de acesso ao saber no Ocidente. A manobra filosófica que dá origem ao método moderno é a de produção de uma certeza que localiza o eu no lugar de agente inquestionável do saber. Trata-se do "eu penso" do cogito cartesiano, o qual tem suas derivações, por exemplo, na figura do "gênio científico moderno".³⁶¹

Por isso mesmo, é de se esperar que a pergunta pelo saber que há na origem da situação analítica esteja dirigida ao psicanalista, quem incorporará, com sua presença, o lugar de saber sobre o inconsciente. A manobra do psicanalista consistirá em redirecionar essa pergunta ao lugar do A, verdadeira morada do saber. Contudo, para isso, o analista, assumindo as condições que a modernidade impõe ao surgimento do saber, terá primeiro que emprestar sua pessoa para encarnar esse sujeito suposto saber ou, como afirma Lacan, converter-se em seu "testa de ferro".³⁶²

Este modelo de transferência pouco tem a ver com a repetição das tendências afetivas do paciente sobre o psicanalista, mas diz respeito especificamente

359 Lacan, J. (1964). *E/ Seminário. Livro 11*. Aula de 6 de maio de 1964. (tradução nossa). Op.Cit.

360 Lacan, J. (2012). Proposition de 9 de octubre de 1967. In *Oiros Escritos* (p. 266). Paidós. (tradução nossa).

361 Eidelsztein, A. (2019). La sustitución de la transferencia de Freud por el Sujeto Supuesto Saber de Lacan, su concepto más desconocido. In *Revista E/ Rey está desnudo*, 12(14), 10.

362 Lacan, J. (2012). Discurso en la Escuela Freudiana de Paris. In *Oiros escritos* (p. 293). Paidós.

às condições epistêmicas para a produção do saber inconsciente. Lacan define assim o Sujeito suposto Saber: "[....] o sujeito, pela transferência, é suposto ao saber pelo qual ele consiste como sujeito do inconsciente, e é isso que é transferido para .o analista".³⁶³

Pessoalmente, parece-me um pouco forçado, por parte de Lacan, continuar defendendo o termo transferência para explicar a noção do S.s.S. Contudo, vamos igualmente nos ater à citação. O que se transfere ao analista não é a libido insatisfeita do analisante, mas sim a suposição de que não haverá possibilidade de surgimento do saber senão a partir de um sujeito que o detenha.

A psicanálise é um processo que parte do "sujeito do inconsciente", ou S.s.S., entendido como a atribuição ao saber inconsciente de uma instância subjetiva que funcione como seu agente. Seguindo Lacan, o analista deverá

encarnar esse lugar, o que será, em sua proposta, a transferência. Em outros termos, o S.s.S. será a condição para que se ponha em funcionamento a pergunta pelo saber, pergunta que, pelas condições filosóficas do surgimento da ciência moderna, estará validada a partir da convicção de que o pensamento tem sua sede no eu. A direção do processo, contudo, orienta-se para o que Lacan chamou de "destituição subjetiva",³⁶⁴ ou seja, para o saber não sabido do inconsciente como instância pré-subjetiva:

Que haja inconsciente quer dizer que há saber sem sujeito[...] esse saber não se comprova senão por ser legível.³⁶⁵

Nesse sentido, o sujeito seria algo como uma suposição que configura nossa relação ao saber, mas que, uma vez estabelecidas as condições para sua legibilidade, ficará reduzido ao vazio do intervalo entre os significantes articulados. Trata-se, definitivamente, da essência do projeto da racionalidade moderna. Embora o ponto de partida seja o axioma: "eu penso", o pensamento mesmo, desde que regido pelo modelo da racionalidade matemática, será consagrado como a única via de acesso ao saber.

"Todo o real é racional", afirma Lacan, citando Hegel, mas dá um passo a mais e acrescenta a recíproca: "todo o racional é real",³⁶⁶ o que indica que, apenas pela via do saber articulado racionalmente, existirá a possibilidade de

363 Lacan, J. (2012). *Televisión*. In *Oiros Escritos* (p. 557). Paidós. (tradução nossa).

364 "O ser(...) do sujeito suposto saber completa o processo do psicanalisante, em uma destituição subjetiva" (tradução nossa). Lacan, J. (2012). Anexos. Primera versión de la "Proposición dei 9 de octubre de 1967, Sobre el psicoanalista de la escuela". In *Oiros Escritos* (p. 613). Paidós.

365 Lacan, J. (2012). *E/ Seminario. Libro 15: E/ acto psicoanalítico*. Resefia dei seminario 1967-1968. In *Oiros escritos* (p. 396). Paidós. (tradução nossa).

366 Lacan, J. (2005). *E/ triunfo de la religión* (p. 20). Paidós.

um acesso às leis da natureza. Por isso é que, para Lacan, o sujeito S.s.S. é uma instância que, se tudo correr bem, tenderá a dissolver-se:

Portanto, o que quer dizer a análise da transferência? Se quer dizer algo, não pode ser outra coisa senão a eliminação desse sujeito suposto saber porque não há, para a análise, muito menos para o analista, nenhuma part; [...] do sujeito suposto saber; há apenas o que resiste à operação do saber fazendo o sujeito, a saber, esse resíduo que podemos chamar a verdade.³⁶⁷

Esta última citação é fundamental, porque nos obriga a dar uma volta a mais em relação à questão do progresso de saber na psicanálise. Essa questão, como vimos, é proposta por Lacan em íntima relação com a manobra sobre o saber que constitui a ciência moderna. Nessa perspectiva, uma psicanálise tem as mesmas aspirações que a ciência, na medida em que se trata da produção de um "saber sem sujeito", um saber impessoal coerentemente organizado nos termos da racionalidade matemática, na qual a dimensão da verdade está, por isso mesmo, "foraclusa".³⁶⁸

Entretanto, vemos que o próprio Lacan reconhece que há algo que resiste a essa operação. É aí onde ele justamente recoloca o sujeito como instância que explica o retomo da verdade foraclusa ao campo do saber. E é a partir desse retomo que o sujeito ficará redefinido como a divisão entre o saber e a verdade.

Há de se estabelecer, então, uma diferença. A destituição subjetiva que implica a "eliminação" do sujeito suposto saber não significa, enfim, para a psicanálise (nem para a ciência!) o acesso definitivo a um saber sem sujeito, um saber capaz de bastar-se por ele mesmo, o que seria a consumação do projeto moderno. Esse projeto produz, em contrapartida, um resíduo que não é outra coisa senão o retomo da verdade foraclusa pela ciência e que anuncia as relações entre o saber e a verdade nos termos de uma divisão ineliminável.³⁶⁹ É por isso que Lacan propõe o sujeito (da ciência) como o "correlato antinômico" no que diz respeito ao esforço da própria ciência por suturá-lo.³⁷⁰ Pode-se dizer que a própria noção de sujeito requer um novo estatuto a partir dessa consideração de Lacan sobre o fato de que o esforço de sutura da ciência, o projeto de consumação de um saber sem sujeito, revela seus pontos paradoxais.

O fundamental, para nós, é destacar o fato de que, para Lacan, diferentemente de Freud, a psicanálise é uma prática que pretende resolver problemas do saber. E a questão do saber, pelas características particulares da nossa

367 Lacan, J. (s.d.). *E/ Seminário 15*. Aula de 29 de novembro de 1967. Sílvia García Espil (Trad.). www.bibliopsi.org.

368 Lacan, J. (2009). La ciencia y la verdad. In *Escritos 2* (p. 830). Sigla XXI.

369 Lacan trabalha esta questão específica principalmente em relação aos Teoremas de Incompletude de Gödel para a aritmética.

370 Lacan, J. La ciencia y la verdad, Op. Cit., p. 818.

civilização científica, remete-nos diretamente aos alcances (e também aos limites) da racionalidade moderna.

Se, para Freud, os fenômenos da transferência, o amor, a resistência, a repetição etc. _são reproduzidos em tomo das fixações e das descargas de energia libidinal, em Lacan, toda a questão girará ao redor do progresso do saber. E os próprios obstáculos ao processo precisarão ser procurados, não mais na resistência sustentada em uma satisfação individual e paradoxal, mas sim na epistemologia a partir da qual o psicanalista seja capaz de ler e de intervir sobre o padecimento pelo qual é consultado.

COMPULSÃO À REPETIÇÃO X AUTOMATISMO DE REPETIÇÃO³⁷¹

Karinle Colares

A tentativa de abordar questões relativas ao conceito de repetição sob a perspectiva da psicanálise pode parecer uma tarefa antiquada frente à supremacia que a concepção de gozo tem atualmente para os lacanianos. Este, é tomado como fundamento único a que se reconduz todo sofrimento subjetivo caracterizado, por sua vez, como um "real" que se localiza no corpo do organismo vivo.

Como consequência desta concepção, os conceitos de inconsciente, como também os de sujeito e o de significante acabaram sendo reduzidos. Por isso, acho importante começarmos retomando as formulações de Freud sobre o funcionamento do aparelho psíquico, a noção de memória que estas implicam e a posterior teorização que nos apresenta Lacan.

Freud, desde o início, outorgou à memória um lugar central em suas considerações teóricas. Desde a época da hipnose, se maneja a suposição de que algo do passado - que, paradoxalmente, não poderia ser lembrado nem esquecido - se atualiza produzindo mal-estar e sofrimento. Isto permitiria deduzir que, na clínica psicanalítica, o material com que trabalhamos corresponde a recordações, como dados recuperados da memória, através dos quais teríamos acesso ao passado. Essas recordações seriam concebidas como registros com certa carga energética que produzem o padecimento atual. Freud também postulava a existência de um núcleo patógeno, que, mais tarde, em sua teorização, será chamado de "rochedo da castração", frente ao qual a atividade de recordar se detém e encontra seu limite.

Na psicanálise pós-lacanianiana, o que hoje persiste desta teorização freudiana é o postulado de um gozo originário que marca o corpo biológico. Há essa ideia de marca como impressão ou registro; de "traço na carne", algo que a palavra não é capaz de simbolizar, e que excederia o simbólico. Que seria "real" e que conserva seu caráter energético-pulsional; insiste e impõe um trabalho psíquico que será sempre insuficiente. Em consequência, o trabalho analítico a partir da história do paciente ficaria relegado a segundo plano, sendo considerado uma tentativa inútil de dar conta desse gozo, núcleo real originário. Em seu lugar, o que se propõe atualmente na clínica é uma espécie

de resignação frente a esse gozo irredutível à palavra, a uma assunção desse destino, como o que haveria de mais próprio ao sujeito.

O que estamos sustentando, e que está de acordo com nossa leitura e o programa de investigação proposto pela Apertura, é que a teoria freudiana e a de Lacan são distintas, não estão em continuidade e conduzem a direções de tratamento diferente.

Aparato psíquico proposto por Freud e consequente concepção de memória e tratamento

Em sua "Comunicação Preliminar",³⁷² Freud atribuía os sintomas histéricos aos afetos que não haviam sido ab-reagidos. O tratamento³⁷³ consistia em trazer para a memória consciente o conteúdo traumático. Esse era o método catártico, que possibilitava ao paciente ab-reagir os afetos patogênicos e eliminá-los ao reviver os acontecimentos traumáticos a eles ligados. No tratamento, a ab-reação constituía um processo de descarga da excitação psíquica que não encontrou saída no funcionamento normal do psiquismo. Em outras palavras, quando não havia a reação adequada a um acontecimento traumático, a lembrança do evento permanecia ligada ao afeto. Assim, juntamente com Breuer, Freud utilizou a hipnose e produziu o método catártico como um modo de tratamento em que o paciente era induzido a recordar e se liberar do excesso de excitações que causavam o sintoma.

Via de regra, é necessário hipnotizar o paciente e provocar, sob hipnose, suas lembranças da época em que o sintoma surgiu pela primeira vez; feito isso, toma-se possível demonstrar a conexão causal de forma mais clara e convincente.³⁷⁴

Não tendo havido descarga motora adequada à excitação sensorial, o trauma retém o seu afeto, sendo preciso retomar a essa experiência. Dessa forma, o conteúdo traumático ficava fora do acesso da consciência, mas fazendo parte de outro registro suscetível de ser recordado. Freud articula dois níveis de memória: um que é acessível pela consciência e um que só é alcançado pela hipnose durante o tratamento. O investimento, a catexia, para usar um termo freudiano, ligado às lembranças é o que faz com que estas não

372 Breuer, J., Freud, S. (1980). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v.2. Imago.

373 O termo "psicanálise" vai aparecer pela primeira vez publicado nos escritos de Freud em 1896, no texto "A hereditariedade e a etiologia das neuroses".

374 Breuer, J. & Freud, S. (1980). Op. Cit.

sofram um desgaste pelo tempo, como ocorre com uma recordação qualquer. É a partir de uma representação que o sintoma se constitui.

Neste momento, o recordar dependia de um artifício, o qual tinha por função esclarecer o sintoma e, se "os histéricos sofrem principalmente de reminiscências",³⁷⁵ o tratamento visava resgatar esse material expulso da consciência. Assim, a causa dos sintomas está estritamente relacionada com a lembrança do trauma ocorrido em um momento anterior.

Já nesse momento da teorização freudiana, há um ponto comum entre a causa dos sintomas e a direção do tratamento: a dimensão da memória.

A partir do abandono da hipnose - pelo inconveniente do retomo dos sintomas e pela dificuldade de submeter alguns pacientes ao estado hipnótico requerido para o acesso à lembrança patogênica - surge um novo obstáculo: a resistência do paciente à recordação, ou seja, ao tratamento, que à época, era essencialmente, recordar. No ano de 1896, há a revelação freudiana sobre a etiologia sexual da histeria, a elaboração do conceito de recalque e a renúncia aos métodos da hipnose, da sugestão e da catarse para adotar a técnica da associação livre como regra fundamental do método psicanalítico.

Nessa perspectiva, Freud busca explicar o trauma através da noção de defesa e do trabalho psíquico envolvido no processo defensivo. O psiquismo precisaria se defender de determinados conteúdos, de ideias incompatíveis à consciência. Ele introduz a noção de que algo é insuportável e precisa ser rechaçado, por meio um mecanismo que até então era conhecido por inibição e que virá a se tornar o conceito de recalque. Desse modo, há uma dissociação psíquica entre a consciência e uma instância de conteúdos não acessíveis, que ele ainda não supõe como inconsciente, mas onde já vislumbra um conflito, uma luta de forças psíquicas opostas. Com o surgimento da ideia de defesa e, posteriormente, de recalque, o tratamento não mais consistirá em *ah-reagir*, mas em trazer à luz os conteúdos recalcados.

Se, inicialmente, a lembrança traumática encontrava-se fora da memória "normal" devido à dissociação psíquica, num segundo momento, com a hipótese da defesa, a concepção da memória torna-se mais complexa. A lembrança traumática é assimilada à ideia de um núcleo patogênico, em torno do qual se encontra o material mnêmico. Freud formula que as lembranças traumáticas circulam em torno desse núcleo, estratificadas em camadas, de forma que, quanto mais perto do núcleo, maior é o grau de resistência. Aí se situa o inassimilável da memória, permanecendo opaco e contando apenas com o fio lógico das representações.

375 Breuer, J. & Freud, S. (1980). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v.3 (p. 45). Imago.

dessa natureza; e o fato de isso acontecer de verdade depende, naturalmente, da suscetibilidade da pessoa afetada".³⁷⁷

Alguns anos mais tarde, na *Interpretação dos sonhos* (1900), Freud propõe um outro esboço para o aparato psíquico, conhecido como "esquema do pente" e muito semelhante ao da figura que acabamos de ver. Nele, é mantida a exclusão entre memória e percepção, que permanecem constituindo dois sistemas diferentes, um que recebe e esquece (percepção), outro que registra e acumula (memória). As recordações são entendidas como registros mnêmicos impressos em cada indivíduo e que, por permanecerem inconscientes, podem gerar seus maiores efeitos.

Apesar de sustentar que sua tópica psíquica não tem nada a ver com a anatomia, essa afirmação não é exatamente uma proposta teórica, mas muito mais uma conclusão que teve que ser admitida, por não ser possível localizar os processos anímicos e as representações como armazenadas nos neurônios. "Nossa tópica psíquica, no momento, provisoriamente, nada tem a ver com a anatomia; refere-se não a localidades anatômicas, mas a regiões do mecanismo mental, onde quer que estejam situadas no corpo".³⁷⁸

Repetir como forma de recordar

Em seus "Artigos sobre Técnica" (1911-1915), Freud, ao enfatizar o papel da transferência, faz com que a rememoração deixe de ser o único mecanismo em ação numa análise, e começa a ter lugar o conceito de atuação. A resistência passa a ter um papel essencial para se pensar a dinâmica tanto da transferência quanto da técnica psicanalítica. Esta passa a ser descrita por Freud como sendo a arte da interpretação, principalmente usada para identificar as resistências e tomá-las conscientes ao paciente. Quando estas tiverem sido vencidas, o paciente relacionaria as situações esquecidas às suas respectivas vinculações de afeto sem qualquer dificuldade. "O objetivo dessas técnicas diferentes [hipnose, associação livre] naturalmente, permaneceu sendo o mesmo. Descritivamente falando, trata-se de preencher lacunas na memória; dinamicamente, é superar resistências devido ao recalque".³⁷⁹

O paciente, ao não recordar aquilo que está sob efeito do recalque, expressa-o pela atuação, reproduz não como lembrança, mas como ação. "Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta

377 Breuer, J. & Freud, S. (1980). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. 2 (pp. 41-42). Imago.

378 Freud, S. (1980). O Inconsciente. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. 14 (p. 201). Imago.

379 Freud, S. (1980). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. 8 (p. 193). Imago.

compulsão à repetição, *Wiederholungszwang*; e, no final, compreendemos que esta é sua maneira de recordar".³⁸⁰

Ou seja, para Freud, os conceitos de rememoração e repetição estão numa mesma linha associativa, são formas diferentes de recordar, substituindo-se um ao outro em função da resistência, ou seja, de acordo com a maior ou a menor dificuldade em lidar com a natureza do material recalçado.

Quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação [acting out, repetição] substituirá o recordar, pois o recordar ideal do que foi esquecido, que ocorre na hipnose, corresponde a um estado no qual a resistência foi posta completamente de lado.³⁸¹

A transferência também é postulada em estreita relação com a repetição, pois, à medida que a análise progredisse e ela fosse se tomando hostil ou excessivamente intensa e, portanto, com conteúdos mais sujeitos ao recalque, o recordar imediatamente abriria caminho à repetição. Novamente, o mesmo raciocínio, quanto maior a resistência provocada pelos conteúdos transferenciais maior a possibilidade de atuação. No entanto, Freud postula que o manejo da transferência pode ser tomado como instrumento para reprimir a compulsão à repetição do paciente e transformá-la num motivo para recordar.

Lacan, no *Seminário II*, logo que aborda o conceito de repetição, já faz uma clara distinção entre este conceito e o de transferência:

É moeda corrente ouvir-se, por exemplo, que a transferência é uma repetição. Não digo que isto seja falso e que não haja repetição na transferência. Não digo que não tenha sido a propósito da transferência que Freud abordou a repetição. Digo que o conceito de repetição nada tem a ver com o de transferência.³⁸²

E também, entre o de repetição e rememoração:

É aqui que é preciso distinguir o porte dessas duas direções, a rememoração e a repetição. De uma a outra, não há mais orientação temporal, como não há mais reversibilidade. Simplesmente não são comutativas [...].³⁸³

380 Ibid., p. 197.

381 Ibid.

382 Lacan, J. (1988). *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (p. 36). Jorge Zahar Ed.

383 Lacan, J. (1988). *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (p. 43). Jorge Zahar Ed.

Compulsão à repetição a serviço da pulsão de morte

No artigo "Para além do princípio do prazer" de 1920, a proposta de Freud é de que toda substância viva, em sua condição mais elementar, até mesmo uma célula, possuiria tanto pulsões de vida quanto de morte. A primeira teria em si todas as metas próprias à vida, fundamentalmente a preservação e a reprodução; a segunda, possuiria a força que levaria a substância viva a buscar os fins contrários. Ele construiu o conceito de pulsão de morte, remontando essa pulsão às tendências regressivas e conservadoras, submetida ao campo do não regido pelo princípio de prazer, ou seja, não corresponderia à tendência do aparelho psíquico em diminuir seu nível de desprazer interno. Sua presença poderia ser observada clinicamente através da compulsão à repetição do desprazeroso, do sentimento inconsciente de culpa, da necessidade de punição e sofrimento, fenômenos que poderiam configurar-se em tendências mortificantes ao sujeito. Freud parte da observação de eventos que contradizem o princípio de prazer, pois trariam aumento de tensão ao aparelho psíquico. Sonhos que revivem experiências traumáticas, as chamadas neuroses de guerra, a brincadeira com o carretel de linha (Fort / Da), tomado como a encenação de uma ausência.

Esse é um desafio que se colocou para Freud e para a psicanálise até hoje: explicar no funcionamento humano, a existência de atos repetidos, que produzem sofrimento e são mantidos sem nenhum fator externo que os condicione a isso.

Essa "força demoníaca em ação"³⁸⁴ se aproximaria mais da noção de instinto do que da de pulsão (*Trieb*), pois, como diz Freud, trata-se de um atributo universal dos instintos e talvez da vida orgânica em geral, o impulso a restaurar um estado anterior de coisas.

Automatismo de repetição

Bem, vamos dar um pequeno salto para as formalizações que Lacan apresenta no texto "O seminário sobre 'A carta roubada'", que corresponde à aula XVI do *Seminário 2*. Foi reescrito para a publicação dos *Escritos* (1966) e escolhido por Lacan para ser o primeiro desta coletânea que não está organizada em ordem cronológica.

Já no primeiro parágrafo da Introdução desse texto, Lacan anuncia qual será seu ponto de partida, a elaboração de Freud acerca da pulsão de morte em sua relação ao conceito de compulsão à repetição.

384 Freud, S. (1980). Além do princípio de prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. 18 (p. 53). Imago.

A lição de nosso Seminário cuja redação aqui fornecemos foi proferida em 26 de abril de 1955. Ela é um momento do comentário que consagramos, durante todo aquele ano letivo, ao *Para além do princípio do prazer*.³⁸⁵

Nossa investigação levou-nos ao ponto de reconhecer que o automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*) extrai seu princípio do que havíamos chamado de insistência da cadeia significante. Essa própria noção foi por nós destacada como correlata da ex-sistência (isto é do lugar excêntrico) em que se convém situarmos o sujeito do inconsciente, se devemos levar a sério a descoberta de Freud.³⁸⁶

Importante notar que Lacan traduz o vocábulo freudiano por "automatismo de repetição", sendo que o *szwang*, do alemão, significa compulsão. Ora, não podemos tomar isso como um equívoco! Já é a introdução, por Lacan, do que, para ele, se trata na repetição; é algo que se dá "no automático", não havendo emprego de energia. Não há, em absoluto, nenhuma energia pulsante, nenhuma exigência de trabalho.

O automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*)- conquanto sua noção seja apresentada, na obra aqui em causa, como destinada a responder a certos paradoxos da clínica, como os sonhos da neurose traumática ou a reação terapêutica negativa - não pode ser concebido como um acréscimo, ainda que coroador, ao edifício doutrinal.

[...] Sendo essa repetição uma repetição simbólica, averigua-se que a ordem do símbolo já não pode ser concebida como constituída pelo homem, mas constituindo-o.³⁸⁷

O que se repete, para Lacan, temos que pôr na lógica da ordem simbólica e de seu funcionamento, não na da compulsão a repetição entendida como repetição "do mesmo".

A partir da descoberta lacaniana do automatismo de repetição, então, há a possibilidade de pensar o funcionamento humano de outra maneira. Não sendo mais necessário, nem suficiente, tomar os efeitos do inconsciente como simples dados - no sentido de informações que surgem acidentalmente trazidos pelos sonhos, chistes ou lapsos. O que é inconsciente está presente o tempo todo, à vista, assim como a carta do conto de Edgar Allan Poe.³⁸⁸

O instinto de morte, para Lacan, não é morte, a busca pelo retorno ao princípio, a volta ao inanimado, gozo mortífero, princípio do Nirvana, é o

385 Lacan, J. (1998). O seminário sobre a carta roubada. In *Escritos* (p. 49). Jorge Zahar Ed. (grifo do autor).

386 Ibid., p. 13.

387 Lacan, J. (1998). O seminário sobre a carta roubada. In *Escritos* (p. 50). Jorge Zahar Ed.

388 Ibid., p. 45.

automatismo de repetição. E, sendo essa repetição uma repetição simbólica, averigua-se que a ordem do símbolo já não pode ser somente concebida como "constituída pelo homem, mas constituindo-o". O espírito da obra de Lacan foi haver estabelecido que, o que é pulsão de morte em nossas vidas são os aparatos simbólicos que as regem. O que é bem diferente de pensar, como alguns lacanianos sustentam, que o real e as energias biológicas nos regem e que haveria uma insuficiência do simbólico em dar conta disso. É a lei própria à cadeia significante que rege os efeitos determinantes para o sujeito. A ordem simbólica, constituinte para o sujeito, demonstra na história a determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante.

A simples conotação por(+) ou(-) de uma série em que está em jogo unicamente a alternativa fundamental da presença e da ausência permite demonstrar como as mais rigorosas determinações simbólicas adaptam-se a uma sequência de lances cuja realidade se distribui estritamente "ao acaso".³⁸⁹

O que quer dizer ganhar ou perder no jogo do par ou ímpar? Num lance só, isto não tem sentido nenhum. Lacan usa a palavra conotação para deixar bem claro que se trata de uma convenção, poderia ser escrito com outro símbolo qualquer; o importante é marcar que um é o que o outro não é. Que a resposta dada coincida com o que há na mão do parceiro não é mais surpreendente que o contrário, uma vez que as chances de um ou outro são de 50% a cada jogada. Do ponto de vista da realidade, em cada lance, as chances sempre serão de 50%, mesmo que a jogada se repita 10 vezes e ganharmos dez vezes seguidas. O que é surpreendente é ganhar ou perder duas vezes seguidas. Pois, se numa jogada tem-se 50% de probabilidade de cada lado, tem-se apenas 25% de chance de repetir o lance pela segunda vez e 12,5% de repetir o resultado numa terceira jogada. Não há nenhuma razão para não atribuímos ao acaso o resultado de uma partida de par ou ímpar. A realidade se apresenta a nós, desta forma, ao acaso; a mãe que tivemos, pai, irmãos, vizinhos. O que vem da realidade, a princípio, é neutro se tomado em si mesmo, não nos diz nada.

Antes de continuarmos, importante lembrar que há sempre um "pacto simbólico". Num jogo de cara ou coroa, por exemplo, para que uma jogada seja considerada válida, a moeda tem que cair em cima da mesa, não vale se cair no chão; ou, não pode ficar exatamente equilibrada, um dos lados precisa estar à vista. Ou seja, há um mínimo de simbólico já em operação; há um sistema operando que somente admite como válidos alguns resultados, outros não. Esse sistema determina como os acontecimentos são lidos. Portanto, não registramos o acaso como se nos apresenta, senão que ele já está atravessado

pela incidência do simbólico, e o simbólico é o que diz que somente dois resultados - cara ou coroa - serão aceitos. Como o sistema é dual, permite escrever somente dois resultados, todos os outros ficam excluídos. Não é que não possa haver outros resultados, mas eles não contam. Se alguém perde no par/ímpar, cara/coroa, essa perda é vista como proveniente do acaso, mas é uma perda advinda da manobra simbólica sobre a realidade. Da mesma forma, o ganho é aquele que a ordem simbólica permitiu registrar.

Mas a partir do momento em que atribuímos, escrevemos um sinal, (+) e (-) e passamos a construir uma sequência, ou seja, há a incidência do simbólico sobre a realidade que se dá ao acaso, esta começa a ser afetada de tal maneira, que passa a ser de outra índole. Ao começarmos a escrever os resultados das jogadas de uma moeda, por exemplo, teremos uma escritura e começam a aparecer uma série de consequências das determinações simbólicas que vão surgir. Essas determinações simbólicas, que vamos chamar de memória ou rememoração, são propriedades da escritura. É uma articulação que em nada remete à concepção de memória proposta por Freud.

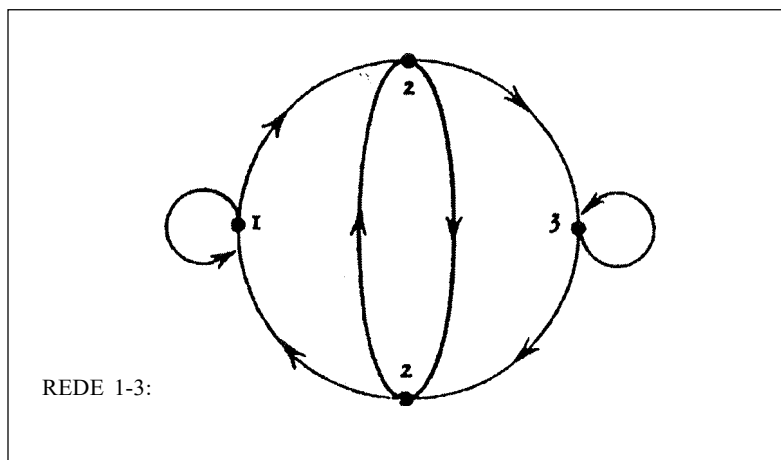
Com efeito, basta simbolizar na diacronia de uma dessas séries, os grupos de três que se concluem em cada lance, definindo-os sincronicamente, por exemplo, pela simetria da constância (+++; - -), que recebe a notação (1), ou da alternância(+ - +; - +-),que recebe a notação (3), reservando a notação (2) para a dissimetria revelada pelo ímpar, sob a forma do grupo de dois sinais semelhantes, indiferentemente precedidos ou seguidos do sinal contrário(++-; - ++; + - -; - +), para que apareçam, na nova série constituída por essas notações, possibilidades e impossibilidade de sucessão [...].³⁹⁰

Tomar os termos (+, -), três a três, é operar em sincronia. Agrupamos os termos sincronicamente e não em sequência. O sistema de três - 1,2,3 - volta a ser de dois - S (simétrico), D (dissimétrico). Lacan trabalha o tempo todo com sistemas de dois, três, quatro... São dois, três, quatro elementos em dois, três, quatro lugares. Todos são símbolos, mas Lacan passa a chamá-los de significantes, quando a determinação que eles operam começa a funcionar de uma maneira opaca, quer dizer, não tão evidente. Não é porque um sistema chega a ser quaternário que tenha perdido a dualidade, um sistema não vem em lugar do outro, não é um processo nem de substituição, nem de "evolução".

Lacan faz uma clara distinção entre sincronia e simultaneidade. Simultâneos são dois acontecimentos que se dão no mesmo momento da sequência temporal, cronologicamente coincidentes: na mesma hora, de tal mês, de tal ano, ou seja, que coincidem no tempo. Sincrônico tem uma definição

linguística: é o conjunto³⁹¹ dos fatos linguísticos considerados como formando um sistema num momento determinado da evolução de uma língua. A diacronia, a sequência, são intuitivamente verificáveis, é muito fácil dizer um termo logo outro. Isso é muito fácil de dizer, parece óbvio e evidente. Agora que todos os termos da língua constituem um sistema onde todos eles atuam entre si, todo o tempo, é mais obscuro. Eu digo uma palavra hoje e digo uma outra palavra amanhã. O fato de que eu a diga amanhã não significa que essa palavra não constitua sincronicamente um sistema com a que eu disse ontem. Mas esse sistema sincrônico não é simultâneo: porque os dois termos foram pronunciados em dias distintos. Isto é muito interessante para pensar o material que aparece nas sessões de uma análise. Não são elementos novos, acontecimentos isolados. É como se estivessem aparecendo as engrenagens de um relógio mecânico, peça por peça, uma por uma, tudo funciona constituindo sincronicamente um sistema, uma máquina.

Figura 2 - Rede



Fonte: Lacan, J. (Escritos, 1998, p. 52).

Para que apareçam - elas já existem - as impossibilidades da cadeia formada pela série 1,2,3, é preciso fechá-la, colocá-la sob a forma do círculo que Lacan propõe e que chama de **rede**. Se deixarmos em sequência, simplesmente não percebemos as impossibilidades. Para observarmos as leis que regem uma cadeia, temos que fechá-la. É um fechamento, o ponto que se põe na fala de um paciente na sessão. Isso é muito importante, porque a direção da cura freudiana diz que é preciso que se siga falando, não é para fechar nem dar sentido. A direção da cura seria abrir, abrir, seguir falando...

391 Considerando conjunto, aqui, no sentido matemático, onde os elementos estão relacionados entre si em covariância.

A partir do momento em que agrupamos três a três e fechamos o sistema as leis aparecem: depois do 1, não virá o 3; depois de um 2 (ímpar), pode vir um 3; depois de 2 (par), pode vir um 1 ou 2; depois de três 2 (ímpar), pode vir um 3 ou 2.

Na série de símbolos (1), (2), (3), por exemplo, podemos constatar que, enquanto durar uma sucessão uniforme de (2) que tenha começado depois de um (1), a série se *lembrará* da categoria par ou ímpar de cada um desses (2), uma vez que dessa categoria depende que essa sequência só possa ser rompida por um (1) depois de um número par de (2), ou por um (3) após um número ímpar de (2).

Assim, desde a primeira composição do símbolo primordial consigo mesmo e indicaremos que não foi arbitrariamente que a propusemos como tal-, uma estrutura, por mais transparente que continue a ser em seus dados, faz aparecer a ligação essencial da memória com a lei.³⁹²

Não há lei sem memória nem memória sem lei.

Mas veremos, simultaneamente, como se opacifica a determinação simbólica ao mesmo tempo que se revela a natureza dos significantes simplesmente ao recombinaarmos os elementos de nossa sintaxe, saltando um termo para aplicar a esse binário [S, D] uma relação quadrática.³⁹³

Lacan vai propor a seguinte classificação quadripartida: tomando sincronicamente três elementos da cadeia, já transcrita nos números 1, 2, 3. Só que os números vão ser considerados segundo pertençam a simetrias (S) ou dissimetrias (D).

Então, **Alfa** será a letra grega que designa trios, onde o elemento do meio é indiferente e os que vêm em primeiro e terceiro lugares são casos de **simetria**. **Gama** designará os casos de **dissimetria** nos extremos, permanecendo a lógica de que os termos do meio não importam. **Beta**, que é um caso de **simetria e dissimetria e Delta**, seria o inverso, **dissimetria e simetria**. Neste caso, começa a importar a ordem: se vem primeiro a simetria ou a dissimetria.

Não podemos perder de vista que podemos continuar aplicando D e S até para as cadeias já nomeadas por letras. Alfa e Gama seriam simétricos e Beta e Delta, dissimétricos.

(+, -) símbolos

(1, 2, 3) números

392 Lacan, J. (1998). O seminário sobre a carta roubada. In *Escritos* (p. 53). Jorge Zahar Ed. (grifo do autor).

393 Ibid.

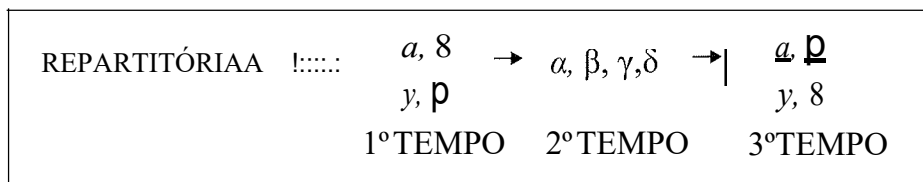
(a, ' y, o) - letras

Há determinação simbólica nos três agrupamentos, a diferença é que, quando há a passagem do agrupamento de três a três elementos para o de quatro a quatro, opacifica-se a determinação simbólica, é isso que chamamos de significante. Passa-se de símbolo a significante. Ou seja, é significante a operatória de símbolo, quando ela não é mais visível com uma "simples olhada", é preciso analisá-la.

Há um outro elemento que foi incluído nessa cadeia de quatro elementos, a função tempo. Agora há também retroação, a cadeia é tomada em duas direções.

Reconhecendo, de fato, que qualquer um desses termos pode suceder-se a qualquer um dos outros, e pode igualmente ser atingido no 4º tempo contado a partir de um deles, verifica-se, ao contrário, que o 3º tempo, isto é, o tempo constitutivo do binário, está submetido à lei de exclusão que reza que a partir de um a ou de um 8, só se pode obter um a ou um ' e que a partir de um ou um y, só se pode obter um y ou um 8.³⁹⁴

Figura 3 - Repartitório



Fonte: (Lacan, 1998, p. 54).

Então, no primeiro tempo uma letra pode ser seguida no segundo tempo por qualquer outra, no quarto tempo também, mas no terceiro, não. É o terceiro tempo que constitui o binário. A partir de determinados elementos, há coisas que se podem dizer e outras que não. É a lógica que determina. Sustentar que depois de um termo poderia vir qualquer outro, faz parecer que não há leis na cadeia que determinem o possível e o impossível de dizer. O fato dos termos anterior e posterior serem quaisquer, nos dá a impressão de indeterminação.

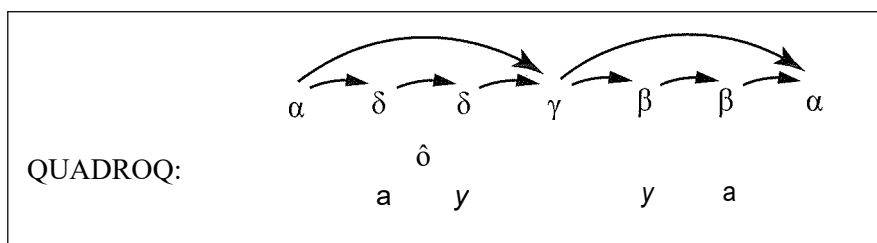
O que deu origem a toda a cadeia que irá se formar é o acaso, o que vem da realidade é ao acaso; é ele que determina se vai sair cara ou coroa numa dada jogada. Mas o que vai estabelecer as consequências disso, e, portanto, a cadeia que será construída, é como esse resultado vai ser inscrito. Focar no

394 Lacan, J. (1998). O seminário sobre a carta roubada. In *Escritos* (pp. 53-54). Jorge Zahar Ed.

acontecimento "em si", é operar no sentido do trauma energético de Freud, onde a questão era a quantidade de energia investida num acontecimento.

As categorias de possibilidade e impossibilidade não se referem ao que vai ou não vai acontecer. Possível ou impossível depende da posição que se assume em relação a certa ordem. A impossibilidade de inscrever algo é uma posição que se assume a respeito de uma lei. O que não se pode fazer? Dormir com a mãe? Matar alguém? Matar milhões? É claro que se pode fazer, tudo se pode fazer, a depender da lei simbólica que esteja operando. Não sabemos o que não vai acontecer. Se chega em nossa clínica um paciente por conta de uma impossibilidade, pode chegar a acontecer que, pela operação do material, se substitua o impossível. E o que era impossível no começo da análise, passe a ser possível e, inclusive, existente; e que advenha outra dimensão de impossibilidade, porque o impossível é propriedade do sistema simbólico e da relação com outros sistemas. O real e o imaginário provêm da ordem simbólica e não o contrário. "A subjetividade, na origem, não é de nenhuma relação com o real, mas de uma sintaxe nela engendrada pela marca significante".³⁹⁵

Figura 4 - Tabela ômega



Fonte: (Lacan, 1998, p. 54).

Analizando essa cadeia, de acordo com as regras registradas no Repartitório (fig. 3), vamos ver o que Lacan nos diz a respeito da articulação dos três registros: real, simbólico e imaginário.

Delta em primeiro, pode vir **alfa** em terceiro? Sim. **Beta** em terceiro, pode vir **alfa** na segunda posição? Sim. Na segunda seção de quatro termos desta cadeia, se tenho **beta** em primeiro, pode vir **gama** em terceiro? Sim. **Delta** em terceiro, pode vir **gama** na segunda posição? Sim.

Essa cadeia representa o **piso do imaginário**, onde não há impossibilidades nem leis que operem de uma forma evidente. Há a impressão de que se pode dizer tudo. Uma cadeia pode ser construída imaginariamente, as determinações simbólicas aparecem muito pouco.

Agora, se está **delta** em primeiro, **gama** pode vir em terceiro? Não. **Beta** em quarta, pode vir **gama** na segunda posição? Não.

Nesse segundo nível, representado por **Gama**, está o que não entra na cadeia de nenhuma forma, o que não se inscreve, é o **piso do real**. Tomado desta forma, o real é apenas o que nesta cadeia não pode entrar de nenhuma maneira. No entanto, é manejável na dimensão da experiência da palavra na análise.

Vamos com **Beta** A partir de **delta**, **beta** pode ir em terceiro lugar? Sim. **Beta** na quarta posição, permite a **beta** em segundo? Não. Ou seja, **beta** pode ir à terceira posição partindo de **delta**, mas não pode ocupar a segunda posição, se há um **beta** no quarto lugar. E **delta**? Estando **delta** em primeiro, poderia ocupar a terceira posição? Não. Mas estando **beta** na quarta posição, sim, poderíamos escrever **delta** na segunda posição.

Beta e delta não podem ocupar alguns lugares, mas podem ocupar outros, é o **piso do simbólico**.

Acompanhando o desenvolvimento que Lacan faz a partir do repartitório e da cadeia de quatro elementos e quatro lugares, podemos observar que as categorias de imaginário, real e simbólico são propriedades que derivam do próprio e automático funcionamento da cadeia, e que não tem nenhuma relação com o princípio de prazer nem com a substância viva. A própria máquina simbólica demanda esse arranjo quaternário, senão não haveria necessidade de retroação. Enquanto lidamos com três elementos e três lugares, a cadeia se orienta numa só direção.

Em nossa clínica, deveríamos fazer um esforço para operar com a leitura no mínimo quadripartida, para não ficarmos capturados numa lógica de causalidade determinista. Para estabelecer diferenças, temos que ter um sistema de ao menos três, com dois não se alcança complexidade. Se trabalhamos com somente uma categoria, tudo é gozo, tudo é desejo ou impasses com o objeto a; todos os casos vão ser equiparados. É importante trabalhar com um bom sistema de diferenças para poder escutar as diferenças. Se a ordem simbólica com que trabalhamos tende a empobrecer-se, os pacientes tendem a parecer-se; as diferenças são reduzidas e os pacientes se parecem. É a clínica de: todos os obsessivos são meticulosos, todas as histéricas são dramáticas e insatisfeitas. Não é simples assim.

A formalização do material de um caso permite ler as leis que o determinam e os efeitos que produzem. Ao trabalhar no registro do "isso me chama a atenção", o analista vai escutar aquele caso a partir do que parece descontínuo de acordo com o seu registro. A partir de um certo número de sessões, podemos começar a formalizar: falou da mãe em todas as sessões; quando fala do pai sente angústia; todas as vezes que cita o chefe, lembra de uma

situação que viveu na escola; e assim por diante. É possível construir um sistema de relações. Num sistema simbólico, o que um termo quer dizer, o obtém necessariamente de um outro, de acordo com as leis daquela cadeia significante, que nunca é qualquer. Na prática analítica, a palavra perde o seu valor de didonário, mas ganha valor pela posição na cadeia significante.

Mais uma citação de Lacan para finalizar:

São os acasos que nos fazem ir a torto e a direito, e dos quais fazemos nosso destino, pois somos nós que o trançamos como tal. Fazemos assim nosso destino porque falamos. Acharmos que dizemos o que queremos, mas é o que quiseram os outros, mais particularmente nossa família, que nos fala. Escutem esse nos como um objeto direto. Somos falados e, por causa disto, fazemos dos acasos que nos levam (a torto e a direito) alguma coisa de tramado. Com efeito, há uma trama- chamemos isso de destino.³⁹⁶

PULSÃO E GOZO

Flávia Dutra

Este título se distingue dos demais por não obedecer à lógica da exclusão mútua evidente nos capítulos anteriores. A oposição marcada pelo *versus* nos títulos dos ternas já vistos rompe com uma habitual atribuição de extensão interconceitual, isto é: corno se a metáfora paterna fosse uma ampliação que Lacan faz do Édipo de Freud, ou o inconsciente de Lacan fosse uma atualização do inconsciente de Freud, e o gozo uma extensão da pulsão, para dar alguns exemplos. O conjunto dos artigos evidencia que não só os conceitos que tratamos ao longo deste livro não estão em continuidade com seus "pares" freudianos corno, na maior parte das vezes, se opõem e se excluem mutuamente: ou bem se adota um conceito ou bem se assume o outro.

Então por que, aqui, a partícula aditiva entre pulsão e gozo? Porque ambos os conceitos subsistem em Lacan – ressaltado que a pulsão em: Lacan não coincide com este mesmo conceito em Freud e que gozo não está em Freud nem nasce de qualquer articulação com algum conceito freudiano. Gozo não substitui pulsão, não se coloca numa relação de exclusão com a pulsão, nem é uma ampliação deste conceito. Gozo é um conceito novo. E Lacan, em sua elaboração, dialoga com Hegel, Descartes, Aristóteles e Marx, não com Freud.

Trazemos os dois conceitos juntos para pensar sua articulação e revisar a ideia corrente de que o gozo seria uma ampliação da pulsão freudiana – correlação presente em autores corno Patrik Valas e Colette Soler, entre outros. Para reavaliar, também, a ideia de que o gozo corresponderia à satisfação pulsional.³⁹⁷

Se recorrentemente se toma o gozo corno ampliação da pulsão freudiana ou corno equivalente à satisfação pulsional, rever isso nos força a retomar o conceito de pulsão. Vejamos, então, a concepção de pulsão em Freud e o que Lacan faz desse conceito no Seminário 11.

Para Freud, a pulsão se situa na fronteira entre o psíquico e o somático, e é definida corno o representante psíquico dos estímulos provenientes do interior do corpo que, por sua vez, impõem uma exigência de trabalho ao psiquismo. A pulsão é considerada como um epifenômeno da substância viva.

Para Lacan, a pulsão, tal corno a concebe Freud, não existe – e ele critica os psicanalistas ingleses por acreditarem em sua existência. A pulsão lacaniana consiste num dizer que ecoa no corpo.³⁹⁸

397 Collete Soler, (2004). Conferência em La Plata & Valias, P. (2001). *As dimensões do gozo, do mito da pulsão à deriva do gozo*. Jorge Zahar Editor.

398 Lacan, J. *Seminário 23*. Aula 18/11/1975

Corno funciona o eco? Gritamos de onde estamos e nossa voz nos chega de volta, vinda de um outro lugar. O som emitido por nós é refletido por algum obstáculo, dando a impressão de que vem dali. O mesmo acontece com as pulsões: ecoam no corpo um dizer que vem do Outro, dando a impressão de que vem do corpo, mas o corpo é apenas o lugar/obstáculo onde este dizer se reflete. Bate e volta. Esse dizer que há no Outro tem o efeito de um chamado sobre o vivente. Chamado a quê? Chamado à subjetividade. A pulsão é efeito desse chamado.³⁹⁹

O caminho de Lacan com a pulsão é inverso ao de Freud: o que em Freud era uma exigência do somático ao psíquico, em Lacan se coloca corno uma convocação da linguagem ao corpo. O que para Freud vem do corpo, para Lacan vem da linguagem.

A fórmula da pulsão de Lacan - ($\$ \diamond D$) - define um certo tipo de relação entre um sujeito, \$, e a demanda. \$ (sujeito barrado) entendido como aquilo que um significante representa para outro significante. Não tem nada de biológico na fórmula da pulsão. Para Lacan, não é o registro do orgânico que está em jogo na pulsão.⁴⁰⁰ A pulsão inscreve um modo de saber, uma vez que, no homem, a relação entre um sujeito e um objeto é falha. O combate ao dualismo mente/corpo- já presente em seu trabalho com a pulsão - ganha expressão máxima com a conceituação do gozo corno uma substância terceira em relação às duas cartesianas.

Lacan desmonta o conceito de pulsão de Freud⁴⁰¹ a partir do texto *A Pulsão e suas vicissitudes*, onde Freud enumera os 4 termos da pulsão: impulso, fonte, objeto, alvo. Na tentativa de demonstrar que o que parece natural não é tão natural assim, Lacan acaba por desfazer essas categorias.

Vejamos, brevemente, o que faz delas⁴⁰²:

a) Impulso (*Drang*)

Para Freud trata-se da *quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa*. O impulso!*Drang* é caracterizado por uma força constante com tendência à descarga. Lacan admite a força constante para combater o argumento biológico: a constância do impulso impede qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, que tem sempre um ritmo. No Seminário 24, ele afirma que essa constância não existe.

399 Lacan, J. (1998). Observação sobre o informe de Daniel Lagache. In *Escritos*. Jorge Zahar Editor; & Seminário 11. Aula 27/05/1964.

400 Idem.

401 Ibid.

402 Todas as citações destas categorias estão em: Freud, S. (1980). A pulsão e suas vicissitudes. In *Obras completas*. Imago Editora. & Lacan, J. *Seminário 11*.

Lacan define o impulso/*Drang* como uma superfície constituída por uma borda. Considerando que superfície é um conceito matemático que se refere a uma extensão de duas dimensões, não poderia corresponder ao corpo, que é tridimensional.

b) Fonte (*Quelle*)

Fonte, para Freud, é um processo somático em um órgão que gera uma excitação representada no psiquismo pela pulsão.

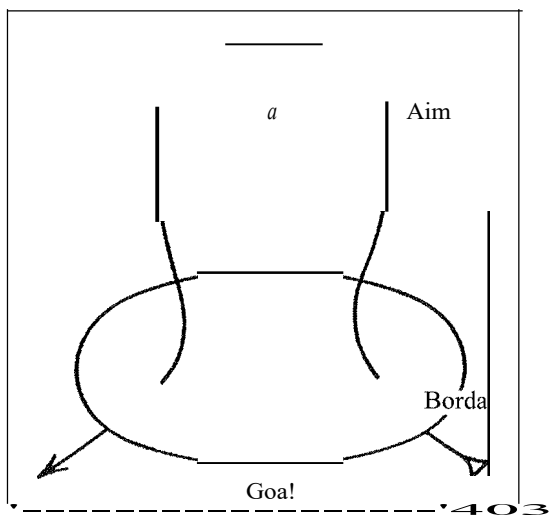
Lacan situa o inconsciente nas hiências (buracos, ocos) da estrutura significante. Aquilo que no corpo coincide com os buracos da estrutura significante, aquelas partes do corpo destacadas por sua estrutura de borda, que são os orifícios que perfazem a zona erógena, constituem a fonte para Lacan. Os orifícios corporais são propícios para alojar a estrutura de hiência que é a do inconsciente. Os buracos da estrutura significante e os buracos do corpo formam uma unidade topológica.

A superfície - esta que em Lacan substitui ao impulso em Freud - se coloca sempre em relação à fonte, não podendo ser considerada sem ela.

e) Objeto (*Objekt*)

Definido por Freud por ser *a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade*. É o que a pulsão tem de mais variável e não está ligado a ela originalmente mas é a coisa através da qual a satisfação se toma possível. É por meio do objeto que a pulsão atinge sua finalidade, que é a satisfação. Caracteriza-se por ser perdido: esse objeto sempre evocado, mas inalcançável, organiza-se num dualismo sustentado por um suposto objeto natural inacessível.

Lacan contesta: como devemos conceber esse objeto se ele não tem nenhuma importância, se é indiferente? Sendo assim, por que o seio seria um objeto privilegiado? O seio deve ser completamente revisado quanto à sua função de objeto. O objeto da pulsão, para Lacan, é apenas a presença de um buraco, um vazio, que caracteriza o objeto a. A pulsão contorna o objeto num trajeto circular que sai e retorna ao mesmo lugar, num movimento de ida e volta.



A atividade da pulsão se concentra em um *se fazer*: se fazer ver, se fazer ouvir, se fazer comer, se fazer defecar. Razão pela qual Lacan coloca o outro - semelhante - como sujeito da pulsão, apagando o dualismo sujeito/objeto, atividade/passividade. Esse *se fazer* inclui o outro. O sujeito se reduz ao objeto - na pulsão escópica, por exemplo, fica reduzido a um olhar. Na conferência de Baltimore, em 1966, Lacan diz que se queremos encontrar o sujeito, devemos procurar pelo objeto. O sujeito e objeto da pulsão devem ser situados no nível de uma subjetivação acéfala, uma subjetivação sem agente. Não há determinação, deliberação nem intencionalidade na pulsão. O objeto *a* aponta para um lugar vazio, criado pelo significante.

d) Alvo (Ziel)

Freud o define como finalidade. E a finalidade da pulsão é sempre a satisfação, que não implica em atingir determinado objeto como alvo. A sublimação e o sintoma, que acarretam uma satisfação pulsional, confirmam que sua satisfação não depende de alcançar um objeto específico.

Lacan questiona o que é isso que é contentado na satisfação pulsional. E convoca a uma retificação do estado de satisfação no nível da pulsão. Problema que ele retoma com o gozo: o que é isso que se satisfaz? Isso se satisfaz! Não o indivíduo.

O alvo da pulsão, para Lacan, é o trajeto de ida e volta, o retomo em circuito. Um trajeto em torno do objeto *a*. E que se dá no campo do Outro. É graças à introdução do outro que a estrutura da pulsão aparece e ela só se

completa em sua forma de retomo. No exibicionismo, por exemplo, o que é visado pelo sujeito é o que se realiza no outro. Não é apenas a vítima que é visada no exibicionismo: é a vítima enquanto que referida a um outro que a olha. No circuito pulsional o sujeito atinge a dimensão do Outro. Do contrário, não seria pulsional.⁴⁰⁴ Há um movimento de busca no Outro, de apelo ao Outro no circuito pulsional.

Para Lacan, a pulsão não é nem a manipulação gozosa de uma parte do corpo - isso está presente nos animais, o que confirma não ser pulsional - nem uma exigência de trabalho imposta ao psiquismo pelo organismo. Não porque esta não exista mas porque não é isso que Lacan designa como pulsão. Trata-se da localização do sujeito do inconsciente, da manifestação do *Isso fala* em uma zona erógena. Ou seja: algum buraco do corpo que fala sem que o sujeito saiba nada disso, nem o que diz, nem sequer que diz algo. A pulsão é comparada a uma montagem surrealista, sem pé nem cabeça, sem finalidade nenhuma, o que revela seu caráter artificial:

[...] montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do incs.⁴⁰⁵

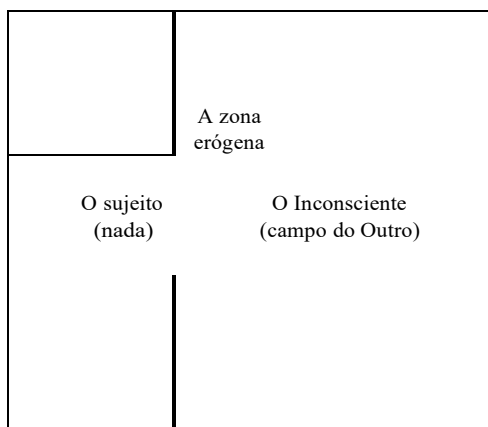
Lacan concebe o sujeito da pulsão como sendo o outro. Logo, como é que ela poderia ser uma propriedade orgânica do indivíduo? O sujeito da pulsão é efeito do circuito pulsional, seu aparecimento é o que permite o retomo, tendo em vista que: *se fazer* é *se fazer* pelo outro, *se fazer* ver, se ver sendo visto. A relação da pulsão com atividade/passividade é puramente gramatical, articula-se ao vaivém pulsional. E não se reduz ao par ver/ser visto. Cada um dos 3 tempos (ativo, passivo, reflexivo) com que Freud articula a pulsão pode ser substituído pela fórmula *se fazer* ver, ouvir etc. Isso implica, fundamentalmente, atividade. O que é fundamental, para Lacan, é o vaivém em que a pulsão se estrutura. O uso do verbo segundo a formulação *se fazer* caracteriza, com seu modo de vaivém, a circularidade do circuito.

Isso está representado no esquema de Lacan, reproduzido abaixo:⁴⁰⁶ o sujeito, como nada, se localiza num buraco corporal, ficando aberto ao campo do Outro.

404 Eidelsztein, A. (2015). Seminário *Conceitos fundamentais em psicanálise* realizado no Brasil.

405 Lacan, J. (1990). *Seminário 11*. Aula 13/05/1964. Op.Cit.

406 Idem. Aula 20/05/1964.



Um aspecto correlato ao tema da pulsão e do gozo, que veremos brevemente a seguir, é a noção de libido. Um conceito freudiano - entendido como a energia psíquica da função sexual - muitas vezes confundido com o gozo. Assim compreendido, gozo seria um outro modo de chamar a energia psíquica de sempre: força do instinto, vontade de manter relações sexuais que pode se deslocar para outros alvos e se fixar em outros objetos, que não o sexual propriamente.

Libido, para Lacan,⁴⁰⁷ designa a parte faltante do vivente, falta que o vivente sofre por ter que passar pela reprodução sexuada. Não se trata da falta da cara metade sexual designada pelo mito de Aristófanes.

A reprodução assexuada é um tipo de reprodução que ocorre sem a conjugação de material genético. Existe um único progenitor que se divide por mitose. Os seres provenientes deste tipo de reprodução são geneticamente iguais ao organismo que os originou, a não ser que haja mutações. A reprodução assexuada (cissiparidade) redundaria numa espécie de imortalidade, uma vez que estes seres fazem cópias de si mesmos. São feitos clones naturais. A divisão produz um outro igualzinho e nesse sentido são imortais. Algo do tipo: eu me eternizo me reproduzindo. Nos seres sexuadas a conservação da vida implica a morte. A morte do indivíduo. É neste sentido que o sexo está ligado à morte.

E o quê tudo isso tem a ver com libido? Essa parte perdida será o que Lacan vai conceber como libido, e é neste ponto que se localiza seu caráter mítico.

É dessa falta real - o que o vivo perde de vida, mesmo, por sua reprodução sexuada que Lacan parte para fazer sua releitura do mito de Aristófanes. Lacan o combate atribuindo-lhe um caráter enganador. Segundo Aristófanes, é o outro, como nossa metade sexual, o que se procura no amor o complemento sexual. Lacan, por sua vez, afirma que o que se busca no Outro não é seu complemento sexual, mas a parte perdida de si mesmo, que é a parte imortal, ou seja: a vida mesma.

Libido não é um campo de forças; não é a energia, gana ou vontade para realizar um ato; não é a energia sexual que brota do organismo, não é tesão. Lacan a define como um *órgão inexistente* que funciona feito uma lâmina inserida nos orifícios do corpo, na medida em que esses orifícios estão ligados ao sujeito do inconsciente (e não porque o órgão em si tenha qualquer propriedade).

Satisfação e ganho

Retomemos o problema da satisfação. Aqui temos um ponto muito sensível e que também se articula com a noção de gozo.

Uma das ideias centrais de Freud é a de que o sintoma leva a uma satisfação substitutiva da satisfação pulsional. O sintoma abarca dois aspectos heterogêneos: o aspecto psíquico - correspondente à substância pensante, representação, identificação, fantasia - e o somático - correspondente à substância extensa, libido, energia, pulsão, afeto. A psicanálise trata do primeiro.

O sintoma histérico, por exemplo, tem como pré-condição somática uma fixação pulsional, correspondente ao que há de invariável no sintoma e ao que não se desfaz. A pulsão, considerada como uma exigência corporal ao psiquismo, implicaria numa necessidade de satisfação proveniente do interior do organismo; razão pela qual não poderia ser eliminada. Nesta perspectiva, gozo seria o termo lacaniano substitutivo da satisfação pulsional que o sintoma realiza por vias colaterais. Tal satisfação é um dos aspectos do *ganho* do sintoma - benefício primário nos termos de Freud - que tem também um *benefício secundário*, correspondente às modificações introduzidas pelo sintoma nas relações interpessoais do indivíduo. A resposta à pergunta *quem se satisfaz no sintoma?*, para Freud, é: o indivíduo. É ele quem se satisfaz com o sintoma. O passo seguinte é a responsabilização subjetiva, posto que, se o indivíduo se satisfaz, ele é responsável. Esse ganho do sintoma está relacionado à satisfação pulsional, é um ganho desconhecido para o indivíduo, mas ele deve se responsabilizar por esta satisfação na medida em que provém de seu interior e faz parte de sua unidade biológica. Lacan refuta tudo isso. Para ele, *algo se satisfaz com a pulsão*.⁴⁰⁸ Não se trata de alguém.

É claro que aqueles com quem temos que tratar, os pacientes, não se satisfazem, como se diz, com o que são. E, no entanto, sabemos que tudo o que eles são, tudo o que eles vivem, mesmo seus sintomas, dependem da satisfação. Eles satisfazem algo que vai sem dúvida ao encontro daquilo com que eles poderiam satisfazer-se, ou talvez melhor, eles dão satisfação

a alguma coisa. Eles não se contentam com seu estado, mas, estando nesse estado tão pouco contentador, eles se contentam assim mesmo. Toda a questão é justamente saber o que é esse se que está aí contentado.⁴⁰⁹

Ao tomar um pelo outro, gozo por pulsão, recaímos na problemática freudiana: vem do corpo, não muda, segue assim. E até a solução passa a ser a mesma: conciliar-se com o gozo, para os lacanianos, e com o sintoma, para Freud.

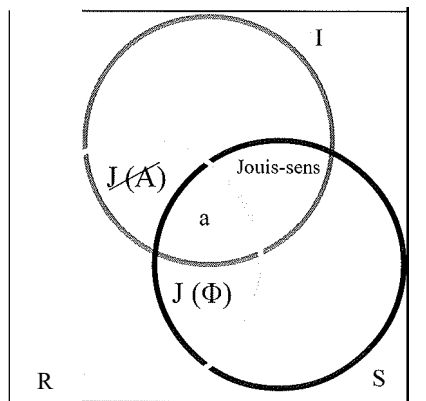
[...] o ego comporta-se como se fosse guiado pela ideia de que o sintoma está ali de agora em diante e não poderia ser eliminado: a única coisa a fazer é pactuar com essa situação e tirar dela maior vantagem possível.⁴¹⁰

Se o gozo é o incurável do sintoma, o que acaba acontecendo é a identificação com ele - *eu sou isso, eu sou assim* - e a direção da análise é vir a saber lidar com o gozo sintomático. É preciso saber o que fazer com o sintoma e reconhecer o próprio gozo. Se o analista acredita que o sintoma e o gozo satisfazem o indivíduo, vai conduzir a análise na direção da responsabilidade subjetiva, uma vez que a manutenção do sintoma seria sustentada pelo ganho: *eu gozo com isso, por isso não me desfazo disso*. Esta é uma direção neurotizante e culpabilizante das análises.

O nó da pergunta é: quem ou o quê é aquilo que se contenta, se não é o indivíduo, o analisante? Todo sintoma implica um gozo, uma satisfação, onde *ninguém* se satisfaz, mas *algo*. Isso goza.

Gozo

O gozo, na estrutura lacaniana, tem 3 posições possíveis:



409 Lacan, J. (s.d.). *Seminário 11*. Aula 06/05/1964. Op.Cit.

410 Freud, S. (1980). Inibição, sintoma e angústia. In *Obras completas*. Imago Editora.

A substância gozante se inscreve nos buracos: o gozo fálico se localiza entre o Real e o Simbólico; o gozo do Outro, entre o Real e o Imaginário; e o gozo do sentido, entre o Imaginário e o Simbólico.

O conceito de gozo é uma consequência da teoria do significante; portanto seu campo é o da linguagem. Com este conceito Lacan propõe uma nova forma de pensar a substância, acrescentando sua *substância gozante* às outras duas, propostas por Descartes. Em seu seminário 14, ele afirma que o gozo é, logicamente falando, uma substância; e no seminário 20 dá um passo a mais, denominando-a como tal: a substância gozante.

De que forma o gozo poderia ser uma ampliação do conceito freudiano de pulsão, se Lacan não dialoga com Freud na constituição de seu conceito de gozo?

A partir de sua teoria do significante, Lacan revisa e questiona a ideia de gozo posta na dialética do senhor e do escravo, de Hegel. Segundo Lacan, Hegel introduz o termo *gozo*. A dialética do senhor e do escravo - tal como Hegel a define - se dá numa luta de morte por puro prestígio, tendo como resultado, para o perdedor, a escravidão. O senhor é ocioso, está livre da obrigação do trabalho, porque arriscou sua vida nessa luta. O escravo, por sua vez, chega à condição de escravo por não estar disposto a arriscar a própria vida, restando-lhe pagar por isso com seu trabalho. Na perspectiva hegeliana, quem goza é o senhor. Ao escravo, resta trabalhar.⁴¹¹

Além da análise do termo *gozo* em Hegel, Lacan traz outras acepções do dicionário - dentre elas, prazer e alegria da posse - para dizer que não é a isso que se refere sua conceituação de gozo, uma vez que o articula de maneira nova.⁴¹² Para o alcance desta novidade, Lacan propõe uma série de questionamentos acerca da dialética hegeliana: o senhor goza? O senhor goza do quê, em relação ao escravo? A resposta hegeliana é: do trabalho. O senhor goza do trabalho do escravo. Sendo assim, goza do corpo do escravo e não de seu próprio corpo. O senhor goza de seu ócio, da disposição de seu corpo. O escravo serve ao senhor colocando à sua mercê as coisas do mundo - que ele precisa transformar para tomá-las receptíveis pelo senhor. Então, há no escravo um certo gozo da coisa, nesse trabalho com ela. Ou seja: o escravo também goza! E por que não gozaria? Se não quis arriscar a vida para não perder o gozo? Se se apegou fortemente ao gozo, ao ponto de se submeter e alienar seu corpo? Por que o gozo não lhe permaneceria nas mãos? E os senhores estão todos ociosos? Se o senhor salva o escravo a um preço, quer dizer que o senhor paga. E, se paga, não é de todo ocioso. E quando se juntam muitos senhores? Lutam entre si?

411 Lacan, J. (1998). *Seminário 14 & Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In *Escritos*. Jorge Zahar.

412 Lacan, J. (2008). *Seminário 14*. Aula 31/05/1967. Centro de Estudos Freudianos do Recife.

Com o significante aparecem essas possibilidades: quem goza? O senhor ou o escravo?

É o senhor que goza do corpo do escravo? E goza de todo o corpo do escravo ou de uma parte? E se goza de uma parte do corpo do escravo, seria uma parte do corpo do senhor, essa? De quem é o corpo que se goza?

E da pergunta *o senhor goza de todo o corpo do escravo ou de uma parte?*, surge outra: *isso de que se goza, isso goza?*⁴¹³

Essa parte do corpo da qual se gozaria, essa parte, ela mesma, goza?

O gozo não é de modo algum o que caracteriza o senhor.⁴¹⁴

E mais: a luta de morte não coloca a morte em jogo, porque o escravo não pode estar morto.

Aquele que é vencido, supostamente, se poderia matar. Mas não é o que acontece. Não se mata o perdedor. A que preço o senhor mantém o escravo vivo? Aquele que está prestes a perder, como faz para renunciar? E se ele baixa as armas e o outro o mata?

Lacan coloca em questão a solução hegeliana e conclui:

Não pode ser uma luta de morte, donde se conclui que o pacto tem que estar estabelecido antes da luta. Tal constatação o leva a indagar-se quanto à supremacia do assassinato.⁴¹⁵

Lacan propõe o gozo como efeito da operatória significante, a saber: os elementos da linguagem - significante, significado, significação, barra e sentido em seu funcionamento.

Quando esses elementos estão em jogo, há sujeito. Tal operatória consiste basicamente em duas articulações significantes, metafórica e metonímica, que produzem algum tipo de significado que, por sua vez, fica aberto ao mais além do sentido; assim sendo, há sujeito. E se há sujeito, pode haver mal-entendido. Não lidamos com pessoas conscientes de si.

Qual é a substância da substância gozante?

Lacan a propõe como terceira em relação às duas substâncias descritas por Descartes: *res extensa* e *res cogitans*. A saber: a substância extensa, que se define por obedecer ao princípio de partes extra partes (cada ente ocupa um lugar no espaço que nenhum outro pode ocupar, num mesmo instante) é, portanto, tridimensional; e a substância pensante, que se define pelo

413 Ibid.

414 Ibid.

415 Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. Op. Cit.

psíquico consciente, correspondente ao Eu, não é tridimensional.⁴¹⁶ Além das substâncias pensante e extensa, Lacan acrescenta a substância gozante, que não coincide com nenhuma das anteriores. Lacan constrói sua noção de substância gozante a partir de Descartes, Aristóteles e da sua própria teoria do significante.

Lacan não propõe substância gozante em relação a satisfação ou insatisfação, ao benefício primário ou secundário do sintoma, ao corpo pulsional de Freud, nem em relação à pulsão de morte.

A substância do gozo deve ser considerada como a *ousia* Aristotélica, que se caracteriza por ser uma substância que não pode nem ser atribuída a um sujeito, *nunca se predica de um sujeito, nem está em um sujeito*.⁴¹⁷ Também não é dada à quantificação: *não é suscetível de mais ou de menos*; nem se presta a nenhuma comparação como maior ou menor, nem mesmo ao estabelecimento de igualdades.⁴¹⁸

Gozo deve ser considerado como esta substância lógica de Aristóteles, é o que indica Lacan. A *ousia*⁴¹⁹ é a primeira das 10 categorias⁴²⁰ postuladas por Aristóteles. Segundo Benveniste,⁴²¹ as categorias de Aristóteles são categorias da língua. Correspondem aos modos lógicos das proposições através dos quais nós falamos das coisas que existem, que sustentam nosso pensamento. O exemplo de *ousia* que Aristóteles dá é homem em geral e cavalo em geral.

[] quer se traduza *ousia* por substância ou por essência pouco importa aqui. É a categoria que dá a pergunta o quê? a resposta homem ou cavalo, portanto espécimes da classe linguística dos nomes, indicando objetos, quer sejam conceitos ou indivíduos.⁴²²

Ousia, traduzida por substância, seria o que está por baixo, o sub posto, suposto. O que faz com que as coisas sejam o que são. O que faz de uma mesa uma mesa? O conceito de mesa. A substantivação de um adjetivo é uma *ousia*. Por ex: a tristeza é uma *ousia*. Substância é a envoltura da falta em ser⁴²³.

Ousia/substância permite responder à pergunta *o que é?* Mas não se refere à coisa física existente, à matéria de que algo ou alguém é feito. Para

416 Ver quadro comparativo entre as 3 substâncias em: Eidselzstein, A. (2015). *Oiro Lacan*. Letra Viva.

417 Aristóteles. (1985). *Organon*. Categorias, parte 5. Guimarães editores.

418 Lacan, J. *Seminário 14*. Aula 31/05/1967. Op.Cit.

419 Traduzida por substância, essência, quiddidade.

420 Um dos tratados do *Organon* - ferramenta, aparato, instrumento.

421 Benveniste, E. (1995). Categorias de pensamento e categorias de língua. In *Problemas de Linguística Geral I*. Editora da Unicamp.

422 Ibid.

423 Gomila, M. Función de la sustancia: envoltura de la falta en ser. In *El Rey está Desnudo*, (8).

Benveniste, *ousia* corresponde à classe dos substantivos e o *erro* de Aristóteles seria ter acreditado que definia os atributos dos objetos quando definiu apenas seres linguísticos - é a língua que permite reconhecer as coisas e especificá-las.⁴²⁴

As categorias aristotélicas são categorias de linguagem.

Voltando aos exemplos que Aristóteles dá de *ousia*: homem e cavalo. O que quer dizer que a *ousia* não possa estar em um sujeito nem ser em um sujeito?

A entidade homem ou a entidade cavalo não podem estar em nenhum homem em particular, no homem individual, nem no cavalo individual. A categoria homem não pode estar em um indivíduo, assim como a categoria cavalo não pode estar em um cavalo em particular. Ou seja: o que a coisa é em si mesma não está em um sujeito. Por ex.: homem, como categoria não está no João. João é um exemplar disso, não está nele, nem homem quer dizer João. Homem é uma categoria que ou se aplica ou não. Caso se aplique como um predicado a um sujeito, temos que saber que não está no sujeito nem corresponde a esse sujeito em sua condição particular e, também, não admite um mais nem um menos. Não há um cavalo que seja mais cavalo que outro cavalo. Embora, em sentido figurado, isso possa ter sentido. *Ousia* é a primeira entidade que podemos dizer de algo, mas se podemos dizer de algo temos que considerar que não pertence a ele.

A substância de Aristóteles (*ousia*) não pode ser predicada a nenhum sujeito. Se essa substância- que não pode ser predicada a nenhum sujeito-é a substância do gozo, então não poderíamos dizer: eu gozo, fulano goza, ele goza, o gozo dele, o meu gozo. Também não poderíamos dizer que *fulano goza muito*, ou *ele tem muito gozo mortífero*, porque gozo não é quantificável. Como, então, teríamos que dizer, necessariamente? Goza-se, Isso goza.

Gozo é impredicável, assim como significativo.

O gozo tem estatuto lógico e se deduz da linguagem. Não provém do corpo nem de sua energética, não tem a ver com pulsão de morte, nem com libido. Lacan não argumenta neste sentido. Então, de onde vem o gozo? O gozo é consequência lógica do funcionamento significativo, da maquinaria significativa operando. Efeito da introdução do sujeito no real, em outras palavras: é efeito de que haja sujeito.

O significativo é causa do gozo. Causa que, segundo Lacan, deve ser considerada no sentido aristotélico.⁴²⁵

424 Benveniste, E. (1995). Op. Cit.

425 Lacan, J. (2010). *Seminário 20*. Aula 19/12/1972. Escola Letra Freudiana.

Aristóteles define 4 causas para qualquer coisa que exista:⁴²⁶

1) Causa material:

Responde a pergunta: de que é feito? Na estátua de mármore, é o mármore. De que é feito o gozo? De significante.

2) Causa final:

Corresponde à finalidade, telos: para quê, com que objetivo? Para Lacan, não se trata de finalidade, uma vez que ele diz que o gozo não serve para nada, não há finalidade nem utilidade nele. Quando Lacan afirma que *o significante é o que faz alto ao gozo*⁴²⁷ parece referir-se a fim, término, detenção do gozo.

3) Causa eficiente:

É de onde provêm as coisas. A causa eficiente da estátua é o escultor. Para Lacan trata-se do projeto pelo qual se delimita o gozo. Todo gozo está num projeto significativo (acéfalo deduzido de uma lógica relacional).

4) Causa formal:

Para Aristóteles, seria a forma da coisa. Em relação ao gozo, a causa formal seria a gramática que comanda o gozo, como forma particular de ordenar a linguagem - daí sua articulação com a escritura.

[] o significante é a causa do gozo, a causa material do gozo, a causa final do gozo, é o que faz alto ao gozo, é a causa eficiente do gozo (eficiência: projeto pelo qual se limita ao gozo). E, finalmente, a causa formal, o abraço confuso onde o gozo toma sua forma, sua causa última que é formal, por acaso não é muito mais algo da ordem da gramática o que o comanda?⁴²⁸

Assim sendo: a causa formal é a gramática significativa, a causa eficiente é O projeto significativo, a causa final é a voz de alto do significante e a causa material é o significante.

A *ousia* de Aristóteles é criada pela matéria mais a forma. A substância gozante é criada pela matéria do gozo, que é o significante, e a forma do gozo, que é a gramática. Não resta alternativa senão admitir que o gozo é um epifenômeno do significante e não um epifenômeno do corpo.

426 Aristóteles (2003). *Metafísica*. Livro A. Cap. 3. Gredos.

427 Lacan, J. (2010). *Seminário 20*. Op. Cit.

428 Idem.

Com o gozo, temos o que a língua comporta de afetos. Para Eidelsztein⁴²⁹, com a substância gozante Lacan estabelece a criação, a função e o valor do buraco, a origem do automatismo e tudo o que o termo gozo compreende: sintoma, sexualidade, sensações, afetos, sentimentos, dores, gostos, necessidades etc. É provável que tudo isso não tenha nada que ver com o Eu (substância pensante), nem com o corpo biológico (substância extensa); mas talvez provenha de outro tipo de substância que só existe se admitimos o funcionamento deste tipo de matéria significante.

Se consideramos a substância gozante tal qual a *ousia*, é forçoso concluir que o gozo não pode ser atribuído a ninguém nem ser propriedade de ninguém, nem quantificado, nem qualificado, nem tem qualquer utilidade. Gozo é sempre do Outro e o corpo - enquanto dimensão/dita-mansão/dit-mansion da linguagem- o simboliza.⁴³⁰ O corpo simboliza o Outro na medida em que é a morada da linguagem. Nem pulsão nem gozo provêm da substância viva, são ambos efeito do significante.

Bem, e como considerar a afirmação de Lacan de que *não há gozo senão do corpo?*⁴³¹ Ela parece contradizer a direção na qual sua substância (*ousia*) nos conduz, se esquecemos de que corpo se trata. E de que corpo se trata? Daquele que é a dita-mansão (*dit-mansion*) do Outro,⁴³² daquele que é alienado ao significante.⁴³³

[...] quanto ao que nos interessa e que é colocado primeiramente, a saber, que não há gozo senão do corpo, é que o efeito da introdução do sujeito, ele mesmo na significância, é propriamente colocar o corpo e o gozo na relação que eu defini pela função da alienação.⁴³⁴

Para Lacan, a gênese do corpo é discursiva, os corpos estão submetidos às leis do discurso. É o lugar onde os corpos habitam. O corpo com o qual lidamos na psicanálise é uma criação significante, é regido pela lei do discurso. Esta é a lógica com a qual Lacan concebe o corpo, nada havendo de biológico em sua concepção, tampouco um começo no corpo anatômico - tendo em vista sua gênese discursiva. Ressalto que não há uma negação do corpo biológico, é óbvio que ele existe, apenas não nos concerne como tema. O corpo que concerne aos analistas é este: efeito da operatória significante. Lacan não é dos que opõem natureza e cultura. Para ele, a natureza é um fruto da cultura.⁴³⁵

429 Eidelsztein, A. (2015). *Otro Lacan*. Letra Viva.

430 Lacan, J. *Seminário 20*. Aula 21/11/1972. Op.Cit

431 Lacan, J. *Seminário 14*. Aula 31/05/1967. Op.Cil.

432 Lacan, J. *Seminário 20*. Op.Cit.

433 Lacan, J. *Seminário 14*. Op.Cit

434 Lacan, J. *Seminário 14*. Aula 31/05/1967. Op. Cil.

435 Lacan, J. (2012). *Seminário 19*. Aula 4/11/1971. Jorge Zahar Editor.

Um passo a mais no esclarecimento da confusão que cerca a noção de corpo em psicanálise: o princípio de que *só há gozo do corpo* tem o mesmo alcance que a afirmação *só há a matéria* introduz no campo do conhecimento, segundo Lacan.⁴³⁶ O que isto quer dizer? A matéria - que é objeto do conhecimento - se confunde com o jogo dos elementos onde ela - a matéria é considerada e conhecida. Nossa experiência corriqueira da matéria- objeto do nosso conhecimento - está ligada aos elementos da linguagem. Acontece que desconhecemos esta ligação, porque a matéria está confundida com os elementos significantes (*stoikeium*). Aquilo que comumente pensamos como uma qualidade da matéria em si, sua propriedade, se deve aos elementos da linguagem que estão confundidos com ela. O corpo moderno, composto a partir da ignorância da sua própria constituição -significante, é exemplo disso: atribui-se à matéria orgânica o que é efeito do significante, de tão misturados que estão.

essa matéria⁴³⁷ se confunde tanto com o jogo dos elementos nos quais a resolvemos que se torna, no limite, quase indiscernível saber o que diante de vocês age, se são esses elementos, *stoikeia*, esses elementos significantes últimos, ou os do átomo; a saber, o que eles têm em si mesmos de quase indiscernível com o progresso do espírito de vocês, o jogo de busca, mas o que é, no último termo, de uma estrutura que vocês não sabem, de forma alguma, relacionar ao que vocês têm como experiência comum da matéria[]⁴³⁸

O significante cria um corpo, e esse corpo goza. Isso goza. O que quer dizer que há gozo na linguagem e este lugar que goza exerce a função de um chamado.⁴³⁹ Lacan propõe o Outro como o campo do vivo, onde o Sujeito é chamado a comparecer.⁴⁴⁰

Encontramos aqui uma articulação entre gozo e pulsão, que poderia ser considerada como uma estrutura dialógica: a pulsão responde ao chamado do gozo. Temos, no gozo, um chamado e na pulsão, uma resposta. A resposta pulsional - da sexualidade, do sintoma, das sensações, afetos, dores, gostos, necessidades - encarna a gramática do gozo. Ao chamado do Outro - esse lugar que goza - à subjetividade, quem responde é a pulsão. Do lado do gozo encontramos a substância do sujeito e do lado da pulsão sua encorpadura num corpo significativo, na medida em que o sujeito se localiza nos orifícios desse corpo.

436 Lacan, J. *Seminário 14*. Aula 31/05/1967. Op. Cit.

437 Refere-se à matéria que é objeto do conhecimento.

438 Lacan, J. *Seminário 14*. Op. Cit.

439 Trabalhei este tema no artigo *O sujeito na pulsão e no gozo*. In *E/ Rey está Desnudo* (16).

440 Lacan, J. *Seminário 11*. Aula 27/05/1964. Op. Cit.

A TOPOLOGIA DE LACAN NÃO É APLICÁVEL À PSICANÁLISE TAL COMO A FORMULOU FREUD

Alfredo Eidelsztein

No universo das ideias, concebidas de maneira estrutural, algumas delas, embora diferentes, convivem sem conflito, enquanto outras se contradizem de tal maneira que, se algumas são adotadas, outras, necessariamente, para não cair em antinomias ou aporias, devem ser rejeitadas.

Assim: se a topologia que Lacan articulou em sua concepção da psicanálise for adotada sistematicamente, muitos conceitos fundamentais da teoria de Freud devem ser abandonados e substituídos por outros muito distintos. Trata-se de dois paradigmas bem diferentes, assim como foram os de, por exemplo, Melanie Klein e Anna Freud; e, como é hoje, o proposto por Jacques-Alain Miller. No paradigma de Lacan, desde o início, a topologia implica uma subversão muito ampla e significativa, tanto no que diz respeito às concepções freudianas quanto às da história da psicanálise, mas, e o que é ainda mais decisivo para a nossa prática, é que a topologia de Lacan contradiz às concepções daqueles que nos consultam.

A tese fundamental do pensamento de nossa cultura, aceita e fundamentada por Freud, afirma que estamos cercados pelo mundo e que habitamos cada qual, dentro de nosso corpo anatômico. A topologia de Lacan está destinada a contradizê-la.

Assim, as superfícies topológicas que irei comentar neste trabalho: o toro, a banda de Möbius-Listing, a superfície de Klein e o *cross-cap*⁴⁴¹, embora cada uma porte distinções específicas, as quatro também se encontram tomadas em uma estrutura na qual todas acarretam a mesma direção da psicanálise: antiontológica, antibiológicoista, antiindividualista e antinihilista.

O programa de Lacan buscava uma reforma geral do entendimento⁴⁴² que, quanto à topologia, deve-se admitir que ela não é obtida nem de Freud

441 *Bonnet croisé*: gorro cruzado, incluso mitra

442 Lacan, J. (2012). El psicoanálisis. Razón de un fracaso. In *Otros Escritos*. Paidós.

nem pela prática da psicanálise mas da obra de Kurt Lewin⁴⁴³⁻⁴⁴⁴, e com ela, juntamente à lógica, linguística e antifilosofia⁴⁴⁵, tentou subverter a psicanálise.

O próprio Lacan afirma claramente a incompatibilidade de seu legado com o freudiano em muitas ocasiões - embora em tantas outras não. Por exemplo, na conferência de Caracas - mesmo que a versão oficial seja suspeita de não ser confiável - afirma:

Venho aqui antes de lançar minha *Causa Freudiana*. Como veem não me desprendo ess-e-xdtetivo. Sejam vocês lacanianos, se quiserem. Eu sou freudiano.', ¹

Por isso creio adequado dizer-lhes algumas palavras do debate que mantenho com Freud, e que não é de ontem.

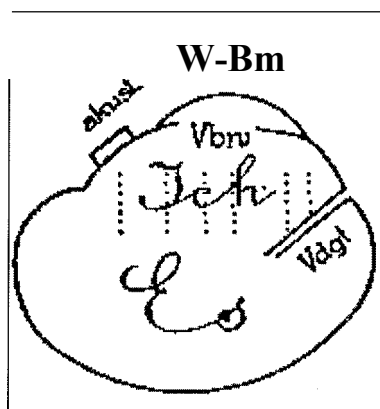
Aqui está: meus três não são os seus. Meus três são o simbólico o real e o imaginário.

Fui levado a colocá-los como uma topologia, a do nó, chamado borromeu. [...]

Dei isso aos meus. Dei-lhes para que soubessem orientar-se na prática. Mas orientam-se melhor que com a tópica legada por Freud aos seus?

[..]

Consideremos o saco-fofo que se produz como vínculo do Isso em seu artigo chamado: "*Das Ich und das Es*"



O saco, aparentemente, é o continente das pulsões. Que ideia disparatada esboçar isso assim! Somente se explica se considerarmos as pulsões como pequenas bolas, que são expulsas pelos orifícios do corpo depois de ingeridas.

443 Cf Lewin, K. (1988). *La teoría de campo en las ciencias sociales*. Barcelona: Paidós, y *Principles of topological psychology*. EEU.U.: McGraw-Hill.

444 Lacan, J. Cf. La psiquiatria inglesa y la guerra, *El seminario 7*. Aula de 27 de abril de 1960; *El seminario 9*. Aula de 21 de março de 1962.

445 Lacan J. (2012). Quizás en Vincennes. In *Otros escritos*. Paidós.

[...]

Não será melhor, como me ocorreu dizer, garrafa de Klein, sem dentro nem fora? Ou ainda, simplesmente, porque não, o toro?⁴⁴⁶

Qual é a diferença fundamental entre os dois modelos teóricos, o da cadeia borromeana de Lacan e o que é conhecido como segunda tópica de Freud?

Em *Função e campo da fala e linguagem na psicanálise*, Lacan começa, através do toro, a incorporar a topologia ao fundamento de suas concepções e a responder à pergunta anterior. A diferença que introduz ali é um dos argumentos que toma indiscutível a proposta feita 27 anos depois,¹ (ém citada. Lá ele sustenta:

$\mathbb{A}_x J$

Dizer que esse sentido mortal revela na fala um centro externo à linguagem é mais do que uma metáfora, e evidencia uma estrutura. Essa estrutura é diferente da espacialização da circunferência ou da esfera onde nos comprazemos em esquematizar os limites do vivente e de seu meio: ela corresponde, antes, ao grupo relacional que a lógica simbólica designa topologicamente como um anel. Ao querer fornecer dele uma representação intuitiva, parece que, mais do que à superficialidade de uma zona, é à forma tridimensional de um toro que conviria recorrer, na medida em que sua exterioridade periférica e sua exterioridade central constituem apenas uma única região.⁴⁴⁷

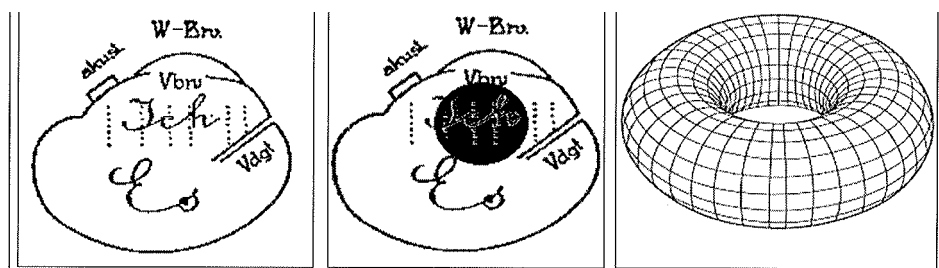
O que Lacan critica é o que ele designou na primeira citação como "saco macio" da segunda tópica freudiana, uma superfície esferoidal com seu interior e exterior bem distintos, que inclusive possui membrana e núcleo como uma célula na biologia.

Das diferenças teóricas fundamentais entre Lacan e Freud, destacarei apenas as principais estabelecidas por meio da topologia, essenciais ao questionar a especificidade da clínica psicanalítica proposta por Lacan.

Começo pelo toro. A principal discrepância introduzida por essa superfície é que Lacan perfura a bolsa do indivíduo psíquico de Freud, onde ele coloca o Ego no centro do ovo, o que mostro assim:

446 Lacan, J. Conferência de Caracas, publicada no *Seminário 27: Disolución*. Versão crítica de Ricardo Rodriguez Ponte. (tradução nossa).

447 Lacan, J. *Función y campo de la palabra (Ili)*. In *Escritos*. [321]. Siglo XXI. (tradução nossa).



OVO DO INDIVÍDUO

OVO ESBURACADO

TORO PSÍQUICO

Essa perfuração da esfera freudiana responde a um conjunto de oposições teóricas fundamentais. Dentre elas destaco duas:

a) para Freud, o Eu constitui o núcleo do interior do aparato psíquico, devido à sua concepção do "Eu-prazer puro", resultante da dinâmica estabelecida por ele de que tudo o que é bom é internalizado e o mal expulso para o exterior, tal como o propõe em *As Pulsões e suas vicissitudes*. Mas, para Lacan, o Eu, desde suas concepções do estágio do espelho, diz respeito a uma figura imaginária que, ao contrário, só existe na e pela visão idealizada da imagem do outro e o que resta para o Eu é fracasso, impotência e rivalidade; e

b) Freud concebe o indivíduo psíquico dividido em aparatos internos, mas funcionando como uma unidade fechada, como uma célula da biologia, frente ao mundo circundante, do qual se separa por uma membrana de proteção anti estímulo; no entanto, para Lacan, de acordo com o axioma fundamental de suas concepções "o inconsciente está estruturado como uma linguagem", torna-se impossível tal divisão entre o que são para ele o sujeito, \$ e o Outro, A, já que não se aplica à linguagem que seja interna ou externa a nenhum dos dois campos. Seus neologismos: "extimidade" (*extimité*)⁴⁴⁸ e "intemidade" (*internité*)⁴⁴⁹ correspondem a essas necessidades de seu modelo teórico.

Para indicar, com maior respaldo, sua posição, lembro-lhes esta citação do seminário RSI⁴⁵⁰:

É surpreendente que no tempo de Freud, o que se nomeia deles [simbólico, imaginário e real] é só imaginário. Quero dizer que a função, por exemplo, chamada de Eu, é este algo de que Freud, de modo conforme a esta necessidade, [...] [com o Eu] Freud designa que a representação faz buraco. Ele não chega a dizê-lo, mas o representa nesta tópica fantasmática que é a segunda, [...]; é no saco do corpo, é por este saco, que se encontra

448 Lacan, J. *El seminario 7. La ética del psicoanálisis*. Aula de 10 de fevereiro de 1960.

449 Lacan, J. *Conferencia sobre la ética del psicoanálisis e El seminario 12*. Aula de 5 de maio de 1965.

450 Lacan, J. *E/ seminario 22*. Aula de 17 de dezembro 1974. (tradução nossa).

figurado o Eu, [...] É enquanto tal que Freud, não designa, mas trai, não ser o Eu mais do que buraco."

Deste modo: para Freud, o que fecha o buraco do significante, faz centro, substância e consistência é o Eu; se admitido, não é possível aceitar os conceitos de Lacan: "o inconsciente é o discurso do Outro", "o desejo do homem é o desejo do Outro", "o gozo do Outro é fora do corpo", "a angústia é a sensação do desejo do Outro"⁴⁵¹, "o sintoma é o significado do Outro" etc. Se aceita-se a teoria de Freud de um centro esférico do meu ser, interno a mim mesmo, que sou Eu, então produz-se uma cascata de consequências invertidas, entre elas: a responsabilidade subjetiva, a direção da cura como tomada de consciência, a possibilidade de introspecção, etc. A escolha forçada é: o toro e a cadeia borromeana de Lacan ou o aparelho psíquico de Freud.

Inclusive e atacando o que Lacan chama de "o senso comum do psicanalistas",⁴⁵² para ele, a revolução não é copernicana, é kepleriana,⁴⁵³ já que Copérnico apenas substitui o que está localizado no centro, o que muitos pensadores da Grécia antiga sabiam, como Heráclides Pôntico e, especialmente, Aristarco de Sarnas (310 a 230 a.C.): no centro está localizada a luz fundamental, o sol; a verdadeira **subversão** é a proposta por Kepler: a trajetória dos planetas é elíptica, em um dos focos da elipse se coloca o sol e o outro está desocupado, sem nenhuma luz para circunscrever seu lugar e, ainda por cima, sem nenhum centro.

O "centro externo" - fundamental e específico do ensino de Lacan que opera como um buraco causado pelo significante articulado - é inassimilável às concepções de Freud; em particular, objeta seu "*Kern unseres Wesen*"⁴⁵⁴, o núcleo do nosso ser. Se sua existência é admitida, as pulsões de vida e morte e o inconsciente estarão originados ali e suas fontes serão confundidas com a substância viva dentro do corpo biológico; mas se for rechaçada, tal corno o toro com seu "centro externo" leva a pensar, então o inconsciente, o desejo, as pulsões, o gozo, o fantasma, o Eu, etc. serão concebidos em "imissão da Outridade."⁴⁵⁵ Especialmente o objeto *a* criado por Lacan é inconcebível fora do abraço da interpenetração dos dois toros do sujeito, \$ e do Outro, A, que se escreve assim:⁴⁵⁶

451 Lacan, J. *El seminario 9, La identificación*. Aula de 4 de abril de 1962 e aula de 12 de maio de 1962. (tradução nossa).

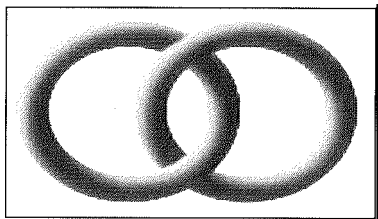
452 Lacan, J. (2008). Juventud de Gide o la letra dei deseo. In *Escritos I*. Sigla Veintiuno

453 Tal como Lacan o desenvolve na resposta à pergunta IV de Radiofonia. In *El Seminario 8: La transferencia*. Aula de 21 de dezembro de 1960; *El Seminario 20*. Aula de 16 de janeiro de 1973. (tradução nossa)

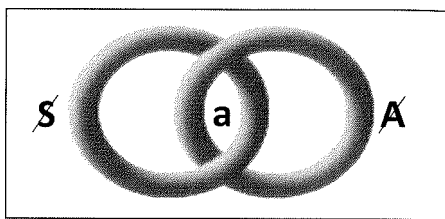
454 Extraído de A. Schopenhauer.

455 Cf. Alfredo Eidelsztein. (2018). *El origen del sujeto en psicoanálisis. Del Big Bang del lenguaje y el discurso*. Letra Viva.

456 Lacan, J. *El seminario 9*. Aula de 6 de junho de 1962.



TOROS ABRAÇADOS

OBJETO *a* NO ABRAÇO DOS TOROS

Passo agora à análise da **superfície de Möbius-Listing**, a qual chamo assim por ser um caso de descoberta simultânea e para evitar o individualismo da idéia de gênio moderno. Por meio dela, Lacan produz uma nova concepção na psicanálise, neste caso a respeito do inconsciente e de sua inscrição, a repressão e ao retomo do recalcado. Deste modo, nem a conhecida "primeira tópica" freudiana é admissível a partir dessas articulações da topologia de Lacan à psicanálise.

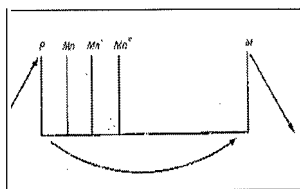
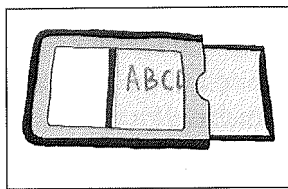
Para Freud, a inscrição dos traços mnêmicos no aparelho psíquico é caracterizada por:

1º): são marcas indeléveis que, principalmente as representações-coisa, reproduzem a realidade das experiências no interior do indivíduo; 2º): são inscritos de forma linear: primeiro um, depois outro, depois outro... e 3º): a representação-coisa está sujeita a nunca ser representação-palavra e as representações-palavra estarão, em certos casos e por deslocamento da energia das representações-coisa, recalcadas, e, por isso, não acederão à consciência.

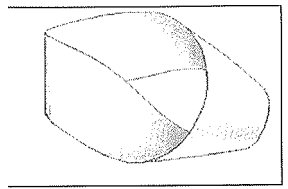
A figura que Freud encontra para dar conta da dinâmica desse sistema de inscrição é o "bloco mágico", com suas três camadas sobrepostas. Lacart o critica e chama de "bloco místico"⁴⁵⁷ que mostro nas figuras a seguir. Ele, através da banda de Möbius-Listing, o substitui, estabelecendo que os significantes, 1º): não inscrevem experiências ou objetos, apenas diferenças com outros significantes, 2º): eles também não estão inscritos em ninguém, uma vez que o inconsciente é o discurso do Outro, 3º): os significantes em seu funcionamento específico fazem bucle, fecham-se na forma de uma linha fechada, fazem anéis e os anéis são fechados em um colar feito de anéis⁴⁵⁸ e, assim, criam o buraco e, finalmente, 4º): o significante encadeado rejeita a linearidade saussuriana. As diferenças podem ser apresentadas assim:

457 Préface au "Jacques Lacan" de Anika Lemaire. 25 de dezembro de 1969. Pas-tout Lacan. <http://ecole-lacanienne.net>. (tradução nossa).

458 Cf. (2010). La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud. In *Escritos 1*. Op. cit.

ESQUEMA DO PENTE
DE FREUD

BLOCO MÁGICO



BANDA MÖBIUS-LISTING

O significativo de Lacan não admite o recalque freudiano, já que não é traço, é o apagamento do traço.⁴⁵⁹ E não é possível recalcar o apagamento do traço. Além disso, não está associado a cargas energéticas - aquelas que se deslocam e se condensam no sistema freudiano - mas a significados que provêm da articulação dos significantes no discurso e no campo do Outro, em função das leis da linguagem, metáfora e metonímia, como propôs Rorans Jakobson,⁴⁶⁰ e que apenas remetem a outros significados. Uma representação pode ser recalcada e faltar; um significativo não, uma vez que sua censura é tão eloqüente quanto sua manifestação e, portanto, pode brilhar por sua ausência.

Para Lacan, o recalque e o retomo do recalcado são indistinguíveis e inseparáveis (razão pela qual ele não baseia a prática da psicanálise nessa pesquisa), são uma única e mesma coisa, uma vez que seu paradigma afirma que, no inconsciente, trata-se do aparente "direito" e "avesso" de uma banda de Möbius-Listing. Ao propô-lo assim, se dissipa: a) na psicanálise, o problema freudiano da dupla inscrição, b) o problema do senso comum entre o superficial e o profundo e c) a diferença marxista entre infraestrutura e superestrutura. Para Lacan, tudo isso é "superficial", sem profundidade possível e constituindo linhas fechadas, o que também estabelece uma retificação à concepção usual da direção do tratamento. Na psicanálise, em geral, ela é proposta como um "não fechar" e que "se siga falando". Com o paradigma de Lacan, para alcançar a interpretação e o ato, é preciso que se estabeleça o fechamento, o bucle e a cadeia significativa.

Outra diferença causada pela suposição de uma escritura linear para o inconsciente, como proposto por Freud em seu "esquema do pente",⁴⁶¹ é que

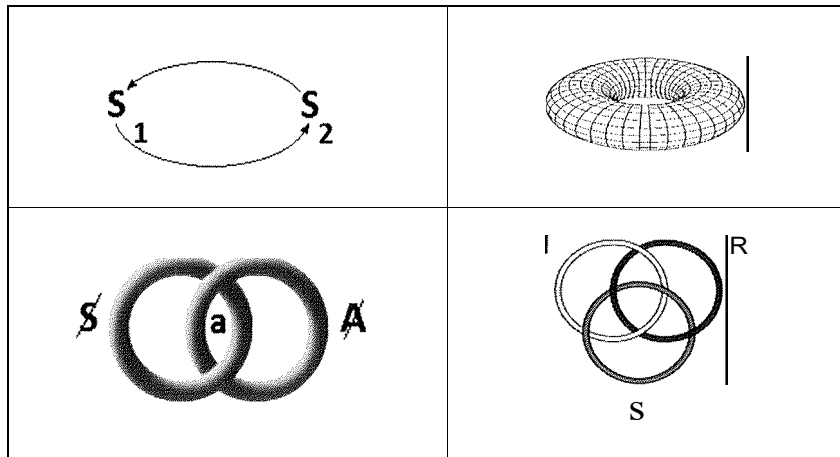
459 Lacan, J. *El seminario* 5. Aula de 23 de abril de 1958; *El seminario* 6. Aula de 10 de dezembro de 1958; *El seminario* 9. Aula de 24 de janeiro de 1962.

460 Jakobson, R. & Halle, M. (1980). *Fundamentos del lenguaje*. Dos aspectos del lenguaje y dos tipos de trastornos afásicos, Editorial Ayuso.

461 Freud, S. (1979). *Proyecto de psicología para neurólogos. Obras completas*. Vol. VII. Sobre la psicología de los procesos oníricos. (B) La regresión. Amorrotu.

nem sequer é possível propô-la sem contradição com a "regressão onírica",⁴⁶² como ele próprio reconhece. O que Lacan propõe de maneira oposta é uma escritura circular como a do "oito interior" de uma banda de Môbius-Listing, e assim rejeita o que Freud afirma sobre a existência do primeiro em si mesmo. Para Freud, trata-se da inscrição do traço inicial resultante da primeira experiência vivida pelo indivíduo no começo de sua vida como substância viva; para Lacan, uma vez que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, é necessário aceitar a sincronia saussuriana - não a simultaneidade - para a origem de toda a linguagem. Isso implica que, se cada elemento apenas consiste na diferença com todos os outros, então todos devem existir juntos desde sempre ou, o que pode ser considerado, como propus, emprestado da cosmologia moderna, como o Big Bang da linguagem e do discurso.⁴⁶³

Se o Big-Bang é admitido, tudo o que havia existido biologicamente antes da criação do sujeito, \$, é permanentemente esquecido; assim como acontece no modelo cosmológico vigente com o "anterior" ao Big-Bang. De acordo com Lacan, na estrutura do material signifiante, essa legalidade é expressa pelo bucle S1 S2, o bucle de bucles e a cadeia borromeana, como se observa na seguinte tabela:



No bucle signifiante SI, que parece ser o primeiro, apenas existe como tal pelo S2, que passa assim a ser seu antecedente. O mesmo deve ser colocado em relação à dinâmica dos bucles de bucles.

A mesma lógica deve ser aplicada às operações de alienação e separação, uma vez que requerem um tempo circular. Na atualidade, o legado conceitual!

462 Freud, S. (1979). La interpretación de los sueños: (V) La regresión, p.527 e subs. *Obras completas*. Amorrotu. (tradução nossa).

463 Eidelsztein, Alfredo (2018). *El origen del sujeto en psicoanálisis*. Op. cit.

de Lacan sobre essas questões foi engolido pelo evolucionismo na psicanálise, o da 'constituição subjetiva', que coloca: 'Começamos nossas vidas alienadas a nossos pais e depois, como adultos, devemos nos separar deles e obter independência, autonomia e responsabilidade pessoal' - o mesmo que impõe a moralidade ocidental pós-moderna. No entanto, para Lacan, os processos de alienação e separação devem ser concebidos como articulados em um tempo circular. Ele propõe o processo de alienação do sujeito - que advém entre S1 e S2 de tal maneira que não pode ser nem um nem outro- como a causa da mortificação do sujeito pelo efeito do significante; único modo da causa admitida por Lacan, que é a mesma que faz do objeto, 'objeto causa do desejo' operar como pura falta. Mas com a possibilidade, na separação, de escapar do efeito alienante, desde que seja tomado como objeto pelo desejo do Outro, que o coloca como seu possível objeto a.

O que toma esse argumento mais evidente é que a alienação e a separação de Lacan se baseiam tanto na lógica do "e" - proposição conjuntiva - e do "ou", - proposição disjuntiva - como das operações de reunião e interseção da teoria de conjuntos. E seria impossível colocar como primeiro a qualquer uma dessas operações.

Além disso, no evolucionismo psicanalítico, o traço unário de Lacan converteu-se na primeira marca deixada pelo significante no corpo, o que reintroduz a lógica do primeiro um, depois outro, depois outro. No entanto, o traço unário de Lacan, é proposto por ele mesmo como a marca da escritura: I I I, que permite o cálculo, onde cada um é outro e outro e outro; pura diferença, sem identidade nem relação a nenhum objeto. O traço unário traz o corte no real que faz deste algo discreto e divisível; representa a gênese da diferença absoluta e calculável, mas sem esquecer que o resultado, por exemplo, 3 ou 4, já deve estar em funcionamento e disponível como elemento da bateria do Outro; é necessário considerar que o ordinal e o cardinal participam de forma sincrônica dessa dotação. A diferença absoluta - sempre ser outro, apesar de repetido - está na gênese do cálculo, mas para que o faça, o segundo traço deve fazer do anterior seu primeiro, o terceiro faz daquele seu segundo etc. Definitivamente: será o campo do Outro que determina a origem e a função do traço unário⁴⁶⁴ que é tão somente o buraco do bucle.⁴⁶⁵

Para encerrar esta breve apresentação do conceito de traço unário, específico do ensino de Lacan, leio uma citação de Lacan de *Lituraterre*:

Que é o escoamento? É um buquê. Compõe um buquê com o que distingi, noutro lugar, pelo traço primário e por aquilo que ele apaga. Eu

464 Cf. Lacan, J. *E/ seminario 11*. Aula de 17 de junio de 1964.

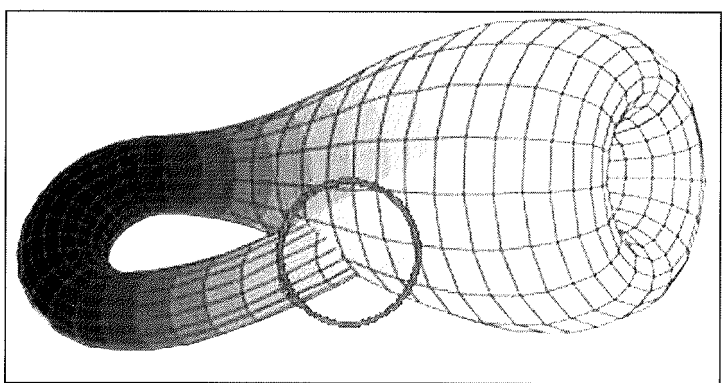
465 Cf. Lacan, J. *E/ seminario 13*. Aula de 8 de dezembro de 1965.

o disse, na época, mas as pessoas sempre esquecem uma parte da coisa, eu o disse a propósito do traço unário: é pelo apagamento do traço que o sujeito é designado.⁴⁶⁶

O que tacha e apaga ao traço unário, ao S1, não é nenhuma mão, mas o S2 no bucle S1 S2 e vice-versa. Nada disso é possível para as representações freudianas.

Passo agora a expor sobre a superfície de Klein, erroneamente chamada 'garrafa de Klein' - em alemão, superfície se diz Fläche e garrafa, Flasche. O

primeiro tradutor, obviamente, imaginarizou a proposta matemática de Felix Klein, que se pode representar assim, marcando o impossível de sua existência no mundo tridimensional:



Zona na qual as duas superfícies se penetram simultaneamente

Ela cumpre a função de formalizar corretamente a "outra cena" e o problema do interior do corpo em relação ao mundo circundante. Aquilo que as ciências sociais incorporaram do biólogo Jakob J. von Uexküll, os conceitos de Umwelt e Innenwelt, mundo externo e mundo interno, respectivamente, propostos por ele em 1909. A superfície de Klein é usada por Lacan para objetar radicalmente, talvez pela primeira vez na história das ideias, a oposição intuitiva e evidente de, por um lado, alma e aparato psíquico localizarem-se no interior e, por outro lado, a realidade e o mundo, no exterior. O que a superfície de Klein traz para a correta apreciação da relação entre o mundo interno e o mundo externo, é que trata-se de: a) uma superfície impossível de existir como um objeto tridimensional, o que coloca, pelo menos para o sujeito do significante, uma exceção absoluta à maneira de conceber sua posição em relação aos objetos e ao mundo (o que já havia antecipado neste trabalho, mas de outro modo, mediante a interpenetração dos dois toros para

466 Lacan, J. (s.d.). *E/ Seminário. Livro 18. Aula sobre Lituraterre* (p.112). Paidós. (tradução nossa).

pensar a relação entre o sujeito e o Outro) e b) que a superfície de Klein é fechada mas, o que indica precisamente seu valor para a psicanálise, é que seu interior e seu exterior estão em plena continuidade. Lacan a apresenta assim:

Podem constatar que têm assim algo que se realiza com o caráter de uma superfície completamente fechada. [...] No entanto, pode-se entrar em seu interior[..] Seu interior se comunica integralmente com seu exterior. Por outro lado, essa superfície está completamente fechada.⁴⁶⁷

Transportar essas propriedades para os termos da teoria psicanalítica de Lacan, implica admitir que se pratica com a particularidade do sujeito - não com a "singularidade" da teoria de J.-A. Miller-, mas isso é colocado rejeitando a existência do interno e do externo. Somente assim é possível: a) aceitar o que Lacan coloca como sua criação, o objeto a, que, embora particular, não pode ser interno nem externo ao sujeito; não pode ser nem do sujeito nem do Outro, mas apenas existe na interpenetração dos respectivos campos; b) reconhecer que não vivemos diante da realidade que cada um vê de acordo com a lente de seus óculos, uma vez que esta não é "exterior" e c) articular a psicanálise com a ciência moderna, neste caso, a física quântica, para a qual tampouco a realidade subatômica está "fora" do físico em seus experimentos, o que inclusive pode ser expresso assim: o físico está "dentro" da matéria que investiga.

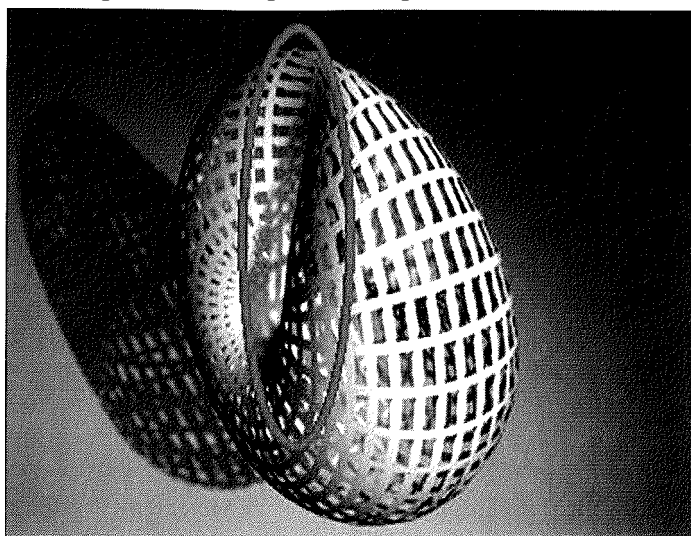
Finalmente, vou me referir ao plano projetivo e ao cross-cap e como eles servem para pensar a estrutura e função, tanto do fantasma, ($\$ \diamond a$), como da interpretação do analista como corte.

O cross-cap, uma das possíveis imersões do plano projetivo ou sua "materialização para o olho", como a descreve Lacan,⁴⁶⁸ também impossível de submergir no espaço tridimensional sem alterar suas propriedades intrínsecas, possui a característica topológica de não ser especularizável; é uma superfície que, se for confrontada com um espelho, a imagem produzida não possui a mesma orientação. Portanto, não pode ser considerado como o objeto de nossa intuição mundana. Geralmente é representado dessa maneira, destacando a autopenetração da superfície:

467 Lacan, J. *E/ seminario 12. Aula de 16 de dezembro de 1964.* (Nota do autor: corrigidas as contradições óbvias do texto em espanhol a partir da versão da Staferla).

468 Lacan, J. *E/ seminario 16. Aula de 27 de novembro de 1968.*

Zona na qual as duas superfícies se penetram simultaneamente



Em relação ao fantasma, Lacan dirá, fazendo coincidir os elementos heterogêneos do cross-cap com os do fantasma: do *a*, o objeto do desejo, que se assimila à semiesfera e do *\$*, o sujeito do significante, à banda de Möbius-Listing auto atravessada por sua linha média, que se encontram "costurados" entre si. Lacan dá conta da diferença entre o objeto *a* e a imagem do outro especular, *i(a)*, destacando o suporte estruturante da relação do sujeito ao objeto do desejo, que é assim proposto como orientável e orientado, mas não especularizável e o sujeito do significante que não pode ser confundido com um indivíduo.

A outra grande novidade que Lacan traz à psicanálise através desta superfície é a de conceber a interpretação do psicanalista como ato; não como operação manual com algum objeto tridimensional, mas propondo o ato como corte significante. E o corte, não como a interrupção do tempo da sessão, mas como essa cadeia significante, que fazendo um duplo bucle na superfície do material, revela sua estrutura.⁴⁶⁹ Ele propõe, assim, abandonar a concepção de interpretação analítica como o levantamento de um recalque ou como tornar consciente o inconsciente. Trata-se da interpretação, não como silêncio, mas como uma intervenção com estrutura de duplo bucle, que opera como corte no material em ação em relação ao sofrimento e ao sintoma, uma vez que produz uma recomposição das relações dos elementos significantes que distingue, tanto seus efeitos (as pulsões, o gozo, o sintoma etc.) como suas leis de composição, ou seja, sua lógica.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amor 15, 76, 96, 116, 131, 134, 162, 163, 171, 175, 198

Automatismo de repetição 12, 177, 183, 184, 185

B

Banda de Moebius 38, 39, 66, 147, 148, 149, 152, 154, 155, 156

e

Castração 72, 80, 81, 82, 131, 142, 164, 167, 177

Complexo de Édipo 11, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 75, 77, 78, 79, 81, 82, 131, 137, 165

Conceito de pulsão 27, 118, 183, 193, 194

Conceito de repetição 170, 177, 182

Consciência 35, 36, 44, 45, 46, 47, 57, 59, 60, 61, 70, 90, 91, 99, 120, 121, 131, 134, 141, 150, 162, 178, 179, 180, 213, 214

Construção do caso clínico 111, 112, 113

Criança 26, 51, 56, 61, 94, 99, 100, 101, 120, 139, 140

D

Desejo da histérica 136, 137

Desejo da mãe 84, 85, 86

Dialética do desejo 27, 52, 83, 137, 138, 139, 140, 144, 156, 158, 201, 202

Direção da cura 64, 67, 187, 213

Discurso do outro 26, 27, 28, 38, 47, 53, 65, 72, 95, 99, 213, 214

E

Ego 24, 36, 89, 90, 94, 96, 115, 118, 119, 120, 132, 133, 200, 211

Estádio do espelho 11, 89, 98, 99, 100, 102, 121, 122, 124, 125

Estado de desamparo 92, 93, 100

Eu 11, 18, 24, 25, 30, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 46, 47, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 82, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 110, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123,

131, 132, 133, 134, 135, 136, 140, 142, 143, 148, 151, 152, 153, 172, 173, 180, 187, 198,200,203,204,206,210,212,213,218

F

Família 15, 72, 75, 76, 77, 192

Fantasia 53, 75, 97, 144, 145, 162, 163, 199

Filosofia da ciência 20, 22, 24, 26, 28

Freud 4, 11, 12, 13, 15, 17, 19,20,21,22,23,24,25,26,27,29,30,31,33, 34,35,36,37,40,41,43,44,45,46,47,48,49,51,55,56,57,58, 59,60, 61,62,63,64, 71, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 89,90, 91,92,93,94,95, 96,97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 190, 193, 194, 195, 196, 197, 199,200,201,203,209, 210,211,212, 213,214,215,216

G

Gozo 12,43,64, 127,143,154,163,177,178,184,191,193,194,196,198, 199,200,201,202,203,204,205,206,207,213,220

I

Ideia de representação 46, 50, 104, 105

Imisção de outridade 18, 38, 41, 64, 92, 149

Imperativo categórico de Kant 61, 62

Infância 56, 67, 98, 140, 141, 162, 167

Interpretação dos sonhos 35, 56, 110, 132, 137, 181

L

Lacan 3, 4, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31,33, 34, 37,38,39,40,41,43,44,45,46,47,49,50, 51, 52,53, 55,57, 60,61,62,63,64,65, 66,67,68,69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80,82,83,84,85,86,87,89,90,91,92,95,98,99, 100,101,102,103,104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174,

175, 177, 178, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220

Libido 60, 91, 96, 97, 135, 136, 140, 143, 162, 163, 173, 198, 199, 204

M

Metáfora paterna 11, 75, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 193

N

Narcisismo 11, 56, 89, 92, 96, 97, 98, 117, 118, 122

Neurose 11, 48, 60, 65, 66, 67, 97, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 165, 167, 168, 184

Noção de transferência 12, 161, 170

Nome-do-pai 67, 69, 70, 71, 74, 76, 78, 79, 83, 84, 85, 86, 87

P

Pênis 75, 80, 81, 82, 131

Princípio do prazer 36, 57, 119, 164, 183, 184

Progresso do saber 12, 161, 166, 167, 169, 170, 175

Psicanálise 4, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 23, 25, 26, 27, 31, 33, 38, 43, 44, 52, 57, 70, 80, 81, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 115, 117, 119, 120, 122, 127, 128, 131, 132, 133, 136, 138, 140, 143, 148, 149, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 178, 181, 182, 183, 197, 199, 206, 207, 209, 210, 211, 214, 231

Psicanalistas 15, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 29, 31, 33, 43, 83, 107, 138, 156, 167, 171, 193, 213

Psicopatologia da vida cotidiana 132, 133, 136, 137

Psiquismo 93, 94, 98, 110, 117, 118, 168, 178, 179, 193, 195, 197, 199

SOBRE OS AUTORES

Alfredo Eidelsztein

Psicanalista, diretor da APOLa Internacional, professor universitário há mais de 30 anos, autor de diversos livros sobre psicanálise, vários deles traduzidos para o inglês, italiano e português. Ministrou cursos e seminários em muitas cidades da América Latina e Europa.

Carina Rodriguez Sciutto

Psicanalista, residente no sul do estado da Florida, EUA, onde exerce a prática clínica e a difusão da psicanálise. Integrante da Comissão Diretiva e Coordenadora das sedes da APOLa Internacional.

<https://www.carinarodriguezsciutto.com/>

mhc.carina.rodriguez@gmail.com

Flávia Gomes Dutra

Psicanalista, residente em Brasília onde exerce a prática clínica. Integrante da Comissão Diretiva da APOLa Internacional e diretora da sede APOLa Brasília.

fgdutr@gmail.com

Haydée Montesano

Doutora em psicologia pela Universidade de Buenos Aires, U.B.A. Psicanalista. Sócia e integrante da Comissão Diretiva da APOLa Internacional. Docente e investigadora na Cátedra I Ética e Direitos Humanos. Faculdade de Psicologia U.B.A.

haydeemontesano@gmail.com

Karime Colares Araújo

Psicóloga, graduação pela Universidade de Brasília (UnB). Psicanalista, sócia de APOLa Internacional e sua sede em Brasília. Integrante do grupo de pesquisa "Tradução e Psicanálise", Postrad, UnB.

colares.karime@gmail.com

Mariana Latorre

Licenciatura em psicologia pela U.B.A. Psicanalista e investigadora. Integrante da Comissão Diretiva da APOLa Internacional.

lic.marianalatorre@gmail.com

Martín Mezza

Bel. em psicologia (UBA); Mestre em Saúde Mental Comunitária (UNL,a); Doutor em Saúde Coletiva (UFBA). Professor, pesquisador, psicanalista sócio da Apola internacional e Diretor da sede da Apola SSA.

martinmezza@hotmail.com

Pedro Carrere

Licenciatura em psicologia pela U.B.A. Psicanalista. Sócio da APOLa. Buenos Aires.

pedro_carrere@hotmail.com

SOBRE O LIVRO

Tiragem: 1000

Formato: 16 x 23 cm

Mancha: 12,3 X 19,3 cm

Tipologia: Times New Roman 11,5/12/16/18

Arial 7,5/8/9

Papel: Pólen 80 g (miolo)

Royal Supremo 250 g (capa)